

Anelise Vaz

The background of the cover features a romantic illustration of a man and a woman. The man, on the left, has short brown hair and is wearing a tan jacket over a black shirt. The woman, on the right, has long brown hair and is wearing a red off-the-shoulder dress. They are facing each other in a close embrace, nearly kissing. The background is a dark, moody cityscape at night with some green foliage in the foreground. The entire cover is framed by a decorative border with ornate corner pieces.

O
diário da
ESCRAVA
amada



Anelise Vaz

O
diário da
ESCRAVA
amada

*“Chamando na noite
Minhas emoções fazem meu coração derreter
Noite após noite
O amor está clamando*

*Posso ouvir palavras silenciosas nos meus sonhos
Apague as lembranças amargas
Não posso mais ver nada*

*Não me conte, não me diga nada
Dentro do calor da noite
Ah, tudo é uma miragem”*

(Eternal – Ai no Kusabi)

Dedico esse livro ao meu Makoto da vida real e que me inspirou em muito no do livro. A mim mesma, pela dedicação de escrever algo tão longo e de uma temática que nunca explorara até então, aos cinco anos da minha vida dediquei a este livro.

Agradeço a inspiração a Rieko Yoshihara, autora de Ai no Kusabi, que foi a base para a criação do enredo, especialmente ao blondy Iason e a Riki the dark. Em muitos momentos, em honra a esta obra, homenageei-a em alguns nomes de lugares.

E claro, aos seiyuus maravilhosos que usei como dreamcast de Kazuko e Makoto: Asami Imai e Kaji Yuuki.

Agradeço a todos os leitores que também acompanharam a obra enquanto estava em publicação nas plataformas de leitura online – como Nyah e Wattpad – e que me deram a energia e incentivo que tanto precisava para concluir este livro.

Ele é para todos nós!

Prólogo

Tana, Serec e Ioma

Antigo Japão, Século XXIII

O mundo e sua população estão em constante mudança e evolução. Mas, em alguns momentos elas acontecem para pior, demonstrando que ainda há muita coisa a se transformar.

O Japão já foi conhecido como um dos países mais conservadores por um lado e também mais liberais por outro. Porém, os anos e séculos passam, países mudam de nome e também de conceito.

E na antiga região que era conhecida como Hokkaido, existe a cidade de Ioma, que é uma junção das antigas cidades de Tana e Serec, que há cerca de 60 anos entraram em guerra que ficou registrada nos livros de história como A Guerra do Minério.

Tana era conhecida por ser um grande polo tecnológico. Novos produtos e tecnologias eram criadas e fabricadas constantemente. Em poucos meses, um lançamento logo já era considerado obsoleto. E esta demanda de produção requeria muita matéria-prima em estoque, porque nem mesmo a reciclagem dava conta sozinha. Tudo era vendido interna e externamente, para cidades e até países vizinhos.

E de onde Tana conseguia tantos materiais? De Serec.

Serec era cerceada por montanhas repletas de minérios dos mais variados tipos. Maior parte da riqueza da cidade vinha da venda destas matérias, especialmente para Tana. Vendidas para as enormes fábricas que preenchiam boa parte da cidade.

Tana veio com mais uma inovação, dessa vez uma linha de carros que praticamente zerava os poluentes emitidos e com o máximo de potência. (Sim, a humanidade ainda tentava descobrir esse tipo de coisa.) Contudo, havia algo que encarecia e talvez até impedisse que o produto fosse ao mercado. Um minério raríssimo e que só se encontrava em regiões muito distantes. Além disso, o próprio transporte do material era caro.

Só que houve uma surpresa: o tal minério foi encontrado em abundância

nas minas de Serec. Logo explodiu o interesse de cidades vizinhas e próximas, incluindo Tana.

Mas, Tana era mais ambiciosa do que se poderia imaginar. Eles não iam dividir toda essa raridade com os vizinhos, lhes dando oportunidade de enriquecer. E também não iam deixar Serec enriquecer de maneira tão fácil.

Então, decidiram por algo bem simples: Invadir Serec e toma-la. Sem aviso prévio, afetando todo o território e principalmente a população.

Na verdade, é errado usar o termo Guerra. O que aconteceu naquele dia foi um verdadeiro massacre. Serec foi tomada sem qualquer chance de defesa.

Apenas a população pobre foi prejudicada com tudo isso. Os donos de mineradoras de Serec e os donos de fábrica de Tana fizeram um acordo de comércio. Realizou-se um referendo entre as populações ricas das duas cidades que decidiram pela unificação, criação de Ioma e a subjugação da população mais pobre.

Criaram a Lei dos Escravos, que foi uma maneira de diminuir a prostituição na região. Onde crianças entre 10 e 18 anos são vendidas como escravos sexuais para os ricos, tudo para eles tivessem o prazer dentro de casa.

Todos os ricos de Serec mudaram-se para a região que pertencia a Tana. As fábricas foram transferidas para a antiga área das ricas mansões de Serec.

Tudo mudou em alguns poucos meses, a ex-Serec se tornou uma área pobre e de favelas. A ex-Tana era a área dos ricos, dos arranha-céus e das mansões.

Os com mais condição simplesmente continuaram com suas vidas, como se nada tivesse acontecido. Porém, os mais pobres foram obrigados a se lembrar todo dia do que aconteceu, obrigados a servir os ricos em suas casas.

Crianças e adolescentes tinham suas vidas destruídas por conta da escravidão. Muitos mal conseguiam terminar os estudos. Isso piorou ainda mais a já precária condição deles.

Tudo o que mais queriam era ter a sua liberdade plena e não viver a mercê de alguns poucos. Maiores oportunidades para eles, uma chance, uma luz no final do túnel.

Capítulo 1

Encontrei um diário

Em mais um dia após o trabalho, cheguei à minha casa, cansado do trabalho. Depois de tomar um banho, fui falar com minha mulher e filho, ambos estavam dormiam. Minha mulher, Kazuko, parecia estar sonhando e não queria interromper. E meu filho é um bebê de três meses. Uma coisa que bebês precisam é dormir.

Decidi esperar os dois acordarem. Ia sair do quarto, mas algo na escrivaninha me chamou atenção. Aproximei-me para ver o que era. Era um caderno, que aparentava ser um pouco velho por estar surrado. Ele estava com a capa para baixo, virei-o e estava escrito: O diário da escrava. E sabia de quem era aquela grafia, da minha esposa. Ela escreveu um diário e não me falou nada?

Folheei o caderno por alto e todas as suas páginas estavam preenchidas, até a última linha da última folha. Fiquei curioso para saber o que havia ali. Puxei a cadeira, me acomodei, abri o caderno e comecei a ler.

"Querido diário,

Eu sou Hirasawa Kazuko, tenho 17 anos. Bem, eu sou uma garota de classe baixa do meu mundo.

Todas as noites vou ao centro de escravos da cidade para ver se algum homem me quer. Muitas das minhas amigas já são escravas, desde seus 12 ou 13 anos. Por muita sorte, eu estava quase passando da idade. Tudo bem que eu nunca chamei tanta atenção.

E por consequência dessa "sorte", consegui terminar meus estudos normais e começaria a faculdade na semana seguinte. Quando completasse 18 anos, poderia viver em paz e livre!

Faltavam poucos meses para os dezoito, até que..."

Este diário é da minha mulher mesmo, pensei eu.

E acho que preciso explicar uma coisa, referente às escravas e aos escravos também.

Nós ricos, podemos comprar um escravo num local específico para isso, que fica no lado de lá da cidade. Todos os jovens que estão na idade são lá exibidos, como uma mercadoria, porque para a maioria de nós eles são só uma coisa que compramos e depois podemos jogar fora. Quando um jovem alcança os 18 anos, está livre.

Isto é feito para que alguns casais evitem filhos ou até os tenham, dependendo do caso.

A partir do momento que se compra um, ele é seu até um dos dois morrer ou dono libertá-lo de bom grado.

Continuando...

"...até que em mais uma noite, apareceu alguém que se interessou por mim. Logo nessa época, não podia ser melhor.

É um homem que tem seus vinte e poucos anos, cabelos negros um pouco compridos e olhos cor-de-mel. Pois é, ele me olhou enquanto dançava e me comprou. Agora estou no quarto, na casa dele, que foi designado a mim.

Comprei este diário em um dos meus últimos momentos de liberdade e vou contar tudo o que me acontecer aqui. Quem sabe fique para alguém no futuro.

Sabe, a minha mãe ficou muito triste por mim.

– Faltava tão pouco, por quê? – foi o que ela disse.

E parece que esse tal rico já quer fazer coisas comigo. Mandou tomar um banho e colocar uma camisola bonita. Só tem um problema: ainda sou virgem e não sei como contar a ele.

Estou com tanto medo!

Opa, a empregada me chamou! Tenho que ir!"

Espera. Eu me lembro deste dia. Ela foi ao meu quarto para a nossa primeira vez e me contou, tímida, que era virgem.

Um som me assustou, era ela acordando. Fechei o diário rápido e fui falar com ela.

Mas, eu fiquei curioso para ler o resto. Sei que não se deve fazer isso, perdoem-me! Até fico pensando se ela descobrir que eu li. Mantereis isso escondido por enquanto.

Capítulo 2

A primeira vez

No dia seguinte, um sábado, como Kazuko costuma dormir até mais tarde, resolvi continuar a ler o diário dela.

A propósito, nem me apresentei. Eu sou Miyasaki Makoto, tenho 25 anos. Na verdade, a senhora minha esposa me apresentou antes, mas não disse meu nome.

Eu tinha 21 quando comprei Kazuko e o fiz porque me pai insistiu muito. Na minha mente, não queria trata-la mal, eu não sou assim. Passei minha vida vendo isso acontecer, fosse de histórias de amigos ou com as escravas do meu pai, nem queria para mim.

Entretanto, já que tinha uma escrava, por que não fazer uso dela? Prometi a mim que a trataria o melhor possível e a deixaria bem livre.

Sentei-me na escrivaninha e abri onde havia parado. Aquilo datava do dia seguinte.

"Diário,

Finalmente voltei!

Bem, eu passei a noite no quarto dele. Mas vamos por partes e em ordem cronológica.

Depois de ter me chamado, a empregada me encaminhou até o quarto dele. Entrei e ele me cumprimentou:

– Boa noite, senhorita!

– Boa noite, meu senhor!

– Eu sou Miyasaki Makoto. E você?

– Hirasawa Kazuko."

Eu sabia o nome dela, perguntei por questão de formalidade.

"– Belo nome. Bem, vamos conversar um pouco...

– Conversar?!

– Sim. Depois vamos ao que interessa.

Então começamos a conversar. Contou-me brevemente sobre ele e com o que trabalhava, que é advogado e sobre ter terminado os estudos um pouco cedo para poder sair de casa. Também parecia interessado sobre o meu antes dali, sobre o quanto tinha estudado e a família, que somos só eu e minha mãe, mas não tinha perguntado nada em relação "ao que interessa". E tinha certeza que não demoraria muito e foi o que aconteceu.

– E já teve alguma relação sexual?"

Sim! Eu perguntei desse jeito formal. Podem rir de mim!

"Respondi baixinho e com as bochechas coradas:

– Não. Eu sou virgem!

– Hum... - disse me olhando de baixo a cima - Tire a roupa.

O que eu podia fazer? Primeiro tirei o meu roupão que devia ser seda, depois a camisola e a roupa íntima. Fiquei nua na frente daquele homem. Ele me circundou e disse:

– Que belo corpo você tem. É magra, média estatura, seios um pouco fartos e um bumbum lindo.

Makoto chegou atrás de mim e agarrou meus seios, apalpando-os e gostando daquilo.

– Que macios!

Aquilo me constrangia um pouco. Então, ele olhou para os meus cabelos, passou a mão neles e cheirou-os. Finalmente ficou a minha frente e falou com um sorriso no rosto:

– Deite-se na cama!

Makoto se despiu e ficou só de roupa íntima. Ele foi até a cama, olhou para mim e disse:

– Como hoje é sua primeira vez, deixarei você mais passiva. Farei o trabalho sujo, mas na próxima vez será você.

Eu não entendi aquilo. Com nenhuma das minhas amigas foi assim, tenho certeza."

Eu fiz desse jeito para que ela não tivesse uma lembrança ruim da primeira vez.

Tudo bem que... A primeira vez nunca é agradável, porém não queria tornar isto ainda pior para ela.

E nem sei que diabos era esse papel de dono "malvado" que fiz nesse

primeiro dia.

"Com toda essa situação, achei que até ele fosse me beijar.

Bem... Ele beijou. Não minha boca, mas meus seios e minha barriga. Ele começou a chupar meus seios e lambê-los com tanta vontade que não me contive em não gemer.

Aquela sensação... Parecia cócegas. Não aquela que você quer se afastar ou sair correndo porque incomoda. Era uma que dá vontade de mais e mais.

Ao mesmo tempo que lambia, Makoto os apertava com as mãos. Aquilo estava tão bom! Sabia também que iria parar logo. Ele queria o que tinha em baixo. De repente, uma das mãos dele desceu para a parte de baixo. Começou a mexer e procurar a minha vagina. Com a carícia nos seios acabei ficando molhada em baixo e ele nem demorou a achar. Logo colocou um dedo e eu dei uma puxada para trás com o susto, fora o gemido. Makoto olhou para mim.

– Se assustou? Calma! É só o começo. Tem uma coisa maior para entrar aí. Mas, primeiro, preciso abrir um espaço.

E colocou dois dedos dessa vez, o que me fez soltar um gemido de dor. Fez um vai-e-vem com os dois dedos dentro por um tempo. Em seguida, tirou sua cueca. Eu vi seu pênis – nunca havia visto um –, estava vermelho e rígido.

Makoto estava com uma cara de que queria gozar logo, ou pelo menos, penetrar logo."

Pois é, eu estava há um tempo sem esse tipo de coisa. Queria tirar logo o meu atraso.

Estou me lembrando da expressão dela quando viu meu membro. (risos)

"Eu olhei para ele, meio chocada e aflita. Como aquilo entraria em mim? Ele segurou-o e falou:

– Abra as pernas.

Fiz o que ele mandou.

Makoto foi colocando devagar, devido à dificuldade. As caretas que fazia equivaliam a dor que sentia. Sentia-me sendo rasgada e como ardia. Quando o pênis inteiro de Makoto se encaixou na minha vagina, nós dois estávamos ofegantes.

Olhamo-nos e não trocamos uma palavra. Makoto se ajeitou e ficou bem próximo de mim e começou a fazer o vai-e-vem. Minha dor voltou!

Eu estava com as pernas abertas, com os pés apoiados na cama. Ele, no meio do seu movimento, me chamou.

– Kazuko, coloque suas pernas em cima das minhas costas.

Ele me chamou pelo nome?!"

Foi com um mole desse que meu papel de malvado foi pelo ralo. Merda!

"Coloquei as pernas conforme ele pediu.

O pênis dele entrava e saía. Toda vez que entrava, eu dava um gemido forte. Estava gostando disso, apesar da dor.

Caramba, escravas não podem sentir prazer. Devemos oferecê-lo.

Depois de alguns minutos, Makoto falou, muito ofegante:

– Não estou aguentado. Vou gozar!

Ao dizer isso, soltou um suspiro de alívio e eu senti uma coisa quente dentro de mim se espalhar. Ele tirou-o de dentro de mim e deitou-se do outro lado da cama. Olhou para o teto por um tempo e se levantou. Pegou sua roupa e vestiu-a. Jogou a minha calcinha para que eu a vestisse.

Levantei da cama e falei com ele:

– Posso voltar ao meu quarto, senhor?

– Não! Continue aqui.

– Vai querer fazer mais vezes?

– Não. A senhorita vai dormir comigo.

Eu me choquei. Ele não faz nada que me foi contado sobre as escravas.

– Tudo bem, senhor.

Makoto apontou a cama. Deitei-me de um lado, ele do outro. Desejamos boa noite e dormimos.

Acordei com o sol batendo em meu rosto. Levantei-me e vi que Makoto não estava no quarto. Vesti as minhas roupas e sai. Ia me dirigir ao meu quarto, porém fui abordada pela empregada:

– Senhorita Hirasawa, o senhor Miyasaki a espera para tomar café-da-manhã.

Dirigi-me a sala de jantar e ele estava lá a minha espera.

– Bom dia!

– Bom dia, senhor!

– *Pode me de chamar de Miyasaki ou Makoto, se quiser.*
– *Por que está sendo tão atencioso comigo? Só porque é meu 1º dia?*
– *Não! Apesar da sua classe baixa, ainda é uma pessoa, como eu. Acho que a senhorita merece isto.*

– *Pode me chamar de Kazuko, Makoto.*

Ele sorriu e falou:

– *Tudo bem, Kazuko. Alias, tenho que lhe explicar as regras quanto a você.*

– *Pode falar.*

– *Você sempre dormirá comigo em meu quarto quando te chamar. Fará todas as suas refeições comigo e aqui, na sala de jantar. Fora isso, ficará o resto do tempo trancada em seu quarto.*

Confirmei, concordando.

Comemos conversando sobre ele desta vez. Achei o Makoto simpático, diferente daquela pessoa que pareceu ao ver meu corpo pela primeira vez, mas geralmente os donos não exigem tanto quando não estamos na cama com eles.

Isto ele deve ser como todos os outros: exigente na cama."

Caramba, foi isto que ela achou da nossa primeira vez?! Acho que não traumatizei ninguém. Preciso continuar lendo! É muito interessante. Mesmo!

Depois da leitura, fui acordar Kazuko para tomarmos café juntos, como fazemos desde aquele dia.

Capítulo 3

Trabalho sujo

Mais tarde, ainda no sábado, num momento em que minha esposa foi tomar banho, resolvi continuar a leitura de seu diário.

"Bom dia diário,

Passou-se mais um dia e dessa vez estou me sentindo suja. Assim que acabar de contar tudo, vou tomar uma boa ducha. Ontem, depois de escrever, apenas fiquei no meu quarto sem nada para fazer.

Assim que Makoto voltou do seu trabalho, fui jantar com ele. Seguido do jantar, ele me chamou para o quarto. "Coisa boa é que ele não me pedirá", pensei eu, a caminho do quarto. Ao chegarmos, ele me pediu para tirar as roupas. Assim ele também fez. Diferente do dia anterior, Makoto se deitou primeiro. Fiquei olhando para ele, que me chamou:

– Vem, Kazuko! Você fica por cima hoje.

Aproximei-me e subi em cima dele, mas o pênis dele estava meio estranho, perguntei:

– Por que ele está assim?

“Não tem como ele me penetrar desse jeito”, foi meu pensamento.

– Ora, eu não estou excitado. Você vai me fazer ficar.

– Com a boca?

– Exatamente.

Caramba, das histórias que ouvi, essa é a coisa mais horrível que uma escrava faz. Aquela coisa, não muito bonita (e nem saborosa) na sua boca. Ainda tinha que engolir, em alguns casos. Sem contar o fator que eu não tinha a mínima ideia de como se fazia.

– É que eu nunca fiz isso.

– Agora é hora de aprender. O que você fizer é melhor do que nada.

Fiz uma careta para Makoto, peguei o pênis dele e coloquei na boca, tentando fazer alguma coisa. Em certo momento fui fundo demais e me engasguei. Afastei-o e tossi. Makoto resolveu me aconselhar:

– Imagine que é um sorvete de baunilha, faça como se estivesse

comendo um sorvete."

Por que eu falei isso? Esperem que vocês verão!

"Como assim sorvete? E de baunilha? Não tem gosto de baunilha, tem de abacaxi. E eu odeio os dois!

Lá fui eu tentar de novo, seguindo o conselho de Makoto. A imagem do sorvete veio a minha mente e fechei os olhos. Comecei a lamber de um lado a outro e a chupar. A coisa dele se mexia, parecia estar dando certo.

Só que eu tenho uma mania esquisita com o sorvete. Gosto de sentir o gelado por entre meus dentes, por isso eu "mordo" sorvete. Como faço isso normalmente, fui morder o "sorvete". Mas o sorvete era mais carnudo que o normal, então apliquei mais força. Minha mordida foi seguida de um grito e um empurrão que afastou minha cabeça.

– Por que você mordeu?!

– É, porque... Eu mordo o sorvete.

– Você não pode morder.

Então, Makoto se levantou e mordeu meu seio esquerdo. Dei um grito de dor e quase acertei um tapa nele, que segurou.

– Isso é para você ter uma ideia do que fez comigo. - Ele se deitou novamente - Apesar da mordida, seu oral funcionou. Vem logo!

Fiquei mais em cima dele, na posição de cavalgada. Makoto me ajudou, ou melhor, ajudou o pênis dele a entrar em mim. Recebi com dor e dei uma relaxada longa para acostumar com ele dentro. Em seguida, inconscientemente e instintivamente, comecei a subir e descer. Olhei para Makoto e ele estava gostando."

Admito que ri desse comentário da baunilha e do abacaxi.

E quanto à mordida, bem, acho que vocês devem ter imaginado como foi dolorido, ainda mais sem aviso. Kazuko mordeu a parte mais sensível e essencial do corpo masculino. E como isso no corpo dela são os peitos... Expliquei a minha mordida. Precisava saber o que senti.

E que tipo de pessoa morde sorvete? Tento entender essa mania dela até hoje. Pelo menos, ela nunca mais me mordeu.

"– Faça isso um pouco mais rápido.

Precisava de apoio para isso. Apoiei minhas mãos nas costelas de Makoto e fiz o mesmo movimento mais rápido. Com o tempo, eu aumentava a

velocidade e podia ouvir a respiração de Makoto bem mais forte e sentir seus batimentos também. Senti-o pulsar dentro de mim.

Depois de diversas caretas (sim, estava olhando para ele), Makoto gozou e respirou de alívio. Parecia satisfeito.

Sai de cima dele e me deitei ao seu lado e ele estava sorrindo. Deu-me boa noite. Respondi e dormimos. No café-da-manhã, ele me falou uma coisa:

– Kazuko, vou te levar ao médico.

– Médico?

– Sim, uma ginecologista. Pra lhe receitar um remédio, não quero filhos agora.

– Tudo bem, Makoto.

Depois do café, Makoto saiu para o trabalho e eu voltei para o quarto. Agora deixe-me ir, preciso mesmo tomar um banho."

E assim acabou esta anotação.

Nem estranho ela ter nojo de mim, isso é até normal. Transar com um homem que mal conhece e ele ainda faz você chupá-lo? Acho que nem eu ia gostar disso.

Olhei para trás e vi a porta do banheiro da suíte fechada. Como Kazuko geralmente demora em seus banhos, decidi continuar lendo mais um pouco.

Capítulo 4

Visita a médica

Como Kazuko demora muito no banho, resolvi emendar em mais um “capítulo”.

“Querido diário,

É mais uma manhã nesse começo de vida de escrava.

Ontem, eu e Makoto transamos novamente. Porém, não é isso que eu quero contar.

Próximo do fim da tarde, Makoto chegou a casa e mandou que colocasse uma roupa para ir ao médico. Coloquei um vestido preto que gosto muito e descemos juntos e fomos ao carro. No caminho, nem falamos nada.

Chegamos ao tal lugar, que fica num prédio em área comercial, fizemos o necessário e ficamos esperando a nossa vez. Demorou um pouco, e a médica chamou o nome de Makoto. Entramos na sala.

– Boa tarde, sou a Sra. Saho. – disse mais se apresentando a mim do que a ele, parecia que eles já se conheciam

Ela tinha uma aparência bem comum, cabelos pretos e olhos castanhos.

– Boa tarde, está é a Srt. Hirasawa.

– Sejam bem-vindos. É dela que vamos tratar né?

Sra. Saho parecia simpática. Ao olhar para ela, me identifiquei. Makoto explicou toda a situação e ela ouvia atentamente. Após isso, falou:

–Sim, Makoto. Preciso levar a paciente para esta sala ao lado. Vou precisar de umas amostras para uns exames e determinar o que ela vai tomar. Pode aguardar aqui?

–Sim, claro!

A Sra. Saho me levou até a sala do lado e fechou a porta. No instante em que a trancou, perguntou:

– Qual seu primeiro nome?

– Kazuko. E o seu?

– É Rin. Você é uma “escrava velha”, quantos anos tem?

– Tenho 17.

– Falta pouco para fazer 18?

– Sim. Uns meses.

– Que azar! - disse fazendo uma cara triste – Tire a roupa, coloque o avental e deite-se. E não se preocupe, não temos nada de diferente.

Troquei-me atrás da cortina que havia na sala. Peguei um dos aventais pendurados. E continuamos a conversa:

– Como?

– Eu era escrava também. Fui escolhida novinha, com sua idade fui liberta. Aí terminei meus estudos e aqui estou.

Sai e ela fez um gesto para eu me dirigir a maca

– Eu só terminei o médio. - disse me deitando

– Muitas na sua idade são libertas e nem estudam mais. Ter concluído o médio já é muito. Com licença! - disse abrindo o avental

Ela olhou e apalpou meus seios para ver se havia algum caroço. Depois, se dirigiu a parte de baixo da maca para o outro exame. E indagou:

– Você era virgem?

– Sim.

– Isso vai incomodar um pouco. Relaxe o máximo que puder. – e então eu tive uma sensação esquisita, com um aparelho estranho e até gelado, ela olhou lá e depois coletou o meu líquido interno.

– Vai querer fazer algum exame de doença?

– Esse aqui é seu exame preventivo. O de doença, farei por rotina. Pode ser que ele tenha algo.

E rimos! Rin prosseguiu:

– Parece que ele te trata bem.

– Por quê?

– Te chama pelo nome e não de escrava. Ele me apresentou como se fosse esposa dele.

– Isso é engraçado até. Sempre ouvi histórias de amigas.

– Pode ser, Kazuko, que tirou um azar sortudo. Um dia vai entender. Bem... Acabamos. Vista-se e vamos falar com seu dono.

– Tudo bem!

Vesti-me e saímos. Rin explicou tudo detalhadamente a Makoto e disse que era para retornarmos na semana seguinte, após a chegada dos resultados dos exames. Saímos do consultório e descemos até o térreo, pois o carro estava estacionado bem em frente.

No térreo do prédio havia umas lojas, inclusive uma sorveteria. Estava

quente, deve ter sido por isso que Makoto foi lá.”

Pois é, Kazuko tinha razão. Naquele dia estava muito quente, precisava de algo gelado.

Estava tão distraído lendo que ao sentir uma mão em meu ombro cheguei a pular, com o susto que levei. Conhecia aquela mão, era minha esposa, que disse:

– Nossa, Makoto! Calma!

– Desculpe! Você me assustou.

– Hum... Quer dizer que faz algo errado. O que está lendo?

Fiquei encabulado e respondi, timidamente, enquanto Kazuko se esticou para ver:

– Bem, eu o encontrei tem uns dias em cima da escrivaninha. Comecei a ler, perdoe-me! Sei que isto é pessoal seu. Se quiser, paro agora mesmo.

– Meu diário é? Makoto, seu malvado.

Ela foi ao lado da escrivaninha e olhou para mim. Como estava com vergonha! Sem pensar, fechei o diário e estendi para ela.

– Pode guardar. Você não quer que eu leia mais.

Kazuko me olhou sorrindo e falou:

– Querido, pode continuar lendo. Não tenho nada a esconder de você.

Isso me confortou. Respondi sorrindo para ela também. E foi cuidar de Takumi, era hora de comer. Confesso que sinto inveja dele por ter os seios dela quando está com fome. Olhei para eles, me acomodei e continuei a ler.

“Ele pediu um sorvete de chocolate e virou para mim e perguntou qual sabor eu queria. Respondi: Morango. Após pegarmos os sorvetes, fomos ao carro.

Passamos parte da viagem quietos. Makoto devorou o seu sorvete e eu fiquei comendo o meu devagar. De vez em quando, ele me olhava e em certo momento me pegou mordendo o sorvete, como disse que faço. Ele me perguntou:

– Por que morde o sorvete?”

Aí vem a explicação que eu não entendi para uma coisa que não entendo até hoje.

Se é que isso tem uma explicação sensata!

“– Eu gosto de sentir o gelado por entre meus dentes. Gosto do sorvete

derretendo entre eles.

– Está bem. Cada louco com sua mania.

O silêncio se fez novamente. Mas então, Makoto me perguntou outra coisa:

– O que faz no seu quarto durante o dia todo?

– Bem, eu fico deitada cantando. Olho a paisagem. Algumas outras coisas.

– Você não fica entediada, Kazuko? Seja sincera.

– Eu fico!

– Se fosse mais nova, poderia comprar brinquedos para você. Mas sei que você já tem mais estudo e nem é tão criança mais.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que vou te dar mais liberdade. Pode andar pela casa durante o dia. Assistir alguma coisa. Ler um livro na biblioteca.

– Biblioteca?! - disse eu, com certeza meus olhos brilharam.

– É! E é grande. Acho que vai gostar. E continuará cumprindo as outras regras.

– Sim, Makoto!

O resto da viagem continuou como antes, quieta.

Ao chegarmos, eu e Makoto, jantamos. Depois tomei um banho e fui ao quarto com ele.”

Depois de terminar, olhei para Kazuko, que sorriu para mim. Fechei o diário e fui para a cama com ela e meu filho.

Capítulo 5

Liberdade

Tive algumas ocupações no resto do fim de semana que me impediram de continuar a ler o diário. Então, na segunda seguinte, ao chegar do trabalho, fui tomar um banho. Saindo, falei com minha esposa, que cuidava de Takumi. Fiquei um tempo conversando com ela. De repente, ela me pergunta:

– Não vai ler o diário hoje?

Fiz uma careta e Kazuko continuou:

– Pega lá e senta aqui. Leia do meu lado, quero ver suas reações.

Fiz conforme ela falou. Saberei com detalhes o que ela fez no seu primeiro dia livre na casa. Acomodei-me ao lado de Kazuko e abri o diário na data do dia seguinte.

“Querido diário,

Diferente dos outros dias, agora o Sol está se pondo na janela.

Daqui a pouco Makoto chegará do trabalho e certeza que irei ao quarto dele novamente hoje.

Como Makoto me disse que me deixaria livre durante o dia, aproveitei bem. Fiquei feliz só de não estar trancada no quarto. Eu e Makoto tomamos café da manhã e ele saiu para o trabalho.

E eu? Bem... Fui logo explorar aquela biblioteca que tanto me encantara só de ouvir falar. Sempre gostei muito de ler, apesar de ser da classe baixa e nos dizem ser “sem cultura”, já li alguns livros clássicos. Considero-me uma boa leitora.”

Isso é verdade! Kazuko devora aquela biblioteca até hoje.

Soltei este comentário em voz alta e ela caiu na gargalhada dizendo: É mesmo!

“Pedi licença a empregada e fui caçar a tal biblioteca. Como ainda me familiarizei com o apartamento, demorei a achar. Mas quando encontrei, quase tive um infarto e cai para trás. A biblioteca é enorme! Tem várias

prateleiras até o teto. Tem muitos livros lá! Eu nem sabia por onde começar.

Ainda me lembro da biblioteca da escola, que era só uma pequena sala com algumas estantes, um cheiro de mofo e livro bem antigos.

Senti-me uma criança com todos os brinquedos do mundo. Não sabia com o que brincar primeiro, um milhão de possibilidades.

Dei uma volta, tentando procurar algo para ao menos começar. Em uma das prateleiras mais altas havia um livro branco com letras vermelhas, sua cor me chamou atenção. O nome dele é A Filha do Conselho. É uma história de uma jovem da era antiga que foi criada pelo conselho que comandava seu reino. Ainda estou bem no início, mas estou gostando, mesmo o livro sendo um pouco curto.”

A filha do Conselho foi um dos livros que li na adolescência. Meu pai quem me deu. Acho que eu gosto deste livro até hoje.

“Peguei-o e nem consegui começar a ler, era a hora do almoço.

Comi e acabei ficando pela sala assistindo a um filme e algumas outras coisas. A empregada me ofereceu o lanche da tarde e assim que acabei, retornei a biblioteca e finalmente li o livro.

Li uns três capítulos e a empregada disse que Makoto já estava a caminho de casa e pediu para cumprir as ordens. Deixei o livro sobre a mesa da biblioteca e vim para cá.

Agora diário, preciso ir. Tenho que tomar um banho, logo Makoto chega.”

Assim, acabou essa parte. Olhei para Kazuko que me observava atentamente.

– Já acabou?

– Já! Cada anotação é bem pequena.

– Leia mais uma, por favor. Você parece estar gostando.

Eu ri e lhe dei um beijo.

Takumi estava dormindo, então ela o colocou no berço, voltou ao meu lado e me abraçou. Virei a página e continuei lendo.

“Olá diário,

Pois é, é a manhã do dia seguinte agora.

Makoto acabou de sair para o trabalho. E bem... Eu fiquei no quarto com ele novamente. E... Ele me fez chupar aquilo de novo. Eu tenho nojo!

Quando estou perto dele me sinto pressionada, esperando que ele me dê ordens e eu faça. Com ele, eu me sinto mesmo uma escrava: vulnerável e a mercê dele.

No momento em que ele bate a porta da sala, eu solto um suspiro de alívio. Posso ter um tempo para mim, para fazer o que quiser. Ser eu mesma. Ficar comigo mesma.

Não estou dizendo isso porque o Makoto me trata mal. Pelo contrário, ele me trata cordialmente e educadamente. Chama-me pelo nome; não grita comigo; não me empurra e nem me bate. (sim, isso acontece com algumas escravas.) Ele só pede as piores coisas no quarto. Mas isso, eu até já esperava.

Devo estar me sentindo desse jeito por conta da hierarquia que há entre nós: Ele é meu dono e eu sou escrava dele.

Acho que sinto o reflexo da guerra com isso. Sinto-me em perigo e por isso fico com medo.

Porém, devo manter isso guardado comigo e não demonstrar. Eu não devo esboçar nenhum sentimento em momento algum. Sou apenas um pedaço de carne que satisfaz o meu dono.

Eu sou uma escrava! Não sou uma pessoa. Para ele, não sou uma pessoa!”

Eu acabei de ler chocado! Não sabia e nem imaginava que Kazuko sentia aquilo tudo.

Mas eu até entendo ou pelo menos tento entender. Ela tinha 17 anos e já estava quase definitivamente livre. Eu cheguei, tirei a liberdade e as esperanças dela.

Lembrei-me dessa época e me senti a pior pessoa do mundo. Não pude evitar de deixar uma lágrima correr. Fechei o diário e o coloquei sobre a mesa de cabeceira da cama.

Eu fiquei entristecido e Kazuko logo percebeu. Olhou para mim e perguntou:

- O que foi, Makoto?
- Só li uma coisa no diário que me fez ficar assim.
- Eu sei o que é! Amor, não fica assim. Isso já passou.
- Eu estraguei a sua vida.
- Naquela época sim. Mas agora não. Eu era adolescente, tinha uma confusão de pensamentos.

– Eu sei! Kazuko, você me deixa descarregar esse remorso?

Ela não respondeu, só me abraçou. Abracei também em resposta. E ficamos assim por uma meia hora, sem trocar uma palavra.

Eu precisava mesmo tirar esse sentimento que se formou com a leitura daquilo.

Capítulo 6

A empregada

No dia seguinte, Kazuko me deixou levar o diário para o trabalho. Poderia lê-lo na hora do almoço. E foi isso que fiz!

Como advogado, imaginem a minha responsabilidade em um simples dia de trabalho.

Deixei todos partirem para o almoço e menti que tinha umas coisas para fazer para ler o diário. (Se bem que isso é fazer alguma coisa.) Eu não queria ser perturbado e muito menos interrogado sobre ele.

Ajeitei-me na minha mesa e abri na anotação do dia seguinte.

*“Boa noite diário,
disse isso porque já anoiteceu, porém Makoto não chegou. A empregada já mandou eu me preparar para mais tarde. Sim, isso é perturbador.*

E é sobre ela que falarei hoje!

Só que eu adoro seguir a ordem cronológica, então continuarei exatamente da última coisa que contei.

Depois daquela minha reflexão completamente realista e depressiva, fiquei chorando por um tempo, descarregando aquilo de mim. Decidi voltar à biblioteca e continuar o livro. Li uns dois capítulos e percebi alguém entrar, era a empregada. Parecia que era dia de limpar ali. Primeiro varreu todo o chão daquele lugar e juntou a sujeira num canto com a pá. Trouxe um espanador também. Pelo jeito iria limpar as estantes também.

Eu nunca falei muito com ela, só o necessário. Não a achava uma pessoa ruim, gosto do sorriso que ela carrega no rosto. Ela se dá tão bem com o Makoto. Pode ser que comigo também.

Levantei e peguei o espanador. Ela me olhou surpresa e perguntou:

– O que está fazendo, senhorita?

– Posso ajudar você?

– Claro! – respondeu sorrindo – Pode tirar a poeira das estantes.

Fui limpando um dos lados e ela, pegando outro espanador, foi no outro.

Não demorou e logo acabamos. Ela me agradeceu a ajuda e disse que era hora do almoço. Dirigiu-se a cozinha e fui atrás dela.

– Ei, qual é o seu nome? - perguntei

Ela se virou.

– Teratani Keiko. Pode me chame só de Keiko. E você é Hirasawa...

– Kazuko. – completei – Hirasawa Kazuko.

– Um belo nome. Quem escolheu?

– Minha mãe!

Keiko deu uma risada divertida e falou:

– Parece que quer conversar e eu também. Vamos almoçar juntas, que tal?

– Ótima ideia!

Ajudei-a pondo a mesa e sentamo-nos uma de frente para a outra. Keiko resolveu começar a conversa.

– Você é tão jovem e bonita. Uma pena que o Makoto esteja te usando a aquele tipo de coisa.

– Para esse tipo de coisa, eu sou velha. Eu sou jovem quanto ao resto.

– Ele comprou a senhorita por muita insistência do pai dele. Ele nunca pensaria em fazer isso, passou a infância e adolescência sendo amigo das escravas do pai. Ele sempre consolava e escutava as meninas. Achava que seu pai as maltratava muito e formou em sua mente que nunca faria igual.”

Acho que agora vocês entenderam bem o motivo para eu ter demorado a procurar uma escrava.

E por que escolhi a Kazuko?

É que, as três escravas de meu pai – atualmente não são mais escravas – foram compradas ainda bem novas – com um intervalo de tempo em cada uma e outra – e ele fez o que bem entendeu com elas. Realizava suas fantasias mais esquisitas e fazia orgias com elas. Nunca as levou ao médico. Quem levava era seu, pela amizade que tenho com elas.

Na época, como elas tem idade próxima a minha, brincávamos durante o dia. Quando crescemos um pouco mais, passei a ser o confessor delas. E por isso sabia tudo, com os mínimos detalhes, o que acontecia no quarto de meu pai. Apesar de tudo, tanto elas quanto meu pai ainda carregam cicatrizes dessa época.

Ao ver Kazuko dançando, percebi que seu corpo era mais desenvolvido, concluí que era mais velha. Não escolhi uma mais nova para não traumatizar

mais uma pobre menina. Ser comprada já é um trauma grande, vide o exemplo de minha esposa.

A insistência de meu pai foi muita. Eu não queria me assemelhar a ele em nada e assim o fiz.

“– Como sabe disso tudo? Como conheceu o Makoto?”

– Eu sou a filha da empregada do pai dele. Eu o vi nascer e crescer. Conversamos muito até hoje. Vi tudo isso acontecer.

– E a mãe de Makoto? Não fazia nada?

– Ela morreu quando ele tinha dois anos.

– Sinto muito. – falei cabisbaixa

– Você não sabia, fique calma.

Sorri para ela, que perguntou:

– E você? Quero saber da sua história?

Contei para Keiko um básico sobre mim. Assim que acabei de falar, terminamos de comer.

– Gostei de conversar com você, Srt. Hirasawa.

– Pode me chamar de Kazuko.

– Kazuko! - disse sorrindo

Ajudei a tirar a mesa e também em mais algumas coisas da casa. Fizemos o lanche da tarde juntas e conversando novamente.

Ela me contou que fez questão de trabalhar na casa de Makoto quando ele passou a morar sozinho. Contou que tinha sua família e era muito feliz.

– Até tenho o final de semana de folga!

Disse também que Makoto era um ótimo patrão e pessoa.

A conversa estava tão boa que até vimos um filme juntas e a hora passou rápido. Olhamos a janela e já havia escurecido. Keiko deu um pulo e disse, meio nervosa:

– Caramba, tenho que fazer o jantar. Makoto logo chega. Deve se arrumar, Kazuko.

Ela foi até a cozinha se adiantar e eu vim para cá.

Com a conversa que tive com Keiko, passei a entender todo o modo que Makoto me trata. E agora fico até agradecida com isso.

Rin talvez tenha razão: Tirei um azar sortudo.

Agora, diário, tenho que ir.”

Então foi por isso que a Keiko atrasou o jantar daquela noite. Ela chegou

a me contar que bateu um papinho com Kazuko.

Se bem que esse diminutivo não encaixa muito bem.

Minha esposa acabou sabendo mais sobre mim do que eu sabia dela naqueles tempos. Conversávamos pouco.

Uma algazarra me chamou atenção, o pessoal do escritório retornava do almoço. Fechei o caderno rapidamente e coloquei-o na minha bolsa.

Capítulo 7

Final de semana

O resto da semana foi muito agitada. Tinha muitos casos para resolver e alguns julgamentos para ir. Com tudo isso, finalmente o final de semana chegou. E é tão bom poder ficar em casa com minha esposa e filho. Ficamos sempre nós três, já que Keiko tira sua folga.

Estávamos eu, Kazuko e Takumi na sala. Eu apenas com a calça de meu pijama e minha esposa de camisola. Sentados no sofá assistindo a um programa e o telefone tocou, o identificador mostrou que era Rin. Kazuko correu para atender e me deixou tomando conta de Takumi. Essas duas conversam muito ao telefone e não era eu quem estava interessado no programa.

O diário de Kazuko se situava a minha frente, na mesa de centro. Não terei o que fazer por uns vinte minutos (e havia dias que eu não o lia), resolvi abrir o caderno na anotação seguinte:

*“Diário querido,
perdoe-me ter ficado dois dias sem escrever. Makoto me perseguiu durante o final de semana. Nem parei no meu quarto nesse tempo.*

Depois que terminei de escrever, na sexta, completando uma semana como escrava, fomos jantar. Como sempre, a comida da Keiko estava uma delícia. Assim que terminamos, ela saiu para a sua folga. Eu e Makoto ficamos sozinhos. Ele me levou até o quarto e fizemos como todas as outras noites. Após isso, eu adormeci.

Acordei com os primeiros raios de sol que chegaram aos meus olhos e também um ótimo cheiro de café. Abri meus olhos e vi a mesa do café posta, na mesma em que Makoto organiza algumas coisas do trabalho. Levantei e me espreguicei. Makoto sorriu e me deu bom dia. Vesti meu roupão de seda e sentei-me com ele. Então, curiosa, perguntei:

– Foi você que fez?

– Sim. Admito que não sou um bom cozinheiro, mas fazer um café da manhã não é difícil.

Eu dei uma risada.

– Quer que eu faça o almoço?

– Depende. Que comida será?

– Você escolhe.

– Tem tanto tempo que não como macarrão com molho. Sabe fazer?

– Sei sim. Atenderei seu pedido, Makoto.

Tinha bastante coisa para comer. Pães, bolos, frios e sucos. Makoto fizera bem variado e gostoso. Só não digo que foi um clima romântico, porque não somos namorados. Somos mais amantes do que qualquer outra coisa, se que é se pode usar essa palavra. Comemos conversando.

Fui ao meu quarto para vestir uma roupa e depois a cozinha para preparar o almoço.

Macarrão não é uma coisa que se demora a fazer, terminei pouco antes de meio-dia. Avisei a Makoto que estava pronto. Ele respondeu que logo comeríamos. Fizemos isso pouco depois.

Makoto se encarregou de limpar tudo e eu fui para a sala. Ele foi em seguida.

Vimos um pouco em um silêncio e atenção mortal para a televisão. De repente, ele me abraçou e deu um chupão no meu pescoço. Isto era o indicador do que ele queria. Perguntei só para ter certeza:

– Quer ir para o quarto?

– Não! – disse rindo – Quero aqui.

O que eu podia fazer? Nada!

Ele me mandou começar com a boca, como em todas as outras vezes.

Por ter que realizar essa coisa desagradável, a frequência me fez ter uma noção melhor de como agir. E de alguma forma meu sexo oral melhorou. Foram palavras do próprio Makoto.”

Infelizmente ou felizmente muitas coisas relacionadas ao sexo só se aprendem com o tempo e repetição. Ainda bem que não tomei mais nenhuma mordida da Kazuko, só de pensar de novo já sinto a dor.

Uma pena que também tem uma tempo que ela não o faz, pelo menos desde que o Takumi nasceu. Mas, naquela época houve sim uma melhora.

Pois é, estou que nem na época em que comprei Kazuko: “Sem esse tipo de coisa havia um tempo”.

“Eu fiz por uns cinco minutos e ele me disse que estava satisfeito. Pediu

para eu voltar ao sofá, pois eu ajoelhei na frente dele para usar a boca.

Pensei que era para deitar, mas Makoto me puxou e colocou-me em cima. Tirou minhas roupas e abriu o espaço que queria na minha vagina com os dedos. Eu gemi com a intromissão daquilo em mim. Depois, foi a vez do pênis dele. Aquela posição ali era diferente para mim, não tinha ideia do que fazer.

– Makoto, o que eu faço?

– Ora, igual no quarto. – respondeu sorrindo – Você está por cima, só eu que não estou deitado.

Conforme mandou, comecei o “sobe-desce” de sempre enquanto Makoto mexia nos meus seios. De básico era a mesma coisa, contudo só de ter meus seios sendo apertados e mexidos, ficou bem melhor para mim.”

Serei sincero, sempre tive a fantasia de transar no sofá. Por favor, não me achem estranho. A meu ver, parece uma fantasia normal.

Sabe, desde que tinha começado a minha vida sexual, sempre transei em quartos e nas camas. Com o passar do tempo era até monótono. Queria ver como era fazer em outros lugares. E foi com Kazuko que eu experimentei tais coisas.

Namorei e já fiquei com muitas, mas nenhuma delas queria sair do quarto. Só mesmo uma escrava para concretizar fantasias, das mais malucas que sejam.

E eu já sabia que ela gostava que brincasse com os seios dela.

“Os ombros de Makoto me ajudavam a fazer os movimentos, usava-os de apoio.

Isso estava diferente para nós dois, respirávamos forte e com dificuldade. Passados alguns minutos, comecei a sentir um calafrio subir minha espinha e algo quente me encheu por dentro, ao ouvir o suspiro de alívio de Makoto. Minha cabeça caiu para trás, quase o corpo todo, só não cai porque fui segurada. Sai de cima dele, que falou:

– Obrigado, Kazuko.

– Pelo que?

– Acabou de realizar uma fantasia minha.

– Bom saber! – respondi ironicamente

Coloquei minhas roupas e Makoto as dele. Continuamos assistindo a televisão.

Á noite, pedimos comida por entrega e fizemos novamente.

No dia seguinte, foi exatamente a mesma coisa. Estou até um pouco dolorida. Afinal, não faço com ele mais que uma vez ao dia, normalmente.

Keiko voltou da folga essa manhã. Makoto foi para o trabalho depois do café.

Agora preciso ir, vou ajudar a Keiko na arrumação da casa. E mais tarde quem sabe, eu não leia um pouco?”

Fechei o caderno no mesmo instante que Kazuko desligou o telefone e voltou a sala.

– Está lendo, amor?

– Sim, mas já acabei.

Ela sentou-se ao meu lado e me deu um beijo, com uma vontade. Começou a rolar uns amassos e a minha mão já na caça. Apertei algumas partes de seu corpo de leve, até que cheguei no meio de suas pernas. Porém, a própria mão de minha esposa me fez recuar.

– Não, Makoto!

– Por que não?

– Você sabe que estou com vergonha do meu corpo. – respondeu meio receosa da minha reação

– Não me importa. Eu amo você independente do seu corpo.

– Mas eu não quero que você veja. Não me sentiria bem com isso.

Resolvi não discutir e sai de cima dela. Kazuko percebeu que fiquei chateado e me perguntou:

– Quer que eu faça para você?

– Não precisa. Eu não quero isso. Eu quero você, querida. E se quer que eu espere, posso fazer isso.

Abraçamo-nos e ficamos a aproveitar e sentir o calor um do outro.

Capítulo 8

Menstruada

No dia seguinte, pouco após comer, fui ler mais um pedaço do diário de Kazuko. Ela tinha ido cuidar de Takumi.

*“Diário,
é de manhã agora. Ainda está amanhecendo, estou sem sono.
Mas por quê dormi no meu quarto? É que fiquei “naqueles dias” ontem.
Bem, vamos por partes...*

Passei meu dia ajudando Keiko. Makoto voltou mais cedo, pois era o dia do meu retorno à Rin. Descemos e saímos de carro a caminho do consultório. Chegamos, fizemos a nossa entrada e aguardamos. Alguns minutos depois, a médica nos chamou.

Ela nos cumprimentou com um enorme sorriso no rosto.

– Como está, Makoto?

– Estou bem, obrigado.

– Ora, que bom! E você, Srt. Hirasawa?

– Eu estou bem também. - falei sorrindo

– Só um momento que vou pegar o seu remédio.

Rin abriu o armário que ficava atrás de sua mesa, vasculhou um pouco e pegou três potes. Ela se virou e disse:

– Estas são as suas pílulas anticoncepcionais. São feitas apenas para você, já que cada mulher é de uma forma.

– Como devo tomar?

– Simples. Tomar uma por dia, aqui está escrito. - falou apontando – A começar do 1º dia do seu ciclo.

– Entendi!

– E preciso te avisar sobre alguns efeitos colaterais, que talvez você tenha: aumento de peso; dor de cabeça; alteração de humor; enjoos e vômitos; seios doloridos; e alterações na sua lubrificação.

– Mas, isso são sintomas parecidos com os de uma gravidez. - falou Makoto – Eu fiz com ela sem proteção e...

Makoto hesitou. Eu completei, então, o pensamento dele.

– Se eu estiver grávida?

– Aí será outra coisa e Makoto decidirá o que fazer. Se o seu sangue descer, Kazuko, não há com o que se preocupar.

– Hum... Entendi. Obrigado. - Makoto respondeu.

– Ora, de nada. Agora podem ir.

Estávamos de saída e ela chamou:

– Senhorita Hirasawa, assim que fica menstruada. Não esqueça!

Assenti e sorri para ela.

No caminho de volta, comecei a sentir cólica. Não era estranho, já estava chegando o dia dela vir. Acabei fazendo careta. Makoto, preocupado, perguntou:

– O que houve?

– Estou sentindo cólica. É que... - parei ao vir uma pontada – está perto.

– Entendo. Alias, você precisa de... Como é o nome? Ah, absorvente.

– Não preciso imediatamente. Mas é melhor comprar.

– Tem uma loja que vende essas coisas no caminho. A gente vai lá!

– Tudo bem!

Passamos por algumas ruas e chegamos a uma loja de conveniência. Saímos e procurei o que queria. Fui com ele até o caixa, pagamos e voltamos ao carro para ir pra casa. Agradei Makoto ao chegarmos. Ele disse que não era nada além do seu dever.

Eu só queria entender porque ele me trata assim tão bem e atenciosamente. Sei que é por causa do que viu na infância, só que... Parece que tem algo mais. Makoto não é só simpático comigo, me trata como uma amiga.”

Eu me lembro desse dia! Kazuko fez uma carinha de dor e desespero. Acho que ela ficou com medo da menstruação dela vir ali e sujar o carro. Se ela estava assim só com o medo do sangue, imagine com ele.

Pelo que sei, meu pai nunca comprou esse tipo de coisa para suas três escravas. E nem sei como elas faziam nesses dias. Talvez as empregadas ajudassem.

Deve ser uma coisa nojenta ficar menstruada e não ter nenhuma maneira para não ficar toda suja.

Olha o assunto que eu estou falando. Caramba!

“Fui tomar um banho e durante ele senti outra pontada no meu baixo ventre. Então, eu vi sangue na pequena poça abaixo de mim. Passei o dedo, só para confirmar, que voltou coberto. Terminei de me banhar e me arrumei para o jantar. Como ele ainda não estava pronto, peguei o livro e fui ler no sofá da sala.

A cólica tinha parado, porém ela voltou de repente. Eu tinha me esquecido de tomar o remédio. (Pois é, a leitura me distraiu.) Imediatamente pedi a Keiko um copo de água. Assim que ela trouxe, peguei um dos potes que estavam no móvel da sala. Tirei uma pílula, joguei-a na minha boca e tomei a água. Devolvi o copo a Keiko e retornei à sala.

Makoto estava deitado no outro sofá e viu minha movimentação. Perguntou:

– O que foi fazer?

– Tomar meu remédio.

– Suas regras vieram então?

– Sim. Alias... Precisamos conversar acerca disso.

Ele se levantou para me dar atenção.

– Claro! Diga...

– É que... - falei meio encabulada – Bom, vai querer fazer comigo assim?

– Você se sentira desconfortável? Bem, eu fico.

Assenti timidamente e Makoto continuou:

– Isso é uma coisa pessoal sua, eu entendo. E... Falando sério... Esse sangue todo não é uma coisa agradável.

Eu não contive o riso e nem ele.

Concordamos que, durante meu período não faríamos. Makoto pediu-me para sempre avisá-lo ao início e ao término, apenas para sua ciência.

– Outra coisa: Durmo no meu quarto?

– Sim, Kazuko.”

Falei para ela dormir em seu quarto durante esse período para poder ter um pouco de privacidade e mais momentos sozinha. E também já é complicado aguentar mulher normalmente, imagine naqueles dias. É brincadeira viu?

Mas, obviamente, em alguns casos, acontece uma mudança drástica de humor. Então, é bom se precaver.

“O jantar não demorou a sair. Comemos, com Keiko a mesa conosco, em um clima agradável, rindo bastante.

Depois de comer, Keiko arrumou tudo e foi para casa. Makoto desejou-me boa noite e foi para o seu quarto. Bebi um copo de leite e dirigi-me ao meu quarto. Arrumei meus cobertores para a primeira noite em que dormiria sozinha. Eu nunca dormi tão bem desde que vim para cá. Aproveitei todo o espaço de minha imensa cama.

Sonhei com a minha infância, quando eu brincava com minhas bonecas e imaginava como seria meu futuro. Nunca supus que me tornaria escrava.

Acho que descansei tão bem, por isso já levantei. Ganhei um amanhecer de presente!”.

Parece que a Kazuko me odiava nessa época. Sinto isso nas palavras dela. E foi ela quem me olhou quando adentrou no quarto. Colocou Takumi no berço e veio me dar um beijo.

Deixei o diário de lado e dei atenção a minha esposa.

Capítulo 9

Iniciativa

A semana passou corrida, li todas as anotações no trabalho, uma por dia, na hora do almoço. Todo o escrito era sobre as mesmas coisas: leituras, conversas e ajuda a Keiko, conversas comigo. Só frisando que ela achou um livro sobre sexo, que falava algumas coisas que podia fazer. Ela decidiu usá-lo! E... Lembro-me bem disso!

Depois de uma longa sexta-feira, jantei e fui relaxar na cama, antes de dormir, aproveitando também para ler mais um pouco do diário. Kazuko colocou Takumi para dormir, deixou-o no berço e foi tomar um banho.

Abri o diário e comecei a ler...

“Bom dia, diário!

Eu estou me sentindo bem hoje! Noite passada eu fiz uma coisa que escravas fazem: satisfazer o meu dono. E você sabe como: aplicando o que vi naquele livro.

Primeiramente, por partes, em ordem cronológica...

Acordei com meu fluxo menstrual quase parando. Vesti meu roupão e sai para tomar café. Eu e Makoto ficamos conversando enquanto comíamos. Ele saiu para o trabalho depois. Ajudei um pouco a Keiko e fui à biblioteca para ler mais um pouco daquele livro, além de terminar A filha do conselho. Só queria entender por que o Makoto teria um livro desses. Será que ele usava com alguém?”

Kazuko e sua imaginação fértil!

Foi meu pai depravado quem me deu no meu aniversário de 16 anos. Segundo ele, eu já tinha que aprender essas coisas e deixou suas três escravas a minha disposição, mas não era o que eu queria fazer. Tinha muita consideração por elas. Acabei perdendo a minha virgindade com uma colega de faculdade.

Pois é, eu me adiantei nos estudos para sair o mais breve possível da casa de meu pai. Entrei na faculdade com 16 anos, me formei com vinte, tirei

meu registro de advogado e comecei a trabalhar em um escritório.

Tão jovem, com muito dinheiro, muita responsabilidade e sem nenhum amor. Eu só tive uma namorada na faculdade e umas outras durante a época de colégio, mas nenhum desses relacionamentos durou muito.

Com o passar do meu trabalho, meu tempo diminuía e não tinha como eu sair com alguém, deixei isso para lá. Meu pai insistiu que arrumasse uma escrava apenas para controlar “meu fogo de homem”. Assim o fiz! Meio a contra gosto.

“Eu acho tudo o que tem nesse livro muito interessante e útil. Digamos que é mais completo que o kama sutra. Pontuei tudo o que poderia fazer em minha mente. Esperava que meu dono gostasse.

Passei o resto do dia junto a Keiko e nos divertindo bastante. Ela quer que eu conheça a família dela, quem sabe jantar lá?

Após o lanche fui assistir TV, fazendo hora para Makoto chegar. Estava ansiosa para saber a reação dele ao dizer que minhas regras acabaram.

Distraída, um estrondo da porta batendo com a força do vento me assustou. Dei um pulo e olhei para o lado, Makoto chegara. Sua aparência mostrava cansaço. Ele me cumprimentou e foi falar com Keiko e apesar do tom baixo, eu consegui ouvir:

– Boa noite, Keiko.

– Boa noite, Makoto.

– O jantar demora a sair?

– Um pouco. Por quê? Está com fome?

– Com fome e muito cansado. Mas... Eu posso esperar.

Makoto saiu da cozinha e foi se arrastando até a sala e se jogou no sofá.

– Muito trabalho, Makoto?

– Sim. Fiquei em um julgamento a tarde toda e o juiz deu outro recesso.

– Defender os outros cansa né?

– Até demais! - Ele me disse sorrindo

Eu fiquei envergonhada de falar sobre o meu ciclo para ele, tinha uma careta que iria me ignorar. Só que Makoto percebeu:

– Você quer falar alguma coisa.

– Eu? Nada disso.

– Não minta. Quando você quer falar algo, fica assim inquieta.

– Tudo bem. - Falei com desdém – É que meu sangramento parou, só

isso.

– Ah... Entendo. Mas hoje estou indisposto. Quem sabe amanhã.

Concordei e não falamos mais nada até o jantar. Keiko comeu sentada à mesa conosco.

Auxiliei-a arrumando tudo e ela foi para casa, afinal, era sexta. Antes de sair, ela me perguntou:

– Vai dormir com Makoto hoje?

– Não!

– Tem dias em que ele volta cansado assim mesmo, melhor acostumar! Mas, sabe, eu a vi lendo umas coisas essa semana. Por que não faz uma surpresa a ele?

Ela deu uma piscada para mim e saiu. Ainda bem que, por estar em seu quarto, Makoto não ouviu essa conversa.”

Então, foi por causa da Keiko?! Que filha da puta! Eu sinceramente, não esperava isso dela. Como as pessoas nos surpreendem mesmo com muito tempo de convívio.

“Rapidamente eu pensei no que Keiko disse e vi que ela tinha razão.

Resolvi ir ao meu quarto, tomar um banho, me arrumar e ir ao quarto de dele. E ficaria lá mesmo que tentasse me tirar a pontapés.

Saí do meu quarto e me dirigi à porta a minha frente. Respirei fundo para tomar coragem, coloquei a mão na maçaneta e...”

Um som me fez desviar os olhos do diário, era Kazuko. Só que ela estava com um olhar diferente e também vestida diferente. Ela tem usado camisolas compridas, hoje está de roupão de seda e roupa íntima. Sem contar o olhar sedutor e provocante!

Eu não resisti! Deixei o diário de lado e fui em sua direção. Não disse uma palavra, só a beijei. Não a beijava assim tem um bom tempo.

O instinto nos levou a cama! Eu não conseguia distanciar meus lábios dos dela. Em seguida, foi a vez das minhas mãos. Elas começaram a tocar e apertar o corpo de minha esposa, do qual sentia saudade. Kazuko respondia as minhas carícias. Só que, houve um momento em que ela me parou.

– Makoto, você sequer me olhou. Como acha que eu estou? - perguntou tímida

– Está como? – disse, fazendo careta

– Meu corpo, Makoto!

No momento em que a olhei parada na porta, eu vi que seu corpo estava igual antes. E não foi só isso, eu vi a pessoa que eu amo, a mãe do meu filho.

– Kazuko, você está maravilhosa! Você é assim de qualquer jeito.

Ela sorriu e meu deu o seu beijo apaixonado. Isso me indicou que ela esqueceu o problema com seu corpo, deixou ele para lá de vez

Acaricieei o seu corpo e toquei em lugares que ela não permitiria cinco minutos atrás.

O instinto era o que nos guiava e ao mesmo tempo nos conectava. Minha esposa estava entregue a mim e eu a ela. E acabou acontecendo... Nós fizemos amor! E por pouco, Takumi não acorda.

Ficamos deitados, nus embaixo da coberta e conversávamos:

– Estava com saudade disso, Makoto.

– Eu sei. Eu também.

Abracei-a. Kazuko olhou o diário em cima do criado-mudo e falou:

– O que lia no diário?

– O dia que você me “atacou” pela primeira vez.

– Sério? Você lembra?!

– Lembro! Mas é que... – peguei o caderno – Você me interrompeu daquele jeito lá na porta.

– Ah, amor, desculpa.

– Não precisa disso. Foi a melhor interrupção da minha vida.

Não conseguimos conter o riso.

– Agora, você permite que eu termine de ler?

– Claro, Sr. Makoto. - respondeu sorrindo.

Procurei a linha na qual parei e continuei...

“... e abri a porta.

Makoto sabia que era eu e reclamou meio sonolento. Sentou-se na cama, acendeu o abajur e disse, me olhando:

– O que foi Kazuko? Vá dormir, por favor!

Eu nada disse. Aproximei-me da cama e ele me observava perplexo.

– Que vai fazer?

– Satisfazer você!

Makoto franziu a testa e depois levantou uma sobrancelha. Aquela careta dizia “Como?”.

Puxei as cobertas! Sem pestanejar, ele tirou as calças e a cueca em

seguida. Deitou-se com mãos sob a cabeça.”

Eu achei aquela atitude repentina dela muito estranha. Acho que isso explica minha careta e reações!

“E eu? O que fiz? Bem... É como dizem: Cai de boca! Ignorei aquele gosto e tentei fazer algumas coisas que são ditas naquele livro, por exemplo: Passar a língua em volta, mordiscadas. E o mais difícil: a sucção. Tem que fechar a boca de um jeito e fazer rápido. Porém, valeu a tentativa.

O pênis dele mexia muito conforme os movimentos realizados. Makoto estava mudo. Que angústia! Por que os homem não gemem como as mulheres? Isso ajuda a ter uma pista se está bom ou não.

Em certos momentos, eu errava a profundidade e quase me engasgava. Estava dando o meu melhor e Makoto me chamou:

– Quero que suba em mim.

Obedeci o comando. Ele fez um pouco com os dedos e fomos ao que interessava. Fiz o sobe-desce habitual, só que eu li que poderia rebolar um pouco nessa hora, fiz também. Durante tudo isso, ele disse por entre seus fortes suspiros:

– O que aconteceu com você hoje? Não costuma fazer essas coisas!

Ficamos mais um tempo daquele jeito. Até que ele finalmente gozou. Senti o líquido quente em meu corpo e ambos soltamos um suspiro de relaxamento. Sai de cima de Makoto e deitei ao seu lado, ele perguntou:

– Por que fez isso tudo? Onde aprendeu?

– Porque eu quis! E não aprendi isso em lugar nenhum. – respondi tentando desviar do assunto.

– Não minta para mim. Você achou aquele livro de capa azul na biblioteca.

Escondi minha cabeça em baixo da coberta e Makoto riu.

– Não precisa ficar com vergonha. Alias... Você pode fazer isso mais vezes. - Descobri a cabeça e ele continuou. – Apesar de ter certeza que vou acordar moído amanhã, eu gostei da surpresa.

– Makoto, já que está cansado, vou dormir no meu quarto. Boa noite!

– Nada disso! – repreendeu-me – Esqueceu da regra?

– Quando fizermos, dormirá no meu quarto.

– Então, fique aqui, Kazuko.

Ajeitei-me, desejei-lhe boa noite e dormi.

*Tomamos café juntos agora de manhã, e eu disse que viria para cá me banhar e trocar de roupa.
Estou indo. Até!”*

Fechei o diário e Kazuko sorriu, dizendo:
– Estou feliz agora como naquele dia.

Capítulo 10

Família de Makoto

Passaram duas semanas de muito trabalho e muita leitura do diário de minha esposa.

Kazuko disse que me “atacou” da última vez por conselho da Rin. Incrível como é sempre ela!

Mais uma manhã de sábado e meu filho, Takumi, completa quatro meses hoje. Talvez tenhamos visitas hoje. Porém, enquanto elas não chegam, ler um trecho não faz mal a ninguém. Espreguicei-me e mexi no cabelo da minha mulher, adormecida. O diário estava na mesa de cabeceira. Ajeitei-me, peguei e puxei o marca página para continuar de onde parei.

“Querido diário,

Eu e Makoto passamos boa parte deste fim de semana fora.

Na noite de sexta, Keiko não fez jantar e foi embora mais cedo. Makoto chegou do trabalho e pediu para eu separar uma pequena muda de roupas. Atendi o seu pedido morrendo de curiosidade. Colocou tudo em uma mala de mão. Descemos e fomos ao carro. No caminho, não aguentei de não perguntar:

– Makoto, aonde nós vamos?

– A casa de meu pai. Eu passo o final de semana lá de vez em quando.

Pai do Makoto? Já ouvira falar algumas vezes dele. Que tinha três escravas e fazia de tudo com elas. Ele já trabalhou muito, mas agora decidiu aproveitar o resto da vida.”

Meu pai só trabalhava muito por minha causa. No momento que sai de sua casa, ele se aposentou e quis constituir família com suas escravas, que não são mais escravas, são esposas agora.

Pois é, acabou se apaixonando por elas e vice-versa. Eles vivem muito bem dentro dessa relação poligâmica e poliamorosa.

“Não demorou muito para chegarmos, só saímos da área dos prédios e

estávamos na de casas. Desembarquei do carro e vi um belo casarão. Fiquei boquiaberta.

Eu e Makoto batemos a porta. Uma moça grávida e bem bonita, atendeu sorrindo. Ela era ruiva, com olhos azuis. Makoto cumprimentou-a com um abraço.

– Minori, que bom te ver! – pousou a mão sobre a barriga dela – E meu irmão, como está?

– Ele está ótimo! - disse colocando sua mão acima da dele – Logo conheceremos.

– Ah, tem alguém que quero apresentar.

Nesse momento, Makoto me mostrou a Minori, que com outro sorriso no rosto, apertou a minha mão. Não controlei a vontade de pôr a mão na barriga dela. Senti o neném chutar.

– Nossa, que chute forte! – disse ela rindo

Então, ouvi outra voz feminina vinda da sala.

– Vai lá ver quem chegou.

Apareceu uma criança de talvez uns três anos. Ele veio correndo. Makoto se abaixou e recebeu o abraço sincero dele. Aproximei-me e Makoto falou com ele:

– Essa é a Kazuko!

Sorri e fiz um carinho nos cabelos dele.

– Se apresenta para ela. – colocou o menino no chão – Aperta a mão – assim ele fez – e diz seu nome.

– ”Kisuki” – foi o que escutei em meio a um dedo na boca.

– Kyosuke. - repetiu Makoto, a fim de que entendesse

– Ora, muito prazer, Kyosuke. O Makoto já me apresentou, mas eu sou Kazuko.

Levantei e o garoto foi correndo de volta aos braços da mãe, uma moça loira e de olhos verdes. Ela mesma se identificou.

– Eu sou Minami. É um prazer!

O pai de Makoto e a terceira escrava estavam na sala. Conheci Shiori, de idade próxima a minha, com cabelos e olhos cor-de-mel. Alias, era aniversário de 20 anos dela. Também o pai de Makoto, Koishiro. E como ele e Makoto são parecidos. Ele se levantou, educadamente. Ao cumprimentá-lo, me observou perplexo, como se lembrasse de alguém. Foi o que o próprio me revelou. E conheci a mãe de Keiko: Aiko.

Comemos e conversamos e rimos. Não demorou muito e Shiori assoprou

suas velinhas. Eu me prestei para ajudar Aiko. Conte-lhe sobre o que fazia com sua filha, ela ficou feliz de saber.

Perguntei a ela se sabia o motivo de Koishiro ter ficado daquele jeito ao me conhecer. Foi bem direta e sincera:

– Você é parecida com a Misaki, falecida mãe de Makoto.

Quem tomou um choque fui eu. Será que foi por isso que ele me escolheu?”

Admito que Kazuko se parecer com minha mãe foi um dos motivos dela ter sido “A escolhida”.

Minha esposa fez um barulho e se esticou. Abriu os olhos e falou:

– Bom dia, amor! Já lendo meu diário?

Dei um beijo nela.

– Ora, sabe que não gosto de te acordar. Quer tomar café?

– Termine primeiro. Vou cuidar do nosso pimpolho.

Pimpolho? Tudo bem né! Abri o diário e continuei...

“Em seguida, fui ao quarto em que ficaríamos. O antigo de Makoto.

Imediatamente, fui tomar banho, já que era uma suíte. Sai e ele me aguardava. Joguei-me na cama.

– Você começa.

Fiz uma careta de “Está louco? Na casa do seu pai?”

– É só não fazer barulho.

– Isso para mim é fácil. – disse em tom irônico

– Eu consigo tranquilamente. – falou rindo – Vai logo.

Eu obedeci! Fiz um pouco com a boca e Makoto naquele silêncio dele. Puxou-me pelos cabelos pedindo que parasse. Montei nele e comecei a me movimentar. Como ele não fez com os dedos dessa vez, doía mais que o habitual. Então, gemi demais, pelo prazer e pela dor. Tentava me conter, mas não conseguia.

Logo ele gozou e eu me deitei do outro lado da cama, com minhas intimidades ardidadas. Desejamo-nos boa noite e adormeci.

No dia seguinte, todos tomavam café em um clima agradável. Eu estava sentada ao lado de Shiori na mesa, que comentou:

– Eu ouvi você e o Makoto ontem à noite. Ou melhor, só você.

Senti vontade de me esconder debaixo da primeira coisa que visse de tanta vergonha. A garota riu, achando engraçado como fiquei.

– Não precisa ficar assim. Acho que quer dizer que o Makoto é bom.

– Ou que eu estava dolorida...

Ela fez uma careta de curiosidade e eu contei o motivo.

Depois, Makoto e Koishiro foram ao lado de fora para conversar um pouco. As mulheres ficaram na sala e eu brincando com Kyosuke. Em certo momento, aproximei-me para olhar algumas fotos em uma prateleira. Havia uma com a mãe de Makoto. Observei bem e eu era realmente parecida com ela. Minami, veio conversar comigo:

– O que tanto olha nessas fotos?

– Disseram que me assemelho à mãe do Makoto. – disse apontando-a na imagem

– É verdade! Koishiro comentou comigo ontem. – sorriu – Sente-se para batermos um papo.

Então, eu fui.”

O que eu conversei com meu pai? Bem, ele mais falou comigo do que eu com ele.

Comentou o que achou da Kazuko, que ela era bonita e também “um pouco velha”. E também sobre os barulhos que ouviu e se declarou feliz por mim. Ele gosta quando seguimos seus conselhos!

“Shiori começou:

– Parece que o Makoto gosta de ti. Vejo isso na forma que ele age com você.

Eu sorri. Minori falou:

– E não me parece que seja triste ou solitária.

– Não fico trancada no quarto, sou livre dentro de casa.

– Quem dera nosso marido fosse assim. – soltou Minami – Pelo menos no começo.

– O que ele fazia com vocês?

– Prendia-nos no quarto o dia todo. À noite, as três iam ao quarto com ele, ao mesmo tempo.

– E por que estão dessa forma hoje?

– Apaixonamo-nos e viramos uma família. Koishiro aprendeu com seus erros.

– E todas as crianças foram programadas. – contou Minami com um sorriso no rosto

- O próximo será o meu! – gritou Shiori
- Espero ter uma família como vocês um dia.
- Com certeza terá. Não duvide disso!

Makoto e seu pai retornaram a companhia do resto de nós.

Após o almoço, ficamos jogando vídeo game. Era uma briga para ver quem iria jogar. Eu apenas fiquei olhando e rindo muito. Mais tarde, eu e Makoto fizemos de novo. Voltamos para casa na tarde de hoje. Não tem muito tempo que chegamos.

Gostei muito de conhecer Minami, Minori e Shiori. E Koishiro também, apesar de não ter me familiarizado muito com ele.

Agora eu preciso tomar um banho. Tchau!”

Fechei o diário e coloquei-o onde estava antes. Cheguei perto de Kazuko e falei:

- Vamos comer?
- Sim.

Pus a mesa rapidamente e nos sentamos. Riamos e conversávamos, como sempre. E como era final de semana, em seguida, sentei-me na sala. Estava com Takumi no colo, Kazuko foi cuidar da louça.

Alguém bateu a porta. Eu atendi. Era a minha família, a que eu havia lido sobre no diário de minha esposa. Eles entraram e se arrumaram no recinto. Nem me importava por trajar roupas de dormir. Kazuko falou com todos e ficamos todos na sala.

Meu pai trouxe o console e as brigas habituais aconteceram. É um empurra-empurra na frente da TV. Tudo é comandado por movimentos ou voz. Só que com a confusão, a tela fica maluquinha.

Jogamos até a hora do almoço. E nessa hora, a da comida, Shiori pediu a palavra:

- Tenho uma coisa para contar a vocês: Eu estou grávida.
- Sério? – disse Kazuko – Parabéns!

Minami e Minori abriram enormes sorrisos. Meu pai parecia saber, ele não demonstrou tanta empolgação.

Mais tarde, eu brinquei com meus irmãos Kyosuke e Akira.

E a noite? Eles dormiram aqui em casa. Eu e Kazuko tivemos todo o cuidado de não fazer barulho.

Não é legal quando te escutam nesse tipo de situação!

Capítulo 11

Jantar na casa de Keiko

No dia seguinte, acordei bem cedo, pois estava sem sono. Peguei o diário de Kazuko e fui a outro cômodo, o meu escritório. Primeiro comi alguma coisa. Sem dúvida, todos acordariam tarde, teria tempo para ler bastante. E foi o que aconteceu. Eu li o tempo de quase duas semanas no diário. Os assuntos, eram os mesmos: Eu, Keiko e as leituras de Kazuko. Até a marcação do jantar na casa da Keiko. E era sobre este dia que eu leria agora. Dei uma espreguiçada e uma estalada nos ossos. Continuei da data do dia seguinte.

“Olá diário,

Agora é manhã de uma sexta-feira. Está um dia lindo lá fora. Uma pena que não posso sair. Tudo bem que os prédios não compõem uma boa paisagem junto ao céu e nem do “meu lado da cidade” é assim. Sempre quis ir e ver um lugar com uma paisagem natural. Nada de cinza! Detesto cinza.

Lembra que eu disse ontem que jantaria na casa da Keiko? Pois é, fui assim que terminei de escrever aqui. Eu e Makoto descemos e fomos de carro. Keiko fora embora mais cedo para adiantar o jantar.

Ela morava próximo a casa do pai de Makoto. Digo, na região das casas, só que nas mais simples.

Keiko nos recebeu com aquele enorme sorriso e alegria que só ela tem. Apresentou-me a família dela: O marido Daisuke, a filha Mio e o filho Daiki. Em seguida, retornou a cozinha.

Ofereci-me para ajudá-la. Sabe o que ela respondeu?

– Nada disso! Aqui você é visita. Fique na sala com os outros.

O resto da casa não conteve a gargalhada. Sentei-me ao lado de Makoto e ficamos conversando. A filha de Keiko era a mais curiosa acerca de mim.

– Kazuko, você tem quantos anos?

– Tenho dezessete, Mio.

– Eu tenho 13. – e confessou – Não me imaginaria no seu lugar. Deve

ser horrível ir ao centro de escravos todas as noites, não é?

– Horrível e traumatizante. Odeio aquele lugar! Ainda bem que não precisa fazer essas coisas, pode aproveitar sua vida.

– É... A minha liberdade também.”

Deixa eu explicar uma coisa. Por que a filha de Keiko não era oferecida como escrava, já que ela não é de classe alta como eu?

As pessoas que moram “do lado rico” da cidade, não precisam ser submetidas aos traumas de ser escravos. Isso porque eles já oferecem serviço aos ricos, de outra maneira. No caso de Keiko, trabalhando aqui em casa. Digamos que ela paga pelos filhos, junto com o marido.

Por conta de tudo isso, quem é empregada ou secretária, por exemplo, para alguém rico pode viver em paz e bem. Eles têm uma casa, filhos livres da escravidão sexual e um emprego. Quer coisa melhor que isso?

Essa é a diferença entre Kazuko e Mio. Ambas são de classe inferior, mas o fato de servir aos ricos dá direito ou não a liberdade.

Essa foi uma das poucas coisas conquistadas desde que a lei dos escravos começou. Mas, é uma luz em meio a toda essa escuridão de qualquer forma.

“Admito, senti inveja dela. Quem me dera poder ficar tranquila e aproveitar a adolescência. E fico feliz também. Não quero ninguém no meu lugar!

Mio não parava de me perguntar. “Como se sentia lá no centro de escravos?”, “Como se sentiu quando foi comprada?”. E pela minha localização, uma pergunta constrangedora.

– E você faz mesmo aquilo com o Makoto?

– Sim! – tive que ser sincera – Todo dia praticamente.

– E não dói? Você gosta?

Adolescentes! Tudo bem que eu ainda sou uma, mas nessa idade temos uma curiosidade tamanha.

– Eu já me acostumei. – parei um momento e pensei bem – Não sei se gosto...

Nesse momento, Makoto se movimentou e olhou para nós duas. Senti um nervoso subir na espinha. E agora? Dependendo da minha resposta poderia me acontecer algo ruim. Sempre se deve ficar com o pé atrás.”

Eu fiz isso apenas para ver como ela reagiria. Como eu sou malvado!
Olhei pela janela e o Sol começara a aparecer. Breve, alguém acordaria. Imaginem o tempo que estou de pé, sendo que li o equivalente a duas semanas. Que insônia me deu!

“Mio pediu para completar a resposta.

– Bem, é porque eu faço por obrigação.

A conversa correu com muitas outras perguntas vindas dela. Não reclamo porque esse não é o cotidiano dela, ela não é acostumada com isso.

Keiko arrumou a mesa e nos chamou para comer. O jantar era lasanha, que por sinal estava uma delícia.

– Poxa, Keiko. Por que nunca mais fez isso para mim? – disse Makoto Comemos em clima agradável e muito divertido.”

Eu tinha esquecido essa lasanha maravilhosa da Keiko. Vou pedir para ela fazer essa semana.

“Ao acabarmos de comer, Keiko recolheu a mesa com ajuda de Mio. Se eu perguntasse de novo, ela diria quase a mesma coisa que antes.

Makoto iria trabalhar e tinha um julgamento no dia seguinte. Então, ele dormiria cedo. Tipo, cedo para ele é 11:30h.

Despedimo-nos logo e retornamos a casa de Makoto. Durante a viagem foi um silêncio mortal. Acho que ele estava com raiva de mim.”

Eu fiquei meio irritado pelos comentários de Kazuko para Mio. Principalmente pelo “por obrigação”. Era mais imaturo e não tinha o pensamento de hoje. Achei que ela estava reclamando de barriga cheia. Afinal, tratava-a tão mal assim? Eu era tão desagradável?

Um turbilhão de coisas surgiram na minha cabeça enquanto dirigia. Eu fiquei com raiva sim e estava errado quanto a isso.

“Entramos e Makoto foi direto ao seu quarto. Eu sei que ele ia querer, como sempre, então falei:

– Vou tomar um banho e depois vou para o quarto, Makoto.

– Durma no seu quarto hoje. – Respondeu-me friamente.

Ele estava de costas, me aproximei e virei-o para que olhasse para mim.

– Por quê?

– Você faz por obrigação. – a frieza se manteve com um pouco de raiva

Eu não aguentei. Passei minha mão por trás dele, abri a porta e o empurrei. Makoto caiu. Falei com toda a força que havia em mim.

– Sabe qual é a obrigação que tenho para com você? Te satisfazer! Comprou-me para isso, não foi?!

Makoto me olhou, completamente assustado. E gaguejou sua resposta:

– Fo... Fo... Foi.

– Vai para a cama agora então!”

Não tem como não ficar assustado. Aquilo foi tão de repente que me surpreendeu também. Nunca imaginei que ela faria aquilo.

Kazuko é bem tímida, porém quando precisa, sabe pôr as garras de fora.

“Makoto foi caminhando e tirando as roupas. Se largou na cama. Bati a porta atrás de mim e fui em direção a ele. O que eu fiz? Ora, apliquei o que tem naquele livro, se é que me entende.

Makoto não se mexeu, apenas ficou deitado e eu realizei o trabalho sujo. Ele se mostrou bem cansado e satisfeito no final. Eu também fiquei cansada, tanto, mas tanto, que eu cai em cima do corpo dele e respirei forte.

Não evitou de comentar:

– Cansou foi? É culpa sua!

E riu. Filho da puta!

Nem respondi. Fiquei com a cabeça na curva do pescoço dele, cheirando seu cangote. Makoto mexia em meus cabelos enquanto recuperava o fôlego.

Uns minutos depois, levantei-me, pulei para o outro lado da cama e, friamente, falei.

– Boa noite, Makoto.

– Boa noite, Kazuko.

Virei-me e fiquei pensando no que acabara de fazer até pegar no sono.

No dia seguinte, Makoto me acordou e pediu para eu colocar minhas roupas. Fiz isso e esperei ele se arrumar sentado na cama.

Estava com uma coisa engasgada que resolvi soltar:

– Makoto, me desculpe por ontem. Eu te empurrei e fui mal-educada com você.

Ele se aproximou e falou, ajoelhando-se à minha frente:

– Não tem problema. Eu também fiquei com raiva ontem e te tratei mal. Estamos quites!

*Eu sorri.
Depois fomos tomar café. E agora eu estou aqui.
Vou tomar um banho e ajudar Keiko.
Até logo!”*

Da mesma forma que o sono se fora, ele voltara. Retornei ao quarto e acabei dormindo. Kazuko que me acordou, com aquele enorme sorriso dela.

A família toda comeu junta, naquele clima que só nós ficamos. Após o almoço, meu pai e minhas madrastas foram embora. Eu e minha esposa aproveitamos para brincar um pouco. No segundo sentido da palavra.

E aconteceu uma coisa engraçada.

Eu e Kazuko estávamos no quarto. Beijo aqui, amasso dali. Fui mexer um pouco nos seios dela, até aí, nada estranho. Só que eu apertei e veio um jato de leite certo no meu olho. Minha mulher só percebeu quando emiti o som de dor.

– Makoto, o que houve? – então ela viu – Ai, caramba.

– Tá ardendo... Merda!

Imediatamente ela me acudiu e pegou lenços para limpar meus olhos. Não demorou muito e eu fui capaz de abrir os olhos de novo. Ela me olhou, meio preocupada. Quando viu que eu estava bem, se acalmou.

Não segurei e comecei a gargalhar, me lembrando do que acabara de acontecer. Kazuko riu junto comigo.

Capítulo 12

Ajudando Makoto no escritório

No horário de almoço da segunda-feira, após comer, resolvi pegar o diário para ler. Abri e continuei da anotação de onde parara no dia anterior, se bem que dei uma bela lida antes de dormir.

“Bom dia diário,

desde ontem que eu não escrevo. Achei estranho o Makoto não ter ido trabalhar ontem. Ele tomou café na maior paciência do mundo e depois foi resolver umas coisas no escritório que tem aqui no apartamento dele. Ajudei a Keiko a arrumar por ali pela sala e a minha curiosidade levou minhas pernas até onde Makoto estava.”

Sabe aqueles dias que você simplesmente não quer ir trabalhar? Pois é, era um dia desses.

Não que eu seja preguiçoso, nem goste do que faço. Não é nada disso! Eu gosto mesmo é de tirar uma folga das pessoas que trabalham comigo. Tem dias que eu simplesmente não tenho saco para aguentar aquela cobrança e reclamação. Digo ao chefe que trabalharei em casa e ele nem resmunga. Eu rendo até mais!

“Ao me ver, ele questionou:

– O que faz aqui? Não devia estar com a Keiko?

– Eu vim por curiosidade.

– Ora, não vê que estou trabalhando? Não quero que me atrapalhe.

– Então, por que não foi lá hoje?

– Quero trabalhar em casa. Tem dia que não os aguento, são uns chatos. Mas com você agora, parece até a mesma coisa.

Esta última frase tocou em mim. Eu? Chata? Respondi cabisbaixa:

– Perdoe-me, Makoto. Não vou incomodar mais.

E sai. Retornei a sala e fique lá, assisto a um programa, assim como o Makoto falou: chato.

Keiko logo notou a minha mudança de humor e veio conversar:

– O que aconteceu, Kazuko?

– Makoto foi grosso comigo.

– Tem dias que ele acorda com espinhos na boca e sai cuspingo-os em qualquer um. Ele só deve estar irritado com você o questionando e tirando a concentração dele.

– Mesmo assim, eu me sinto mal. Sinto que não sou nada, sabe, Keiko?

– Eu entendo, querida. Quer um doce para se animar?

– Não tem sorvete para eu afogar as mágoas?

Ela riu e completou.

– Tem sim. Eu pego e dividimos.”

Tem horas que até eu me impressiono com as minhas grosserias. E o pior que falo sem pensar. Naquele dia senti-me arrependido depois.

Alias, na maioria das vezes, acabo pedindo perdão pelo vacilo.

“Ela pegou e eu me acabei naquele sorvete. E fiz a minha mania de morder diversas vezes.

Estava me animando quando o telefone tocou, Keiko correu para atender. Após algumas palavras afirmativas, ela me pediu:

– Kazuko, leve o telefone para Makoto. É o chefe dele.

Tomei o telefone e fui depressa ao escritório.

– É o seu chefe! Quer falar com você, Makoto. – fui direta

– Obrigado!

Então ele começou a conversar com o chefe e eu não perguntei se podia sair, fiquei, sem graça, ouvindo algumas palavras difíceis. Ao final do telefonema...

– Não precisava ter escutado minha conversa.

– Desculpa. Não sabia que podia sair. Fiquei aqui, sem nada entender do que disse realmente.

Eu me senti triste novamente e uma bendita lágrima caiu dos meus olhos. Makoto, rápido, se levantou.

– Por que está chorando? – disse enxugando meu rosto

Tirei sua mão e respondi:

– Não é nada. Sou só uma chata que te incomoda.

Eu ia sair, contudo Makoto agarrou meu braço.

– Acho que é por causa do que eu falei.

– Você acha? – comentei irônica
– Desculpe-me. É que... Detesto que me perturbem quando estou trabalhando.
– Eu não sabia.
– Sei que não, mas agora sabe. – disse, acariciando meu rosto – Quer me ajudar em uma coisa?
– No que?
– Bem... Essa papelada tá uma bagunça. Poderia ser tudo no computador, mas parece que essa parte não avança. Arruma para mim?
– Claro.
– Em ordem alfabética.”

Pois é, uma coisa que não me conforma: Para quê tanto papel?
Eu já me enrolo o suficiente sem eles. Com eles, nem se fala.
Tudo isso, afirmam eles, que é o melhor método para ter manter o registro dos processos e ações. Justiça é lerda que só!

“Primeiro, juntei todos aqueles papéis e fui organizando. Acho que eram clientes do Makoto e eram muitos. Enquanto isso ele estava vidrado naquela tela brilhante.

– O que tanto faz?
– Estou fazendo umas petições. O pessoal pede tudo em cima da hora. É uma merda!

Não evitei de rir.
– Merda?
– Eu fico atolado de coisas. Se fosse para lá hoje, sem dúvida estaria com o triplo.

– Tanto trabalho assim?
– É! Só que em casa rendo melhor, por causa do silêncio e tudo mais.
– Estou atrapalhando?
– Não. Fazendo isso, tira um quinto do que tenho que fazer.

Ao terminar com a papelada. Makoto me pediu para pegar um livro aqui e outro lá. Organizar outras. Tudo até depois do almoço. E antes do lanche da tarde, nós terminamos.

Eu, Makoto e Keiko nos divertimos conversando. Após o jantar, Keiko saiu e eu tive uma ideia ótima para o Makoto naquela noite.”

Hum... Eu me lembro disso. Preparem-se porque está vindo mais uma das surpresas dela.

– Makoto, o que está lendo? – um colega de trabalho me perguntou, quase que cai da cadeira – Tão entretido.

– É um livro! – menti

– Sobre?

– Uma garota que foi comprada com escrava e escreveu um diário, contando o que passa com o dono. – Bom, tecnicamente é sobre isso mesmo

– O nome? Me parece bom!

– É... - engoli seco. E agora? Vi a capa manuscrita dele. - O diário secreto da escrava.

– Procurarei.

E ele voltou a sua mesa. Caramba! Foi por pouco.

Retomei o fôlego, olhei em volta e abri o diário.

“Falei que tomaria um banho e que ele me esperasse no escritório. É, diário, deve conhecer fantasia da secretária. Isso que fiz!

Peguei uma das poucas roupas mais formais que eu tenho – que é uma saia e um blazer pretos, junto com uma blusa de botões – e usei no colégio umas duas vezes, vesti-o. Seria a secretária do meu dono naquela noite.

Sai do quarto e fui ao escritório. Makoto estava sentado em sua cadeira, distraído, girando a caneta.

– Sr. Miyasaki! – chamei

Seu olhar se levantou e ele se surpreendeu ao ver como estava.”

Sentia minha imaginação voar e me corpo fervilhar nessa hora.

E teve uma outra parte que também ficou toda eriçada.

“Diga, Srta. Hirasawa?

– É que... Está um calor. - falei tirando o blazer

Makoto se levantou enquanto eu me aproximava.

– Eu concordo!

Eu notei que ele estava adorando aquilo.

– Sabe, tem um cliente tão chato que não para de ligar.

– E disse que estava ocupado?

– Disse! Mas ele ainda insiste.

– Deixe ele para lá! – falou abrindo os botões da minha blusa

Eu nem comentei nada. Permiti que Makoto fizesse o que queria comigo. Ele tirou a minha blusa e meu sutiã e se deliciou com os meus seios. Eu soltei uns gemidos baixos.

– Não quer que eu faça em você, Sr. Miyasaki?

– Não é necessário.

Makoto arrancou a minha calcinha e me deixou ainda de saia. Ele se despiu apenas na parte de baixo. Eu vi como ele estava e não fiz nada demais.”

Fantasias, Kazuko! O nome disso são fantasias e elas são bem mais poderosas do que muitos estímulos.

“Ele me jogou de bruços na mesa e com a mão, ele fez um pouco em mim. Depois ele penetrou.

Aquela era uma posição diferente, e cada vez que ele entrava sentia um arrepio na espinha. E a minha voz não era diferente, estava com vergonha de gemer tanto.

Não demorou muito e Makoto gozou. Ele caiu em cima do meu corpo e eu senti sua respiração forte em meu ombro.

Se recuperou e fomos ao quarto dele para dormir. Antes de me desejar boa noite, ele comentou:

– Você podia fazer isso mais vezes. – e riu – Gostei desta brincadeira.

Eu dei um sorriso tímido e com certeza devo ter ficado vermelha. Ele me deu um beijo na testa, desejou-me boa noite e adormecemos.

E hoje, ele foi ao trabalho.

Vou tomar um banho e fazer as minhas outras coisas.

Até!”

Fechei o diário e olhei na direção em que meu colega senta. Ele estava atento a me observar. Medonho!

Acenei para ele, que sorriu.

Guardei o diário e prossegui com o meu serviço, mesmo que o horário de almoço não tivesse terminado.

Mais tarde, em casa, contei a minha esposa sobre o que li. Deixei, subjetivamente, no ar uma vontade de que eu queria que ela fizesse aquilo comigo. Kazuko, que não é boba nem nada, logo percebeu e acabou me satisfazendo aquela noite.

Capítulo 13

Apenas um passeio

No dia seguinte, lá estava eu lendo o diário de novo. Eu não consigo me controlar e ultimamente tenho dado “uns grandes saltos”. Por sorte, não havia nenhum colega de trabalho me rodeando, era apenas a Kazuko e o Takumi. Keiko já foi para casa.

Minha esposa estava, sentada ao meu lado na cama, amamentando nosso pimpolho. Logo percebeu que iria ler mais um pouco e nem se incomodou. Continuei a ler...

*“Querido diário,
agora são mais de meia-noite. Sei que essa hora era para estar no quarto de Makoto. Porém, hoje ele me levou a um lugar lindo. Contarei com melhores detalhes, calma!*

Makoto saiu, como na maioria dos dias. Auxiliei Keiko um pouco nas coisas da casa e fui à biblioteca. Acabei o outro livro que lia, aquele sobre magos elementais e tal. Vasculhei aquelas enormes prateleiras, em busca da nova leitura. Parece que estou em uma livraria em que posso levar qualquer coisa. Tá! Eu exagerei!

Peguei mais uma história de fantasia, afinal, eu preciso esquecer essa minha vida de escrava um pouco. E como não posso sair, minha única forma de ir a outro lugar é através da leitura.”

Ela sempre tentava escapar do que vivia. Eu nunca consegui sequer me imaginar no lugar dela. Mas eu sempre tive uma ótima noção do que ela passava. Eu vi isto a minha vida toda. Só que, com a leitura do diário, estou tendo a plena ideia de como foi tudo isso.

“Mais um daqueles universos com diversas dimensões paralelas entre si. Seres místicos e com grandes poderes.

Um grande vilão, que quer de qualquer maneira ter tudo aquilo sobre o seu comando. E ele não medirá esforços para conquistar esse propósito.

De certa forma, isto lembra a mim mesma.

Eu sou a mocinha e a heroína da história e tenho que lutar pelo o que quero.

Makoto é o vilão, o que ele quer dominar é a minha vida, ou melhor dizendo, me dominar. Como se eu fosse algum tipo de ser indomável e rebelde.

E estou realmente curiosa para saber como esta história irá se desenvolver e terminar.

O resto do meu dia se passou de acordo com a rotina que você já conhece.

Makoto retornou e jantamos. Após isso, ele pediu para eu trocar de roupa, pois me levaria a um lugar. Vesti-me depressa, descemos e saímos. Makoto dirigiu para a direção contrária da cidade. Começamos a subir e subir.

Minutos depois, chegamos finalmente. Era o topo de uma das montanhas ao redor da cidade.

Saltamos do carro e fomos a frente dele, a fim de olhar a vista. Quando vi, me impressionei! Nunca tive uma visão tão linda da cidade.

Pela primeira vez, ela não estava cinza, eu via cores e mais cores, espalhadas em vários pontinhos. A minha volta tinha a grama e as árvores. Fechei os olhos e respirei fundo. Eu guardei este momento em minha mente. De repente, soprou uma brisa gelada, que fez eu me bater de frio. Makoto colocou seu paletó em meus ombros.

– Obrigada, Makoto! – agradeci sorrindo

– De nada.

Um breve silêncio se fez. Depois, eu perguntei:

– Por que me trouxe aqui?

– Ora, só queria te mostrar um lugar que eu gosto. E pelo que percebi, gostou também.

– Nunca vi nada igual.

– Sei disso! Quem vive do lado pobre da cidade não sai de lá.

– E sem cinza... – completei, sem graça

– Sem cinza! – disse rindo

Senti o braço de Makoto passar por trás de mim e sua mão pousou pouco abaixo do meu ombro.

Ele me abraçou? Foi isso mesmo? Pensei: Ele quer alguma coisa!

– Quer ir para o carro? – questionei

– Será que não posso simplesmente abraçar você?

Fiquei encabulada e com vergonha, por isso me calei. Makoto continuou:

– Não precisa ficar envergonhada. – sorriu – Acho que você sempre fica um pé atrás comigo. Não te culpo! – me puxou para mais perto – Será que podemos ser mais próximos?

– Eu não sei, Makoto.

– Você dorme comigo todas as noites praticamente. Eu não consigo manter uma relação com você, tipo dono e escrava.

– Entendo. Essa hierarquia pesa demais.

– Podemos esquecê-la e sermos amigos? O que acha?

– Por mim, tudo bem.

Então encostei minha cabeça em seu ombro. Ficamos olhando aquele conjunto de luzes por um tempo. Makoto soltou de repente:

– Sabe, Kazuko, apesar de te conhecer tem pouco tempo, gosto muito de você.

– Eu também, Makoto. – falei sorrindo”

Aquele momento em que se fica totalmente envergonhado é esse.

É estranho um dono gostar de sua escrava. Realmente, não é algo comum! Eu me sentia estranho por isso. E não! Eu não estava apaixonado pela Kazuko... Ainda.

Ela colocou o menino no berço e depois ficou apoiada em mim, de maneira bem semelhante ao que lia. Nem falou nada, só ficou ali. Parecia que também estava dando umas escapadas e lendo.

Então, eu prossegui...

“Eu estou até agora tentando entender o porquê dele ter dito isso. Só espero que tenha sido sincero. Em meio a todas essas circunstâncias, eu também gosto do Makoto. Da companhia dele. O que me assustou e surpreendeu foi ter comentado, assim, do nada. Em seguida, ele puxou outro assunto:

– Você sabe que meu aniversário está chegando, Kazuko?

– Não sabia. Nem sei a data do seu aniversário.

– Eu quero que ajude a Keiko nos preparativos. Vou dar uma festa em casa.

– Tipo essas coisas de comida e decoração?

– Isso mesmo. E outra coisa: Também quero que participe da festa.
– Como convidada?
– Sim. Você faz parte da minha vida. – deu uma breve pausa e falou –
Posso contar contigo?
– Claro, Makoto.
– Fico feliz. Sério!
– Eu quero é saber o que fará no meu aniversário.
– Podemos ver isso depois.

E eu ri. Ele sabia que estava de brincadeira com ele.

Ficamos mais uns cinco minutos, entramos no carro e voltamos para casa. No caminho, Makoto colocou música e era uma que gostava. Não me contive em não cantar. Ele achou engraçado e comentou o quanto eu cantava bem. Talvez bem desafinado, mas ele tentou ser simpático!

Ao chegarmos, Makoto mandou-me dormir no meu quarto. Perguntei se ele tinha certeza, ele disse que sim. Vim para cá e tomei um banho. Admito que estou ansiosa pelo aniversário do Makoto. Conversarei com Keiko sobre o mais rápido possível.

Agora eu dormirei.

Boa noite!”

Fechei o caderno e pus no criado-mudo.

Kazuko me abraçou, mas de um jeito que... Bem... “Quer brincar um pouquinho?”

E foi o que fizemos.

Capítulo 14

Preparativos

Um caso grande me ocupou muito nesta última semana. As únicas horas que tive para ler foram em casa antes de dormir. Estava acompanhando, na minha leitura, as vésperas do meu 22º aniversário. Os preparativos da minha festa estavam nas mãos de Keiko e Kazuko. E ambas, muito animadas.

E como no resto da semana, lendo num dos momentos em que se espera o sono chegar. Abri o diário!

*“Querido diário,
desculpe-me não ter escrito ontem. É que realmente os preparativos para o aniversário do Makoto estão tomando muito o meu tempo. Afinal, somos apenas eu e a Keiko cuidando de tudo. Makoto apenas opina no que quer.*

Ontem, nós saímos para comprar as coisas para decorar a casa e preparar o cardápio. A casa ficaria decorada com velas e flores artificiais, espalhadas por toda a sala. Aproveitamos e também compramos o presente do Makoto. Na verdade, a Keiko pagou por eles e me deu um para presenteá-lo. Era uma camisa preta e uma gravata branca, ambas que ele não tem.

O cardápio será bem simples: apenas algumas bebidas e sanduíches. A festa será bem simples também e apenas para os mais próximos.

Voltei ao apartamento exausta, afinal, andei bastante e carreguei peso. Por conta disso, Makoto deixou-me ficar no meu quarto. E o meu cansaço foi o motivo por não ter escrito. Apenas tomei um banho e logo dormi.

Acordei com a luz do Sol batendo no meu rosto. Levantei, fui ao banheiro, – e fiz as coisas que costumo fazer, só não troquei de roupa – coloquei o roupão e fui tomar café.

– Bom dia, Makoto!

– Bom dia, Kazuko. Dormiu bem?

– Sim. Uma pena que o Sol me acordou.

Makoto riu.

Sentei-me a mesa e notei que meu dono trajava pijamas, então,

indaguei:

– Não vai trabalhar hoje?

– Meu chefe deu-me a “folga de aniversário”. Como o meu é amanhã e será final de semana, ele jogou para a sexta-feira.

– Entendi. Vai ajudar eu e Keiko hoje?

– Claro. Mas primeiro vou fazer umas coisas na rua... E você vai comigo.

– Como assim?

– Surpresa.

Fiz uma cara de emburrada, eu odeio esses segredinhos. É porque eu sou uma pessoa muito curiosa e odeio ficar nessa expectativa. Mas o que eu poderia fazer? Somente esperar!

Terminei de comer, troquei de roupa. Eu e Makoto saímos. Ele dirigiu até o centro comercial da cidade. E eu me perguntava o que faríamos ali. Estacionou o carro em frente a uma loja chique e de nome muito difícil, cujo nome jamais conseguiria pronunciar.

Entramos e a vendedora nos recebeu. Makoto pediu auxílio para escolher algo para usar na festa.

– Você entende mais disso do que eu.

Peguei uma calça jeans clara, uma camisa polo azul-marinho e um tênis tipo esportivo. Falei para Makoto experimentar. Ele me olhou receoso, não sabia como ficaria. Foi ao provador e eu me sentei ali perto e aguardei.

Logo ele saiu e com um enorme sorriso estampado, desfilou para mim. Tinha ficado muito bem.

– Você gostou? – perguntou

– Sim! – respondi rindo – Parece que eu acertei.

– Sem dúvida!

Olhou-se um pouco no espelho que havia ali perto, depois voltou e trocou de roupa. Pediu para a vendedora separar tudo que ele levaria. Chamou-me em seguida:

– Kazuko, vamos para a ala feminina.

– Fazer o quê lá?

– Escolher uma roupa para você!

– Ah?

– Vou usar roupa nova na festa e você também.”

Mulheres entendem mais de moda do que nós homens. Kazuko não é

exceção!

E por que eu fui comparar roupas para usar no meu aniversário?

Primeiro, porque eu quis. Segundo, até hoje eu não tenho muitas roupas além dos meus ternos, que uso para trabalhar. E não faz mal comprar algo novo de vez em quando.

“Não pude evitar uma careta, meio desacreditada.

Depressa fui para lá, na frente de Makoto. Na área dos vestidos. Era muita coisa para escolher e nem sabia por onde começar.

Passeando por entre as araras de roupas, peguei um modelo de cada cor que eu gostasse. Nos pretos havia uma mulher, de meia idade, que me olhou torto. Ela viu a quantidade de vestidos que carregava.

– Vai levar tudo isso?

Fiquei meio: Não acredito que ela está falando comigo. Tive que responder:

– Vou experimentá-los.

– E levar os mais baratos ou nenhum. Não sei o que vocês pobres vêm fazer deste lado.

Eu não aguentei e tive que dar um corte nela.

– Olha, não te interessa o que eu farei com todos estes vestidos. Se eu levarei ou não. E não me julgue apenas pela minha aparência. Largue esse seu preconceito e minha vida para lá. – peguei o que queria – Com licença!

Dirigi-me ao provador e experimentei um por um. O que ficou melhor mesmo foi o preto, ele tinha uns detalhes brancos. Só faltavam os sapatos. Sai em busca deles. Encontrei Makoto sentado ali na frente.

– Gostei deste! – falou rindo

– Só preciso de um sapato para combinar. Não tenho nenhum!

Ele se levantou, parecia que viu alguma coisa. Trouxe um par de botas curtas e pretas, de salto.

– Que tal esse?

Calcei e me olhei no espelho. As botas eram lindas e encaixaram perfeitamente com meus pés e o vestido. Eu gostei e Makoto também!

Vesti a roupa que estava antes e fomos pagar por tudo. Aquela mulher ainda estava lá e Makoto a conhecia. Cumprimentou-a e me apresentou a ela. Nós duas fingimos que nada de antes acontecera. A tal é esposa do chefe de Makoto.

Que mundo pequeno!”

Eu nem sabia que isso tinha acontecido. Essa é uma atitude típica dela, a mulher do meu chefe. Ela sempre foi assim preconceituosa. Até hoje!

Ela tem bastante sorte por ser rica, se fosse como minha esposa era antes, alguém dava um jeito dela calar a boca.

“E descobri o nome dela: Yoko.

Sem dúvida vê-la-ei novamente no aniversário de Makoto.

Então voltamos para casa e eu estava muito feliz por ter comprado a roupa e finalmente poder ajudar a Keiko.

Eu, ela e Makoto passamos o dia arrumando a casa e preparando a comida e as louças. Amanhã vamos decorar tudo.

Agora, depois de mais um dia exaustivo, eu vou dormir. Amanhã tenho uma festa e estou ansiosa por ela. Faz tempo que não vou a uma.”

Dei um bocejo. O sono chegara.

E eu tenho ainda mais daquele julgamento no dia seguinte e estava rezando para a sentença sair logo e poder relaxar.

Larguei o diário na mesa de cabeceira. Apaguei o abajur. Kazuko dormia e Takumi também. Ajeitei-me, dei um beijo na testa da minha esposa, abracei-a e dormi.

Capítulo 15

Festa de Makoto

O julgamento no dia seguinte demorou a acabar. Iniciou-se a sessão às 9h da manhã e a sentença saiu pouco após o recesso do almoço. Foi bem difícil, mas consegui ganhar a causa. Era uma partilha de bens entre os entes de um falecido.

Eu me senti liberto quando aquilo acabou. Poderia voltar para casa mais cedo e dar atenção a Kazuko e Takumi, o que não fazia tinha dias.

Peguei o carro e fui para casa. Porém, quando entrei, estava tudo muito quieto. Kazuko e Keiko devem ter saído e sei lá para quê.

Tomei um banho e aproveitei para continuar minha leitura deitado na cama. Abri o caderno e fui me recordar do meu 22º aniversário.

“Olá diário,

hoje – pelo menos até agora – o dia foi bem tranquilo... Entre aspas né? Arrumar festa definitivamente não é uma coisa calma. Afinal, tem que estar tudo impecável.

Mas... Vamos por partes...

A primeira coisa fiz quando vi Makoto foi abraçá-lo e lhe desejar “Parabéns!”.

Keiko deu o seu presente para ele logo de manhã. Era a camisa preta. Sendo assim, a gravata estava comigo. Ele até perguntou se iria dar-lhe um presente, falei que mais tarde.

O dia foi regado a bastante agitação. Tudo ficou pronto bem cedo, no meio da tarde. Nós três ficamos na sala conversando e rindo. As horas passaram e fomos nos arrumar. Já estou com a minha roupa. Eu só tenho que arrumar o cabelo. Farei uma trança mesmo.

Eu nem sei quem Makoto convidou. Deve ter chamado o pai e as suas madrastas. Só espero que a Yoko não. Por favor, ela não!

Agora tenho que ir!”

Acabei este “capítulo” e a porta abriu. Era Kazuko!

– Já em casa, amor?

– Acabou mais cedo. Ainda bem, eu não aguentava mais.
– Ai, que coisa boa! Vou fazer um jantar bem gostoso para nós hoje então.
– Ué, e a Keiko? Foi para casa?
– Sim! Dei o resto de dia de folga a ela. Só me ajudou a trazer as compras e já foi.
– Entendi. E o jantar? O que vai ser?
– É surpresa! – Ela me deu um beijo – Pode continuar a ler.
Então, prossegui para o próximo trecho.

*“Diário,
sei que voltei rápido, até demais. Mas é que preciso desabafar!
Só para constar, ainda está acontecendo a festa do Makoto lá fora.
Saí assim que acabei de escrever. Keiko e sua família já estavam presentes. Não demorou muito e o pai dele, as madrastas e Kyosuke chegaram.*

E cada vez mais pessoas adentravam ao apartamento de Makoto. Ele me apresentava a todas elas. Colegas de trabalho, amigos de infância, de colégio, de faculdade. Então, apareceu... O chefe de Makoto chegou com a esposa: Yoko. Ela me olhou com uma cara de ódio. Pressenti que aconteceria alguma coisa e não estava errada.

Eu estava ajudando a Keiko a servir os convidados e era perceptível que Yoko estava abusando de mim. Toda hora me chamava pedindo alguma coisa. Ela queria me irritar, mas se tem uma coisa que a minha mãe me ensinou foi a ter educação. Por mais filha da puta que a pessoa seja e que você a odeie.

Yoko notou que não funcionava tão fácil assim e resolveu piorar sua atitude.

Levei o suco para ela, de propósito ela derrubou a bandeja. O copo caiu no chão e quebrou. O chão ficou sujo de suco. Todos tomaram um susto com o barulho.

*– Sua desajeitada! Molhou o meu sapato novo.
– Desculpe. Já vou secar e lhe trazer outro.”*

Eu me lembro bem do que aconteceu nesse dia. Yoko estava tentando irritar Kazuko e logo ela conseguiria. E não seria uma coisa muito agradável de assistir.

“Keiko me ajudou a limpar a bagunça. Voltei à cozinha para pegar o suco.

No caminho de volta, ao olhar na direção dela, a ouvi falando com a amiga. E eu sei sobre o que falava: sobre mim, contava a história do dia anterior. E pela proximidade pude escutar nitidamente:

– Mas veja como são as coisas, hoje ela está aqui, me servindo. Fazendo como todos os pobres fazem em relação aos ricos. Não há vingança mais doce do que a própria realidade.

Yoko não me percebera aproximando-me dela. Um turbilhão de coisas passaram pela minha cabeça, mas palavras não bastariam. Eu tomei uma atitude!

Peguei o copo de suco que carregava e virei-o naquele cabelo totalmente produzido pelo laque. Ela deu um berro de raiva, que despertou a atenção de todos, e então, finalmente desengasguei:

– Olha só, eu não estou aqui para te servir. Você não me comprou, foi outra pessoa. Infelizmente, é a ela que devo servir e não você, querida.

No momento em que me virei, Makoto me agarrou forte pelo braço e me arrastou para o meu quarto.

Sem contar os comentários que ouvi dos outros convidados: “Nossa, que horror!”, “Essa garota tem que saber o lugar dela!”.

Ao chegarmos na porta, Makoto me indagou, muito irritado:

– Por que você fez aquilo?!

– Porque ela me desrespeitou e me irritou.

– Ela é mulher do meu chefe! Sua atitude pode me trazer sérios problemas!

– Mas é que... – gaguejei

– “Mas é que” porra nenhuma! Kazuko, você tem que aprender qual é o seu lugar! – ele vociferou”

Por que eu fiz isso? Briguei com Kazuko desse jeito?

Primeiro porque eu realmente não gostei da atitude dela. Apesar da Yoko merecer!

Segundo foram os olhares de todos para mim quando aconteceu. Algo como: Faça alguma coisa!

E deu no que Kazuko contou no diário. E isso praticamente destruiu o meu aniversário.

Pedi auxílio a Keiko quanto a Yoko. Desculpei-me com o meu chefe,

com a maior vergonha do mundo. Ele me disse:

– Tudo bem, Makoto. Só tem que aprender a controlar essa fera para não ocorrer outra vez.

E o meu pai?

– Ela tem um gênio forte, filho. Precisa ensiná-la, senão pode acontecer coisa pior.

A festa teve pouco mais de uma hora depois disso. Dispensei todos, tomei um banho e fui dormir.

Agora voltando ao diário...

“Ele abruptamente abriu a porta e me atirou no quarto. Eu já chorava a esta altura.

– Castigo por tempo indeterminado. – e bateu a porta

Eu estou chorando até agora, mesmo escrevendo isso. Fiquei assustada com o jeito do Makoto e com medo do que pode me acontecer.

Só me resta fazer duas coisas: Chorar e esperar a poeira abaixar.”

Pude ouvir a voz de Kazuko me chamando, deixei o diário de lado e corri até a cozinha. Senti um cheiro bom de carne.

– Oba! Carne assada.

– É! – Ela falou sorrindo – E o que estava lendo no diário?

– Sobre a minha festa de 22 anos.

– Eu não sei o que tinha na cabeça quando fiz aquilo.

– Você ficou com raiva, Kazuko, é compreensível.

– Do mesmo jeito da raiva que teve de mim.

– Pois é! Mas, vamos esquecer isso. Já passou!

Dei um beijo nela e fiquei na sala brincando com Takumi até o jantar estar pronto.

Capítulo 16

Reconciliação

Após o jantar, eu, Kazuko e Takumi fomos para o quarto. Ela o colocou para dormir e foi tomar um banho. Óbvio que era para ficar perfumada para mim.

Enquanto espero, por que não ler mais um pouco? Lá fui eu para a anotação seguinte.

*“Querido diário,
ontem eu notei que a festa acabou logo. Acho que chateei mesmo o Makoto.*

Como hoje é domingo, Keiko não está aqui e Makoto sequer falou comigo, nem o vi. Minha barriga está roncando, estou com muita fome! Só não estou pior porque bebi água da pia, que é bem limpa por sinal.

Eu sonhei que morria trancada aqui e me tiravam apenas quando começou a dar cheiro. Acordei assustada e suando!

Chorei o dia todo e também não fiz nada de útil.

Estou com medo do que pode me acontecer. “Tempo indeterminado” não sai da minha cabeça.

Espero que a Keiko me ajude amanhã.”

Eu estava mesmo chateado com ela e nem queria olhar para a sua cara. Sei que é algo bem extremo, mas espero que entendam. Ela me fez passar vergonha na frente de todo mundo que me conhecia. Admito que ela estragou aquele aniversário, isso também fazia parte da minha raiva.

A porta do banheiro se abriu e minha esposa se jogou na cama e bem... Acho que já sabem.

No dia seguinte levei o diário para o trabalho, contudo nem tive tempo para ler. Somente em casa mesmo que parei no sofá e finalmente o abri.

Eram anotações da “prisão de Kazuko”. Keiko a alimentou, apesar das minhas ordens. Ah, o bom senso!

Passaram-se uns três dias assim no diário, com a mesma situação.

Foi Keiko que, cansada de ver tudo isso, resolveu tomar uma atitude.

*“Diário,
esqueci de lhe contar. Coloquei algo em sua capa, escrevi: O diário da escrava. É isso o que eu sou né? Com finalidade de servir aos ricos.*

É o quinto dia do meu cárcere e graças a Keiko eu não morrerei de fome. Ela me traz todas as refeições, inclusive o jantar, só que um pouco mais cedo.

E hoje, durante o almoço, ela conversou comigo:

– Não era para eu fazer isso. Makoto me deu ordens explícitas.

– E por que fez, Keiko?

– Ora, não poderia te deixar morrer de fome. Eu me preocupo com você.

– Eu agradeço. Não sei o que seria de mim sem você.

– Você precisa, Kazuko, é se resolver com o Makoto. Ele ficou triste por sua causa e nem aproveitou o resto do aniversário dele. – ela passou a mão no meu cabelo – Eu sei que o que fez não foi para feri-lo diretamente, mas tem que pedir desculpas a ele.

– Como farei isso?

– Como eu entro aqui? – fez careta – Eu abro para você. E não se preocupe, ele vai te ouvir.”

Eu sabia que a Keiko estava desobedecendo-me, porém o meu bom senso deixou para lá por causa da Kazuko mesmo. Isto é bem do feitio da Keiko, o seu lado mais humano. E sinceramente, é uma das coisas que mais admiro nela.

“– E o que eu falo para ele?

– Ah, isso só você pode saber. Terá um tempo para pensar nisso.

Ela recolheu a mesa – sim, tem uma no meu quarto. Antes de sair, falou:

– Não se esqueça de dar o presente de aniversário dele.

Passei o resto da tarde pensando sobre e como falar com ele.

Eu não montei nenhum discurso pronto, só arrumei as ideias na minha própria mente.

Já ouvi a voz do Makoto, ele já chegou. Logo a Keiko deve me chamar.

Deseje-me sorte, diário.”

Minha leitura foi interrompida pelo jantar. E sempre naquele clima

agradável.

Logo Keiko foi para casa e Kazuko, eu e Takumi estávamos na sala. Kazuko via televisão e eu fui continuar a leitura da anotação seguinte.

“Querido diário,

É de manhã agora e estou me sentindo bem. Eu fiz as pazes com o Makoto, porém foi uma situação bem complicada. Contarei!

Não tardou muito e Keiko me chamou. Peguei o presente e fui a caminho da sala, tomando o máximo de coragem que podia.

Keiko me acompanhara até lá, desejou-me boa sorte e voltou às suas tarefas.

– Makoto! – falei

Ele se virou, fez uma careta e reclamou:

– Ah... Keiko! – exclamou, mas ela simplesmente ignorou-o

Aproximei-me dele e me ajoelhei a sua frente no sofá.

– Eu preciso falar com você, Makoto.

– E o que quer?! – indagou impaciente

– Quero te pedir desculpas.- disse cabisbaixa, não conseguia olhar para ele – Eu estraguei o seu aniversário e te fiz passar vergonha diante de conhecidos.

Nesse momento, as lágrimas já escorriam de meus olhos e fora de controle. Prossegui:

– Eu sou uma idiota e a pior pessoa do mundo. Me desculpa!”

Lembro-me dessa voz chorosa dela. Realmente havia arrependimento e também medo. Ela não queria mais ficar trancafiada no quarto.

“Eu mantive a cabeça baixa o tempo todo, por vergonha.

Makoto pegou meu queixo e levantou meu rosto. Olho fundo na minha faceta triste. Então, perguntou:

– Você tem ideia do problema que me causou?

Eu assenti.

– Por sorte, o meu chefe levou numa boa, porque ele sabe que sou um bom funcionário! Se não fosse, já estaria demitido e por sua causa, até com a reputação manchada!

Mais lágrimas caíram. Eu forcei minha cabeça para baixo.

– Kazuko, olha para mim. – ele chamou, num tom mais calmo

– Perdoe-me, Makoto. – foi só o que consegui falar – Eu sei que o que fiz foi errado e faço qualquer coisa para compensar meu erro.

Ele manteve-se calado. Então, recordei-me do presente embrulhando em minha mão.

– Ah, isso é pelo seu aniversário. – estiquei o pacote na direção dele – Parabéns... atrasado!

Ele pegou e abriu. Ele sorriu quando viu a gravata entendeu o motivo da blusa preta.

– Obrigado mesmo, Kazuko. – comentou, fazendo gesto para me abraçar

Ele me deu um abraço tão apertado que por pouco não fico sem ar.”

A minha raiva já tinha passado. Foi bem mesmo pela hora que aconteceu. Com certeza, no lugar dela, teria feito algo parecido.

Não dá para manter este rancor por muito tempo quanto a pessoa que minha esposa é.

E os meus abraços apertados? Os faço até hoje e ela reclama também.

“Eu entendi este abraço como desculpas aceitas de Makoto. E era isso mesmo!

Depois disso tudo voltou ao normal. Ele me disse para ir ao quarto com ele, após o jantar. Acabamos fazendo. Duas vezes. Uma comigo no comando e a outra com ele.

Antes de dormirmos, prometi a ele:

– Makoto, eu prometo nunca mais fazer esse tipo de coisa e te causar problemas.

Makoto sorriu e comentou:

– Tudo bem. Mas no caso da Yoko, ela mereceu.

Rimos e adormecemos em seguida.

Durante estes dias trancada no quarto, fiquei sem tomar o meu remédio. Voltei a tomar hoje. Espero que nada me aconteça.

Até diário!”

Terminei de ler e soltei um bocejo. Fora um dia cansativo e só queria a cama.

– Caramba, amor, que sono é esse? – falou Kazuko rindo – E o que lia no diário?

– Quando você me pediu desculpas por ter me chateado no meu aniversário.

– Isso. Não sei realmente o que tinha na cabeça quando fiz aquilo.

– São coisas de momento, Kazuko. Somos levados pelo instinto e um forte sentimento e acabamos agindo sem pensar.

Ela desligou a TV e fomos para o quarto.

Tomamos banho juntos – com a porta aberta, caso Takumi chorasse – e depois nos rendemos aos braços de Morféu. Afinal, eu estava cansado e tinha muito trabalho a fazer no dia seguinte.

Capítulo 17

Acidente de percurso

Tive o resto da semana bem conturbada no trabalho, o que é absolutamente normal.

Apesar de todos os afazeres, arrumei um tempo para continuar lendo o diário, pelo menos umas cinco anotações por dia. Não pude evitar a alegria quando a sexta-feira chegou. Decidi que depois do jantar iria ler. Estou chegando num momento em que realmente não fazia ideia de como minha esposa se sentia. Passaram-se quase um mês – no tempo do diário – e parecia que Kazuko adoecera.

Sentei-me no sofá da sala e abri o diário.

*“Olá diário,
aconteceu uma coisa comigo hoje de manhã.*

Dormi no quarto de Makoto, você sabe o porquê. Eu acordei um pouco enjoada e corri para vomitar. Ele acordou por causa do barulho e perguntou:

— Kazuko, tá tudo bem?

— Sim, Makoto.

Logo me recuperei e fui tomar café como sempre faço. Não haveria nada de anormal se aquele enjoo não estivesse tirando a minha fome. Dessa vez foi Keiko, que estranhando, indagou:

— Você quase não comeu. Tem algo errado?

— Devo ter comido algo que me fez mal.

— Ela vomitou lá no quarto – soltou Makoto.

— Então é sério! Vou fazer um chá para você agora mesmo.

Keiko fê-lo rapidamente e me deu. Não sou a maior fã de chá, tomei meio que na marra e fazendo caretas pelo gosto amargo.

Logo Makoto saiu, e eu fiquei na sala, ainda um pouco enjoada. Por sorte, o enjoo foi embora pouco depois. Foi após o almoço que ocorreu uma coisa estranha. Fiquei com um sono e acabei cochilando no sofá mesmo. Keiko que me acordou, um pouco surpresa e em seguida dizendo que Makoto

estava retornando.

Sem dúvida, ela vai contar-lhe que eu dormi hoje.

Preciso ir, diário. Vou tomar um banho!”

Ao terminar essa leitura, Kazuko apareceu para me dar um beijo de boas-vindas. Sentou-se do meu lado.

— Você não larga esse diário, né, Makoto?

— Deixa de ser chata! Você que deu mole e eu o encontrei.

E eu comecei a fazer cócegas nela! Kazuko se debatia e ria. Gosto disso, até porque adoro a risada dela.

Depois de muitos pedidos insistentes para que eu parasse, finalmente parei com a tortura.

— Posso ler agora? Vai se incomodar?

— Pode, amor, eu não vou. – respondeu rindo

Então, ela ligou a TV e procurou algo para ver.

Li mais umas três anotações, equivalendo cada uma a um dia. E continuaram acontecendo as mesmas coisas com ela: Passando mal de manhã e dormindo mais que o normal. Considerando que ela não tinha o hábito de dormir fora de horário, era algo estranho.

Keiko me contara estes episódios naquela semana.

Cheguei ao trecho em que perdia a paciência e ia levá-la ao médico. A médica, melhor dizendo.

*“Bom dia diário,
passei mal hoje outra vez. É o quinto dia seguido. Realmente tem algo muito errado comigo.*

Acordei Makoto com os sons do meu vômito de novo. Ele falou irritado e sonolento:

— Kazuko, você ainda não melhorou disso?!

— Deve ser algo que eu comi.

— Por cinco dias?!

Eu ia retrucar, mas tive que “pôr para fora” novamente.

Ouvi-o se arrastar até a porta do banheiro e comentou:

— Acho que isso é outra coisa. A Keiko tem me contado que continua enjoada, vomitando, sonolenta.

— O que quer dizer com isso?

Só que o filho da puta mandou outra pergunta.

— Sua menstruação? Tá atrasada?

Fiz um cálculo mental rápido e respondi:

— É para vir essa semana.

— A semana termina praticamente amanhã – ele parecia pensativo. – E você já está assim. Quer saber, vamos na Dra. Saho hoje!

— Por quê?

— Acho que é óbvio, Kazuko.

— Eu, grávida? Nem pensar! Eu tomei... Todos os meus remédios.

Comecei esta fala confiante e certa, porém lembrei dos dias em que fiquei presa no meu quarto e não tomei as pílulas. Minha voz falhara e olhei para ele. A troca de olhares falou por si só!

— Lave o rosto e vamos comer!

O enjoo não me permitiu colocar muita coisa para dentro. Makoto carregava uma expressão preocupada. Antes dele ir embora, pude escutar parte de sua conversa com Keiko na cozinha. Dizia que me levaria na ginecologista mais tarde por conta das suspeitas. Quando ligasse, eu deveria me arrumar para assim que chegasse, podermos ir logo.

Saiu da cozinha e repetiu o monólogo para mim. Apenas assenti.

Eu não sei o que pensar quanto a isso. E se eu estiver mesmo grávida? Será que ele vai me punir? O que será do meu bebê?

Só posso pedir que me deseje sorte!”

Os medos de Kazuko são bem compreensíveis. Eu fui sempre bem claro que não queria filhos.

Existem histórias de escravas que engravidaram e foram punidas. Essas punições vão desde um simples castigo, como ficar dias sem comer. Até algo mais severo como, literalmente, tomar um surra ou uma punição sexual.

Passei aquele dia inteiro com aquilo martelando na minha cabeça. Não sabia o que faria se a resposta à minha pergunta fosse um sim. Liguei para o consultório da Rin e marquei o último horário de encaixe. Continuei trabalhando depois.

Segui diretamente para a anotação seguinte, que era, obviamente, depois que voltamos.

“Querido diário,

eu e Makoto acabamos de voltar da Rin. Eu ainda não estou acreditando no que ouvi, descobri o que aconteceu.

Keiko adiantou o jantar, provavelmente, deve ter saído pouco depois que eu e Makoto.

Nós estávamos em um silêncio mortal e agonizante. Um medo absurdo possuía meu corpo. Não fazia ideia do que seria feito de mim, dependendo do que descobríssemos.

Chegamos ao consultório, que vazio se encontrava. Ele fez os procedimentos e ficamos a espera. Havia só uma outra mulher, que já estava lá, também parecendo que ia explodir por conta da enorme barriga de final de gestação. Ela foi antes de mim. Após a sua saída, Rin me chamou.

— Senhorita Kazuko e Senhor Makoto, bem-vindos! – deu uma olhada para nós – O que os traz aqui? Afinal, vieram de encaixe.

— Desde o início da semana Kazuko está com enjoos e vômitos. Ela também me disse que houve dias em que não tomou o remédio... – se pronunciou Makoto.

— E as “regras” atrasadas? – Rin interrompeu.

Respondi fazendo “sim” com a cabeça.

— Ok! Kazuko, vista o avental e vamos para a outra sala. E você, Makoto, pode entrar também.

Fiz conforme ela mandou. Na outra sala, ela me fez deitar na cama e realizou os mesmos passos de um exame comum.

— Seus seios realmente estão bastante inchados. Não estão doendo?

— Parecem do mesmo jeito quando a menstruação está para vir.

— Entendi!

Makoto estava do outro lado da cortina, que separava do resto da sala até aquele momento. Rin pediu para que eu me levantasse e fosse ao outro lado, onde ficava a máquina de ultrassom. Mas, ela pegou uma espécie de tubo, comprido porém não tão grosso assim. Assustada, questionei:

— Para que isso?

— Este aqui é interno. Se eu fizer o exame externamente, não verei nada. Abra as pernas.

Ele já estava do meu lado, tão apreensivo e com medo quanto eu.

Rin passou um pouco de gel na ponta daquela coisa e a colocou na minha vagina. O gelado me fez ter um leve calafrio. Ela mexeu e mexeu. Eu e Makoto não víamos nada, já que a tela estava virada contra nós. Então Rin virou a tela e falou:

— Parabéns, Kazuko. Você está grávida.

Tudo era colorido naquela imagem. Pude ver um pequeno aglomerado

que Rin indicou ser o bebê. Não tinha nem um mês ainda.

Nem eu e nem Makoto tecemos sequer um comentário. Abaixei a cabeça e senti uma lágrima cair. Ela logo notou o clima pesado e disse:

— Bem, vou deixá-los a sós. Com licença.

Ele se virou de costas para mim, apoiado na cama. Ouvi-o suspirar. E eu continuava chorando. O destino deste bebê estava nas mãos dele.”

A notícia foi um grande choque. Pelo decorrer de tudo dos dias anteriores, era mesmo essa a resposta. Só que nunca estamos preparados para ouvir algo assim de repente. Em um segundo, eu tinha uma vida em minhas mãos e deveria decidir o que fazer com ela.

Quando uma escrava engravida, o bebê que ela carrega pertence ao dono, da mesma forma que ela própria, e escolhe o que acontecerá com ele ou não. Há três opções: abortar; levar a gravidez até o final e dar a criança para adoção; ficar com a criança, como um filho. Bem, em certos casos, não deixa de ser.

Não podia olhar para Kazuko naquela hora, ela influenciaria minha decisão.

Muita coisa passou em minha cabeça no curto período de tempo. Arrumei os pensamentos e cheguei a uma conclusão.

“Ficamos alguns minutos em silêncio. Eu segurava meu choro para não emitir som algum.

Makoto se virou para mim. Já pressenti algum tipo de bronca, contudo o seu tom de voz e o segurar na minha mão desmentiram isso.

— Kazuko, tá tudo bem. Não vou brigar com você, mas também não tirarei sua culpa. O que aconteceu é culpa nossa devido às circunstâncias. Agora temos que encarar as consequências.

— O que decidiu? – Rin voltou, indagando meu dono diretamente

— Vou ficar com a criança.

Mais nada falou. Rin pediu para vestir as minhas roupas e disse que eu deveria ir ao consultório de duas em duas semanas para o pré-natal ocorrer corretamente.

Voltamos para casa, e eu quis ficar sozinha.

Não sei o que pensar, sobre o que houve e ainda mais sobre a decisão do Makoto. Também não consigo parar de chorar. Não quero nem imaginar o tanto que tudo vai mudar com esse bebê a caminho.”

Que vida não mudaria com outra pessoa chegando?

Ela já tinha problemas comigo, pela visão dela, sem filhos. Com um pioraria tudo.

Fiquei cansado de ler e resolvi fazer companhia a Kazuko. Antes, só estava do lado dela, porque estava distraído na leitura. Jantamos e depois fomos dormir, sem esquecer de umas coisinhas.

Capítulo 18

Mudança de regras

Acabei dormindo um pouco demais. Foi Kazuko quem me acordou. Ela já tinha preparado a comida e me esperava até aquele momento. Parecia um zumbi caminhando para lavar o rosto. Joguei água gelada e foi então que eu realmente despertei. Dirigi-me a sala de jantar e comi junto a minha esposa. Ajudei-a recolhendo e arrumando tudo quando acabamos. E por ser um final de semana, e eu ter terminado todo o meu trabalho, fui ficar de boqueira no sofá com Kazuko e Takumi.

Peguei um filme antigo para assistir. Divertimo-nos bastante!

Em seguida, fui ao quarto e peguei o diário, voltei à sala. Como sempre, Kazuko não reclamou. Observei que meu filho adormecera. Abri o diário e continuei de onde parara.

“Querido diário,

hoje é segunda. Makoto não me deixou em paz o fim de semana inteiro. Só posso dizer que ele está muito chato com a minha gravidez. Eu não posso fazer mais nada. Ele acha que eu não posso fazer nenhum esforço. Eu não estou doente, só estou grávida. Não quer dizer que eu tenha que ficar nove meses numa cama, apenas vendo a barriga crescer e esperando a hora do parto. Que pensamento medieval! Isso está me irritando!

Levantei no sábado, no meu quarto, e fui vomitar. Makoto, pelo visto, ouviu o som e correu ao meu socorro. Quando acabou a crise, ele indagou:

– Tá melhor?

– Um pouco! Eu queria comer alguma coisa, mas não sei se vou conseguir.

– Eu faço algo para você.

Conseguí, com muito esforço, comer algumas frutas e beber um copo de leite. Depois peguei o livro que estou lendo na biblioteca e retornei para meu quarto. Li uns três capítulos e olhei para o relógio, percebi que era hora de preparar o almoço. Levantei e fui à cozinha. Chegando lá, me surpreendi. Makoto cozinhava e estava com o pano no ombro e tudo mais. Tive de

perguntar:

- Que tá fazendo, Makoto?*
- O almoço, não vê?*
- Achei que essa fosse a minha função.*
- Com sua atual condição, nem pensar.*

Acabei fazendo uma careta querendo dizer “Mas que merda é essa?”.

Ele prosseguiu, então:

- Já tô quase acabando, me espere na sala. Afinal temos coisas a falar.*
- Sobre o quê?*
- A sua gravidez!*
- Ah, sim. Tudo bem!*

Fui para a sala e fiquei vendo qualquer coisa. Nem prestava muita atenção. Meu humor estava péssimo! Passados alguns minutos, Makoto sentou-se ao meu lado. Pelo jeito já notei que queria conversar. Desliguei a televisão e ele começou:

- Kazuko, a sua atual condição implica em novas regras.*
- Quais são?*

– Deve dormir, todos os dias, no meu quarto, independente se fizermos algo ou não; Não deve fazer esforço e nenhum serviço doméstico; Vai fazer uma dieta, comendo apenas o que for prescrito; Não deve ficar muito tempo sozinha, pode te acontecer algo e não ter como pedir socorro.

- Entendi, Makoto.*
- Ok! Venha, vamos comer.*

Ele não citara nenhuma regra quanto as nossas transas. Eu não posso lavar um copo, mas ficar pulando em cima dele está tudo ótimo.

Para alguns, essas regras podem não ser nada demais. Só que considerando todas as circunstâncias, eu estou mais escravizada ainda. Já tinha pouca liberdade e perdi apenas este pouco.”

Realmente fui meio radical com as regras, porém foi por cautela. Não queria que ela abortasse por conta de esforço. Sabia bem que Kazuko ajudava Keiko nas tarefas, e bastante até. Pelo tamanho da casa, era algo desgastante. Cortei completamente, mas sabendo que ela ia contrariar e pegar numa vassoura, pelo menos.

Em relação ao que interessa: não ficaria por nove meses na seca. Deixaria-a mais passiva nessa época, fazendo só para me “descarregar”.

“Agora entende por que estou tão irritada?”

Eu carrego o filho de uma pessoa que não conheço muito bem. Ela é minha dona e me aprisionou uns meses atrás ao me tornar sua escrava. Agora, com o bebê, estou mais presa ainda. Por ele e a ele!

Nos últimos meses, meu corpo não pertencia mais a mim. Minha liberdade não me pertencia.

Se antes não tinha importância alguma, agora menos ainda. Tudo o que eu fizer ou deixar de fazer será por conta desta ervilha dentro de mim. Chega a ser engraçado! Essa coisinha é bem mais importante do que eu. Não a culpo, mas as coisas não estariam assim se o resultado fosse negativo.”

Não fazia ideia que ela rejeitava a criança nesse início. Deve ter sido assim, pois foi tão de repente. Decidi questioná-la:

– Kazuko, eu li aqui uma coisa... Você não gostava *daquele* bebê no início?

Ela entendeu perfeitamente o que queria dizer e respondeu:

– Ele tomou o pouco de mim que eu tinha, no caso, quando você saía de casa. Mesmo com você fora, o bebê estava ali para me lembrar que eu não era dona de mim, nem um pouco mais. Minha vida girava em torno de você e não gostava disso.

Kazuko permitiu que uma lágrima caísse.

– Desculpe, Makoto! – falou chorosa – Não queria que soubesse disso. Eu não odiava nosso filho.

Nada comentei. Apenas abracei-a e fiquei ali, junto dela, até se acalmar. Com ela ainda pendurada no meu pescoço, prossegui a leitura.

“Nada demais aconteceu naquele dia. Apenas dormi no quarto de Makoto pela primeira vez.

No dia seguinte, acordei passando mal outra vez. Eu já estou me acostumando com isso. Makoto acordou, meio irritado e gritou:

– Isso não acaba nunca?! Quando que você vai melhorar destes enjoos? Levantei e parei em frente à porta do banheiro. Respondi em igual tom:

– Se você, que só escuta, já tá puto! Imagine eu que estou me sentindo assim todo manhã e o dia inteiro?!

– Não fale desse jeito comigo. – falou vindo em minha direção e agarrando o meu braço

– Desculpe, Makoto. É que... Você falou com irritação e seu tom me

deixou assim também. De certa forma, não é minha culpa. Não posso controlar.

– Eu é que peço desculpas, Kazuko. – ele suspirou e colocou a mão no próprio rosto – É chato ser acordado por esse barulho. – Abraçou-me – O que se pode fazer é esperar, né?

– Até o meu corpo acostumar.

Empurrei Makoto na sequência. Eu tive que “botar para fora” de novo. E uma coisa estranha, muito estranha, aconteceu. Notei que Makoto se abaixou ao meu lado e ficou acariciando as minhas costas. Foi a primeira sensação boa disso tudo.”

Nesse episódio, observei-a com um pouco de pena. Aquela adolescente – lembrando que ela tinha dezessete anos – que foi comprada por mim e já tinha passado por um bocado de coisas comigo, agora carregava um filho que não queria. Sofria por ter nascido pobre e sofria mais com essa nova situação.

Resolvi aplicar meu princípio: tratá-la bem. Dava para ver, no jeito que se comportava, que ela não estava satisfeita. Decidi tornar aquilo o melhor possível para ela. Inclusive, não fazer com ela. Não morreria por falta de sexo.

“O dia passou com Makoto sendo uma espécie de servo para mim. Pressentia que ele iria pedir alguma coisa. Contudo, ele apenas se deitou e virou. Eu me senti obrigada a abordá-lo:

– Makoto! – cutuquei-o

– Kazuko, vai dormir!

– Você não vai querer nada não?

– Não. Tô sem vontade!

– Agora quem quer sou eu!

Puxei-o, tirei a coberta e sua cueca. Comecei a fazer um oral nele e com muita vontade. Engolia tudo, lambia e chupava. Era ironia ouvir os pedidos contra de Makoto e os gemidos, a favor.

– Kazuko... Não! – e suspirava

Ele realmente não aparentava estar com vontade. E quando digo ele, me refiro ao pênis do Makoto. Bastou o meu estímulo e ele ficou preparado. Makoto desistiu de me contrariar. Ameaçou se levantar, mas eu pus a mão e o coloquei de volta.

Subi nele e me ajeitei até o que pênis estivesse totalmente em mim.

Comecei o movimento de sobe-desce, apoiando com as mãos no peito dele. Fazia um movimento lento que parecia excitá-lo. Nossas respirações ainda estavam lentas e sincronizadas, de certa forma. Aumentava gradativamente. Nossas respirações também. O momento de auge de Makoto se aproximava, sentia a pulsação. Ele colocou as mãos em meus seios, ficou apertando e acariciando, enquanto eu não parava. No fim, Makoto soltou um suspiro de alívio, e eu percebi algo quente me encher.

Fui para o lado vazio da cama e comentei:

– Viu? Um esforcinho não faz acontecer nada. Só não fazer na frequência de antes.

Makoto sorriu, me desejou boa noite e se virou novamente.

Hoje de manhã, acordei vomitando de novo. Makoto fez carinho nas minhas costas, só isso. Não reclamou e nem falou nada.

Ele também contou a Keiko que estou grávida. Ela ficou muito feliz e me abraçou e parabenizou Makoto.

Logo ele saiu para o trabalho. Fiquei aliviada. Prefiro ter a Keiko no meu pé, gosto mais da companhia dela.

Agora eu irei. Vou contrariar a regra de Makoto um pouco.

Acha mesmo que eu vou ficar sem fazer nada o dia inteirinho?”

Fechei o diário.

Kazuko, ainda pendurada em mim, me abraçou. Depois disso, nós namoramos um pouquinho.

Capítulo 19

Nascimento de Akira

Eu tive um dia de folga no trabalho. Não no sentido de ficar em casa, mas sim de ter pouco trabalho a fazer. O escritório estava razoavelmente vazio nesse dia. Como minha mesa é em um canto, resolvi pegar o diário para ler. Pois é, ando com ele para cima e para baixo, torcendo por uma brecha de tempo. Qualquer momento ocioso é a oportunidade perfeita para escapar em um capítulo. E a escapada de hoje estava se estendendo bastante. As anotações falavam basicamente as mesmas coisas: Kazuko com os sintomas intermináveis da gravidez e teimando em fazer esforço, de acordo com o que falei para não fazer.

Tinha outra grávida na família nessa época: Minori, minha madastra. Akira estava próximo de nascer.

E, num outro dia, semelhante a esse, recebi um telefonema do meu pai. Meu irmão iria nascer!

“Querido diário,

Acabei de voltar de uma tarde e parte de noite cansativas, se for considerar minha atual condição. Ninguém nunca me disse que carregar outro ser seria fácil.

Makoto foi ao trabalho como em todos os dias. Eu fui ajudar a Keiko, como sempre. Não estou nem aí para o que ele vai dizer, não vou ficar mofando todo dia. Não me sinto nem um pouco mal fazendo isso. Se eu ficar parada, vem um enjoo.

Durante o meu descanso pós-almoço, fui surpreendida por Makoto adentrando pela porta. Keiko indagou-o:

– Makoto, por que tão cedo em casa?

– Não tinha muita coisa para fazer no escritório. Meu pai me ligou também, tenho que ir ao hospital.

– Aconteceu alguma coisa?

– Minori entrou em trabalho de parto.

Keiko sorriu e parabenizou-o. Foi só então que ele veio falar comigo:

- Kazuko! Você vai comigo.
- Como é que é? – perguntei
- Minori te chamou.

Eu gosto das madrastas de Makoto, por isso me animei para ir. Coloquei um vestido florido, bem simples, acompanhada de uma sandália rasteira. Despedimo-nos de Keiko, descemos e fomos de carro até o hospital. Nossa entrada foi rápida, em poucos minutos estávamos no quarto. Lá estavam Koishiro, Minami, Shiori, Kyosuke e obviamente: Minori. Falei com todos, e quem mais parecia animado era o mais jovem dali.

- Meu maninho tá chegando. – falou Kyosuke
- Foi tão fofo que eu sorri. Makoto perguntou a futura mãe:
- E então? Muitas dores?
- Um pouco. Eu aguento. – ela fez uma careta, com certeza era uma contração
- Eu falei para ela tomar a anestesia, só que ela é teimosa. Fica aí se contorcendo. – reclamou Minami – Quando eu tive o Kyosuke, fiquei tão tranquila. Não senti nada.
- Minami, me deixa! Minha mãe deu a luz sem nada, quero fazer isso também.
- Louca!
- Tá bom, chega vocês duas. – mandou o pai de Makoto”

Minami e Minori sempre foram bem diferentes. Até hoje elas brigam pelo jeito que criam os filhos. Minami tenta impor seu estilo e ganha resposta, de Minori: “O filho é meu, crio como quiser.” E já dá para perceber em como os filhos de cada uma são bem diferentes.

Fora isso, elas vivem em harmonia.

“Shiori e eu apenas observávamos a cena. Eu só espero que não seja assim comigo!

- A contração dela acabou. Ela dirigiu seu olhar para mim e soltou:
- Seu rosto, Kazuko, tá diferente. – gesticulou para que me aproximasse
 - Esse olhar, essas bochechas e o sorriso. Você está grávida?
 - Engoli em seco e fiquei muda. Makoto quem respondeu:
 - Pois é, daqui uns meses será nossa vez.
 - Tô grávida sim, Minori. – completei, meio sem jeito
 - Sério? Parabéns! – abraçou-me

Shiori e Minami me parabenizaram e abraçaram em seguida. Makoto recebeu um abraço do pai, e eles foram conversar algo lá fora. As mulheres foram me fazer um interrogatório.”

Meu pai também foi me questionar o porquê de Kazuko ter engravidado, afinal, ele sabia que ela tomava remédio.

– Como isso foi acontecer, Makoto?

– Lembra do que aconteceu no meu aniversário?

– Sim. Que ela fez aquilo com a Yoko.

– Eu a deixei trancada no quarto por cinco dias, ela não tomou o remédio nesse meio tempo. Aí, bem...

– Filho! – suspirou – Eu fico feliz por você, apesar de tudo. Espero que cuide bem do meu neto.

E nos abraçamos!

Ele ficou surpreso com a notícia, mas não era uma coisa com a qual ele podia me dar um sermão. Já tinha acontecido. Ele só podia me parabenizar e consolar.

“– Como isso aconteceu, Kazuko?

– Por conta do meu castigo, fiquei uns dias presa e sem tomar o remédio.

– Seu remédio não fica no seu quarto?

– Não! Fica na sala.

– Esse tipo de coisa tem que ficar perto de você, sempre pode acontecer algo que te impeça de sair do quarto.

– Eu não contava que fosse ocorrer.

– Nunca achamos que vai. – falou Shiori

– E o que Makoto disse? – perguntou Minori

– Que tava tudo bem. É culpa nossa e devemos encarar isso juntos.

– E como você ficou quando descobriu?

– Eu só queria chorar e chorar. Me senti a pior pessoa do mundo. Já ouvi tantas histórias de situação parecida e tive medo.

– E agora?

– Presa. Mais do que eu já sou.

– Makoto te proibiu de fazer tudo, né?

– Foi! Mas acha que eu obedeci?

– Duvido! – respondeu Shiori rindo

E nós rimos. Ex-escravas e uma escrava conversando sobre seus problemas.

Minori teve outra contração e mais outra. Eu via o sofrimento dela e me imaginava no lugar dela dali a um tempo. Será que sentiria mesmo essa dor igual ela? Demoraria horas para ter a dilatação correta? Perguntas e mais perguntas assolavam a minha mente, tanto pelo momento do parto, quanto a gravidez toda, e até sobre o futuro do bebê. Do quarto dele, do que faria com ele e como as coisas mudariam após sua chegada.

Todo esse burburinho mental acabou me dando uma dor de cabeça que evoluiu para uma tontura. Makoto estava do meu lado. Pendurei-me nele, que falou:

– Kazuko, tá tudo bem?

– Mais ou menos. Estou tonta. – respondi já perdendo os sentidos

Pude ouvir Makoto pedindo para seu pai levantar da poltrona que tinha no quarto. Após isso, ficou tudo preto e não me lembro de mais nada. Quando voltei a mim, Makoto estava me abanando e carregava um olhar preocupado. Abri os olhos e ele me indagou se estava bem.

– Ela tá bem, Makoto. – confortou-o Minami – Desmaios são comuns nessa fase.

Ela segurou minha mão, se sentou ao meu lado e sorriu. Percebi que ela entendia perfeitamente pelo que eu passava.

Logo a enfermeira entrou e foi ver a dilatação de Minori. Ela já estava pronta.

– Vou chamar sua obstetra. – falou ao sair

Então Rin entrou na sala.

– Ora a família está toda aqui. E como está, futura mamãe?

– Não se preocupe, logo vai acabar. – falou a enfermeira

Ela e a enfermeira prepararam tudo, era hora de Minori fazer força.

– Próxima contração a caminho, preciso que faça bastante força. Todos querem esse menino logo.

Conforme Rin falou, ela fazia o máximo de força que conseguia, junto com algumas caretas e gemidos de dor. Ela ficou quase vinte minutos assim, quando finalmente podemos ouvir o primeiro choro de bebê. Todos, que estávamos ao redor, nos emocionamos. Rin deixou Koishiro cortar o cordão, pesou, mediu e limpou o bebê. Depois o colocou no colo de Minori.

– Qual o nome dele?

– Akira.

– Miyasaki Akira. – completou Koishiro

– Ele é lindo, Minori... – comentei

Ela apenas sorriu e permitiu que uma lágrima caísse. Eu e Makoto ficamos por lá mais um pouco. Depois saímos do hospital e voltávamos de carro para casa.

O parto que assistira não parava de rolar na minha cabeça, e pensava que logo seria eu. Era um medo que passava por mim. Estou sem minha família para me ajudar e nem posso pedir nada a eles.

– Kazuko, o que foi? – ele perguntou

– Não é nada, Makoto! – virei a cabeça para a janela

– Acho que você deve estar preocupada... E com medo, porque viu o parto da Minori.

Tem horas que parece que ele lê pensamentos. Que raiva!”

Eu tenho um senso de percepção quase que absurdo. Até me impressiona de vez em quando.

Outra coisa é que eu sempre entendi tudo – ou pelo menos achava que entendia – o que Kazuko passava. Ela ainda era adolescente e estava grávida, são medos normais delas.

“– Parece que leu meus pensamentos. – respondi ironicamente

Calei-me de novo. Makoto me chamou outra vez.

– Kazuko! Fale comigo. Não fique com essa cara e me despistando ao olhar pela janela.

Eu bufei. Eu prefiro me abrir com a Keiko nessas situações, mas só tinha o Makoto, tinha que ser com ele, senão teria que ficar assim até segunda.

– Tenho medo do que pode acontecer. Me imaginei no lugar da Minori, ela estava com tanta dor. Será que vai ser assim comigo?

– Só tem um jeito de descobrir: Esperando acontecer. Mas não se esqueça que tem a anestesia.

Tem horas que ele também é um péssimo consolador. Em seguida, ele falou algo que me surpreendeu:

– Outra coisa: Eu vou estar com você e te auxiliar no que for necessário. Afinal de contas, ele é nosso filho. Temos que cuidar bem dele.

E tocou na minha mão. Isso me afetou de uma forma... Bem, não sei explicar. Algo como: Kazuko, você não está sozinha. Estou aqui, contigo,

para o que der e vier. Vamos enfrentar e passar por isso juntos.

Permiti-me, pela primeira vez, de colocar a mão na minha barriga e acariá-la. Levantei o meu olhar e Makoto me sorriu. Ele soltou minha mão, teve que trocar a marcha do carro. O resto da viagem seguiu em pleno silêncio, ouvi baixinho o som do motor do carro. Revezava entre observar a paisagem noturna e Makoto dirigindo. Chegamos a casa há pouco. Tomei um banho e aproveitei este tempo sozinha no meu quarto para te contar o ocorrido.

Agora dormirei, de acordo com as novas regras, no quarto de Makoto.”

O mesmo colega da outra vez me chamou.

– Makoto! Eu não achei este livro. Procurei em tudo quanto foi lugar.

– Cara, tem que procurar bem. – menti – Esse livro é de prensagem limitada. Eu sofri para achar o meu.

Ele se convenceu com isso. Respirei aliviado. Arrumei minhas coisas e voltei para casa.

Capítulo 20

Coisas para o bebê

Cheguei do trabalho uma meia hora depois. Tomei uma ducha rápida e jantei. Keiko foi embora em seguida. Kazuko me deixou tomando conta de Takumi enquanto se arrumava para mim. Nosso quarto é suíte, então ela estava no cômodo ao lado.

Eu brincava com Takumi, que ria sem parar. Logo ele fará uns seis meses. Ainda me lembro bem do dia em que ele nasceu e como eu me senti. Era o homem mais feliz do mundo, sorrindo que nem bobo por conta de uma pessoa tão pequena. Takumi não é aquele tipo de bebê que chora por qualquer coisa. Poucas vezes ele nos acordou de madrugada ou adoeceu. Cada dia mais ele cresce e se parece mais comigo.

Logo Kazuko saiu, pôs Takumi para dormir e nós fomos nos divertir um pouco. Ainda era cedo quando acabamos, provavelmente teria um segundo round. Enquanto descansávamos, fui ler mais um trecho do diário.

“Diário,

Eu e Makoto acabamos de voltar da primeira consulta com a Rin. Mas, antes disso contarei o resto do meu dia, como se fosse muita coisa.

Acordei enjoada e vomitando. Já estou me acostumando com isso! Consequentemente, por conta da náusea, não comi muita coisa. Keiko até se mostrou preocupada comigo.

– Kazuko, você tem comido tão pouquinho. Tem ficado muito mal?

– Sim, Keiko, bastante enjoada. Como pouco para não vomitar.

– Sei que logo isso passa, mas não quer alguma coisinha para te ajudar a enfrentar essa fase melhor?

– Se eu puder, Keiko.

– Começarei a te dar um chá que eu tomava enquanto esperava a Mio.

Ela olhou para Makoto pedindo permissão. Ele assentiu. Antes de sair para o trabalho, me falou:

– A consulta na Rin é hoje. Preciso que esteja pronta na hora.

– Tudo bem, Makoto.

Despedimo-nos, e ele bateu a porta. Keiko imediatamente foi preparar o chá. Ela me ofereceu uma xícara. Bastou esta que eu me senti bem melhor. Por conta disso, consegui fazer minhas coisas normalmente. Próxima à hora de Makoto voltar, me arrumei, só para não dizer que simplesmente troquei de roupa e foi pela primeira que vi no armário.

Ele pontualmente chegou. Beliscou alguma coisa para tampar o estômago, e saímos. Normalmente não conversamos nas viagens de carro, só que, dessa vez, Makoto resolveu puxar assunto.

– Como foi seu dia, Kazuko?

– Foi bem, Makoto.

– O “chá milagroso” da Keiko te fez ficar melhor?

– Sim! Só com uma xícara.

Ele riu e comentou:

– Keiko e esses remédios naturais, melhores que médicos.”

Keiko sempre foi boa com esse tipo de coisa. Desde a minha infância ela recitava chás e mais chás de vários tipos de ervas e folhas.

Apenas os ricos podem se dar ao luxo de tomar chá, é algo muito caro, pois há pouco campo em nosso país e este fica distante, o que encarece muito esse tipo de produto.

“Eu ri do comentário.

Poucos minutos depois estávamos na sala de espera do consultório da Rin. Maioria, para não dizer todas, das que estavam ali eram mulheres de classe alta, muito bem vestidas e ostentando suas barrigas. E elas me observavam. Eu tenho essa cara de pobre e chamo muita atenção, ainda mais pelas minhas roupas. Elas são bem simples.

Essa sensação de ser observada é horrível. Eram olhares de indagação e reprovação. Algo como: Essa pobretona aqui. Ainda mais com esses trajes.

Ainda esperei por uma hora sob aqueles olhares, todas foram antes de mim. Meu horário era o último. Rin finalmente me chamou. Cumprimentou a mim e Makoto, depois falou:

– Todas as outras que vieram antes perguntaram de você. Coisas que já deve saber o que são.

– Essas pessoas preconceituosas, nunca tomarão jeito.

– Mais da metade das que vêm aqui não sabem que eu sou ex-escrava. Ainda bem! Minha credibilidade é pelo meu trabalho e não o meu passado.

Respondi com um sorriso, e ela trocou de assunto.

– E então? Como está?

– Bem. Só estou com muito enjoo, que felizmente descobri uma solução hoje.

– Algum chá, eu suponho.

– Isso mesmo!

– Vamos para a outra sala. Pode vir também, Makoto.

Fui, e Rin pediu para me deitar naquela cama com os apoios para as pernas. Ela examinou-me. Olhou a minha vulva, apalpou meus seios e depois falou para eu ir na mesma máquina que confirmara a minha gravidez duas semanas atrás. Apenas se ratificou de estava tudo bem com o bebê. Passou alguns exames para eu fazer e teve uma conversa com Makoto.

– Rin, gostaria que passasse uma dieta para a Kazuko, para que ela tenha todas as vitaminas necessárias.

– Claro! Só que ela ainda está um pouco instável. Temos que esperar esse primeiro trimestre passar. Aí nós teremos uma gravidez mais estável e com condições para isso.

Ele concordou e saímos em seguida. Nós jantaremos e dormiremos depois.

Até amanhã!”

Aconteceu o segundo round depois do término da leitura!

Só tive tempo de continuar no outro dia, à noite, pois, diferente de ontem, havia muito trabalho no escritório.

Cheguei a casa, tomei um banho e fui ler mais algumas anotações do diário. As que eu li equivaleram a uma semana.

Eu podia ouvir Kazuko e Keiko conversando na cozinha. Takumi dormia ao meu lado. Virei a página e prossegui a leitura.

“Querido diário,

eu finalmente estou me acostumando com a gravidez, ou melhor, meu corpo está. O chá da Keiko, que tomo todo santo dia, me ajuda a conter os enjoos. Tão bom poder acordar, me espreguiçar e não precisar correr para o banheiro.

É sexta hoje. Não sei por que ele chegou mais cedo. Pediu para eu me trocar, pois iríamos sair.”

Era uma surpresa. Mas como tem uns anos que aconteceu, eu conto: Fomos comprar umas coisas para o enxoval do bebê.

“Descemos e chegamos a uma zona comercial. Paramos em frente a uma loja de gestantes e bebês. Totalmente óbvio o motivo. Só não achei que viríamos tão cedo.

– Que careta é essa, Kazuko?

– Não é nada. Só não esperava que viéssemos aqui, sabe. Ainda não tenho barriga aparente.

– Nunca é cedo para isso. – sorriu e me estendeu a mão – Vamos?

Essa foi uma atitude um tanto quanto estranha dele. Eu não evitei de fazer outra careta. Em que universo uma escrava anda de mãos dadas com seu dono?

Foi uma cena engraçada. Ele parado com a mão estendida, e eu olhando para ele, sem reação.

– Me dê logo a sua mão, a loja é muito grande, podemos nos perder.”

Desculpa esfarrapada minha! Admito!

“Era um argumento muito ruim, mas eu aceitei. Acho que não tem nada demais em caminhar de mãos dadas, desde que a outra pessoa não seja seu dono. Porém, foi como uma ordem!

Entramos. A loja tinha três andares, o primeiro só de roupas, o segundo de móveis e a terceira de cômodos modelo. Começamos pelas roupas de bebê. Tinham de diversas cores e estavam separadas de uma maneira que eu não gosto.

– De onde veio essa ideia de azul para meninos e rosa para meninas? Isso me irrita.

– Da indústria. Acham que rosa é uma cor delicada como as mulheres, mas o azul é tão delicada quanto. Maldito sexismo!

Eu me recordo quantas vezes eu repeti essa pergunta e ninguém nunca me deu uma resposta dessa. Ou era “Porque é assim.” ou “Não faça esse tipo de pergunta idiota.” Não pude evitar de sorrir.

– Que foi?

– Nada. Só não esperava essa resposta.

– Mas é verdade.

E acabamos rindo juntos. Ele esticou a mão, e eu nem hesitei em pegá-

la.

Continuamos passeando pela loja. Makoto sugeriu comprar uns vestidos para quando minha barriga ficar maior. Devo ter levado uns vinte, além de algumas roupinhas. Nos outros andares apenas demos uma olhada, pois compraríamos algo dali depois. Voltamos para casa.

Mais tarde, eu estava distraída guardando as coisas recém-adquiridas numa das gavetas do meu quarto. De repente, Makoto entrou.

– Eu disse que não era para você ficar sozinha.

– Ah, desculpe, Makoto. Só vim guardar aqui rapidinho. Já vou deitar. Era tão tarde que ele já vestia a sua roupa de dormir.

– Não precisa, podemos ficar aqui hoje, depois de... Você sabe.

– Sei bem. Só de ter vindo até aqui, eu sei que você quer.

Então, ele se jogou na cama, com os braços sob a cabeça. Isso é, também, um outro sinal. Eu já sei quais são, todos eles.

Arranquei a cueca dele e fiz um oral nele, daquele jeito de sempre. Lambendo, mordendo e chupando. E pela primeira vez, ele gozou nessa etapa. Mandou-me engolir aquilo. Que nojo!

– Deita, Kazuko.

Obedeci. Ele acariciou meus seios e a parte de baixo e simplesmente penetrou, fez um movimento de vai-vem. Eu apenas gemia por conta das fortes estocadas que dava. Após alguns minutos, ele terminou e se ajeitou no outro canto da cama. Desejei-lhe boa noite e virei para o lado da janela. Ele não respondeu. Senti-o colar o seu corpo no meu, me abraçando.

– O que foi, Makoto?

– É que eu... Nunca senti o bebê.

– Nessa época não dá direito, ainda mais no meu estômago. – puxei a sua mão e pus no lugar certo – É aqui!

Ele fez um pouco de carinho e questionou na sequência:

– Tem algum problema dormirmos assim?

– Não. – me contorcia de vergonha internamente

– Boa noite.

Respondi e adormecemos.

Estou até agora tentando entender o que foi isso.

Opa, Makoto me chama, preciso ir.”

Fechei o diário.

Esse comentário da Kazuko é justificável. Era a época em que comecei a

me apaixonar por ela, sem perceber, achava que as minhas demonstrações de afeto eram por causa do bebê. Contudo, num futuro não muito distante daquele, eu perceberia o que realmente sentia.

Capítulo 21

Sociedade

Na manhã seguinte, eu tive um julgamento e retornei mais cedo para casa. Falei com Kazuko e Keiko. Dei um beijo no meu filho. Tomei banho apenas para relaxar e fui descansar mais ainda lendo outro trecho do diário.

“Oi diário,

acabei de voltar de festa de aniversário do chefe de Makoto: Yuuki. Mas tenho coisas a contar antes disso!

Acordei com Makoto na mesma posição. Tirei o braço dele e fui ao banheiro. Tomei banho com o sonho que tive na cabeça. Sonhei com um possível futuro parto, com todos a minha volta, me sufocando. Gritando para eu empurrar o filho do Makoto. Quando ele finalmente saía, todos se voltavam para ele e me esqueciam. Eu ficava ali, ofegante.

Olhei para a minha barriga e falei:

– Espero que não seja assim, bebê. – coloquei a mão – Não será como naquele sonho.

Saí, fui colocar uma roupa. Coloquei a calcinha e decidi me olhar no espelho. Notei o quanto meus seios estavam maiores e também doloridos. Virei de lado e pude perceber a protuberância da minha gravidez aparecendo. Percebi muitas mudanças no meu corpo em apenas algumas semanas.

Ele levantou e veio atrás de mim no espelho.

– Bom dia, Kazuko.

– Bom dia, Makoto. – falei me virando para ele

– *Eu não tinha visto o quanto seus seios aumentaram.*

– *Não só os seios, o corpo todo praticamente.*

– *É, você engordou um pouquinho. – pegou em meus ombros e me pôs em direção ao espelho – Mas é por uma boa causa: Nosso filho. – colocou a mão na barriga, abraçando-me por trás*

– *Nosso não, Makoto, só seu.*

– *Nosso sim. Esqueceu que estamos juntos nisso?*

– *Não me esqueci.*

Posicionei minha mão sob a dele, sorri e uma lágrima caiu do meu olho direito. Ele olhava para mim através do espelho.

– *Se quiser, posso engordar junto com você.*

– *Não precisa! – respondi, rindo – Eu preciso comer, para tomar o meu chá. – falei por fim*

– *Tudo bem.*

Então fomos tomar café, e Makoto me disse da festa de mais tarde.

O resto do dia se passou normalmente, até que nos arrumamos e saímos para a festa.

Não era muito longe, logo chegamos. O chefe de Makoto também morava na cobertura do seu prédio. O apartamento estava cheio. Makoto desejou parabéns ao chefe e lhe deu o presente. Em seguida, fui falar com ele.

– *Obrigado, Kazuko. Parabéns a você também, pelo seu bebê.*

– *Obrigada.*

– Bebê? Como é? – era Yoko, ela aparecera

– Boa noite, Yoko. – falei – Eu estou grávida.

– Ora, meus parabéns! – disse me olhando com desdém

Sorri amarelo, agradecendo. Porém, com a sangue esquentando.

Revi pessoas que foram ao aniversário de Makoto e conheci muitas outras. Nunca recebi tantos parabéns na minha vida, nem no meu aniversário.

Ele foi conversar com outros, e fiquei sentada no sofá. Só que eu tenho essa cara de escrava e chamo atenção das pessoas. Dessa vez foi da Yoko e as amigas dela. Elas se sentaram ao meu lado e à minha frente.

– Está de quantos meses?

– Acho que um mês e meio, quase dois.

– E é escrava do Makoto há quanto tempo?

– Menos de seis meses.

– Nossa, você é apressadinha hein.

– Pois é, meu marido achou cedo eu ter engravidado no segundo ano de casamento.

– E tem uns três anos que estou tentando ter o meu segundo.

– E como fez para conseguir tão fácil? – outra me indagou

– Ora, só esqueci de tomar o anticoncepcional.

– O quê? Não foi intencional?

– Nem um pouco.

– Poder da juventude.

– Enquanto isso, Yoko está tentando ter o dela.

Yoko fechou a cara, detestando aquele comentário. Seu olhar se encontrou com o meu, me fuzilando. Senti o ódio que carregava. E fiquei tentando entender o porquê desse olhar ser para mim. Quem falou foi a amiga dela, não eu.

Não quis continuar ali, parecia que o assunto se estenderia mais ao ponto de ficar desfavorável para mim, ou talvez chegasse ao ponto de eu jogar suco na cabeça de pessoas. Pedi licença, educadamente, e me isolei na varanda daquela cobertura. Fiquei apoiada na sacada observando o céu noturno. Podia ouvir o som dos carros lá em baixo e também as vozes atrás de mim. Percebi alguém se aproximar e falar comigo.

– Kazuko, o que faz aqui?

– Apenas aproveitando a vista, senhor...

– Me chame de Yuuki. Mas meu sobrenome é Shimono. - falou sorrindo
– Elas te perturbaram muito?

– Só aquela indagação infinita que é muito comum na minha vida. Perguntam como aconteceu, o que Makoto achou e de quanto tempo estou. Não é mais fácil simplesmente entender que estou grávida e ficar sem fazer perguntas?

– Nem faço ideia de como se sente, mas a Yoko pareceu um pouco perturbada com essa notícia.

– Deve ter notado a maneira que ela me olhou.

– Ela também falou comigo. Ela se sente impotente quando vê que alguém engravida e ela não.

– Tem muito tempo que tentam?

– Desde que nos casamos. Até adotamos o Hiro. Nós o amamos muitos,

porém ele não supriu a vontade de ter um filho biológico. E bem... Ela ficou meio revoltada com a facilidade com a qual você conseguiu.

– Yuuki, eu lamento por vocês, mesmo não gostando tanto da Yoko.

– Já sei dessa história. – riu – Mas vamos parar de falar de coisas tristes, afinal, hoje é meu aniversário. E eu sei que um dia terei o meu filho em meus braços e você, em breve, também terá o seu.

– Assim será, Yuuki. – respondi sorridente

– Vou voltar para dentro, tenho que dar atenção aos meus convidados.

Yuuki retornou a festa. Outra pessoa foi à varanda: Makoto.

– O que conversava com o meu chefe?

– Nada demais.

– Não estavam falando mal de mim, né?

– E o que eu diria de mal sobre você?

– Eu sei lá, qualquer coisa.

– Estávamos falando da Yoko. Há anos ela tenta ter um filho e não consegue.

– Eu já os aconselhei a fazer inseminação artificial, contudo a Yoko ainda quer que seja do jeito tradicional.

– Ela tem algum problema?

– Não que eu saiba. Só sei que ela abortou algumas vezes quando mais jovem.

– E agora que quer, não consegue.

– Bem por aí.

– Foi por isso que quis ficar com ele? – coloquei a mão na barriga

– Pode ser que você queria um filho no futuro, um aborto acaba machucando o seu corpo e prejudicando as futuras chances. Pode ser que eu queria mais um filho no futuro e não tenha sucesso. Então essa não teria sido uma oportunidade jogada fora. E é injusto com a vida que está se formando... Interrompê-la assim.”

Deu para notar, claramente, que eu sou contra o aborto, não é?

Acho que Kazuko entendeu que se ela engravidasse dez vezes, teria os dez filhos. Não permitiria que abortasse.

Já vi muitos casos parecidos com de Yoko. Abortaram antes e depois ficavam sofrendo na tentativa.

É melhor não brincar com o destino e com a sorte. Eles podem não querer colaborar de novo.

“Não fazia ideia de que ele pensava assim. Sinto-me bem sabendo que levou em conta os três lados da situação.

Um silêncio se fez, não tinha o que responder. Depois, soltei:

– Entendo. Não seria uma coisa boa matar essa criança.

Makoto sorriu e me abraçou, de forma bem parecida daquele dia lá na estrada, quando víamos toda a cidade do alto. Entramos em seguida.

Durante o resto da festa fiquei junto dele, apenas acompanhando sua conversa com seu chefe. Dava para perceber que elas eram bem amigos.

Uma mulher prestava muita atenção onde estávamos, e a todo momento olhava para Makoto. E Makoto também trocava olhares com ela. Acabou indo falar com ela e não tive como não perguntar para Yuuki:

– Quem é essa?

– É Kobayashi Kana, amiga da minha esposa. E se não me engano, ela e Makoto já namoraram.

Isso é um mau sinal. “Pode ser que tenha que dormir sozinha hoje”, pensei.

Pude ver que a conversa era bem íntima. Isto poderia me causar problemas. Aliás, o que não poderia me causar problemas pelo simples fato de ser escrava?”

Permitam-me explicar está última observação da Kazuko. Afinal, por que tudo é problema para uma escrava?

É justamente por ser uma posição de impotência e risco constante.

Se uma escrava engravida: problema.

Se uma escrava se rebela: problema.

Posso ficar aqui citando várias situações, mas o que Kazuko quis dizer é que aquela mulher com a qual eu conversava poderia lhe causar problemas.

Quando o dono se relaciona, a escrava corre o risco de ficar de lado, esquecida. Isso, de certo ponto de vista, é ruim. O dever da escrava é satisfazer o dono. Porém, se o dono já tem outro alguém para isso, pode acontecer a alforria do escravo. Isso é bom! Só que considerando o fato de que alguns largam os estudos, como vão seguir a vida?

É algo, inclusive, bem relativo. Cada um pensa de um jeito. Então, levarei em conta o que minha própria esposa disse: “Eu me sinto vulnerável”. Se sente desesperada e com medo de qualquer coisa que acontecer.

“Makoto ficou um bom tempo conversando com ela. Após isso, cantaram os parabéns e cortaram o bolo. Voltamos para casa.

Ao chegarmos, tomei um banho, Makoto também. E fez algo bem fora do padrão dele depois disso. Agarrou-me e atirou-me na cama. Despiu-me e fez umas preliminares bem básicas e penetrou. Assim, seco e grosso!

Foi um sexo básico e sem graça. Ele só queria descarregar. Obviamente porque viu a ex e deve ter fantasiado com ela. Ficou mais claro ainda quando balbuciou o nome dela antes de gozar.”

Eu nem me lembro disso. Que merda! Estou com uma vergonha alheia do eu do passado. Se pudesse voltar no tempo, me dava um belo tapa.

“Com outro sussurro ao nome dela foi ao lado vazio da cama.

Eu me senti péssima. Tudo bem que nunca foi algo que me completasse. Sempre sinto um vazio quando as transas acabam. Só que nessa hora, o vazio foi bem maior.

Normalmente, eu me sinto um objeto. Mas ao ouvir o nome de outra pessoa, piora essa situação.

É muito complicado de explicar!

Olhei para o teto escuro, com uma enorme vontade de chorar. Não queria que ele me visse! Levantei e caminhava a porta do quarto. As lágrimas começavam a escorrer. Makoto me chamou.

– Kazuko, aonde você vai? – falou, pegando no meu braço e então, percebeu – Espera aí! Tá chorando?

– Não é nada, Makoto. Só preciso ficar sozinha.

– Vem cá!

Tentei protestar, mas ele me alojou em seu peito, me abraçando. Começou a acariciar meus cabelos e foi aí que eu realmente desabei.

Ele não falou nada, não perguntou nada. Só permitiu que eu chorasse em seu ombro.

Quando eu me acalmei, voltamos a nos deitar. Makoto me obrigou a dormir sob o seu peitoral. Por que ele está com essas atitudes agora?

Esperei ele cair no sono e dei uma escapada para escrever aqui. Eu

precisava colocar o que sentia para fora. E o único lugar possível é aqui.

Agora partirei, pois preciso dormir. E também ele não pode perceber que eu fugi.”

Kazuko entrou no quarto e me chamou para ficar com ela e Keiko lá na sala.

– Você tá muito isolado. – foi o que ela disse

Capítulo 22

Atitudes

Minha esposa me chamou para o jantar, acabei ficando por lá até a hora de deitarmos. E como eu e nem ela estávamos muito afim, fui ler mais um trecho do diário.

Kazuko, na época do diário, estava completamente chateada comigo. Eu não sabia o motivo – pelo menos até algumas horas atrás – e tinha que resolver isso. Essa anotação data do dia seguinte.

“Querido diário,

Está um lindo Sol lá fora, pena que eu não posso sair.

Ontem foi um dia, eu diria, um tanto estranho. Makoto está com umas atitudes que me deixam com a pulga atrás da orelha.

Eu ainda fiquei meio chateada com o ocorrido. Aquele maldito sussurro de nome alheio do Makoto. Ele percebeu que eu estava meio para baixo e tirou o dia para me dar um tratamento digno.

O próprio me acordou, e ao despertar, pude ver que ele trouxe o café da manhã na cama.

– Bom dia, Kazuko! – falou com um sorriso

– Bom dia, Makoto. – bocejei – Para quê isso? – apontei

– Você ficou meio mal ontem, só quero te agradar.

– Obrigada. – sorri

Acha mesmo que seria mal educada ao ponto de não agradecer?

Comemos junto ali mesmo, e em seguida, iria tomar meu banho matinal.

– Por que não usa a banheira daqui?

– Até que não é má ideia.

Adentrei ao banheiro da suíte e enchi a banheira, sem me esquecer de colocar os sais de banho de minha preferência. Tirei a roupa e entrei, sentei e reclinei a cabeça, respirei fundo. Ouvi a voz de Makoto em seguida:

– Eu posso tomar banho com você?

Ele me perguntou? Foi isso mesmo?

*– Pode! – não podia responder de outra forma
Ele se despiu e sentou-se atrás de mim, me abraçando. Que coisa desconfortável!*

Pôs o queixo na curva do meu pescoço e indagou:

– Por que você chorou ontem?

– Hormônios.

Eita porra de desculpa esfarrapada.

– Entendo.”

Eu realmente caí nessa desculpa. Até porque ela já estava nessa montanha russa de emoções e eu realmente preferia só sorrir e acenar mesmo do que questionar ainda mais.

“Suas mãos estavam sob a minha barriga, acariciando o bebê.

– Engraçado... Você não tem vomitado mais.

– Eu já acostumei. Só tô um pouquinho enjoada porque acabei de comer.

Peguei o sabonete e comecei a limpar os braços e peito.

– Deixa que eu passo nas suas costas. – se pronunciou

Entreguei o sabonete a ele que passou nas minhas costas.

– Quer que eu lave as suas também?

– Deixo você me ensaboar todo. – falou rindo”

Vai dizer que não é bom quando alguém dá banho em você?

Eu estava aproveitando para ter alguns momentos mais afetivos com a Kazuko, afinal, nós teríamos um filho juntos. E também havia essa história de “encarmos isso juntos”. Desde sempre quis ter uma relação mais próxima com ela, e esta estava sendo a oportunidade perfeita.

“Realmente, o que deu nele?

Eu me enxaguei e passei o sabonete em Makoto depois.

Fui ao meu quarto e troquei de roupa. Dirigi-me a biblioteca e peguei alguns livros de gravidez, tudo por curiosidade. E não esqueci do meu chá.

Fiquei algumas horas lendo, sentada no sofá. Não percebi o tempo passar, só ouvia Makoto mexendo com as panelas e outras coisas. Também sentia o cheiro da comida. Ele me chamou:

– Kazuko, almoço.

– Não sabia que você fazia sopa.

– Keiko me ensinou. Temei para acertar, agora sempre dá certo.
Era uma simples sopa de legumes, mas que estava uma delícia. Eu até repeti, coisa que não costumo fazer.
– Parece que tá com fome, hein.
– Acho que comendo por dois, não é uma coisa estranha. – soltei um bocejo – E também esse sono interminável...

Makoto sorriu.

Eu saí da mesa e me deitei no sofá. Acabei adormecendo. Acordei com Makoto me chamando e me pedindo para trocar de roupa. Íamos dar uma volta, já que ele estava sem a costumeira “roupa de casa”. Fiz conforme ele disse. Parecia que preparara algumas coisas para comermos. Será que iríamos tão longe assim?

Ainda era o meio da tarde quando saímos. Makoto saiu da cidade e começou a subir a montanha. Curvas e mais curvas. Elas estavam me deixando enjoada. Já conhecia aquele caminho, só não recordava dele tão nitidamente. Fomos para lá durante a noite. O mesmo lugar onde vislumbrei a vista noturna da cidade.”

Pois é, eu e Kazuko gostamos muito deste lugar. Já perdi as contas de quantas vezes fomos lá. Seja noite ou dia, para olhar a paisagem ou fazer um piquenique.

“Chegamos, e ele estacionou o carro, tirando as coisas da mala em seguida. Montou um piquenique em baixo de uma das árvores.

Olhei surpresa para ele.

– Piquenique, Makoto?

– É! E também veremos o pôr-do-sol. Que foi? Que cara é essa?

– Eu nunca fiz um piquenique antes. Bem, do “meu lado da cidade” mal tem árvores.

– Sei disso! – sorriu – Porém, nunca é tarde para uma primeira vez. – fez um gesto para que me sentasse – Trouxe uns sanduíches, sucos, frutas e bolo.

– Oba! - comentei”

Vocês devem ter uma curiosidade sobre como é o “meu lado da cidade” que Kazuko tanto falava. Permitam-me esclarecer.

A cidade onde moramos, Ioma, é dividida em dois lados: O “rico” e o

“pobre”.

O lado rico é constituído por muitos prédios altos e mais adiante, as casas. Podemos ver o céu limpo por entre os prédios cinza-claro. As ruas são limpas, claras, com árvores e bastante trânsito. Muitas pessoas dia e noite. Já o lado pobre, também tem muitos prédios e casas. Porém, não há quase natureza alguma. O céu lá é sempre cinzento e chove na maioria dos dias. As ruas são cheias de sujeira. Realmente lá tem um ar mais sombrio, principalmente à noite, quando as ruas são mais vazias e os centros de escravos estão abertos.

“Comi algumas coisas e o sono veio, outra vez. Bocejei.

– Quer descansar? Deita aqui. – falou Makoto, sinalizando o seu colo – Só não durma, senão vai perder o Sol se pondo.

Bem, era melhor deitar no colo dele do que na toalha esticada na grama. Assim o fiz, e ele começou a mexer em meus cabelos e perguntou – algo até normal pelas circunstâncias, mas estranho por ser para mim:

– Então, Kazuko, você pensou em um nome?

– Nome?

– Para o nosso filho.

– Ah, pode ser o nome que você quiser.

– Mas não chegou a pensar em nenhum?

– Pensei sim. Se for menina: Kimiyo. Se for menino: Kazuhito.

– Eu gosto de Takumi.

– Takumi? É um belo nome.

– Sempre imaginei que teria um filho com esse nome, mas gostei dos que escolheu.

– O próximo pode se chamar Takumi.

– Próximo? – ele quem se chocou dessa vez

– Não vai querer outro no futuro?

– Claro que sim! – ele respondeu, encabulado – Mas não é hora de pensar nisso.

– Eu só comentei, Makoto. – falei rindo

Ficamos alguns minutos em silêncio.

– Olha, Kazuko, hora do pôr-do-sol. – ele me chamou

Levantei, e passamos a observar a paisagem. Eu vi o Sol se escondendo devagarzinho por entre as montanhas. Era laranja e amarelo, misturado com o verde das árvores. Uma vista tão bonita quanto às luzes noturnas do outro

dia. Nunca vi o Sol se pôr de maneira tão nítida e bela. É muito difícil vê-lo por entre todos os prédios. Eu me permiti chorar, não sei o porquê, só chorei.

– Kazuko, tá tudo bem?

– Tudo bem, Makoto. – respondi, enxugando as lágrimas – Eu jamais vi nada igual a isso na minha vida.

Ele me abraçou, me consolando e proferiu em seguida:

– Acho que viver do lado pobre da cidade te privou de muitas coisas simples.

Não disse mais nada depois disso. Eu chorei por mais uns minutos e quando já estava escuro, voltamos para casa.

Comi mais um pouco da sopa e fui ver algo na televisão e acabei pegando no sono. Despertei sentindo o meu corpo sacudir, como se alguém me carregasse. E era isso mesmo. Makoto me levava até a cama. Ele viu que eu abria os olhos:

– Desculpe. Eu te acordei. Já vai poder dormir de novo, estamos chegando.

Ele abriu a porta do meu quarto com o pé, já que estava entreaberta. Colocou-me na cama e se deitou ao meu lado. Desejou-me boa noite, me deu um beijo na testa e eu apaguei de novo.

Levantei hoje com ele me chamando. Fizemos todas as coisas rotineiras e antes de se despedir, ajoelhou-se diante de mim e beijou a minha barriga. Tudo bem que eu permiti, só que eu fiquei muito envergonhada da Keiko ter visto essa cena.

– Ai, ai. Nunca imaginei que o Makoto fosse fazer isso. Ele parece estar tão feliz pelo bebê.

Eu sorri, concordei e depois, vim para cá.

Bem, diário, agora cuidarei dos meus outros afazeres.”

E a anotação terminou, com um enorme bocejo na sequência.

Pus o diário na mesa de cabeceira e me ajeitei para dormir. Tinha trabalho no dia seguinte.

Capítulo 23

Grande Trauma

Só pude ler novamente quando voltei do trabalho. Troquei de roupa, peguei o diário e me sentei no sofá. Li uma anotação bem semelhante à do dia anterior. Quando acabei, Kazuko se sentou ao meu lado e ligou a TV.

– Que parte você está lendo? – disse espiando – Ah, essa parte. Eu não gosto muito de lembrar desse dia.

Sabia bem a que dia ela se referia, pois eu dei uma espiada em algumas linhas lá embaixo. Comecei da linha que estava no topo da página.

“Diário,

Eu nem sei nem por onde começar a dizer tudo o que aconteceu ontem à noite. As lágrimas e a culpa não saem de mim.

Tive um dia bem normal e estava me sentindo ótima. Eu adormeci rápido a noite e foi então que este pesadelo começou. Na verdade, no início parecia um sonho como qualquer outro.

Colocava o bebê para dormir, carregava-o em meus braços. Os olhinhos dele abriam e fechavam, até que finalmente dormiu. Observei seu rosto sereno e uma coisa estranha aconteceu. Uma brisa soprou atrás de nós e o bebê começou a se desfazer, como se fosse areia.

Assustei-me e perplexa, o vi sumir diante de mim. E não pude fazer nada. Tentei gritar no sonho, mas aconteceu de eu acordar gritando. Foi tão forte que me secou a garganta. Makoto levantou num pulo e perguntou:

– Kazuko, o que houve? – então acendeu o abajur e pude ver uma expressão de aflição em seu rosto quanto olhou em direção as cobertas.

Foi aí que eu senti e vi. Uma sensação idêntica a quando minhas regras vêm e sangue. Apesar da pouca luz era possível para ver, nitidamente, que era sangue, os lençóis são claros.

O desespero veio, uma grande dor também e só consegui chorar. Makoto me chamou e falou, segurando em meus ombros:

– Temos que ir ao hospital agora. Se troque depressa e vamos.

Fiz conforme ele mandou. Coloquei um vestido simples e saímos. Nem

as lágrimas e nem a dor paravam. Ele parou o carro, levantou meu rosto e me disse:

– Kazuko, tá tudo bem!

Assenti concordando e seguimos. Consegui controlar as emoções no caminho.”

Eu não queria pensar no pior nesse momento. Tinha esperanças de que ela não abortara. Também estava desesperado e nervoso, porém eu tinha que mostrar segurança e apoiar Kazuko.

“Por sorte, Rin estava no hospital, pois uma de suas pacientes encontrava-se em trabalho de parto. Durante a triagem, eles a chamaram para me atender.

– Boa noite, Kazuko, Makoto!

– Boa noite! – respondemos em uníssono

– E o que aconteceu? – indagou Rin, próxima de mim e me olhando

– Ela teve um sangramento. – ele quem respondeu

– Muito sangue? Pouco sangue?

– Bom, o lençol ficou razoavelmente sujo.

– Ok! Vamos ter que ir a máquina de ultrassom para ver se está tudo bem.

Fizemos conforme ela disse.

Eu me deitei na maca e ela pôs aquilo na minha vagina. Mexeu por um tempo e pude pressentir pelo olhar dela que vinha uma má notícia. Não tive coragem de perguntar, quem o fez foi Makoto:

– E então?

– Eu lamento. – ela virou-se para ele – Kazuko sofreu um aborto.

A única coisa que consegui fazer foi chorar, apenas uma lágrima solitária caiu. Rin discursou o resto dos procedimentos:

– Kazuko, vou te colocar em observação até amanhã. Vamos ver se seu corpo vai expulsar mais algo. Caso não, mandarei fazer a curetagem para tirar o que ainda estiver dentro de você e também para estancar esse sangramento. Com licença! – e saiu

Então desabei de novo. Makoto estava parado ao meu lado. Seu olhar parecia perdido e triste.”

Eu ainda estava em choque com a notícia repentina. Não sabia como

reagir, só não queria era chorar diante dela. Eu sentia que ia piorar o estado dela por causa disso. E tanta coisa também se passava na minha cabeça.

“– Makoto! – chamei-o tocando em sua mão

– Oi, Kazuko. – falou sentando-se na maca e olhando para mim

– Me desculpa.

– Pelo quê?

– Por ter perdido o bebê.

– Kazuko, já te disse que está tudo bem. – apertou a minha mão – Estamos juntos nisso, lembra? – assenti – Então, não fiquei assim.

– Tentarei fazer o meu melhor. – sorri um pouco

– Sendo assim está bom.

E não falamos mais nada. Ficamos nos olhando, um clima meio desconfortável até chegarem para me levar ao quarto. Makoto me acompanhou até lá. Fiquei algumas horas em observação e nada aconteceu. Acabaram me levando para fazer a curetagem. Ele não pode ir comigo.”

Vi Kazuko sendo levada na maca. Sai dali e fui ao banheiro, era o único lugar onde poderia ficar sozinho.

Adentrei em um dos boxes e, fora do meu controle, as lágrimas caíram em silêncio. Todo o choro que segurei na frente dela caiu naquele momento.

Também fiquei triste por ela ter perdido o bebê. Assim como ela, já estava imaginando a vida com ele. Nós dois ainda estávamos assimilando e acostumando a ideia de termos um filho juntos. Foi um choque ao descobrir e outro choque ao perder.

Todos esses sentimentos escorriam por meus olhos. Com certeza, isso foi um grande trauma para mim e para Kazuko. Ainda lembramo-nos deste bebê perdido, não com tanto carinho quanto gostaríamos, pois não tivemos muito tempo para amá-lo.

“Levaram-me para uma espécie de sala de cirurgia e a própria Rin estava lá me esperando. Ela veio me explicar o que faria:

– Kazuko, eu vou te anestésiar. Vai dormir uma meia hora. Talvez acorde um pouco dolorida, mas isso é normal. Alguma pergunta?

– Eu vou para o quarto depois disso?

– Sim!

Então, ela me deu a anestesia e eu apaguei.

Quando dei por mim já estava no quarto. Makoto e Rin conversavam, mas só ouvi uma fala da conversa:

– Quando a menstruação dela voltar, podemos retornar com o anticoncepcional.

Rin saiu

– Parece que acordou. – falou – Como se sente?

– Bem, apesar de meio sonolenta.

Ele se sentou na cama e eu perguntei:

– O que a Rin tava falando com você?

– Sobre o que aconteceu. Ela me disse que o bebê ainda estava dentro de você. Só que ele descolou na parede e foi parar no colo do seu útero.

– Por isso eu sangrei daquele jeito.

– É! Foi!

– Ela disse em quanto tempo eu posso me recuperar?

– Entre dois ou três meses.

Ele baixou o olhar e ficou acariciando a minha mão.

– Makoto, – soltei, ele levantou a face – se quiser, podemos tentar de novo.

Por que eu falei isso?

– Não precisa. Lembra que eu não quero filhos agora?

– Lembro sim. Mas, eu pensei que tivesse mudado de vontade.

– Eu só me conformei com o houve. Aceitei a ideia de ter um filho.

– Eu também!

– É melhor descansar, teve uma noite cansativa.

– Cansativa? Acabei de acordar de um cochilo.

Foi só nesse momento que eu notei, Makoto estava com os olhos vermelhos e também visualmente abatido. Não aparentava mesmo estar conformado com o ocorrido. Parecia que também havia chorado.

– E esses olhos vermelhos? – indaguei

– É só sono, só isso.

– Melhor descansar um pouco. – olhei as horas no relógio – E o seu trabalho?

– Eu falo com o meu chefe, você sabe que ele é bem compreensivo.

Apenas concordei. Makoto saiu em seguida e o ainda efeito da anestesia me fez dormir de novo.”

Eu liguei pro meu chefe na hora que costumo sair de casa para trabalhar

e lhe contei toda a história. Ele se mostrou triste por mim, afinal, ele já passou por isso também, e depois me liberou para tirar uns dias de folga para cuidar da Kazuko.

“Acordei porque o Sol me incomodava. Ele já estava razoavelmente alto no céu, pelo que percebia. Cobri parte do rosto com a mão e olhei para o sofá ali perto. Makoto dormia sentado, com uma postura firme e braços cruzados.

A enfermeira entrou no quarto trazendo meu café da manhã. Sua voz acabou despertando-o abruptamente.

– Bom dia, Srta. Hirasawa.

– Bom dia. – respondi

Ele também respondeu, entre dois bocejos.

A enfermeira ajudou-me a me ajeitar na cama, posicionou a mesa e saiu. Foi então que Makoto se levantou e veio falar comigo.

– Dormiu bem?

– Sim. O efeito da anestesia ajudou um pouco. E você?

– Mais ou menos. Aquele sofá não é muito confortável.

Tentei um sorriso, mas não estava com tanto ânimo para tal. Minha mãe veio a minha cabeça.

– O que foi?

– Só queria a minha mãe aqui. Queria conversar com ela.

– Eu posso trazê-la aqui para te ver.

– Não, Makoto, não precisa. Eu não quero incomodá-la.

Comi após isso. Passei o resto do dia em observação, apenas para certificarem que eu não voltaria a sangrar. Sai quase amanhecendo de novo. Viemos direto para casa. Ao chegarmos, só me veio uma vontade de ficar sozinha. Fui a caminho do meu quarto, Makoto me interrompeu:

– Onde vai, Kazuko?

– Pro meu quarto. Eu só quero ficar sozinha!

Ele não disse nada e também não era para isso mesmo.

Eu já chorei bastante e ainda preciso chorar. Não faço ideia de como tirar essa tristeza e culpa de mim. Achei que desabafar aqui fosse melhorar, mesmo que um pouco, mas não adiantou.

Só espero que o tempo consiga curar esta ferida.”

Era o fim da anotação.

Eu permiti uma lágrima solitária cair, apenas por conta das lembranças.
Deixei o diário de lado e a própria dona dele me consolou.

Capítulo 24

Depressão

Passaram-se alguns dias e eu não tive tanto tempo para ler o diário. As coisas no escritório me deixavam cansado. Só tinha disposição para ler uma anotação por dia. Minha sorte é que elas eram bem pequenas.

Kazuko estava passando por um momento depressivo, ainda se mostrava muito abatida com a perda do bebê. Os dias dela já eram sempre os mesmos, depois do acontecido ela não tinha ânimo para nada. Ela se comportava bem diferente do que realmente é. Agora ela está brincando com o nosso filho e ele é só sorrisos.

Tirei o diário da gaveta, sentei na cama e fui ler outra anotação.

“Querido diário,

Os meus dias parecem cada vez mais arrastados. Os minutos e as horas passam muito mais devagar do que realmente eu sinto. Fico bastante tempo devaneando ou tentando me distrair, quando acho que se passaram horas foram apenas alguns minutos.

O que aconteceu alguns dias atrás ainda perturba a minha mente. O pesadelo e depois todo aquele acontecimento onde perdi o bebê. Makoto em momento algum me culpou ou me deu um sermão, dizendo que não me cuidei direito e contrariei as regras explícitas dele.

Ele também não tem me chamado para o quarto nos últimos dias. Nós mal temos conversado, só nos cumprimentamos.”

Eu sabia que ela precisava desse tempo, desse espaço. O baque que ela tomou foi bem mais forte que o meu. Afinal, foi ela quem engravidou e perdeu depois. Eu apenas assisti tudo. Não queria importuná-la fazendo-a ficar no quarto comigo. Era óbvio, por conta das circunstâncias, que era algo que ela não gostava.

Ela realmente precisava de um tempo, mas já começava a achar que era “tempo demais”.

“Ele até pergunta como estou e eu respondo com um “Bem”. Monossilábico, seco e que acaba com qualquer possibilidade de continuar a conversa. Apenas assente e continua a comer.

Apesar de tudo, a Keiko ainda é uma ótima companhia. Com ela o tempo não é uma coisa amarga como quando estou tentando pegar no sono. Keiko consegue arrancar alguns sorrisos e risadas minhas, porém ela sabe bem o quanto estou abatida. Até tenta me animar, só não adianta muito.

E desta forma, como descrevi nos outros dias, meus dias se passaram.

Eu realmente estou em um buraco emocional e não tenho ideia de como sair.”

Eu já não aguentava mais vê-la dessa forma. Kazuko sempre foi sorridente e cheia de palavras. Mesmo sendo pobre e ter virado escrava, ainda encontrava maneiras de sorrir. Não suportava mais vê-la com aquela cara triste, se arrastando daquele jeito. Sentia saudade do sorriso e da risada dela, daquelas palavras animadas que dizia.

Agora ela ficava com aquela cara fechada, monossilábica e séria. E até eu estava começando a ficar mal com aquilo. Tinha que fazer algo antes que começasse mesmo a me afetar ou Kazuko tomasse uma medida drástica.

“Com tudo isso, eu também perdi noção do tempo. Olhei o calendário e notei que meu aniversário de dezoito anos é daqui alguns dias. E pela primeira vez na minha vida não estou nem um pouco animada quanto a isso.

Meu aniversário sempre me foi motivo de alegria. Pessoas reunidas por minha causa, presentes e bastante comida. A única ocasião onde os pobres não tem miséria, porque sempre queremos que sejam coisas inesquecíveis. Um momento para esquecer a nossa vida ruim, mesmo que só um pouco. Mas, este ano, o que eu tenho a comemorar? Eu sou escrava e acabei de passar por uma situação horrível.

Gostaria muito de poder voltar no tempo e mudar o que aconteceu. Não o que aconteceu na semana passada, mas sim o que foi há quase seis meses. Queria de alguma forma impedir que Makoto viesse e me comprasse. Com certeza tudo seria diferente se aquele dia fosse diferente. Estaria animada como sempre fui e muito empolgada cursando a faculdade. E empolgada com não precisar mais ir ao centro de escravos.

Eu queria passar meu aniversário com a minha mãe e com as minhas amigas. Poder ficar jogando conversa fora, rindo de coisas bobas e esquecer

dos problemas. E mais tarde, poder abrir os meus presentes e me sentir mais feliz ainda.

Pena que nunca acontece como queremos. Agora eu estou aqui presa. Tudo o que mais quero é minha liberdade, só isso! Voltar a ser aquela Kazuko feliz, sorridente e livre.

Infelizmente, nada disso depende de mim.”

Segui para a anotação seguinte, que diferente da que acabara de ler, era pequena.

“Querido diário,

perdoe-me o desabafo ontem, estava precisando. É só com você que posso fazer este tipo de coisa. Só me sinto confortável aqui.

Meu dia de hoje foi como sempre, acordei, tomei café da manhã, ajudei Keiko nos serviços de casa... Uma coisa estranha é que Makoto chegou bem mais tarde do que o habitual. Ele disse a Keiko que acabou ficando um bocado ocupado no escritório. Eu não acreditei muito não! Não sei o porquê, mas eu senti que ele mentiu. Ele não aparentava cansaço como descreveu.

Aí tem algo!

Agora, eu dormirei.”

Neste e em mais alguns dias que se seguiram, eu cheguei um pouco mais tarde em casa. Justamente porque estava tomando uma atitude. Uma atitude pelo bem de Kazuko.

Ela iria ter um aniversário que nunca esqueceu.

Capítulo 25

Aniversário de Kazuko

No meu intervalo de almoço, enquanto o escritório estava vazio fui ler mais um trecho do diário.

O que eu estava preparando para Kazuko era uma digna festa surpresa. Mas eu chamei pessoas de quem ela gostava muito: família e amigos. Entrei em contato com a mãe dela, Saiko, e organizei tudo com a ajuda dela. Ela tratou de chamar os convidados e eu auxiliei com o resto. Decoração, doces, bolo, outras coisas. Combinei também o horário que levaria Kazuko, já que a festa seria na antiga casa dela, do lado pobre da cidade. Aproveitei e pedi um dia de folga para isso.

Li um pouco e finalmente cheguei à data do dia seguinte do aniversário dela. Foi quando escreveu sobre a surpresa.

“Querido diário,

eu sou agora uma pessoa maior de idade. Completei dezoito anos finalmente. Não foi do jeito que eu queria que fosse, de acordo da forma que a minha vida se encontra agora. Mas até que foi melhor do que pensei que seria.

Eu acordei bem desanimada e cheguei até a ficar pior ao olhar o calendário. Makoto abriu a porta, ele estava vindo me acordar. Só que como já estava desperta, falou me abraçando:

– Feliz aniversário, Kazuko!

– Obrigada. – respondi desanimada

– Ora, vamos, pare com isso. Hoje é seu dia.

Então, notei que horas o relógio marcava.

– Não vai trabalhar?

– Não! Passarei o dia com a aniversariante.

– Ah, Makoto. O que vamos fazer? – indaguei já esperando uma lista de atividades que seriam bem chatas

– Eu tenho uma surpresa para você.

Fiz uma careta, contudo uma pontinha de curiosidade veio também.

Acabei de me arrumar e descemos. Entrei no carro e ele pegou um lenço e iria amarrá-lo no meu rosto.

– Ei! – reclamei

– Preciso vender você para a surpresa.

– Eu fecho os olhos quando estivermos perto.

– Não! Tem que ser durante o caminho todo.

Soou como uma ordem. E eu acatei. Ele me vendou e seguimos viagem. Foi uma boa meia hora sem ver nada. Não sabia o que pensar, só sentia o carro andando. E de repente, percebi que ele parou. Makoto bateu a porta, abriu a do meu lado depois e me guiou na saída do carro. Andei um pouco e senti um cheiro familiar. Ele me levou até o lugar e tirou a venda. Ouvi e vi pessoas conhecidas gritando “Surpresa” e depois parabéns para mim. Um sorriso, que há tempos não tinha, se acendeu. Minha mãe correu para me dar um abraço, minhas amigas em seguida. Recebi também “Feliz aniversário” delas.

Todos presentes. Família e amigos. Eles me fizeram uma festa surpresa, algo que nunca tive na vida. O ambiente da minha, agora antiga, casa estava como em todos meus aniversários. Decorado com balões, fitas, uma mesa com doces, bolo e uma faixa escrito: Feliz Aniversário, Kazuko. Esqueci-me de Makoto e fui ficar com meus convidados.”

Pois é, eu fiquei em um canto isolado durante toda a festa. Somente Saiko que vinha falar comigo de vez em quando. Mas, isso faz parte. O que importava era que ela estava feliz com a surpresa e matando a saudade dos entes queridos.

“Minhas amigas contaram como andavam suas vidas. Algumas completaram dezoito anos e curtiam sua liberdade. Outras ainda com medo de serem compradas por serem obrigadas a ir ao centro de escravos todas as noites. Logo, elas foram querer saber como eu estava:

– E você, Kazuko?

– Eu estou bem. Levando tudo na medida do possível.

– Poxa, o seu dono te trata tão mal assim?

– Pois é, ele quem organizou essa festa para você. Falou com a sua mãe e também viu o melhor horário para que pudéssemos comparecer.

Eu não sabia desse detalhe. Procurei por ele e o vi em um canto, ele me sorriu. Respondi.

Outra amiga continuou:

– Mas tem alguma coisa. Você tá com uma carinha abatida.

– É! Aconteceram umas coisas.

Acabei contando os ocorridos dos últimos meses, destacando o incidente no aniversário do Makoto e minha gravidez.

– O quê? Ficou grávida? Como?

– Ficando oras! Não pude tomar o remédio por uns dias e aconteceu.

– E ele? O que fez quando descobriu?

– Ele me apoiou. E fez da mesma forma quando perdi.

– É, Kazuko, tirou a sorte grande. Conseguiu um bom dono!

– E bonito também!

Todas nós rimos desse comentário. Passamos as horas seguintes falando besteira e jogando conversa fora. Infelizmente, elas tinham que sair. Algumas voltariam para casa, e outros iriam ao centro de escravos.

Cantamos os parabéns, cortamos o bolo e os convidados foram embora. Isso indicava que logo eu voltaria também.

Ajudei a minha mãe a arrumar tudo e fui ao meu quarto para poder sofrer de nostalgia.

O quarto estava do mesmo jeito que me lembro. Vi todos os meus livros na estante, minha escrivaninha e minha cama, onde eu deitava todas as noites e agradecia por ter mais um dia de liberdade. Com exceção de uma noite, quando fui comprada por Makoto, o travesseiro sabe o quanto chorei.

Joguei-me na cama e respirei fundo. Pensei em tudo o que passei. Foi ruim, mas poderia ter sido bem pior. Minhas amigas têm razão: tirei a sorte grande, consegui um bom dono.

Makoto entrou.

– Kazuko, hora de voltarmos.

Sabia que isso chegaria. Levantei. Ele continuou:

– Este era o seu quarto?

– Era!

– É bem a sua cara! – comentou com sorriso no rosto – Se quiser pegar algo para levar.

– Posso?

– Claro que pode. Estou te esperando lá em baixo.

Só peguei alguns livros que estava com vontade de ler de novo e os meus presentes. Despedi-me de mamãe.

– Tchau, mãe. Foi tão bom te ver.

– Também, filha. Feliz aniversário de novo e se cuide hein, fiquei assustada com essa história da gravidez.

– Eu sei. Se eu pudesse conversar com você quando aconteceu. Mas o que podemos fazer, né, mãe? Eu não comando a minha vida.

– Adeus, Sra. Saiko.

– Tchau, Makoto. Foi um prazer te conhecer.

– Igualmente.

Abracei-a forte e entrei no carro. Makoto me perguntou no caminho se eu me diverti, respondi que sim. Cheguei a casa e estava organizando meus presentes no quarto. Logo, Makoto me interrompeu para o jantar que Keiko deixara pronto, pois foi embora mais cedo. Iria voltar ao que fazia, contudo Makoto pediu minha presença no quarto.

– O que foi, Makoto?

– Ainda estão faltando alguns presentes meus.

– Achei que a festa fosse o meu presente.

– Também. Só que tem mais coisa.

Eu me aproximei da escrivaninha dele e tinham três embrulhos. Um maior, um médio e um mais comprido, porém fino. Escolhi o maior primeiro. Era um computador portátil. Que é uma placa de vidro e que podemos usar com dedos. Além disso, essa placa também projeta os periféricos para serem usados. Abri um sorriso e agradeci. Fui ao próximo, de tamanho mediano. Este era um celular, tão fino e transparente quanto a outra placa de vidro, só que menor. Agradeci novamente e questionei:

– Para quê tudo isso, Makoto?

– Calma! Abra o terceiro presente.

Fiz o que ele disse e quase cai para trás. Era um documento. Seria uma carta de alforria? Não! Quando li melhor vi que era só para “liberdade diurna”. Havia uma espécie de identidade com uma foto minha.”

Isto foi o motivo que me fez chegar mais tarde em casa. É algo que existe, mas, como é raro, é bem complicado de fazer. E deu um trabalho, pois é um documento raramente requisitado.

“– Liberdade diurna? O que significa isso?

– Quer dizer que pode sair daqui durante o dia. Tem aí todos os documentos para isso, inclusive para compras, se precisar. Mas, você sempre deve estar em casa antes do Sol se pôr. Você pode passear, visitar

seus parentes e o que mais quiser.

– Sério? – falei empolgada

Ele assentiu.

– Obrigada, Makoto. – abracei-o, mais feliz do que podia imaginar

Quando desvencilhei dele, ele estava sorrindo e me olhando nos olhos. Ficou parado por uns segundos, antes de se aproximar e me beijar. Exatamente isso: ele me beijou! Puxou-me para perto de seu corpo e eu correspondi aos movimentos dele instintivamente. Não sei o porquê! Enlaçamo-nos por alguns instantes naquilo. Não fora meu primeiro beijo, já que tinha ficado com outros meninos na escola. Porém, eu confesso que nunca recebi um beijo igual a esse. Ainda estou pensando nele.”

Esse beijo não estava no script. Foram os meus sentimentos por Kazuko já aparecendo.

“O momento que nos separamos foi uma troca de risos bobos e Makoto dizendo que faltava ainda mais uma coisa. Mandou-me deitar na cama e assim fiz.

Tirou apenas a parte de baixo das minhas roupas. Masturbou-me um pouco com os dedos. Pensei que ele arrancaria as calças e começar o que interessava, mas não. Ele dirigiu a cabeça para minhas partes íntimas e eu senti uma lambida em seguida. Não achei nojento, aquilo me excitou. Ele continuou fazendo. Lambia, sugava, mordiscava, explorava cada canto daquele lugar. Eu respondia com gemidos agudos que começavam a me secar a garganta.

O dedo voltou junto com a língua depois, o que aumentaram ainda mais os meus sons. Ele manteve o ritmo por alguns minutos, até que eu senti um calafrio subir na espinha e eu soltei o gemido mais forte que consegui. Makoto saiu com sorriso malicioso e comentou:

– Você gozou. Achei que tinha enferrujado nisso. Pode colocar suas roupas e voltar pro seu quarto.

– Makoto! – chamei-o – Vem! Faça isso comigo.

– Como é que é?

– Transa comigo! – respondi, quase escondendo meu rosto

Ele podia bem me ignorar, mas acho que os meus gemidos o excitaram. Penetrou e começou os movimentos de vai e vem, devagar e acelerando logo em seguida. Não tinha controle dos sons que emitia, eles apenas saíam, a

cada estocada que Makoto dava. Eu devia estar mais sensível que o normal.

Após alguns minutos, ele finalmente gozou, deitou-se sobre mim, tentando recuperar o fôlego. Pude ouvi-lo sussurrar:

– Kazuko.

Sorri por dentro. É uma sensação boa quando dizem o seu nome.

A atitude seguinte dele me impressionou. Levantou e me deu outro beijo, este que foi tão bom quanto o anterior. Dessa vez não teve nenhum riso. Ele me olhou sério, saiu de dentro de mim e se ajeitou, ficando de barriga para cima. Colocou a minha cabeça sob o seu peito, desejou-me boa noite e adormecemos.

Eu ainda estou tentando entender o porquê dos dois beijos. Admito que gostei! Só quero saber os reais motivos dele para tal.

Agora, tomarei meu banho matinal.”

Os motivos para tudo isso foram eu simplesmente querer ver Kazuko bem, ainda mais depois do que ocorrera. E também já estava me apaixonando por ela. Só não sabia disso ainda!

Capítulo 26

Desejos

Não pude ler mais no trabalho, o horário de almoço acabou e eu tinha muito a fazer.

Cheguei a casa e Kazuko foi com Takumi ao médico só por rotina e não voltaria tão cedo. Cumprimentei Keiko e me sentei na sala para ler mais um pouco. Era a anotação do dia seguinte e cobria o final de semana.

*“Diário,
já perdi as contas de quantas vezes eu e Makoto nos beijamos neste último fim de semana. Deve estar se perguntando o porquê. Calma, vou explicar.*

Depois do que aconteceu no meu aniversário, eu consegui renovar meus ânimos e mandei aquela tristeza toda embora. Também não conseguia parar de pensar nos dois beijos que Makoto me deu. Ambos foram de surpresa e eu gostei bastante. Estava querendo um terceiro. Tentava disfarçar a minha vontade, achei que estava fingindo mal, mas tem horas em que ele é um pouco tapado.

A manhã passou normalmente. Eu fiz o almoço e comemos. Sentamos no sofá e passamos a assistir a um programa qualquer. Estávamos lado a lado. Ele vidrado na tela e eu nele. A cada minuto, olhava para os lábios dele. Sei lá o que deu em mim, não pergunte! Fazia isso muito descaradamente e praticamente o tempo todo. Era óbvio que perceberia no mais tardar ou não. Então, me abordou:

– Kazuko, o que houve? Por que está me olhando o tempo inteiro?

Não sabia o que responder. Não queria ser sincera e falar: tô olhando pra sua boca. Beije-me de novo! Olhei-o nos olhos, alternei para os lábios e voltei aos olhos de novo. Tudo isso foi rápido, antes de eu roubar um beijo dele. Foi bem simples, já que não sou a pessoa mais experiente nisso. Segurei a nuca dele durante o processo. Separei-me dele e devia estar completamente vermelha. Não podia ter feito algo assim, haveria consequências. Virei o rosto para o outro lado e a única coisa que saiu foi:

– *Desculpa, Makoto.*”

Admito que eu também estava de uma forma bem parecida. Só que a Kazuko é tão tapada quanto eu que nem notou. Estava na mesma que ela, sem coragem de tomar uma atitude, com medo da reação do outro. Cada um por uma questão diferente e talvez semelhante ao mesmo tempo.

Eu realmente não esperava isso dela. Aliás, quantas vezes ela não me surpreendeu, não é?

“Ficou um silêncio mortal por uns segundos. Já esperava que ele gritasse comigo, mas não foi o que aconteceu. Pegou no meu ombro e me virou, acabou acontecendo outro beijo. E este emendou mais outro e outro. Deitei-me no sofá e Makoto foi para cima de mim. Começou a acariciar meu corpo aqui e ali. Apalpou meus seios por baixo da blusa.

Acho que em uma situação normal – se é que isso existe entre nós – não faríamos algo assim. Com certeza, nenhum de nós dois estava em sã consciência.

A cada intervalo entre os beijos tirávamos uma peça de roupa, até que ficamos completamente nus. Não foi necessária qualquer troca de palavras para o ato ocorrer. Não éramos de palavras naquela hora. Makoto penetrou e em sequência, meu gemido. Começou o movimento que ele sempre faz, os beijos não cessavam. Alguns minutos passaram e ele finalmente gozou.

Pode até parecer que foi algo monótono de tão rápido e simples que foi. Contudo os beijos deram um algo a mais.

Só que aconteceu outra coisa: a vergonha. Pois é, minha consciência voltara. Olhei para Makoto e queria me esconder, só pude fazê-lo com as minhas mãos.

– Kazuko, o que foi? – indagou revelando minha face ao segurar meus braços

Não sabia explicar porque me escondia, eu estava confusa e ainda estou. Respondi:

– Isso que a gente fez. – desviei o olhar”

Tem uma explicação bem óbvia para tal. Kazuko já ouviu alguma história de que a escrava e seu dono se beijavam? Claro que não. Isso é tabu! Uma coisa estranha para ela.

“– Como fazemos todas as vezes.

– Não isso... A outra coisa.
– Que nos beijamos?
– É! Isso. – não conseguia olhá-lo
– O que tem demais? – ele pegou no meu queixo e me fez encará-lo –
*Existe alguma regra? – disse com mais vontade – E se eu quiser beijar você?
E foi o que fez. Roubou um, sufocante. Questionou:
– O que pode fazer?
– Nada.
– Vamos criar uma nova regra para isso: beijos são permitidos se
qualquer um de nós estiver com vontade. De acordo?
Assenti e pulei no pescoço dele para mais um. E fizemos outra vez
também. Ele acrescentou mais:
– Outro detalhe: só quando estivermos sozinhos. Não quero que fiquem
comentando.
– Será nosso segredo então! – comentei risonha
Makoto riu. Vestimo-nos depois.
O final de semana não teve mais nada de muito interessante, fora os
beijos do Makoto, é claro! Haha
Aproveitarei para passear pela cidade mais tarde.”*

Segui para a anotação seguinte, que era antes do jantar daquele mesmo dia.

“Olá diário!

Acabei de voltar do meu primeiro passeio sozinha em muito tempo. A última vez que o fiz, nem conhecia Makoto.

Arrumei-me após o almoço, peguei os documentos que tinha que levar e sai. Fui andando mesmo, é perto. Era um local bem chique e todos ficaram me olhando por conta de minhas roupas mais simples. Não comprei nada! Parei diante de um dos milhares espelhos que tem naquele shopping. Percebi o quanto meus cabelos estavam grandes. Sei que os vejo todos os dias, porém só naquele momento que eu prestei atenção. Mal chegavam as minhas costas e já estavam quase na cintura. E a minha franja? Estava em conjunto com o resto do cabelo quase. Até tive paciência de cortar de novo, mas parei após alguns meses. Queria dar um jeito nisso. E o que vi atrás de mim? Um salão de beleza. Entrei lá e fui um pouco mal recebida.

– Boa tarde! – falei

- Boa tarde, senhorita. – notava-se o deboche
- Tem vaga para um corte de cabelo agora?
- Ter, eu tenho. Não sei é se a senhorita terá como pagar.
- Isso não é problema. – mostrei minha identificação
- Primeira vez que vejo uma escrava andando por aí.

Ela pegou aquele cartão e passou em sua máquina. Registrou tudo, inclusive o pagamento.

- Ah, e eu gostaria de uma hidratação. – completei
- Claro!

Ela me disse o valor, devolveu minha identidade.

- Sente-se e aguarde só um pouco, Srta. Hirasawa.
- Obrigada!

Passaram-se alguns minutos e fui chamada. Ajeitei-me na cadeira e o cabeleireiro me cumprimentou sorrindo:

– Srta. Hirasawa, é um prazer cuidar deste belo cabelo. É um caso raro, primeira vez que temos uma escrava.

- Isso foi um elogio?
- Claro, querida. – e disse seu nome, que não cabe citar aqui
- É um prazer!
- Igualmente! – cruzou os braços – Então, qual será o corte?
- Eu quero essa franja de volta. – respondia alisando o cabelo – E tirar um pouco do comprimento e desfiando-o. Acha que fica bom?
- Até fica, mas ele está muito reto e continuará assim. Que tal fazer em camadas?

– Vou aceitar a sua sugestão.

Ele sorriu. Lavou meus cabelos, fez a hidratação e depois o corte. Secou os meus cabelos e escovou-os. Finalmente pude ver o resultado.

- Maravilhosa. – ele comentou – Seu dono vai adorar.
- O que importa é que eu gostei. – retribuí educadamente
- Posso te dizer uma coisa: seu dono deve gostar muito de você. – tocou em meus ombros e me olhou pelo espelho – Se ele te deu essa pequena liberdade, deve ter algo a mais entre vocês.

– Pode ser, né! – comentei sorrindo e tentando parecer indiferente

Levantei-me, agradeci e sai. Peguei o celular e olhei a hora. Estava perto de Makoto chegar. Caminhei um pouco mais depressa e cruzei com ele no elevador. Ele elogiou o meu quase novo visual. Disse que me deixou com um ar mais maduro. Entramos juntos e ele foi se trocar. Eu vim para cá.

Agora é hora do jantar.”

Kazuko chegou com Takumi. Ela disse que correu tudo bem e que nosso filho está crescendo bem. Ela foi tomar banho e me deixou com ele. Fui obrigado a largar a leitura e dar atenção ao meu filho.

Capítulo 27

Vida de escrava

Algumas semanas se passaram e consegui intercalar trabalho e as leituras do diário. Passou-se pouco mais de um mês, quase dois no diário. E Kazuko, se recuperou psicologicamente e fisicamente do aborto. Então ela marcou uma consulta com a Rin para ver se estava tudo bem e voltar a tomar o remédio.

E esta era mais uma leitura escondida na hora do almoço.

“Olá diário,

Acabei de chegar a casa, vindo da consulta com a Dra. Rin e também de uma tarde agradável com ela.

Makoto me levou até o consultório e seguiu para o trabalho. Minha consulta era no meio da manhã e também um encaixe. O consultório estava cheio. Pensei que não sairia de lá tão cedo e foi isso mesmo que aconteceu. Passei horas sentada e entediada alternando meu olhar entre a TV e as outras pessoas por ali. Por sorte, acabei passando despercebida por todas aquelas ricas. Então, minha espera foi mais tranquila. Uma a uma, foram entrando e saindo, esvaziando a sala de espera. E no final fui chamada. Quando entrei, ela falou comigo:

– Esperou muito, Kazuko?

– Um pouco, Rin. – sorridente, respondi

– Peço desculpas por isso. É que hoje eu só atendo de manhã. – foi só ai que ela notou – Veio sozinha ou Makoto está te esperando lá fora?

– Vim sozinha. Eu ganhei “liberdade diurna”.

– Ah, sim. Já ouvi falar sobre isso. É raridade! Realmente é sortuda.

– Todos me dizem isso.

Ela sorriu, achando engraçado e continuou:

– Bem, vamos logo ver como você está e se seu corpo se recuperou. E também ver os exames que eu pedi, ai voltará a tomar seu remédio.

Fui à outra sala e ela fez os mesmos procedimentos de rotina. Fez outro exame em mim e viu os outros que eu trouxe. Disse que estava tudo bem e

que me recuperara bem. Entregou o remédio, exatamente igual ao antigo. As recomendações, as mesmas. Sai da sala sendo seguida por Rin. A recepcionista já tinha ido embora.

– Como vai voltar, Kazuko?

– Pegarei o transporte. Talvez almoce lá em casa mesmo. – era a minha casa agora

– Aproveite o seu dia livre! Que tal darmos uma volta? Te dou carona depois.

– Acho que Makoto não vai gostar disso.

– Sua liberdade não é diurna?

– Sim. A única regra é que a noite esteja de volta.

– Então pode ficar fora durante o dia. Ele não vai poder falar nada.”

Olha a Rin incitando a rebeldia da Kazuko! Haha.

Mas claro que ela tem razão. Desde que Kazuko cumprisse a regra, pouco importava o que ela fez durante o dia.

Se bem que ia querer saber de qualquer forma. Ia mesmo perguntar.

“Bem, ela realmente tinha razão. Só liguei para a Keiko avisando que voltaria mais tarde. E depois, seguimos para um shopping próximo.

Ainda era um pouco cedo para comer, acabamos caminhando pelos corredores, conversando, distraídas, olhando as vitrines.

– Tem pouco tempo que foi seu aniversário, não é, Kazuko?

– Foi quase uns três meses atrás.

– E eu não te dei presente e nem enviei nada. Ainda mais depois do que houve.

– E nem precisa, Rin. Não se incomode com isso.

– Mas eu sempre presenteio as minhas pacientes. Tudo bem que eu escolho um presente padrão para todas, mas eu vou te dar algo diferente.

E como nesses lugares tem lojas de tudo quanto é coisa, também tem uma sexshop. Esse tipo de loja já existe há séculos, porém nunca entrei em uma.

Rin parou e indicou que entrássemos lá. Abri a porta e ela veio atrás. Uma moça simpática nos deu boas vindas e perguntou o que estávamos procurando.

– Um vibrador para ela. – Rin respondeu, apontando para mim

-Tem alguma preferência, querida? – indagou olhando para mim

– Acho melhor ela ir na “salinha” para escolher.

A vendedora me levou a um local através de uma das cortinas. Era uma sala lotada de vibradores, organizados em prateleiras. Fiquei paralisada, sem reação àquilo tudo. Percebi que a vendedora sorriu, quase rindo e falou:

– Nunca entrou em um lugar desses, não é? Pela sua careta, notei.

– Pode nos deixar sozinhas um pouco, por favor. – Rin pediu

A moça assentiu e saiu. Rin chamou minha atenção e eu soltei:

– Por que eu preciso disso?

– Porque pode haver um dia que esteja com vontade, mas não tem escravo para te satisfazer. – pôs as mãos em meus ombros – É sempre bom aprender a fazer sozinha e também conhecer melhor o seu corpo e o que gosta ou não. Pode escolher qualquer um, vai ser o meu presente de aniversário para você.

Rin saiu, me deixando solitária com aquelas centenas de pênis de silicone. Impressionante como a tecnologia ainda é quase a mesma. Eu já li um pouco sobre como esses objetos surgiram. Tinham de várias cores e tamanhos. Alguns com bolinhas no meio, outros com duas extremidades. Enfim, vários tipos. Olhei por um tempo e acabei por escolher um bem simples, de cor roxa. Sai pela cortina e me encontrei com Rin e a vendedora.

– Ótima escolha. Deixa eu ir lá pegar um lacrado para você.

Enquanto esperávamos, Rin falava com alguém no telefone. Parecia que a pessoa localizava-se próxima a nós, pois ela disse onde estávamos. Pouco depois, já fora da loja, perguntei, curiosa:

– E você, Rin, tem um desse também?

– Não. Eu não gosto da mesma coisa que você. Sou casada com uma mulher.

– Nossa! Não sabia.

– Isso é outra coisa que me causaria alguns problemas se descobrissem. Eu ter virado ginecologista não tem nada a ver com a minha sexualidade.

Uma mulher muito bonita olhou em nossa direção e sorriu. Era a esposa de Rin. Elas se abraçaram e trocaram um selinho.

– Quem é essa? – perguntou ela

– Esta é uma das minhas pacientes: Hirasawa Kazuko. É aquela escrava que te contei.

– Ah, sim. Prazer, Srta. Hirasawa. – estendeu a mão – Eu sou Kondo Namie. Esposa da Dra. Saho.

– Muito prazer.

– Bem, devidamente apresentadas, vamos comer. – Rin falou

Entramos em um restaurante de renome. Pois é, era convidada especial da Rin. Sentamos e fizemos o pedido através da tela projetada na própria mesa. Logo, a garçonete chegou com a comida. Conversávamos enquanto comíamos:

– Queria saber a história de vocês. Como se conheceram? – indaguei

– Foi um encontro de escravas trancafiadas. – Namie respondeu sorrindo

– Nossos donos eram amigos e quando o dono dela veio visitar o meu, trouxe-a junto. E nos colocaram no mesmo quarto. - explicou Rin

– E assim foi por muitas vezes. Até que... Acabou acontecendo.

– Ah? – fiz careta – Entendi!

– Mas perdemos contato ao sermos libertas. Apenas nos reencontramos na faculdade. Assim, finalmente namoramos e nos casamos.

Sorri. Era uma boa história, apesar de estar um bocado resumida.

– E a vida de escrava de vocês? – perguntei

– Fui comprada com dez anos. – Rin começou – E tinha muito nojo quando o meu dono fazia comigo, até porque eu nunca gostei do tipo dele. Acho que me entende, né? – assenti e ela prosseguiu – Foram anos de tortura, fazendo algo que eu não gostava. Sendo totalmente obrigada. Os únicos momentos bons eram quando estava na companhia da Namie. – olhou e pegou na mão da esposa – Fui alforriada com dezesseis e segui com os meus estudos. Tentei esquecer o que passei. E por sempre estar preocupada em me cuidar naquela época, também decidi ajudar outras mulheres e me formei em ginecologia.”

Uma escrava que foi alforriada e ainda é menor de idade não pode ser comprada de novo. Cada escravo só pode ser comprado uma única vez. Nada impede que ele seja passado de um dono a outro, como um objeto. Sendo revendido ou dado de presente. Mas, no centro de escravos é apenas uma vez!

Rin foi liberta numa idade em que deu tempo de recuperar os estudos. Bem, ela quis assim. Algumas até desistem de seguir em frente por conta do trauma vivido.

“A história de Namie era bem semelhante. Ela foi comprada também aos dez anos e foi liberta aos dezessete. Ela é formada em música.

O encontro delas realmente foi coisa do destino e elas aproveitaram os momentos juntas e construíram sentimentos recíprocos entre si. A separação abrupta fora apenas temporária, porque os sonhos de um bom futuro as levaram a faculdade e ao reencontro. Dava para ver como elas eram felizes. Fiquei encantada de vê-las dessa forma. Um casal feliz! Espero que um dia eu possa saber o que é isso também!

E elas disseram em uníssono:

– E a sua? Sua vez de contar.

– Mas... Não aconteceu nada.

– Uma gravidez não é nada? – Rin retrucou

– Fora isso, nada demais.

– Conta! – Namie pediu – Como o seu dono reagiu?

Acabei contando toda essa história para elas e também a passagem do meu aniversário.

– Ele fez isso mesmo, Kazuko? – questionou Rin

Fiz sim com a cabeça.

– Ele gosta de você! – falou a esposa

– Muitas dizem isso. Mas eu sei lá.

– Ele te deu liberdade diurna. Você não entende o que isso quer dizer? – ela continuou

– Nunca parei para pensar nisso.

– Mas é bom que o faça. – completou

Senti o meu coração dar uma vacilada. Talvez pelo choque de realidade.

– Sua mãe foi escrava também? – Rin, dessa vez

– Foi sim. Inclusive foi liberta porque engravidou de mim.

– Nada além do normal!

Nunca contei a história da mamãe, que tecnicamente é o início da minha. Ela foi comprada com onze anos e por um homem casado. Por muitos anos, ela foi maltratada e dormia com o dono e a esposa dele. E em algumas vezes, quando o casal brigava, o dono ia ao quarto da minha mãe e descarregava nela. Quando tinha minha idade, percebeu que estava grávida. Conseguiu esconder por uns quatro meses, até que a esposa do seu dono notar que ela havia engordado. Antes de ser alforriada, ou melhor, despejada, foi agredida e jogada na parte pobre da cidade apenas com roupa do corpo. Por sorte, encontrou alguns conhecidos que a levaram de volta à casa de vovó, que morreu quando ainda era criança. Minha vó a recebeu e

ficou feliz com a novidade. Eu nasci e passamos a viver nós três. Ela sempre dizia que eu me parecia muito com a minha mãe. Sinto falta dela!

Os anos correram e chegamos onde estou hoje. Por enquanto minha história está melhor do que a delas duas. Pois é, minha mãe é “filha de um rico”, assim como eu.”

Eu ouvi essas coisas da própria boca da Saiko, mãe de Kazuko. E infelizmente não é um tipo de coisa rara, é muito comum e normal de ocorrer.

“Mudamos de assunto e continuamos conversando em um clima agradável. Acabamos de comer e ganhei uma carona. Cheguei ao apartamento no meio da tarde.

– Se divertiu, Kazuko? – indagou Keiko

– Sim. Estava precisando disso. Vou tomar um banho e me trocar e venho te ajudar.

E cá estou eu.

Espero que o Makoto não brigue por ter feito isso. Até breve!”

E não, não soltei um ai sobre este passeio da Kazuko. Queria que ela tivesse um pouco de liberdade e fazer o que quisesse.

Fechei o diário. O horário de almoço acabara.

Capítulo 28

Viagem à praia

(Parte 1)

Mais alguns dias se passaram e eu conseguia intercalar a leitura do diário no trabalho; na hora do almoço; em casa; durante a noite; em finais de semana. Todas as anotações estavam bem repetitivas. Kazuko realmente escrevia tudo, mesmo que ela tenha ficado deitada olhando para o alto.

Chegara em outra época da qual me lembrava: A nossa viagem à praia.

Já fazia uns dois anos que trabalhava sem tirar umas férias. Pedi-as a meu chefe e decidi viajar com Kazuko. Eu queria tomar um banho de mar e a minha esposa não o conhecia, então resolvi que faria os dois de uma vez só. Arrumei as malas e comprei roupas de banho para mim e para ela. Em uma bela manhã de Sol, acordamos cedo e fomos de carro. Ficaríamos na casa de veraneio da família.

A anotação seguinte era já do nosso primeiro dia lá. Como Kazuko escreveu escondida? Esperou eu dormir!

"Querido diário,

Aqui estou na casa de praia da família Miyasaki. É noite agora! Makoto está dormindo num dos quartos que tem lá em cima. Vim para cá para poder escrever com mais tranquilidade. Gostei bastante do dia de hoje, mesmo acontecendo algumas coisas estranhas.

Makoto e eu acordamos cedo, pusemos as malas no carro e fizemos uma viagem longa para chegar até aqui. No caminho, conversávamos:

– Muitas pessoas de Ioma tem casa lá. É um ótimo lugar para passar férias, você vai gostar!

– Mais um lugar para eu ser mal olhada por ser escrava e ainda mais por pessoas que nem me conhecem.

– Por que diz isso?

– Toda vez que saio, muitos ficam me observando. Sei que não é normal

uma escrava andando livre por aí, mas, ainda assim, me incomodo.

– Entendo. – disse meio indiferente

Houve alguns instantes de silêncio, parecia que estava tramando algo. Ele finalmente revelou:

– Eu tive uma ideia para tirar uma folga disso. Tirar uma folga dessa coisa de dono e escrava. Uma brincadeirinha.

– E o que seria? – questionei curiosa

– Vamos nos casar.

Olhei para ele perplexa e pedindo uma explicação com a careta.

– Quer dizer que vamos ser marido e mulher, por alguns dias. Algo como fantasia para nós e encenação para os outros.

– É uma boa ideia. – sorri – Tudo bem!

Eu devo estar é louca! Aceitei só para deixar ele feliz.

Eu tenho ficado com esse pensamento de que possivelmente eu esteja apaixonada pelo Makoto, desde que comecei a ir a alguns passeios com a Rin. Ela comentou tanto sobre isso e estou cada vez mais confusa. Ainda insisto que Makoto está apenas sendo legal e humano comigo, não que ele sinta algo por mim. Sei que ele faz as coisas para me que me sinta melhor, mesmo que só um pouco, e inconscientemente estou respondendo a isso também.

Só que as coisas que aconteceram hoje aumentaram estes sentimentos confusos."

Até eu já começava a me sentir um pouco esquisito nessa época. Não sabia bem o que era e não queria nem parar para pensar sobre isso.

"Mas, vamos pela cronologia.

Chegamos a uma cidadezinha, com algumas lojas e tinha uma joalheria entre elas. Acabamos entrando lá. Uma moça simpática falou conosco e perguntou o que queríamos. Makoto pediu por alianças de ouro. Ele me deixou escolher. Não havia muitas diferenças entre os anéis. Decidi por um mais fino. Ambos gostaram.

– E vão se casar quando? – indagou a vendedora

– Na praia, no pôr-do-Sol.

– Que romântico, mas acho que deixaram a compra das alianças pra bem em cima da hora.

– Sim. A cerimônia será algo só nosso.

– Entendo. – falou entregando a sacola – Espero que sejam felizes.

Agradecemos e saímos. Até reclamei por ele ter falado aquilo tudo à vendedora, fiquei sem onde me esconder.

– Não tem nada demais, o que disse não deixa de ser verdade. E aliás, nunca mais a veremos. – retrucou

– De certa forma, você tem razão.

Um tempo depois, mais próximos ao destino, Makoto parou em um mirante que dava a vista maravilhosa da praia e todas as casas da região. Achei que fosse mais uma parada para esticar as pernas e fui admirar a paisagem. Porém, ele parou por outro motivo.

– Vem, Kazuko. – pegando na minha mão e segurando a caixinha das alianças na outra.

– Precisa ser agora?

– Melhor antes de chegarmos.

– Só sem troca de votos, por favor.

– Ah, mas eles também fazem parte da brincadeira.

Bufei e assenti, meio contrariada.

– Não se preocupe. Eu começo! – deu um anel para mim, pegou o outro – Eu, Makoto, prometo a você, Kazuko, sempre te amar e te proteger, sendo o melhor marido e fazendo tudo o que estiver ao meu alcance por você. – terminou colocando a aliança no meu dedo.

Era minha vez. Meu coração acelerou.

– Não sei o que falar. – ri de nervoso.

– Começa da mesma forma que eu.

– Eu, Kazuko, prometo a você, Makoto, ser fiel e te amar por todos os dias em que estivermos juntos, sendo a melhor esposa do mundo.

Por que disse "te amar"? E "ser fiel"? Eu só posso estar mesmo louca! Não quero levar essa brincadeira a sério. Não quero mais me sentir confusa assim! Perdi as contas de quantas vezes fiquei palpitante e sem reação hoje.

– Pronto! – respirei aliviada – Podemos ir? – falei ameaçando voltar para o carro.

– Ei, ei! Espera! Não tá esquecendo nada?

Usei uma careta como resposta e nos beijamos. Sorte que não tinha ninguém na hora.

– Enfim casados! – soltou depois

Makoto, seu filho da puta! Que ódio que eu fiquei quando ele disse isso.

Voltamos ao carro e logo chegamos. A casa é linda. De dois andares,

com sala, cozinha, banheiro no andar de baixo. No segundo andar tem três quartos, sendo que um deles é suíte. Deixamos nossas malas neste e fomos à praia.

Eu já sabia como era um biquíni, só que nunca tinha usado um. E, sinceramente, você fica tão descoberta como se estivesse de roupa íntima. Estava com um vestidinho por cima. Makoto foi direto com a roupa de banho. Se é que aquilo pode ser chamado assim, era uma bermuda.

Tinha algumas pessoas, mas nada que indicasse cheio. E sim, todos nos olharam assim que chegamos. Makoto esticou o tecido para sentarmos, assim fizemos.

– Kazuko, tira isso. – falou tocando no vestido

Levantei-me para tal. Puxei a roupa e tirei o mais depressa que pude, contudo isso não impediu que os olhares se direcionassem a mim."

Quando eu lembro, acabo revendo tudo em câmera lenta.

Já vira o corpo de Kazuko diversas vezes, só que de biquíni é bem diferente. Pude ver as curvas dela de melhor forma. Por muito pouco eu não babe!

"Sentei depressa e queria sair correndo dali. Que vergonha! Era um simples biquíni preto que mostrava o meu corpo para muita gente que não conhecia.

Makoto e eu passamos o protetor solar, de secagem instantânea. Ficamos sentados um pouco e eu admirava aquela paisagem nova para mim, até que ele me chamou:

– Vamos na água. – levantou-se

Meio contrariada, fui.

Andamos um pouco até chegar onde a água e areia se encontravam. Makoto deu sua mão para que segurasse.

– Quando você quiser. – completou

Via as ondas quebrarem perto de meus pés e dei um passo à frente. Senti a água gelada por entre meus dedos e não pude evitar de sorrir. Era uma ótima sensação.

– E aí? – ele indagou

– É gelada, mas é bom!

– Quer ir mais fundo?

Apenas assenti.

Fomos adentrando e tinha um calafrio conforme meu corpo era coberto. Quando a água chegou na cintura, paramos. Eu me diverti bastante mergulhando no mar e quase tomei uns tombos feios algumas vezes. Sorte que Makoto me segurou.

Voltamos para a areia e liguei o foda-se para todas aquelas pessoas, porém uma me chamou atenção. Ela estava sentada numa sombra feita por um guarda-sol e sentada numa cadeira, acariciava a sua barriga.

– Era para eu estar assim, não é?

– Assim como? – então aponte! – Ah, talvez. Não temos como saber.

– Acho que ainda não me recuperei completamente disso. Toda vez que penso nisso fico triste. – abaixei a cabeça

E como daquela vez, ele não disse nada, só me abraçou. Minutos depois, perguntou:

– Quer voltar para a casa? A gente descansa um pouco lá.

– Tudo bem. – falei limpando o rosto.

Pegamos nossos pertences e retornamos. Tomamos banho para tirar a sujeira do corpo. Belisquei um dos lanches que trouxemos para comer no caminho por conta da fome e acabei dormindo, só acordei quando escureceu. Desci e Makoto estava assistindo a um filme.

– Acordou, dorminhoca! Deve estar com fome não? Fiz o jantar.

– Oba! Então vamos comer.

Era um jantar simples que ele fez com coisas que comprou numa loja de conveniência aqui perto. E estava uma delícia! Comemos rápido e sentados à mesa. Depois subimos, Makoto foi tomar banho e eu fiquei olhando a paisagem noturna na sacada. As ondas batendo na areia e o céu com uma bela lua cheia, com o reflexo na água. E estrelas, muitas delas. Consegui me distrair tentando ver as constelações. Então, Makoto apareceu me abraçando por trás.

– É lindo, não é?

Apenas concordei. Ele fez outra pergunta:

– Gostou de ter ido à praia hoje?

– Sim. Quero ir mais vezes.

– Vamos ter bastante tempo para isto durante os dias que passaremos aqui.

Ele estava com o queixo encaixado no meu pescoço e podia senti-lo me cheirando de vez em quando. Tava na cara o que ele queria. Soltei-o, me virando e indaguei:

- Quer ir para o quarto?
- Querer, eu quero. Mas não agora!

Depois de completar a frase, me beijou. Ficamos um tempo ali, até que entramos no quarto. Makoto me levou no colo e me pôs na cama. Isso foi tão estranho, que eu disse:

- O que deu em você hoje?
- Nada. Só estou cuidando da minha esposa.

Fiz careta. Ainda não estou acostumada com essa "brincadeira". Sabendo disso, apenas sorriu.

E vai ser totalmente esquisito o que direi agora, mas foi a primeira vez que a expressão "fazer amor" aconteceu entre nós. Eu senti alguma coisa diferente. As mãos de Makoto se comportaram diferente. Todo o comportamento dele durante o ato foi diferente. Seus toques e seus beijos por todo o meu corpo. Cada peça de roupa tirada sem pressa, apenas seguindo o tom de nossas respirações. Pela primeira vez não senti nenhum desconforto. Eu me senti bem. Talvez até amada. Não precisamos trocar nenhuma palavra, estávamos conectados, tanto que acabamos chegando ao ápice juntos. Foi uma coisa deliciosa e estranha ao mesmo tempo.

Ele me deu um beijo, nos cobriu e dormimos. Uma insônia me trouxe para escrever. Agora voltarei para dormir."

Fechei o diário, pois, tinha coisas a fazer.

Capítulo 29

Viagem à praia

(Parte 2)

E mais um dia de trabalho acabou. Pois é, estava lendo na hora do almoço de novo.

Voltei para casa e aproveitei o tempo com Kazuko e Takumi. Antes de dormir, fui continuar a leitura, mas a minha esposa reclamou, claro que brincando:

– Não sei porquê deixei você encontrar isso. Não larga nunca!

– Culpa sua mesmo! – respondi – Quem mandou escrever um diário? Sabe que isso desperta curiosidade em qualquer um.

– Sei disso. – se virou para dormir – Só não fique até muito tarde, tem que acordar cedo amanhã.

Não evitei de rir. Fiz um cafuné nela e abri o diário. Era uma outra anotação da madrugada.

"Querido diário,

É madrugada agora. É o único momento possível para escrever. Eu e Makoto ficamos juntos o dia todo. E hoje foi um ótimo dia também, não sabia que viajar era bom assim. E a "fantasia" do Makoto me ajudou a evitar tantos olhares e o resto do preconceito que existem para mim normalmente. Basta andar de mãos dadas com ele, e também, claro, não ligar para quem está a minha volta.

Fomos à praia de manhã de novo e como era mais cedo, estava mais vazia. Tão bom poder tomar um banho naquela água gelada. No finalzinho da manhã voltamos a casa, já que iríamos almoçar no polo comercial de lá. Fui me banhar antes, para tirar a areia e o sal do corpo. Enquanto me distraí cantarolando, eis que Makoto entra, me assustando:

– Posso ir com você?

Apenas assenti. Ele tirou as roupas e entrou no chuveiro. Obviamente, acabou acontecendo alguma coisa. Uns amassos breves e fizemos no chão do banheiro mesmo. A única coisa que incomodou foi o gelo que chão estava. Quando gozou, ele deu uma baforada quente no meu pescoço e apertou minha coxa com vontade. Um suspiro de alívio na sequência. Tinha pensado em ir me trocar, mas percebi que teria que retornar para a ducha e ri.

– Que foi, Kazuko? – ele indagou

– Parece que vamos voltar ao banho.

Ele só concordou.

Depois nos vestimos e saímos. Não demoramos a escolher o restaurante no centro daquela pequena cidade. Escolhemos um que servia frutos do mar e comeríamos peixe. Era um salmão delicioso e ficamos um tempo conversando por lá. Depois decidimos dar uma volta, para consumir e comprar algo. Havia muitas lojas e uma enorme variedade de coisas, que iam de meras lembrancinhas até roupas. Acabei comprando uma coisa que se chama canga, que é só um pedaço de pano grande, mas é totalmente versátil. A vendedora e Makoto acharam engraçadas as minhas reações."

Realmente foi engraçado. Imagine uma criança vendo um brinquedo novo e muito legal.

Foi exatamente isso!

"Comprei também algumas roupas e Makoto também.

Já era o final da tarde quando paramos e sentamos para tomar sorvete,

dos grandes.

– Não morda o sorvete, Kazuko.

– Comendo com colher nem tem como. – respondi brincando

– Vai querer voltar ou vamos fazer algo por aqui durante a noite?

– Se tiver algum lugar legal para ir... Tô com vontade de dançar. Mas, se não quiser ir, tudo bem.

– Sua ideia é boa! – ele sorriu e chamou o atendente dali – Ei, sabe onde tem um lugar para ir à noite por aqui? Tem muito tempo que não venho.

– Tem uma boate muito boa umas ruas abaixo. É um ambiente legal para um casal!

Ele explicou o caminho e agradecemos. Já tinha anoitecido, chegamos e já estava razoavelmente cheia. Escolhemos uma mesa, mas sem antes esquecer de pôr as compras e outros pertences no guarda-volumes. A pista ainda não estava aberta, então bebemos um drink leve enquanto esperávamos. Passou um tempo e finalmente uma música começou a tocar. Aquilo indicava que a pista de dança estava liberada e logo encheu também.

Eu sei que dançava no centro de escravos todas as noites, porém eu estava junto das minhas amigas e não tenho vergonha com pessoas conhecidas. Só que não conhecia ninguém ali, sabia que ficariam observando meu jeito de dançar, que é deveras estranho. Estava entre a vontade e o medo. Makoto, então, chamou:

– Você não queria dançar, querida?

Será que dá para não me chamar assim?

– É muita gente, Makoto.

– E você tá com vergonha?

Assenti.

– Vem, vou contigo. – levantou-se.

– Mas... Mas...

– Sem "mas". - me puxou para perto dele – É só se concentrar em mim.

Makoto me arrastou pro meio da pista e fez uns passos estranhos para me animar. Acabei entrando na pilha dele e fiz uns passos bizarros também. A gente gargalhou durante uma música inteira com isso. E quando a seguinte começou, eu resolvi que dançaria a sério. E puxei Makoto para minha dança sensual, ou uma tentativa de.

Fiz como não fazia tinha muito tempo, só deixei a música me levar e estranhamente, ele me acompanhou. Primeira vez que dancei em par e com alguém do sexo oposto.

Várias músicas depois, já cansada, saímos. Pegamos nossas coisas e voltamos. O passeio e a dança deram fome, comemos um lanche rápido e subimos para dormir, sem esquecer de tomar banho antes."

Ver a Kazuko dançando de novo me fez lembrar uma das maiores razões de tê-la comprado e aquilo acabou me afetando, da forma que vocês estão pensando.

Eu estava desesperado para ela sair do banho e irmos logo ao que interessava. Só que não expus isso diretamente.

"Sai vestindo uma camisola e um roupão. Makoto estava olhando a paisagem na sacada. Aproximei-me dele:

– Distraído com o mar e o céu?

Depois de um pequeno susto, respondeu:

– Sim. Estava te esperando.

– Hoje foi divertido! – falei parando ao lado dele.

– Foi sim! Fiquei até um pouco cansado.

– Eu também. Vamos dormir?

– Vamos! Mas antes... – me puxou e me beijou

Continuamos até cair na cama. Ele estava meio com pressa, pelo que eu percebi. Pediu para eu mesma tirar minha roupa e ele tirou a dele. E bem, foi um pouco rápido demais. Só cinco minutos, no máximo. No final, quando Makoto se ajeitou na outra metade da cama, me senti estranha, talvez vazia. Não de uma forma depressiva. E só aquela sensação de ser usada e posta de lado, o que me acomete muito. Fiquei olhando para o teto, quieta.

– Kazuko, o que foi?

– Nada! Só...

– Foi rápido demais? – ele me interrompeu e eu assenti – Desculpe! É que te ver dançando hoje me fez lembrar de uma coisa.

Ele mudou o tom no final da frase e mudou a fala.

– Porque você me comprou! – afirmei – Não precisa disfarçar, eu sou a escrava no final de tudo. É isso mesmo que eu sou. Essa fantasia que inventou é só algo para tentar me agradar e me fazer esquecer, talvez até descarregar um pouco a sua consciência. Mas estamos mentindo, não para os outros, mas para nós mesmos.

Ele ficou mudo. Era a forma dele de concordar. Então, soltei:

– Vou à varanda para tomar um ar."

Realmente fiquei sem reação, foi um tapa na cara. Tem momentos em que ela joga as coisas dessa forma. E é quando menos esperamos. Sempre!

Fiquei um tempo deitado na cama, matutando aquilo que ela dissera. Logo, decidi ir lá para fora com ela.

"Um pouco depois, Makoto me abraçou por trás e apoiou o queixo no meu ombro. Eu ia falar, mas ouvi antes:

– Se você quer ser minha escrava, será a minha escrava.

– Eu já sou, Makoto. – retruquei.

– Estou falando agora e aqui. Vamos acabar com essa nossa fantasia maluca, ou melhor, minha fantasia maluca.

– Pelo menos mantenha até o final da viagem. Foi a sua ordem.

– Estou retirando-a agora, Kazuko. – com tom de autoridade"

Essa foi uma das poucas vezes que nos comportamos como dono e escrava mesmo.

"Virei-me para ele.

– Por favor, não faça isso. Bem ou mal, eu estou me divertindo.

– Agora está se divertindo? Não pareceu quando falou lá no quarto.

Ele resolveu ser o meu dono justo logo? Deve ter ficado puto pelo que eu disse. Resolvi ser sincera:

– Eu só não me diverti... Ainda agora.

– Quer dizer que o sexo foi ruim?

– Não. Só foi rápido. – a última palavra saiu mais aguda do que esperava.

– Culpa sua. – Makoto mudou sua feição, sorrindo – Me deixou com vontade!

– Até parece que fiz de propósito.

– E fez! Ficou me chamando para perto e ainda se assanhou nas minhas

pernas. Não tinha como!

– Mas... Fazia parte da dança.

– Não! Fazia parte da sua sedução, provavelmente uma dança de acasalamento. – fiz careta – Eu vou te dar o que quer!

Pegou-me pela cintura e me beijou com vontade. Arrastou-me para o quarto de novo e tirou a única peça que vestira de novo: a calcinha. Ele acariciou, apertou, lambeu e mordiscou meus seios, alternando entre um e outro. Depois vieram dois dedos lá embaixo, que brincaram um pouco comigo. E eu fui surpreendida, outra vez, pela língua de Makoto passando pelo meu clitóris. Lambia, mordida e chupava aqui e ali. Mas ela não permitiu que eu fosse ao ápice.

– Não vai gozar sozinha, amor.

Amor? Amor?! Isso está indo longe demais!

Penetrou com uma facilidade e fez os movimentos de vai-vem habituais. Depois de alguns minutos, parou e me chamou:

– Será que podemos fazer de outro jeito?

– E qual seria?

Ajeitou-me, me fazendo ficar igual a um cachorro, ou como dizem: de quarto. E continuou dali. E eu gemi mais alto em cada estocada que ele dava. E conseqüentemente, gozamos juntos.

– Satisfeita agora?

Eu não tinha forças para responder, o que ele entendeu como sim. Larguei-me na cama e apaguei em segundos. Só levantei para escrever aqui. Voltarei a dormir agora.

Até!"

Fechei o diário, desliguei as luzes e também dormi rápido.

Capítulo 30

Viagem à praia

(Parte 3)

Fiquei muito ocupado no trabalho no dia seguinte, tive que reler muitos processos e fazer petições. Então, só pude ler o diário quando voltei para casa. Kazuko se prontificou em ajudar Keiko a terminar o jantar e Takumi brincava sentado no tapete da sala. Em alguns momentos, engatinhava para pegar o brinquedo que ele jogava para trás.

Não pude evitar de rir. Era algo engraçado e muito fofo!

Estava alternando minha visão entre as linhas do diário e Takumi, me sentindo um camaleão.

E comecei a ler a última anotação da viagem.

"Querido diário,

Acabamos de chegar da viagem, a volta foi tão longa quanto a ida. E na véspera dessa volta, cheguei muito cansada e dormi profundamente.

Makoto resolveu ser o meu marido no último dia que passamos lá. Acordei com o café da manhã na cama e com ele me chamando carinhosamente. Eu resmunguei um bom dia.

– E café na cama? – completei.

– Você merece, querida.

Fiz careta.

– Só não me chame assim, por favor.

– Mas esses vocativos também fazem parte.

– Eu não gosto deles.

– Como quer que te chame então?

– Kazuko! Eu te chamarei pelo nome também.

– Ok! – sorriu – Agora vamos comer logo que eu tô com fome.

Comemos e ficamos em casa pela manhã. Conversando e acabou rolando uns amassos também. Houve um momento em que ficou sentado e encostado na cabeceira da cama, comigo em cima dele. Estávamos vestidos

tá? Fiquei impressionada, porque, normalmente, até esta altura já era para termos transado. Não que eu não quisesse, mas é que normalmente é assim.

Ele soprou minha franja, o que me fez sentir cócegas. Depois colocou-a para o lado e sorriu para mim. Isso era realmente um comportamento de casal, porque eu sorri em resposta. Em seguida, ele me jogou na cama e continuamos. E ocorreu o que queríamos.

Fizemos o almoço juntos e comemos. Durante a tarde, fomos mais uma vez à praia. Só que em vez de ficarmos sentados, resolvemos caminhar com os pés na água e de mãos dadas. Vimos muitas pessoas, crianças correndo, fazendo castelos de areia e catando conchas. E me permiti fazer isto também, era uma mais linda que a outra. Só restou a Makoto rir.

– Quando eu era pequeno fazia isto também – falou – E levava para casa.

– Ou seja, você está me chamando de infantil. – ironizei

– Não. – se abaixou ao meu lado – Só me lembra minha infância. – pegou uma – Aqui, guarde essa.

Continuamos andando e as conchas iam para a bolsa que carregava, com um lanche. Ele me disse que iríamos a outro lugar. Chegamos à "ponta" da praia, onde era uma colina, subimos por uma trilha feita pela passagem de outras pessoas por ali. Não andamos muito até a descida começar e no final havia outra praia, vazia. Ela era muito mais bonita do que a estávamos antes. Bem menor, sendo circundada por algumas colinas em volta dela. Era um trecho de areia que se juntava com o mar na ponta.

Chegamos e adorei ver as ondas batendo na praia. Sentamos e logo fomos dar um mergulho. Eu me senti bem mais à vontade por estarmos apenas nós dois.

– Gostou daqui? – Makoto indagou.

– Sim! – sorri – Vamos ficar até...

– O pôr-do-Sol. – completou – Ele é lindo aqui!

– Mas como iremos embora? Ficarás escuro.

– Tem uma saída por ali quando a maré abaixa. – apontou para um dos lados, que dava na praia de onde viemos.

Alternamos entre a areia e a água, beliscando a comida que trouxemos. Então, Makoto me roubou um beijo, deitando-me sob a toalha estendida. Sim, era um outro sinal.

– Aqui? – soltei

– É! – ia falar "alguém pode ver", mas ele me interrompeu – Não vem

ninguém aqui, ainda mais essa hora.

Não tive como retrucar. A parte de baixo do meu biquíni foi tirada. Foi um pouco rápido, mas adrenalina e tensão de ser pega deixara diferente e eletrizante. Makoto acabou jogado em cima do meu corpo e arfando de novo. E me esmagando com o peso dele.

– Pode sair de cima de mim?

– Abre um espaço então. – reclamou

Ajeitou-se na toalha que era grande o suficiente para os dois. Soltou em seguida:

– Desculpe por isso, Kazuko.

– Por que pede desculpa por realizar outra fantasia sua?

– Eu fico com peso na consciência depois que faço.

– Ei! Eu estou aqui para isso ou não? Lembra da promessa do casamento?

Ele assentiu e mandou eu me vestir.

– Mas tire a parte de cima. – terminou colocando a bermuda e desamarrando o meu biquíni

Eu mal tinha me acostumado a usar duas peças e agora tinha que usar apenas uma. E não é algo confortável quando seus seios ficam sacudindo fora de controle. E sim, ele fez eu ir na água depois disso. Bem ou mal, foi divertido.

E o Sol resolveu encontrar com as águas e começar a dar lugar as estrelas e a Lua. Makoto e eu sentamos para assistir. Não pude deixar de me lembrar em que situação estávamos quando vimos o Sol se pôr da última vez.

– Da última vez que fizemos isso, estava grávida ainda.

– Sim. – concordou, me abraçando – Eu sei que fica se culpando pelo que aconteceu, só que acho que não era para ser, Kazuko. Eu fico imaginando como ficariam as coisas entre nós depois que o bebê nascesse.

– Mesmo assim, você não entende o que eu passei quando perdi. Sei que era um filho que não queria, mas era meu.

– Nosso, Kazuko. – me corrigiu – Nunca farei ideia disso, mas estarei aqui, para o que precisar."

E eu mantenho esta minha palavra até hoje. Estou sempre junto dela, em tudo o que precisa. Somos companheiros um do outro.

"Sorri, agradecendo. E não conversamos mais até retornarmos à casa

onde nos hospedamos.

– Gostou do passeio?

– Sim, Makoto. Mesmo ficando seminua numa praia deserta.

Rimos. Ficou silêncio e nos olhamos. Atracamo-nos em um beijo, que acabou nos levando até o sofá. E foi ali mesmo. Quando acabou, ficamos largados, nus, tentando recuperar o fôlego. Demorou um pouco para tal. Comemos algo, tomamos banho e fomos dormir.

– Sabe que voltamos amanhã, né? – Makoto perguntou

– É amanhã, já? Perdi a noção do tempo.

– É bom viajar, né?

– Sim! Eu queria ficar mais tempo.

– Eu também. Mas meu pai alugou a casa pra amanhã. Podíamos até ficar, mas eu quis que nessa viagem fosse apenas nós dois. Alias, o aniversário dele está chegando.

– E fomos convidados.

– Intimados, na verdade. Família é assim!

Eu ri. Assim, nos viramos e dormimos.

Acordei com a luz me perturbando e Makoto despertou quase que ao mesmo tempo praticamente. Tomamos um café rápido e saímos. Ele colocou música e passamos a volta cantando no carro. Pelo menos, até chegarmos aos limites de Ioma.

O carro ficou quieto e uma inquietação se instaurou em mim. Senti que a "fantasia" estava chegando ao fim. Eu ia me divorciar de Makoto e voltaria a ser a Kazuko escrava.

Finalmente chegamos e subimos com as malas para o apartamento. Ele abriu a porta e disse:

– Viajar é bom, mas pisar em casa é melhor ainda.

Eu não consegui conter a breve e grande chateação e logo ele notou, simplesmente por dirigir o olhar para mim.

– Que foi?

– Agora tudo volta ao normal, não é?

– O que está querendo dizer?

Levantei a mão esquerda, mostrando a aliança que ele colocara no meu dedo anelar dias atrás.

– Podemos prolongar isso mais um pouquinho. Até amanhã!

– Não é esse o problema.

– E qual o problema então?

– Tudo. Tudo é o problema."

Eu entendi imediatamente o que ela quis dizer. Mas não poderia resolver imediatamente.

"– Sabe que não posso fazer nada quanto a isso.

– Eu sei. E você também não o quer. – falei tentando conter as lágrimas que insistiram em vir e não conseguia segurar

Makoto não respondeu. Secou meu rosto e pegou na minha mão. Deu-me um beijo calmo. Levou-me para o quarto em seguida.

E aconteceu igual na primeira noite da viagem. Sem pressa, sem conversa e sem aquela de dono e escrava. Era só o Makoto e a Kazuko.

Tomamos banho juntos e comemos depois. Então, vim para o quarto para poder escrever. Pelo menos, tenho esses momentos de privacidade, porque ele me dá. Sabe que preciso disso.

E nós já nos "divorciamos", as alianças estão guardados no escritório.

Agora voltarei a fazer companhia a Makoto na sala.

Até!"

Fechei o diário e fui acudir Takumi, que por muito pouco não bateu com a cabeça na mesinha de centro. Emendei isso com uma brincadeira e vi o seu sorriso e ouvi sua risada.

Fiquei cuidando dele até a hora do jantar.

Capítulo 31

Festa de Família

Final de semana. Minha folga finalmente.

Kazuko foi colocar Takumi para tirar o cochilo da tarde. Acho que ela acabou dormindo também, não voltou até agora. Aproveitei a ausência dela para ler o diário. Anotações de uma semana inteira depois, cheguei ao dia da festa de aniversário do meu pai.

A partir desse dia que minha relação com Kazuko teve mais uma época conturbada e complicada.

Comecei a leitura.

“Diário,

lembra que eu te disse ontem que íamos a casa do pai de Makoto por que era aniversário dele?

Então, nos arrumamos e saímos.

Chegamos e a casa parecia cheia. O próprio Koishiro nos atendeu.

– Finalmente chegou, filho.

– Feliz aniversário, pai! – falou, Makoto, entregando o presente a ele

– Obrigado! – respondeu abraçando-o

– Parabéns! – falei abraçando-o também

– Obrigado, Kazuko! É um prazer ter você comigo neste dia.

Entramos. Minami e Shiori vieram falar comigo. Imediatamente perguntei por Minori.

– Ela está com o Akira. Nenhum bebê gosta de ficar em um local com muita gente.

– Verdade. – concordei

E como na festa de aniversário do Makoto, não conhecia ninguém ali, exceto por uma pessoa, a ex-namorada de Makoto: Kana.

– O que a Kana faz aqui?

– Você a conhece? – indagou Shiori

– Sim. De uma outra festa.

– Ela não foi convidada pelo Makoto este ano. Sei lá o porquê. – comentou Minami

– E o que ela faz aqui? – perguntei novamente

– É amiga da família. Os pais dela conhecem o Koishiro.

– Isso explica por que ela é a ex-namorada dele.

– Mas tem um motivo dela estar aqui. Nem faço ideia de qual seria.

– Nosso marido não disse.

No segundo seguinte, vi que Makoto e Kana começaram a conversar.

Eu fiquei sentada com Minami e Shiori. Elas acabaram me questionando como foi a viagem. Não sei se eu deveria contar tudo mesmo, mas acabei fazendo. Sim, falei tudo daquele “casamento”.

Não, Kazuko, você não devia. Só que já tem tanto tempo, que... Bem, deixa para lá.

A Kana foi a única pessoa que tinha para conversar na festa, por ser a aqui tinha mais afinidade. Foi o que fiz!

“– Ele fantasiou isso mesmo? Sério? – falou Minami

– Fez sim.

– E o que achou?

– Tornou a viagem bem melhor para mim. Ninguém achou que eu fosse a escrava dele.

– E as transas? A mesma coisa de sempre? – perguntou Shiori

– Também ficaram diferentes.

– Diferentes como?

– Como se fôssemos um casal.

– Essa é a história mais maluca de dono e escrava que já ouvi. – comentou Minami

– Mesmo sendo Makoto. Não imaginava que ele fizesse algo do tipo.

– Ele não queria ter uma escrava – falei – para começo de conversa.

Ficou um breve silêncio, até que eu continuei:

– Algumas amigas me dizem que eu tirei “sorte grande” com ele.

– Concorro com elas. – Minami retrucou

– Ele te trata muito bem para um “normal” de escrava. É totalmente diferente do que se passava conosco. – Shiori comentou

– Mas isso pode ser perigo para você.

– Tudo é perigoso para mim, Minami. Mas qual seria dessa vez?

– Você se apaixonar por ele. E é uma situação mais comum do que parece.

– Eu sei. Aconteceu com a minha mãe. Mas pode deixar, tomarei cuidado com isso.

Elas foram comer e me deixaram sentada sozinha. Pude ver todos em suas rodas de conversa e tinha vista privilegiada do meu dono e a ex dele. E o assunto parecia bom, só os via rindo. Eis que Kosihito chega e fala comigo, apontando para o filho:

– Belo casal, não acha?

– Não devia me perguntar isso. Mas, sim. É um belo casal.

– Discordo. Eu vejo alguém com muito mais potencial bem aqui do meu lado.

– Não diga isso, Sr. Miyasaki.

– Koishiro, Kazuko. Pode me chamar pelo nome.

– Enfim, Koshiro, por que diz isso?

– Você e meu filho se comportam diferente disso. Ainda lembro o quanto ele foi atencioso com você quando engravidou. E eu também sei do que ele preparou para o seu aniversário.

– Sabe que ele fez por pena, né?

– Ninguém dá uma liberdade diurna e uma festa surpresa por mera pena. E também tem essa história da viagem que acabei de escutar.

Cruzei os braços, reprovando aquilo. Ele se defendeu:

– Estava aqui atrás. Desculpe! – então ficou sério – Serei sincero: eu só chamei aqui Kana aqui porque os pais dela e ela me pediram. Ela ainda é apaixonada pelo meu filho e fará de tudo para ficar com ele.

– Só depende dele deixar acontecer ou não. – olhei para ele fazendo careta – Você não vai pedir nada não, né?

– Não! Sabe, eu quero muito que meu filho tenha logo a família dele. Mas o via preocupado com a carreira e totalmente desligado da vida amorosa. Ele é jovem e não estava aproveitando a juventude dele. Adiantou os estudos e começou a trabalhar cedo, porque queria ter a própria vida. Ele já começou essa conquista e já se sustenta. Eu me orgulho disso. Porém, não via o meu filho feliz, a carreira dele é desgastante e cansativa. Ele precisava de uma válvula de escape. Foi por isso que aconselhei-o a comprar uma escrava. Agora eu percebo que foi uma das melhores coisas que disse para ele fazer.

– Não entendo. O que eu tenho a ver com ele e a Kana conversando

agora? E ela estar ainda interessada nele?

– Você faz bem ao Makoto, Kazuko. Isso que quero dizer. – respirou fundo antes de prosseguir – Ainda lembro de quando ele e a Kana namoraram. Meu filho só vivia estressado e impaciente. Ela é possessiva e manipuladora. Eu sei que ela não é uma boa pessoa para ele. É coisa de pai. Acabei ficando protetor assim depois que a mãe dele morreu. – sorriu – Se eu pudesse escolher uma pessoa para ficar com Makoto, seria você, Kazuko.

Eu fiquei sem reação. Tentei falar algo, mas a boca abriu sem emitir som. Koishiro riu.

– Perdoe se te assustei! Estou falando o que penso. – ainda comigo paralisada, continuou – Não vai ficar querendo assistir isso... Vá para o quarto com a Minori, talvez ela esteja precisando de ajuda.

Segui a recomendação dele. Minori brincava com Akira quando entrei.

– Kazuko, nem sabia que estava aqui. Tudo bem?

– Sim, Minori. Vim te fazer companhia.

– Que bom. Estou cansada desse isolamento aqui. – sorriu – Pode tomar conta do Akira enquanto pego algo para comer? Se não for incômodo.

– Pode ir.

Ela agradeceu. Então fiz o pequeno gargalhar até o retorno dela.”

O que eu tanto falava com a Kana naquela noite?

Lembrávamos dos velhos tempos. Do colégio, nosso namoro e ainda mais da infância. Eram histórias memoráveis e engraçadas.

Depois de um bom tempo, quando Kazuko saiu do meu campo de visão, Kana começou a puxar outros assuntos. E sim, me seduzindo. Fomos para o lado de fora para termos mais privacidade. Acabou rolando apenas alguns beijos.

Kazuko nunca soube disso e prefiro que não saiba. É uma parte horrível da minha vida.

Se bem que deve ter óbvio para ela que houve alguma coisa.

“– Parece que estão se divertindo e muito. – disse quando voltou – Então, tava gostando da festa?

– Na verdade, não. Prefiro ficar aqui. Mais quieto e com um bebê mais simpático que muita gente lá fora.

No instante seguinte, Kyosuke, que não tinha visto até então, abriu a porta e veio me abraçar.

– “Kasugo”, que “saldade”.
– Assim que eu falei para ele que estava aqui, quis vir te ver. – comentou Minami
– E onde estava que demorou tanto? – perguntei para ele
– Eu tava vendo desenho.
– Que legal! Qual era?
– A magia para voar. – respondeu
– Já vi esse. É com as crianças que tem que salvar o príncipe?
Ele assentiu, sorrindo.

Assisti a esse filme numa tarde tediosa e pós-serviço na casa de Makoto, junto com a Keiko, inclusive.

E nós quatro – eu, Minami, Minori e Shiori – junto com as crianças ficamos ali, com mais privacidade e silêncio. Repeti a história da viagem todinha para a Minori, que teve reação idêntica das outras.

Logo Koishiro nos chamou para cantar parabéns. Saímos logo e ele foi chamar o filho, que estava do lado de fora com a Kana. Isso é um mau sinal! Ainda mais pela boca dela estar com o batom borrado e a dele estar suja do mesmo.”

Eu disse que era óbvio e que ela ia perceber.

“Todos cantaram e Kyousuke apagou a vela junto com pai. Após isso, comemos e as pessoas começaram a ir embora.

Permaneci sentada no sofá, brincando com as crianças. Kana saiu logo com os pais e Makoto se aproximou:

– Se divertindo?
– Sim. Sabe que gosto dos seus irmãos... E de crianças.
Ele sorriu, concordando.

– Hora de irmos. – falou em seguida

Despedimo-nos de todos e saímos. E ele resolveu me sondar na volta:

– Eu te vi falando com meu pai. O que era?
– Ele estava contando sobre quando namorou a Kana.
– Nosso namoro era um pouco difícil. Porque a Kana é assim.
– Mas ficaram mais tempo conversando. Foi só isso mesmo?
– Sim! Além de que ele ficou me explicando os preparativos da festa.

Eu não podia, nem na vida, nem na morte, falar sobre aquilo que ele me contou. São coisas que entram em um ouvido e saem pelo outro.”

E também não sabia disso até hoje. Meu pai já estava me shippando com a Kazuko. Ele foi uma das pessoas que incentivou mesmo o nosso relacionamento, me lembro bem.

“Puxei outro assunto:

– E divertiu-se hoje?

– Claro. É sempre bom lembrar do passado, mesmo que ele tenha sido complicado. E você, Kazuko?

– Fazer crianças rirem é algo que me faz bem.

– Fez companhia as minhas madrastas então?

– Sim. Elas sempre ficam um pouco isoladas nesses eventos e como eu também, me aproximo delas.

– As pessoas ainda não compreendem a relação das três com o meu pai. Elas são ex-escravas e esposas, dois tabus.

– E o que você pensa, Makoto?

– É só diferente. Mas todos eles se amam e se entendem. Para mim, pouco importa. Desde que estejam felizes!

– Concordo! – sorrindo

Chegamos a casa e fomos dormir. Makoto nem me chamou para ir ao quarto com ele. Deu-me boa noite com um beijo na testa.

Isso é outro péssimo sinal!”

Cansado de ler, olhei o relógio. Kazuko já dormira demais, então eu fui acordá-la.

Capítulo 32

A trabalho?

Algumas semanas passaram e tive alguns casos grandes para defender. Ainda mais um que entrou em evidência. Um dono alforriou sua escrava e meses depois ela teve um filho. Então, a esposa quis a guarda dessa criança. Eu estava na defesa do casal, mas eu não pude não ter pena da ex-escrava. Ela recebeu um advogado por conta da lei que diz que todos têm direito a defesa. O advogado era bom, mas ainda tinha muito a aprender.

Até tentei ajudar oferecendo uma ideia de acordo, porém o casal foi incisivo e disse que não.

Meus argumentos deram ganho de causa ao casal e a ex-escrava nunca mais veria o filho. Só restou a ela sair chorando. O casal me agradeceu o bom serviço e informaram que me recomendariam aos amigos.

Sai do tribunal e vi a mulher dando um último abraço no filho, antes de entregá-lo ao casal. Observei a cena com uma dor no peito. Lembrei imediatamente de Takumi e me coloquei na situação. Eu não teria coragem de fazer a mesma coisa. Meu olhar cruzou com o da ex-escrava e pude ver o sofrimento. Contudo, não consegui lhe dar nenhuma palavra de conforto. Eu nem podia imaginar o que ela sentia.

Retornei ao escritório completamente arrasado. Passei na sala do meu chefe, que me indagou:

- Então, como foi? Qual o resultado?
- Eu ganhei.
- Meus parabéns, Makoto. – apertou minha mão – Mas não me parece feliz.
- Acho que sabe o porquê.
- São os ócios do ofício. Você defende uma posição que é contra.
- Eu sei!
- Tire uns dias de folga. Merece por seu bom trabalho.

Agradei e dirigi até minha casa. Cheguei e parece que Kazuko saiu com Keiko e Takumi, vide o silêncio que estava quando entrei.

Decidi pegar o diário para poder relaxar um pouco. Abri no trecho em

que Kazuko passou um fim de semana com a mãe, que foi algumas semanas depois do aniversário do meu pai.

“Querido diário,

Eis que estou sentada na cadeira da escrivaninha do meu quarto, na casa da minha mãe. Não fui alforriada. Bem que eu queria, mas não. Só estou aqui porque Makoto fez uma viagem a trabalho e não quis me deixar sozinha e me trouxe para passar o final de semana na companhia de mamãe. Saímos no final da noite de ontem e eu dormi aqui.

É tarde da noite de um sábado agora. Assim que terminar de escrever, irei dormir.

Acordei e desci para comer de manhã. A primeira coisa que atingiu minhas narinas foi o cheiro da comida. Que saudade!

Uma coisa que percebi é a diferença da mesa que minha mãe põe aqui e a que Keiko arruma na casa de Makoto. A quantidade de escolhas que tenho todas as manhãs é bem maior do que antes. Porém, aqui tem algo que não tenho lá: Família.

Após comermos, saímos para ir numa praça próxima.

– Eu tinha esquecido em como as ruas daqui são sujas. E tão cinza! – falei

– O lado de lá parece até um outro mundo. – mamãe completou

Chegamos alguns minutos depois. Tinha bastante gente no lugar, continuamos caminhando e conversando:

– Nem perguntei como foi a viagem, filha.

– Eu gostei, me diverti muito.

– Ninguém ficou te olhando torto lá?

– Não. Makoto deu um jeito para que isso não ocorresse.

– Como?

– Um casamento de mentira.

Mamãe arregalou os olhos e disse depois de quase engasgar:

– Não sei o que dizer sobre isso. Não sei se acho estranho ou se acho que foi algo bom da parte dele.

– Entendo isso como fantasia dele.

– Mas que fantasia mais maluca!

– Ricos, mãe. Ricos!

– Makoto é um bom rapaz, mas como todo rico tem algumas coisas

estranhas. Só fico feliz que isso tornou a viagem melhor para ti.

Sentamo-nos em um banco próximo aos brinquedos, onde muitas crianças estavam. Observei-as correndo, pulando, escalando, escorregando e fui capaz de me ver nelas. O quanto fui àquele lugar e tive momentos felizes. Saudades da minha infância despreocupada, até o primeiro dia que fui ao centro de escravos.

Minha mãe percebeu o meu olhar e perguntou:

– Sente falta daqui, filha?

– Claro que sim. A gente só percebe como é bom ser livre quando se deixa de ser.

O silêncio da possível resposta foi o modo de concordância dela. E eu continuei:

– Mas é como dizem, mamãe: eu tirei a sorte grande. Não acho que tenha sido tão ruim assim, pelo menos, na maior parte do tempo. Só que eu passei por alguns problemas.

– Em comparação com todos os outros que conhecemos, você realmente vive bem melhor agora. Inclusive engordou um pouco.

– Posso até estar vivendo “melhor”, mas, trocaria tudo pela minha liberdade.

– Quem não faria esta troca?

Então, apareceu uma conhecida e nos abordou:

– Kazuko, Saiko, quanto tempo. Foi liberta, menina?

– Não. – mamãe respondeu por mim – O dono foi viajar e a deixou comigo.

– Isso existe? Não sabia. – e riu – Realmente, Saiko, sua filha é muito sortuda.

Caramba! Não aguento mais ouvir isso. Que coisa chata!

A mulher e minha mãe ficaram conversando um bocado e eu tentei suportar a conversa, mas não dava. Pedi licença e fui a um dos balanços livres, mesmo que ele não fosse do meu tamanho. Fiz exatamente da mesma forma de quando infante. O mais alto que podia, como se quisesse alcançar o céu. Porém, não o via da maneira cinzenta daqui. Era azul, assim como o da praia.

Todos me falam da sorte que tenho tendo Makoto como dono. Ser escrava não é uma coisa boa. Para ninguém, em lugar nenhum!

Não passei apenas por coisas boas. Sim, Makoto é muito bom dono, mas não perfeito. Tivemos discussões, brigas e algumas situações estranhas. E

sobre estas, eu prefiro nem comentar.

Posso sair durante o dia, fazer o que quiser, ir aonde quiser, contudo, em todas as noites ou a maioria delas devo estar com ele no quarto. Ainda é prisão. Ainda é escravidão. Ainda é algo a que sou obrigada. Não é bom, definitivamente.

Perdi a noção do tempo e logo mamãe me chamou para voltarmos. Agradei por isso!”

Imaginei que Kazuko passasse mesmo por tudo isso. Havia coisas boas, porém o mais importante ela não tinha. Não adiantava tudo o que desse a ela, o que queria era liberdade.

“Almoçamos, assistimos a um filme e depois a ajudei com algumas coisas, por exemplo, os serviços que ela faz pra fora. Costura, doces, artesanato. Minha mãe é versátil nisso, porque precisa ganhar dinheiro. E era algo que senti saudade também. Gosto desses trabalhos manuais.

Ficamos até ainda agora fazendo isso. Só vim escrever antes de dormir. Até amanhã!”

Imediatamente passei à anotação seguinte, ainda sem sinal de alguém chegar.

“Olá diário,

já voltei a casa de Makoto. É segunda agora!

Eu fiquei o domingo todo praticamente num aniversário de uma prima, ou pelo menos, até o anoitecer. Foi o 10º aniversário e sua primeira noite no centro de escravos.

E, sinceramente, o primeiro aniversário desse período não é feliz. Assemelha-se a uma espécie de tortura, que pode piorar ao ser comprada ou dura longos oito anos.

Ainda lembro-me da minha ansiedade ao completar os dezessete. Faltava um ano só! E poucos meses depois, enfim, já sabe o resto.

E ao ver o rostinho da minha priminha sendo arrumada para ir para lá, recordei de mim. Da primeira noite e de todas as outras, até aquela que vi um homem de terno me olhando fixamente enquanto dançava. O mais engraçado foram os desejos de boa sorte a ela. Eu não consegui seguir esse padrão. Abaixei-me na altura dela, a abracei e falei:

– Fique bem! E seja você mesma.

– Obrigada! – ela se desvencilhou de mim – Sabe, Kazuko, se for comprada, quero que seja por um dono que nem o seu.

– Não pense assim. Não há nada melhor do que ser livre. Não pense nem em ser comprada.

E claro, veio aquela fala que me atormenta: Kazuko, você tirou a sorte grande. Ela tá certa!

Assim que ela saiu, meu celular tocou, era Makoto dizendo que estava próximo. Eu e minha mãe nos despedimos e voltamos para casa. Peguei a bolsa que levei com alguns pertences e cerca de quinze minutos depois estava me despedindo de mamãe e entrando no carro. A primeira coisa que notei foi um perfume diferente, feminino eu diria. Nem comentei sobre, apenas cumprimentei Makoto e perguntei:

– Como foi a viagem?

– Foi cansativa. Mas consegui encontrar os documentos que estava procurando. E você, se divertiu?

– Sim! Mesmo que o final da tarde agora não tenha sido nem um pouco. Ele quis saber o porquê e lhe contei. Então falou:

– Não consigo imaginar o que vocês passam.

– Agradeça por isso, Makoto.

O resto do caminho seguiu quieto.

Chegamos e entramos. Makoto foi em direção ao quarto, fui atrás dele e logo alcancei-o. Sim, ia beijá-lo, porque eu queria. A regra é assim! Porém, ele me impediu. Obviamente, entendeu errado.

– Kazuko, não quero ir para o quarto. Tô cansado! Só quero tomar um banho antes de dormir.

Ia retrucar, mas, mesmo com a pouca luz do corredor, vi uma marca vermelha na bochecha dele, então compreendi o que realmente houve naquele final de semana. Mudei minha resposta:

– Tudo bem! Só vou te desejar boa noite.

– Ah, – ele relaxou – boa noite! – sorriu

– Boa noite! – disse de maneira equivalente

Ele entrou em seu quarto e eu fui pro meu. Tomei um banho e vim escrever aqui.

Estou aqui pensando sobre o que vi no rosto de Makoto. Bem, acho que não foi uma viagem a trabalho, ou talvez, não só para tal. E minha intuição diz que é a Kana. Por conta do que o pai de Makoto me confidenciou, do que

aconteceu naquele aniversário e também, pelo pouco que vi agora.

Provavelmente, Makoto está saindo com a Kana e logo estarão namorando.

Isso é ruim para mim! Outra intuição me diz isso.

Mas, o que não é ruim para mim sendo escrava?

Terei que esperar para ver.

Agora vou dormir.”

Fechei o diário e liguei a TV para ver um filme qualquer, enquanto o ocorrido do dia veio a minha mente. E veio forte, tão forte que deixei algumas lágrimas caírem pela minha face. Não tardou muito e outros três chegaram e Kazuko, vindo falar comigo, percebeu meus olhos vermelhos.

– Makoto, o que houve?

– Eu ganhei aquela causa que lhe falei.

Ela entendeu e me abraçou.

Capítulo 33

Dono comprometido

Passaram alguns dias, diria até semanas. Eu não tive como ler tanto o diário, porque logo em seguida outro caso grande apareceu no escritório. Só não fiquei mais ocupado, pois estava apenas no apoio dessa vez. Mas, é outro caso que dará muito mérito a quem o ganhar, assim como aconteceu comigo semanas atrás.

Saí no meu horário e logo cheguei. Aproveitei o resto do dia com Kazuko e Takumi. Somente antes de dormir que eu peguei o diário para ler. Também passaram algumas semanas no tempo dele e as suposições de Kazuko estavam corretas: eu estava saindo com a Kana. E bem, essa nossa volta dera em algo. A passagem do diário é justamente sobre o dia em que contei sobre meu relacionamento com a Kana. Fiz um jantar em minha casa, como uma forma de anúncio a todos.

Assim começou o trecho:

“Querido diário,

Sinceramente, não sei o que pensar sobre tudo o que acabou de acontecer neste jantar surpresa que Makoto planejou e chamou a família inteira. O anúncio era muito importante. Entenda importante como mal para a Kazuko.

Tive que colocar uma roupa mais “arrumada” do que o pijama que uso normalmente a essa hora. Logo, chegaram Koishiro, Minami, Minori, Shiori, Kyosuke e Akira. Eu e Makoto os cumprimentamos.

Meu dono apresentava um sorriso de felicidade que já estava me dando nos nervos de não saber do que se tratava com exatidão. Então, a campainha tocou e lá foi ele atender o interfone. Minutos depois bateram a porta. Ao abrir, lá estava. Uma garota loira de cabelos compridos, acompanhada dos pais. Eu a conheço pelo nome de Kana. Então, ficou mais do que óbvio o motivo dele estar me evitando na maioria das noites. Inclusive comentei com a Rin sobre e ela cogitou exatamente isso.

A disposição da mesa me fez lembrar qual é o meu lugar. Estava

afastada do centro, isolada no cantinho das escravas e crianças. Senti-me só mais uma naquela sala, enquanto as famílias estavam do outro lado. Makoto na cabeceira, Kana à direita, seguida dos pais. Koishiro à esquerda e as esposas depois. Só depois vínhamos eu e as crianças. Keiko nos serviu. Então, o que eu temia foi dito após comermos:

– Bem, pessoal, eu e Kana queremos dizer algo importante a vocês: oficialmente, estamos namorando.

Os pais de Kana quase saltaram de felicidade. Koishiro levantou-se, abraçou o filho e lhe desejou parabéns.

– Tem muito tempo já? – indagou a mãe dela

– Pouco mais de um mês.

– Isso é tão maravilhoso. – sorriu – Que bom que vocês reataram.

E depois, aquilo virou uma reunião de família e eu não fazia parte dela. Sou uma intrusa aqui. Senti-me sozinha, mesmo com as madrastas de Makoto conversando comigo. E não tardou para a família de Makoto partir e a de Kana, incluindo a própria também. Makoto fechou a porta e olhou para mim, soltando em seguida:

– Precisamos conversar!

E meu sangue gelou. O que pode vir após uma frase assim? Nunca se sabe.”

A bendita frase que deixa qualquer um aflito. Pode ser a coisa mais boba, mas quem escuta acaba levando mais a sério do que deveria. Eram “apenas” sobre as novas regras.

“– Sobre o quê exatamente? – foi a única coisa que consegui perguntar

– Novas regras. – sentou-se ao meu lado no sofá – Mas, primeiro, peço desculpas.

– Pelo quê? – olhei-o surpresa

– Por não ter contado sobre o meu namoro com a Kana antes. Eu tenho te tratado mal por conta disso. Te evitado, chegado tarde, mal falado com você.

Mas o que diabos foi isso? Eu não tenho um dono normal, definitivamente. Acabei ficando um pouco irritada e disse, incisiva:

– Sabe que não tem necessidade disso, Makoto.

– Eu sinto que sim, Kazuko.

– E as novas regras? – bufei

– Bem, como estou comprometido com a Kana, é melhor a gente ficar sem transar. Sinto que estou traindo-a ao dormir com você.

– Acabei de me tornar completamente inútil. – sussurrei

– O que disse?

– Nada!

– Mesmo? Parece irritada.

– Já disse que não é nada. – aumentei o tom – Eu vou pro meu quarto.

Porém, Makoto veio atrás, insistindo e me segurando pelo braço:

– Se não fosse nada, não estaria assim. Não me enrola! Fala logo!

– Ai, Makoto. – virei-me para ele – Não é óbvio? Qual será a minha função se não posso cumpri-la mais? Por que não me alforria de uma vez, esquece de mim e segue a sua vida?

– Não te liberto porque não quero e não tenho certeza se essa relação dará certo.

– Ah é. A válvula de escape, a segunda opção, como sempre.

Desvencilhei-me da prisão dele, entrei e tranquei a porta. Ele tentou abrir, bateu, me chamou.

– Makoto, me deixa sozinha. – gritei e segurando o choro continuei – Por favor!

Ele deu um soco na porta antes de dar por vencido e disse:

– Tá bem! Boa noite.

Voltei ao local de escrava em apenas uma noite. Não sei nem o que pensar ou sentir sobre, a não ser as palavras usada e objetificada.”

A outra anotação era do dia seguinte, na primeira noite que Kana passou comigo em casa.

“Olá diário,

Estou escrevendo com sons perturbadores vindos do quarto a frente como fundo.

Makoto se mostrou preocupado comigo de manhã. Então, respondi assim:

– Só me senti isolada de tudo o que ocorreu ontem. Estava sentada do outro lado da mesa, praticamente alheia a tudo. Depois, fiquei mais excluída ainda, com todos conversando e eu sentada lá. Só isso!

– É verdade! Eu mal te vi ontem à noite.

– Claro. Tive que esticar o pescoço para te ver falar.

Ele sorriu.

– Te deixo perto de mim da próxima vez.

– Assim espero.

– Alias, Kana virá aqui hoje.

– E pela sua cara, ela vai passar a noite aqui também. Não se preocupe, preparei os tampões de ouvido para o caso dela ser escandalosa.

Makoto gargalhou. Admito, o que eu falei foi engraçado. Depois, me assustou:

– Não me diga que tem inveja dela.

– Por que eu teria, Makoto?

– Você sabe, Kazuko.

Senti meu coração acelerar. Espero que não seja pelo motivo que estou pensando. Isto durou um milissegundo, quando me defendi:

– Vocês instaurou as novas regras, quem sou eu para falar algo? Só devo me manter na minha posição de escrava e apenas concordar.

– Você só é minha escrava só quando lhe convém. Tipo agora!

– Você também só é meu dono quando lhe convém.

– Merda! – bufou, sentindo o “tapa”

– Já prestou atenção no quanto nossa relação é estranha, Makoto. Todo mundo se espanta com o jeito que me trata.

– Expliquei o porquê de fazer isso.

– Eu sei! É só que... – hesitei, pelo mesmo motivo: coração acelerado

– Fala. – disse, quase num sussurro

Ia falar “acabo ficando confusa”, mas isso seria declarar o que não queria. Então, fugi, falando outra coisa:

– Minhas amigas e parentes me chamam de sortuda. Só que não concordo com eles.

– E eu te trato tão mal assim?

– Não. Só não são “aquelas mil maravilhas” que muitos pensam.

Ele apenas assentiu e o assunto terminou. Foi ao trabalho e já retornou acompanhado. Ela sorriu ao cumprimentar Keiko e fez careta quando me viu sentada no sofá. Falou comigo por mera educação. Ficamos os três assistindo ao filme que escolhi. Kana reclamou o tempo inteiro. Em seguida, fomos jantar. Os outros dois conversavam com tanto entusiasmo que nem cogitei entrar na conversa. O telefone os interrompeu. Enquanto Makoto foi atender, Kana resolveu me atacar:

– Querida, o que você está fazendo aqui?

– Jantando. – respondi, irônica
– Engraçadinha. Estou falando sobre estar fora do seu quarto.
– Só vou a meu quarto para dormir, assim como vocês.
– Aposto que manipulou o Makoto para ter essa liberdade. Também sei que pode sair durante o dia.
– Eu nunca pedi nada a ele. Que isto fique bem claro!
– Então por que ele trataria bem uma escrava pobre como você?
– Porque ele quer assim, são as regras dele. Conforme ele diz: Você é humana também.
– Não admito isso! Não é agradável jantar com alguém como você. Mandarei Makoto proibi-la de sentar a mesa conosco.
– Eu devo estar atrapalhando tanto o seu jantar romântico. Por isso está tão enfezada!
– Não fale comigo assim.
– Ora, mas quem começou?
– O que está acontecendo? – Makoto voltara
– Nada, querido. Só estamos conversando.
E o assunto que falavam antes retornara.
Quando terminamos de comer, Kana foi para o quarto na frente. Makoto e eu tiramos a mesa e arrumamos tudo, já que Keiko nos serviu e voltou para casa. Seguimos juntos pelo corredor e nos despedimos na porta dos quartos.
– Boa noite, Makoto. – disse indo beijá-lo, mas ele me impediu
– As novas regras valem para os beijos também, Kazuko. – deu-me um beijo na testa – Boa noite. – e entrou
E cá estou agora com aqueles sons que já citei. Só me resta dormir. Boa Noite!”

A mim também. Só resta o sono e preguiça.
Fechei o diário, apaguei o abajur e fui dormir.

Capítulo 34

Tudo é guerra

Com a chegada de mais um final de semana, dei mais uma acelerada na leitura do diário. Kazuko foi ao aniversário de uma prima com Takumi. Como estava muito cansado, resolvi ficar em casa. Ou melhor, dei desculpa para não socializar. Não que as pessoas sejam chatas ou não tenha afinidade, só não estava com vontade de sair.

Li anotações de uma semana e meia, até que cheguei em mais uma descrição de um passeio da Kazuko com a Rin, que com o início do meu namoro com Kana estavam cada vez mais frequentes.

“Oi diário,

Acabei de voltar de mais um passeio com a Rin. Realmente nossas conversas têm sido a coisa mais interessante a se contar que tem me acontecido.

Makoto continua falando bem pouco comigo. Só me cumprimenta e pergunta como foi meu dia. E eu também sou praticamente monossilábica com ele. Keiko continua a minha melhor companhia. E Rin, tem sido a melhor amiga para desabafar.

Hoje fui almoçar com ela e sua esposa. E elas tinham uma novidade para me contar. Sentamos no restaurante e elas não conseguiram segurar por muito tempo, me falando:

– Kazuko, nós vamos ter um bebê.

– Sério? – sorri

– Sim. – Rin respondeu – Namie está grávida.

– Eu fico tão feliz por vocês. Se amam e agora a família vai aumentar. Mas, só por curiosidade, como fizeram? Eu não entendo tanto disso.

– Foi por inseminação, uma técnica criada entre o século XX e XXI para ajudar a casais inférteis, homoafetivos ou qualquer um que precise a ter filhos de forma natural. Antigamente era necessário um doador, porque só conseguiam com um espermatozóide e um óvulo. Atualmente conseguem misturar os genes dos pais mesmo que do mesmo gênero. Porém, os casais masculinos ainda precisam de uma barriga de aluguel.

– Lembro de ter aprendido na escola, mas me recordava dos detalhes.

– E você? Como estão as coisas por lá?

– Na mesma! – dei de ombros – Kana tem passado os fins de semana lá.

– E provavelmente, ela te trata mal. – disse Namie

– Até demais. Ela sempre reclama de eu comer com eles na mesa, de eu estar apenas presente com eles. E toda noite sou obrigada a ouvir os sons vindos do quarto.

– Essa parte é sempre a pior. – falou Rin

– Acho que outra pessoa no meu lugar já teria fugido.

– E por que não o faz? Pelo menos como um teste. – indagou Namie

– Não consigo. – soltei um suspiro

– Não me diga que... – Rin não precisou completar

– Acho que sim. – com os olhos marejados – Eu me sinto uma completa idiota.

Ela se levantou e sentando ao meu lado, me abraçou. Então, eu desabei, porque eu sabia que podia fazer tal coisa com as duas. Depois completou:

– Não vou te julgar. Só espero que pense melhor sobre isso.

– Obrigada!

E depois a conversa continuou com outro assunto.

Cheguei deste passeio tem poucos minutos. Se pudesse, sairia com elas todos os dias. Pena que ambas tem carreiras ocupadas. Só me resta aproveitar as poucas horas que tenho com elas.

Agora, ajudarei a Keiko a preparar o jantar para mim, ela, Makoto e “a chata”.

Até!”

Uma clara demonstração de ciúmes da Kazuko.

Passei para a anotação da data seguinte, onde ela contou sobre a pequena revisão de história que ela fez ao ler um livro na biblioteca.

“Diário querido,

Acabei de sentir uma saudade enorme dos meus tempos de escola. Não que realmente tenha tanto tempo assim, mas eu sinto como se fosse uma eternidade atrás. Minha vida mudou tanto que tudo parece um local distante e feliz na minha memória.

E por que me ocorreu essa nostalgia? Simples! Um livro de História.

Hoje era mais uma tarde entediante que vou à biblioteca e procuro algo qualquer para me perder em uma leitura. E o livro de História foi o sortudo. Ele era especificamente da história da minha região. Folheei por eras mais antigas, como a em que todos se vestiam do jeito que queriam, eram livres para usar roupas coloridas e cabelos coloridos, saias rodadas. Passei por

dois séculos inteiros até chegar ao “agora”.

E eu me lembrei das coisas horríveis que as pessoas são capazes de fazer para conseguir algo de seu interesse. Ainda mais um governo.

A “guerra” terrível que houve cerca de 60 anos atrás e deixou a parte pobre de uma das duas cidades que se unificaram em Ioma completamente dependente – e subjulgada – a população rica. E essa subjulgação é tão extrema, que algumas crianças são vendidas como mercadoria para atender aos caprichos e desejos mais nojentos deles.

E tudo isso por conta de uma riqueza natural. É impressionante ver o egoísmo que existe nas pessoas e em situações específicas.

Acho que o meu maior sonho atualmente é o mesmo de todos iguais a mim: liberdade. Uma liberdade plena. Além, é claro, do desejo de que todas as oportunidades para nós melhorem. Existe muita segregação entre os pobres e os ricos. Muito preconceito deles conosco, até com a classe média que trabalha para eles.

É um lugar horrível de se viver, porque você está à mercê de uma quantidade menor de pessoas que tem mais dinheiro. Até hoje, é isso o que manda por aqui.

Daria tudo para ter nascido no passado, bem antes dessas coisas acontecerem e deixar tudo como agora está. Sei que não devia ser uma maravilha, mas com certeza é melhor do que aqui.

Nenhum rico deve sequer imaginar o que se passa em nossas cabeças todos os dias. Seja durante as aulas na escola ao ouvir sobre isto, nas diversas noites que vamos ao centro de escravos e somos expostos como mercadoria, tudo o que passamos e ouvimos sobre seu tratamento com os escravos ou simplesmente quando paramos um segundo e tentamos absorver esses acontecimentos históricos e vemos a vida miserável que levamos.

Não é só perigoso ser escrava, é perigo ser alguém da classe baixa.

Agora irei. Makoto chegou e com a namorada chata dele.”

Cansado da leitura, fechei o diário. Peguei-me pensando em tudo o que minha esposa de anos atrás disse.

Posso ter ouvido, presenciado e vivido muita coisa com as escravas de meu pai, mas, eu nunca saberei exatamente como é ser da classe rebaixada e subjulgada.

Por conta disso, tentava ser o melhor possível com a Kazuko. Contudo, a época que namorei Kana foi, com certeza, uma das mais conturbadas e difíceis que vivemos.

Capítulo 35

Dona por uma noite

Hoje é uma noite especial. Completa exatamente um ano que eu e Kazuko nos casamos. Meu chefe me liberou mais cedo. Peguei minha esposa em casa. Deixamos Takumi aos cuidados das minhas madrastas, que logo terão mais um bebê. Meu pai está todo bobo por mais um filho a caminho.

Kazuko e eu não pudemos fazer um plano muito bom para nossas Bodas de Papel. Decidimos jantar e pernoitar em uma cobertura de um hotel chique. E é exatamente a mesma de outra noite de primeiro aniversário.

Após o jantar, que foi no nosso quarto mesmo, vocês sabem o que aconteceu. Não preciso nem falar!

No dia seguinte, levantei mais cedo que ela. Pedi o café da manhã que demoraria um pouco a ser servido. Enquanto esperava, decidi ler o diário. E era logo sobre a noite que eu e Kazuko comemoramos o 1º ano de escravidão dela. Agora eu me pergunto: O que eu tinha na cabeça quando fiz isso? Acho que devia estar com um peso na consciência, da mesma forma que fora no aniversário dela, por conta da nossa relação se encontrar esquisita. Mal nos falávamos durante os dias. Kana estava sempre comigo e Kazuko não gostava de ser *vouyer*. Então, resolvi fazer essa surpresa.

“Querido Diário,

Eu sinceramente não posso contar o que aconteceu ontem a mais ninguém do que aqui e para você. Estou digerindo tudo. Existem momentos em que simplesmente não consigo compreender o Makoto.

Calma, vamos por partes.

Era próxima da hora dele chegar do trabalho e não havia sinal da Kana, que todas as noites está aqui. Estava adorando o silêncio e a paz até que a porta da sala se abriu. Obviamente era Makoto, pensei eu, acompanhado da Kana. Só que eu me enganei. Ele chegou sozinho, cumprimentou a mim e Keiko. Depois, eu disse:

– A Kana não chegou.

– Eu sei, Kazuko. Pedi a ela que não viesse hoje. Afinal, é um dia

importante. – fiz careta e ele prosseguiu – Isso é para você, – estendeu e mostrou a caixa que carregava – para usar hoje. Vista-se para sairmos.

Makoto resolveu quebrar todas as regras de uma vez. E eu, claro, obedeci.

Levei a caixa comigo para o quarto. Ao abrir, vi que era um vestido longo preto, com uma listra branca em diagonal, vindo da esquerda até o outro lado. Ironicamente ou não, também tinha lingerie na caixa, pretas e brancas como o vestido. Ainda bem que eu tinha sapato para combinar com isso. Fiz um penteado básico. Já sabia muito bem o que ele pretendia. Deve ter ficado enjoado de transar com a Kana e resolveu quebrar a própria regra de “estarei traindo-a se dormir com você” só para sentir que variou um pouco. Se era isso que ele queria, era isso que ele teria.

Saí do quarto e o vi sorrir e soltar:

– Está linda, Kazuko.

– Obrigada. – tentei não transparecer a pequena raiva em mim – Para onde vamos?

– Isso é surpresa!

“Ai, Makoto, não estou com saco para essas brincadeiras.” Esse foi um pensamento daqueles que nunca falo.

Descemos junto com Keiko, que se despediu de nós na portaria. Eu e Makoto entramos no carro e saímos. Dirigiu até a área comercial e turística de Ioma. Uma região com diversos hotéis. Entramos do Midas Plaza, um dos mais chiques. Estacionou na frente dele e fomos ao hall, que tinha o pé direito mais alto, um chão de mármore negro muito bem encerado e parede em tons de bege. Havia uma enorme árvore no meio, completamente florida. Eu fiquei encantada. Na recepção, ele falou:

– Boa noite. Tenho uma reserva para a suíte presidencial.

– Boa noite. – respondeu a atendente – Qual seu nome, senhor?

– Miyasaki Makoto.

Ela olhou no computador, levantou-se, pegou uma chave no quadro que ficava atrás dela. Voltou e entregou para Makoto.

– Aqui, Sr. Miyasaki. Aproveitem a estadia. Logo o jantar chegará.

Apenas agradeceu e pegamos o elevador, subindo até a cobertura. Minha língua estava queimando para destilar um comentário.

– Sinceramente, Makoto, não precisava disso tudo se você só quer transar comigo. Era só me chamar para seu quarto, como sempre faz. – cruzei os braços

– Você não entendeu o porquê de estarmos aqui hoje.
– O que tem especial justamente hoje, Makoto?
– Onde estávamos exatamente um ano atrás? – indagou, e a porta do elevador se abriu

Enquanto ele virava a chave para entrar, fiquei matutando o que poderia ser ao sair do elevador também. E não demorou cinco segundos para eu descobrir. Eu olho essa data todo dia ao abrir este caderno. Agora me diz: Que dono leva a escrava para sair e comemorar mais um ano de escravidão? E tem gente que diz que tirei “sorte grande”. Ainda estou procurando o universo em que isso aconteceu.

– Isso é coisa a se comemorar? – foi a única coisa que saiu da minha boca

– Eu acho que sim. Faz um ano que nos conhecemos e passamos por um monte de coisas nesse meio tempo.

Pronto! Foi aí que eu baixe a guarda. Merda! Merda! Merda! Meu coração acelerou, fora do meu controle.

Eu estou com sentimentos que sei que não deveria ter, contudo não consigo impedi-los. Minha baixa de guarda se concretizou com uma lágrima solitária que caiu. Eu fiquei muda, estagnada diante da porta e ele entrou. Demorou um pouco até me notar naquele estado. Então, se aproximou de mim.

– Ei, Kazuko! – levantou meu rosto – O que houve?

– Nada. – respondi tirando a mão dele e empurrando-o para que pudesse entrar

Ele sabia tão bem quanto eu que não era nada. Fechou a porta e completou:

– Olha, eu sei que tenho te tratado mal desde que entrei nesse relacionamento com a Kana. A nossa relação ficou esquisita desde então.

– Makoto, a minha posição perante ti torna isto assim. – interrompi-o, sentando num sofá que tinha ali

– Eu sei. – disse se ajoelhando a minha frente

– Por que está fazendo isso? – olhei para ele

– Quero me redimir. Sei que deve estar querendo me matar. – riu

– Se quisesse mesmo, já teria feito. – sorri

– Vamos esquecer tudo. Pelo menos hoje. Só eu e você, como no começo. Combinado?

Assenti. A campainha tocou, o jantar chegara. Fomos servidos apenas

de prato principal e sobremesa, sendo salmão e petit gateau, respectivamente. Enquanto comíamos, também conversávamos. Tinha meses que não fazíamos assim. Ele perguntou como estava minha família, minhas amigas, minha saúde e sobre a Rin. E claro, lhe contei a novidade sobre o filho das duas. Makoto se mostrou feliz por elas.

Eu lhe indaguei sobre os casos que estava pegando no trabalho. Assunto vai, assunto vem, resolvi questionar uma coisa:

– Desculpa voltar nisso, mas o que disse a Kana para que pudéssemos sair hoje?

– Falei a verdade. Claro que ela não entendeu muito bem.

– Isso pode causar problemas.

– Apenas entre eu e ela. Não se preocupe. Só vamos esquecer isso agora tá?

– Tá bom. Apenas quis perguntar.

Logo terminamos de comer e nos levantamos. Então, Makoto falou:

– Tenho mais uma surpresa. – “aí não”, foi o que pensei – Vou ali e já volto. – se dirigiu ao banheiro, sem antes pegar algo que estava nas costas de uma das cadeiras

Sentei-me na cama e só esperei. E quando ele saiu, não tive como não conter a gargalhada. Saiu vestindo apenas uma tanguinha vermelha.

– Makoto, o que é isso?

– Surpresa! – disse dando uma voltinha – Que tal estou?

– Engraçado... E ridículo!

– Nisso eu tenho que concordar. Não sei o que a Kana tinha na cabeça quando pediu para eu colocar isso.

– Pelo menos não é tão cavado na bunda. – levantei, abri e tirei o vestido – Não vou deixar você ficar despido sozinho.

– Mas você está sexy e eu não. – então pegou em minhas mãos – Hoje vamos trocar de papéis.

– Como assim? – franzi e testa

– Você será a dona e eu, o escravo.

Sorri maliciosamente e empurrei-o na cama. Sem pensar duas vezes, arranquei a única peça de roupa que ele usava. Não me importava de que Makoto só queria variar um pouco comigo, me importava que eu mataria o desejo que tinha dele naquela noite. E eu era a dona, eu queria ser satisfeita.

Excitei-o um pouco com minha boca, depois tirei minha calcinha e montei nele, que ficou apenas segurando minhas coxas para me ajudar no

meu movimento. E nem ele e nem eu aguentamos por muito tempo. Eu gozei colocando a cabeça para trás e soltando um grito contido, para em seguida desfalecer sob o peito de Makoto.

Compartilhamos nossas respirações descompassadas por uns minutos, até que eu virei para o lado vazio da cama.

– Satisfeita, senhora? – indagou irônico

O meu silêncio foi um sim. Makoto se enrolou em um dos lençóis e foi olhar a vista da sacada, que era logo em frente. Fiquei uns minutos deitada, em seguida fiz outro lençol dali de vestido e me juntei a ele.

– A vista é linda daqui. – comentei

– É! – se voltou para mim – Quer voltar para o quarto, senhora?

– Não precisa me chamar assim.

– Eu quero te chamar desse jeito. Faça o mesmo comigo.

– Makoto então, este é o seu nome.

– Tudo bem. – apenas sorriu

Ele se aproximou de mim, pegou em meu rosto e me beijou do jeito que eu queria e até sonhava tem meses. Ainda puxando meu corpo junto ao dele. Quando nos desvencilhamos, ele falou:

– Não era para eu para eu ter feito isso. Desculpe!

Que vontade que fiquei de falar: cala a boca e me beija, Makoto. Mas, só o agarrei para mais um, que levou a outro e mais outro, até que lá estávamos de novo. E assim se repetiu por algumas vezes. Quando cansamos, ficamos deitados até tentar pegar no sono. Então, ele questionou algo, bem “tarde demais”:

– Senhora, esqueci de perguntar: tem tomado seu remédio?

– Só depois que você lembra disso, Makoto? – e ri – Tomo todos os dias. Cerimonialmente. – completei séria – Não quero que passemos por aquilo de novo.

– Ainda é ruim quando recorda?

– Não! Mas, tudo é diferente agora. Não sei o que a Kana pode pensar disso.

– Que talvez foi um acidente?

– Ela sabe bem que tomo pílula. E vai afirmar que fiz de propósito para atrapalhar vocês. Só isso que faço para ela!

– Já percebi que vocês não se dão bem.

– Não, Makoto. Ela não admite que eu possa ter a liberdade que me dá. Por ela, ficaria trancada o dia todo no quarto. Eu juro que não é só isso nela

que me incomoda. Pode perguntar a Keiko o que acontece antes de você chegar. Ela me enche de perguntas preconceituosas e invasivas. Não consigo ser mal educada e não responder. É bem óbvio que ela vai me sondar para saber o que houve hoje. – nesse momento já estava sentada na cama e bem nervosa após o desabafo.

Ele se levantou e disse, olhando para mim:

– Não fazia ideia de que isso acontecia.

– Ela consegue te cegar, Makoto. Você se torna uma outra pessoa perto dela. – já sentia meus olhos marejarem – Eu acabo me sentindo solitária, mesmo com a companhia da Keiko. Depois que ela vai para casa, só piora. Por isso tenho saído muito durante o dia, para conversar com a Rin, a minha mãe, até com suas madrastas e seu pai. Uma pena que, como tenho horário para voltar, sempre ao chegar ela está no sofá e me olha com o ar reprovador dela. – completei debulhada em lágrimas, ele me abraçou – Desculpa. Sei que disse para esquecer isso, mas falei mesmo assim.

– Só ouvi o seu desabafo, minha senhora. Não reprovei nada do que falou.

– Já pode esquecer o personagem, Makoto. Mesmo que façamos essa brincadeira inúmeras vezes, você nunca saberá o que é realmente estar no meu lugar.

Enrolei-me no lençol e sai para a varanda. A voz dele veio atrás.

– E você nunca saberá o que eu passo por ser o tipo de dono que sou. Também tenho que enfrentar olhares reprovadores, todos os dias no escritório. Sempre comentam: olha o dono que deixa a escrava sair e deu uma festa de aniversário para ela. Entre outras coisas. Quando ando com você na rua, posso ver muita gente olhando para nós, talvez seja por isso que segure sua mão, para desviar sua atenção disso. E, sim, a Kana pergunta por que eu faço tudo isso e eu só digo: acho que ela é uma pessoa com tanto direito a respeito quanto nós. E sabe o que ela faz? Fecha a cara e isso me dá uma raiva. Não por mim, mas por você. Você não merece isso! Maldito foi o dia em que fui ao centro de escravos e te comprei.

Ele falou isto da porta que levava o tempo todo, seguido por um som de choro. Quando ele se calou, ousei olhar para trás e o vi ajoelhado com a cabeça baixa. Meu impulso foi abraçá-lo. E o desabafo dele se completou:

– Desculpa, Kazuko. Me desculpa!

E nada mais precisou ser dito. Após alguns minutos fomos dormir.

Eu acordei com o Sol incomodando meus olhos e ele ainda dormia.

Vesti minha lingerie e liguei para a recepção pedindo o café da manhã. Coloquei um roupão por cima. Logo, o serviço de quarto chegou. O barulho da mesa sendo posta o fez despertar. Agradei o garçom, dei-lhe uma gorjeta, ele saiu e fui chamar Makoto.

– Bom dia! – sorri

– Bom dia, olhos inchados de tanto chorar.

– Você também.

– Que horas são?

– Nove e meia. Já pedi nosso café da manhã.

– Eu percebi. Ele só podia ter feito um pouco menos de barulho. Vou me vestir, senta lá e me espera.

Assenti. Ele só colocou a cueca mesmo e veio bocejando, mostrando o peitoral agora um pouco mais definido. Ele começou uns exercícios quando começou a namorar.

– A malhação está te fazendo bem, Makoto.

– Você acha? – disse olhando o abdômen – Não notei tanto a diferença.

– É porque você vê todo dia. E bem... Tem muito tempo que não te via sem camisa. Não tinha como eu não perceber. Por que não tira fotos uma vez por semana, por exemplo? Ai observará a diferença.

– Tem razão. É uma boa ideia!

E nossa conversa continuou e se assemelhou a de todas as antigas manhãs. Tomamos um banho e já iríamos descer para dar checkout no hotel. Eu parei perto da entrada e um monte de coisas passaram pela minha cabeça, principalmente o fato de que tudo podia voltar ao “normal”. Makoto passou do meu lado e antes que pusesse o pé para fora do limite, o segurei, indagando:

– Me promete uma coisa?

– O que, Kazuko? – olhou para mim

– Que não vai deixar tudo voltar a ser como era antes desta noite.

Ele pegou em minha mão e disse:

– Eu prometo! E não deixarei mais ninguém desrespeitar e nem te menosprezar, nem mesmo a Kana. Pode me contar tudo o que ela fizer.

E um beijo selou esta promessa. Apesar de tudo, senti um medo daquela noite ter acabado. Por mim, ela duraria para sempre. Só eu e Makoto!

Saímos e viemos direto para casa. Foi uma noite boa, estranha e confusa para nós, acho eu.

Nossa relação acabou de sofrer outro choque e talvez mudança. Espero

que para melhor.

Vamos ver como ficarão as coisas quando a Kana vier hoje à tarde.”

Fechei o diário e no instante seguinte a comida chegou. Logo Kazuko acordou e aproveitamos a refeição juntos.

Capítulo 36

Serviçal?

Depois do meu aniversário de casamento, os dias seguintes seguiram normalmente, lê-se: com muito trabalho e leitura do diário, é claro.

Passaram-se mais semanas no diário, estava na parte em que a minha relação com Kazuko melhorara bastante e com a Kana dava cada dia mais certo. Apesar do pouco tempo de namoro, sofria pressão para desposá-la. Vinham mais dos pais dela do que do meu. Ele já não parecia satisfeito com esse namoro.

Cheguei mais cedo em casa, tomei um banho e fui ao quarto ler.

“Olá Diário,

Hoje foi aquele bendito chá que a Kana fez aqui com as amigas, pois elas queriam conhecer o Makoto.

Pobre da Keiko e de mim, que tivemos que fazer toda a comida para elas. Eu ajudei para não deixar a Keiko sobrecarregada. E Kana foi bem explícita nas regras: nós devíamos servi-las.

No final da tarde, umas 16h, ela chegou e logo vieram as ordens:

– Já está tudo pronto? – sim, ela não nos cumprimentou”

Kana insistira muito para ter essa reunião com as amigas dela. Muitas não eram da época de infância e colégio, então queriam me conhecer. As outras? Elas queriam saber a quantas andava a minha vida.

Eu só deixei-a pedir a Keiko fazer coisas demais, acabou sobrando.

“– Boa tarde, Kana. – respondi irônica – E sim está tudo pronto.

– Querida, falei com a Keiko e não com você. – patada pouca é bobagem – Por que não está no seu quarto? Seu lugar é lá!

– Só estava auxiliando a Keiko. Era muito para ela sozinha.

– É o trabalho dela, não? Tem que agradecer ao Makoto este emprego.

– Senhora, não vejo nada demais nela me ajudar. – Keiko disse, baixando a cabeça, Kana sempre a humilhava também – Tudo está pronto!

– Arrumem a mesa então.

Assim fizemos e as amigas delas foram chegando – Yoko inclusa nessa lista – e os comentários eram assim:

– Nossa! Que apartamento grande o dele.

– Uau, amiga! O namorado é bom de vida!

Por sorte, elas não haviam me notado. Ainda.

Elas se sentaram nos sofás da sala e puxaram algumas cadeiras da mesa de jantar. Elas estavam sentadas e conversavam sobre tudo, até sobre mim:

– Ele tem uma escrava, não é, Kana?

– Tem sim!

– E isso não atrapalha o namoro?

– Por que atrapalharia? Ela é só uma coisa que o satisfaz, mas agora ele tem a mim.

E as amigas riram.

– Coitada! Perdeu a única função que tinha na vida.

– Eu acho que não. – disse Kana baixinho – Tenho certeza que eles passaram uma noite juntos umas semanas atrás. Ele inventou uma desculpa de “1º aniversário de dono”.

– O quê? Você não perguntou a ele?

– Claro que não.

Então, Keiko, educadamente, interrompeu a conversa:

– Posso começar a servi-las? – todas assentiram e ela me chamou – Pode trazer.

Agora elas me notariam. Cheguei com os sanduíches que fizemos. Keiko informou qual era o sabor enquanto servia a bebida. E a Kana resolveu nos apresentar:

– Esta é Keiko, a empregada. – e se virou para mim, ai não – E esta é Kazuko, a escrava de Makoto. – e a voz da safada saiu tão natural

Um instante de silêncio, ninguém acreditava no que acabaram de ouvir. Ela reforçou, explicando:

– Ele deu diversas liberdades a ela, como ficar livre em casa e até poder sair.

– Mentira, amiga?

– É verdade. Não é, que-ri-da?

Que filha da puta. Eu me senti obrigada a responder.

– É sim. Eu tenho “liberdade diurna”.

– Que esquisito. – uma afirmou – Isso é um passo mais fácil para ela fugir.

Será que as pessoas podem se referir a mim diretamente?

– Nunca faria isso. O Makoto confia em mim!

– Que tolinha. Está apaixonada por ele é?

– Eu também penso isso. – Kana riu – Só porque ganhou uns privilégios... Vocês são tão rasas.

– Alias, – outra começou – o chama pelo nome?

– Eles dois se tratam pelo primeiro nome.

Caretas de reprovação. Kana usou como desculpa o seguinte:

– Também não entendo. Ele diz que ela deve ser tratada como nós, pois também é humana.

– Se fosse outra época, ele podia ser preso até. Sorte dele estarmos em tempos mais brandos.”

No início deste período de escravos comprados, era extremamente proibido que eles recebessem qualquer liberdade condicional. E quem tivesse os mesmos pensamentos que eu acabava preso por ser considerado um revolucionário.

Foram estes, os revolucionários, quem conseguiram melhorar um pouco as coisas para os escravos, mesmo que muitas delas sejam facultativas.

Infelizmente, muitos ainda têm as ideias iniciais ainda enraizadas em si.

“Eu me afastei, pois terminara de servi-las. Continuei ouvindo a conversa:

– Talvez seja porque o pai dele é casado com as três escravas. – completou Kana

– Quê? A coisa é de família então?

Assim como eu, as madrastas e o pai de Makoto sofrem muito preconceito. Tanto por serem polígamos e por elas serem ex-escravas.

– Por que está com ele, amiga?

– É inteligente, culto e também têm todas essas posses. Dá para perdoar esse detalhe.

Eu nem acreditava no que escutava. Até eu poderia citar melhores qualidades do Makoto, que além de inteligente, é amigo, companheiro e sempre tenta me fazer esquecer o que eu sou. Ele me trata talvez como alguém da família.

E, sim, eu sou uma “tolinha” por ter me apaixonado por ele. Tentei e tentei mentir sobre isso, mas depois do primeiro aniversário de escrava não podia mais insistir que não.

E não contei isto a ninguém, eu posso ser muito julgada. Por enquanto, eu tento esconder com minhas ações, porém a cada dia é mais difícil. Sei bem que isto nunca dará em nada. Sei muito bem que sofrerei por culpa desse sentimento. Só que não há uma forma de desligar.

Ouvi o som da chave na porta e a maçaneta girar, era ele que chegara. No meio daquela barulheira de fofocas, só eu percebi. Fui cumprimentá-lo.

– Boa noite, Makoto. – abracei-o e foda-se o que elas pensam

– Boa noite, Kazuko. – deu-me um beijo na testa e continuou, mexendo em meus cabelos – Já está todo mundo aí? – assenti – E que cara é essa? – não escondia a insatisfação

– O mesmo de sempre. Não me acostumo.

– Me deixa ir socializar, queria tomar banho, mas nem isso tô podendo. – me desvencilhei dele – Traz algo para eu comer, por favor.

– Claro.

Abandonou a maleta em um canto e foi falar com as pessoas. Logo levei o que pedira. E durante a conversa na porta, pude escutá-las comentando:

– Olha lá.

– Olha isso.

– Gente...

Entreguei um suco e dois sanduíches a ele, que já estava ao lado de Kana, sentado.

– Obrigado, Kazuko.

– De nada, Makoto. – sorri e ele correspondeu

E eu tive bocas arregaladas para o meu deleite. Retornei à companhia de Keiko, e claro, continuei ouvindo a conversa. As amigas de Kana perguntavam com o que ele trabalhava, da família, dos relacionamentos antigos, de mim e quais as pretensões que ele tinha com Kana.

– Claro que pretendemos nos casar. – ela respondeu por ele, que fez uma careta – Já adiamos por tempo demais. E já temos uma aliança de compromisso. Olha!

Sons de surpresa e de surto. A aliança em questão? A mesma que usei na viagem com Makoto e notei que ele estava com a sua também. Não sei exatamente qual foi o motivo, mas vê-la usando aquele anel tocou-me de um modo ruim. Imediatamente senti meus olhos queimarem, fechei-os com força,

tentando segurar. Porém, percebi que não adiantaria e sai depressa em direção ao meu quarto. Todos pararam o que faziam para me ver passar. Keiko veio atrás de mim e Makoto também.

– O que houve, Keiko? – indagou da porta

– Eu não sei.

– Só me deixem sozinha. – gritei com o choro abafado pelo travesseiro

– Keiko, pode nos deixar a sós, por favor?

– Claro. – saiu em seguida

Ouvi a porta do quarto bater e Makoto se aproximar e sentar ao meu lado na cama. Eu me levantei e virei para ele.

– Pode começar. – ele foi incisivo – Sei que não foi nada.

Olhei para baixo, com medo de dizer aquilo. Seria dar um atestado de apaixonada para ele. Então, apelei para uma pergunta:

– Quando você e a Kana começaram a usar as alianças?

Ele baixou a cabeça antes de responder:

– Ela acabou encontrando a caixa nas gavetas do escritório e achou que fosse para ela. Então, levei essa mentira adiante.

– Tudo bem. – enxuguei minhas lágrimas – Fico imaginando o que elaalaria às amigas se soubesse da verdade. – e desabafei – Só é chato vê-la usando a minha aliança.

– Convenhamos que não combina muito com ela.

E rimos. Logo, questionei:

– Por que ainda insiste nisso se não gosta dela?

– Eu quero fazer dar certo. Quero dar um rumo na minha vida.

– Você quer ou alguém lhe disse que estava na hora já?

– Segunda opção.

– Quem foi?

– O pessoal do trabalho, disseram que é bom ter família e etc.

– Tem que parar de ouvir o que os outros dizem e seguir o destino do jeito que quiser, no seu tempo.

– Não é só isso. Acho que já estou em tempo de focar no amor. Eu fico só no trabalho, não posso adiar isto. Convenientemente, a Kana apareceu novamente.

– E você pretende casar com ela?

– Talvez. Ela é a minha melhor opção.

– Não, Makoto. Ela é a sua única opção. Não se pressione.

– É que eu nunca fui muito bom nesse tipo de coisa, Kazuko.

– Conta outra, Makoto.
– Não na questão de começar um relacionamento, mas sair dele. Tenho medo de decepcionar a outra pessoa.
– Ai que está: Você vai, mesmo que não queira. Mesmo sendo o mais delicado possível.
– Mas acho a Kana alguém legal, eu quero mesmo tentar.
– Tudo bem. Eu não mando em você. Faça o que quiser.
Ele apenas sorriu como forma de agradecimento.
– Vai voltar para lá? – perguntou
– Sim. – assenti e completei antes dele atravessar a porta – Pensa bem no que está fazendo.
– Eu sei. – e fechou
Kana nem quis saber o motivo do meu choro. Ela está passando a noite aqui de novo e ouço os sons deles no quarto. Como é escandalosa!
Até, diário!”

Ainda bem que a Kazuko me ensinou a largar essa mania de ouvir e ligar demais para os outros.

Ela quem entrou no quarto, me chamando para jantar. Fiz companhia a ela e meu filho até a hora de dormir.

Capítulo 37

Reais Sentimentos

Por sorte ou pela graça do direito ao descanso, o final de semana chegou. E com ele veio uma viagem à praia, a mesma que minha família tem casa de veraneio e já vim com Kazuko diversas vezes.

Eu tirei uns dias de folga no trabalho para ficar uma semana inteira aqui, em família. Na verdade, apenas eu, Kazuko e Takumi.

Claro que não li durante o dia, estava aproveitando os momentos. Só fui fazê-lo a noite, antes de dormir. Kazuko já estava apagada ao meu lado de tão cansada.

Minha leitura para aquela noite era do evento de confraternização do trabalho, que é feito uma vez ao ano. Era para Kana ter ido comigo, mas ela acabou viajando no período e eu fiquei sem par. Ou melhor, Kazuko virou meu par.

“Diário querido,

Ontem à noite eu tive um autocontrole tremendo. Fico imaginando a merda que daria se eu tivesse cedido e fraquejado.

Como disse antes, era à festa do trabalho do Makoto que eu iria. Em virtude da viagem da outra, eu fui a sortuda.

Tomei um banho, sequei meus cabelos e logo Makoto trouxe o vestido que usaria. Um lindo longo azul, com detalhes prata nas alças e no busto. Os sapatos e outros acessórios também prateados.

Tirei o roupão que usava e fiquei seminua diante dele, que só faltou se esconder. Resmungou:

– Podia ter se trocado no banheiro, Kazuko.

– Aqui não tem nada que nunca tenha visto, Makoto. Não sei que graça é essa.

– As coisas são diferentes agora.

– Não vai trair a Kana só de olhar para mim

– Não me provoque. – ele retrucou

– Tá bem. Fecha para mim. – virei de costas para ele, que puxou o zíper

– Que tal estou? – dei uma girada

– Linda! – sorriu – E o cabelo? Fará o quê?

– Irei com ele solto mesmo.

– Nada disso. Senta aqui. – foi até a escrivadinha, que é uma penteadeira na verdade – O colar vai sumir em baixo dele. Tem algo para prender?

Sentei e lhe dei o que pediu. Estava curiosa sobre o que faria. Vi seus dedos indo de um lado para o outro no espelho. No final, prendeu.

– Pronto. Uma trança embutida para a senhorita.

– Não dá para ver. – ele pegou o espelho grande e colocou atrás de mim, então eu vi – Adorei!

– Só falta o batom agora!

– Mas, não tenho nada que combine com o vestido.

– Ou o rosa ou o cor-de-boca, que é quase rosa também.

– Você entende mais disso do que eu.

– Eu tenho três madrastas e convivi anos com elas. – ele olhou para meu rosto no espelho – Vai com o rosa, já que colocou marrom na sombra. E leve para retocar, caso necessário.

Iríamos junto com Yuuki, chefe de Makoto e Yoko, a esposa dele. Quando me livrei de uma, a outra aparece. Eu já esperava que Makoto não voltasse sóbrio para casa. As madrastas me contaram que ele bebia demais algumas vezes.

Logo a carona chegara e a viagem seguiu quieta, já que a conversa ficaria para a festa. Era em um hotel chique. O salão fora reservado apenas para o pessoal do escritório onde Makoto trabalha e que não é pequeno. O local estava cheio e tinha uma pista de dança mais abaixo e as mesas à frente. Fomos cumprimentando as pessoas. Eu fui apresentada como uma amiga de Makoto, a fim de evitar comentários. Yoko nem falou nada sobre isso. Escolhemos uma mesa e sentamos, logo a conversa começou:

– Uma pena sua namorada não vir, Makoto. – disse um dos que estavam na mesa conosco

– Ela viajou. – Makoto respondeu

– Mas, pelo menos temos uma companhia boa aqui. Não podia vir a este evento desacompanhado pelo terceiro ano seguido. – comentou Yuuki

E eles riram. Eu e Yoko mantivemos o silêncio. Então, o chefe de Makoto sugeriu:

– Vão lá dançar, jovens. Eu não tenho mais ânimo para tal.

Levantamos e eu me diverti. Deixei a música me levar e Makoto me acompanhou. E, naturalmente, ele me puxava para perto de si. Olha que nem tinha bebido ainda. O garçom passou servindo e ele pegou champanhes para nós.

– Vamos brindar! – gritou no meu ouvido com a voz sendo abafada pelo som – Pela minha felicidade e a sua.

Batemos as taças e bebemos um gole. A dança continuou até a bebida acabar. Voltamos e jantamos com os outros que estavam à mesa conosco.

E não aconteceu nada de muito interessante, só dançar que foi divertido. Era apenas eu, Makoto e a música. Na mesa, me sentia excluída. Observei Makoto virar copos e mais copos de bebida. Já estava falando demais e não andava direito. Passadas algumas longas horas até dançar ficou chato, pois ele já estava completamente bêbado. Nunca na vida achei que fosse ver alguém nesse estado.

Yuuki e Yoko nos chamaram para ir embora. Eu só agradeci mentalmente, por só ter que aguentar a ressaca dele agora.

Deixaram-nos na porta do prédio. Consegui subir e entrar no apartamento com muita dificuldade para carregá-lo. Arrastei-o até o quarto e ia apenas jogá-lo na cama da forma como estava, mas aí ele começou a agir por conta da bebida, dizendo:

– Kazuko, dorme aqui comigo. – sentei-o na cama – Tô com saudade de você.

– Pare de falar merda, Makoto.

– Transar com a Kana é uma merda. Ela é passiva demais.

Eu queria mesmo crer que era feito do álcool.

– Tá bom. Agora só deita e dorme. Eu vou pro meu quarto. Boa noite!

Terminei minha fala e me virei, contudo ele me puxou pelo pulso e roubou-me um beijo. Numa situação normal, teria rejeitado. Só que todos meus sentimentos guardados falaram mais alto e eu retribui. Ignorei o gosto terrível da saliva dele e permiti ser abraçada.

Quando nos separamos, ele fez uma careta e pôs a mão no estômago. Tive de ser rápida.

– Pro banheiro. Depressa! – dei um empurrão nele

Não é preciso ser um gênio para saber que ele vomitaria. Por sorte, tudo foi para a privada. Segurei as costas dele para que não caísse. Quando terminou, se jogou no chão do banheiro. E ele olhou para mim com uma cara de sofrido e ficaria por ali mesmo até amanhecer. Levantei-o e o despi,

colocando-o embaixo do chuveiro.

– Vai tomar banho comigo? – perguntou

Eu estragaria o vestido se fosse dar banho nele. Tirei minha roupa, desfiz o penteado e entrei. Ajudei-o a retirar aquele cheio horrível de bebida do corpo. Acabei me limpando também. Mais um beijo roubado embaixo do chuveiro. Eu o queria. Ele também me queria, mas estava fora do seu estado normal. Eu, por estar sóbria, devia manter as regras cumpridas. Mas, não consegui me controlar. Cada toque me enfraquecia mais.

Secamo-nos e fomos à cama. Estávamos atolados e chegando nos finais. Só que minha consciência resolveu me perturbar.

– Por que parou, Kazuko?

– Eu não posso continuar com isso. É contra a regra que me impôs. Não devia nem estar aqui.

– Esquece a regra. – ele ordenou

– Você não está em seu estado normal, não vou obedecer.

– Kazuko, estou mandando: me satisfaça agora.

Por mim, tinha montado nele, mas só fiz um oral até ele gozar. Estava tão bêbado que nem se lembraria no dia seguinte. O corpo dele ficou mais mole quando acabou. Apenas me agradeceu e lhe dei um último beijo antes de sair. Nem minha saída foi reclamada.

Fechei a porta do meu quarto e me senti suja por ter feito aquilo. Estaria encrocada de manhã. Abri a gaveta da escrivaninha e olhei o presente que Rin me deu no meu último aniversário. Um fogo interno me consumia e eu relutei em usar aquilo, mas a vontade estava forte demais.

Olhei rápido no manual como colocar a bateria e fantasiei ser o Makoto. Não demorei cinco minutos para estar completamente acabada. Fiquei feliz por alguns segundos e depois chorei. Era bom, mas vazio.

Depois disso, eu dormi. Acordei com a luz do sol me incomodando. Guardei o vibrador no mesmo lugar, após limpá-lo. Vesti uma roupa e abri a porta do quarto do Makoto e vi que ele ainda dormia. Fui fazer o café da manhã, em seguida levei para ele no quarto. Chamei-o, que despertou resmungando:

– Ah, que dor de cabeça. Precisava mesmo me acordar agora?

– É só para o desjejum, depois você pode dormir.

– Acho que eu bebi demais ontem. – trouxe a bandeja – Aconteceu algo? Por que eu tô pelado?

– Você vomitou e eu te dei um banho. Mas não conseguiria te vestir de

novo.

– É só isso mesmo? – esticou o pescoço – Suas roupas estão lá também.”

Eu lembro vagamente do que aconteceu nessa noite, em flashes de memória. Só que tudo era confuso. Sabia que saíra da festa carregado, lembro de vomitar, de estar embaixo do chuveiro e das sensações de prazer, após isso só de manhã. Foi por isso que perguntei.

“– Não podia molhar aquele vestido. Eu te coloquei na cama e sai.

– Não está contando a história toda! Tem uma lacuna, tenho certeza. Fala!

Olhei para baixo, respirei fundo e soltei receosa:

– Juro que não quebrei a sua regra de que não deveríamos transar, mas foi quase ontem. Você estava muito alterado.

– O que fizemos?

– Trocamos umas carícias e eu fiz um oral em você. – não podia olhar para ele – Já sei, não contarei à Kana.

– Acredito. Outra coisa: eu falei algo?

– Não. – menti, olhando convicta nos olhos dele, tomando coragem – Só me agarrou mesmo.

– Muito bem. – abocanhou um pedaço de bolo

Estava aliviada por dentro. A pior parte passou. O problema seria a Kana agora.

– Com licença, Makoto. Vou tomar café e meu banho matinal. – fui em direção à porta

– Ei, Kazuko. – me virei – Obrigado por cuidar do bebum.

– Não foi nada. Depois lhe trago um remédio para a dor de cabeça.

Estou aqui agora comendo e lhe contando o que ocorreu.

Achei que fosse ser punida pelo que fiz, porém Makoto compreendeu que não me aproveitei dele daquela forma.

Ainda estou com peso da mentira, mas é melhor que aquela fala morra comigo.”

Eu entendia e sabia o que tinha trancado naquele momento. Se não fosse por ela, provavelmente teríamos transado, porque eu queria isso. Lamentei de não lembrar, ou melhor, de não saber. Minha consciência não queria trair a

Kana, contudo minha vontade era dormir como Kazuko, todos os dias que quisesse e terminar de vez com a insatisfação que tinha com a namorada.

Fechei o diário e Takumi, que dormia no meio da cama, se mexeu. Coloquei o diário na mesa de cabeceira, apaguei o abajur e fui dormir.

Capítulo 38

Briga

A semana de viagem passou mais rápido do que percebi. É sempre assim!

Voltei a trabalhar quase me arrastando de tanta preguiça. Chegar a casa foi uma alegria, ainda mais com Takumi feliz ao me ver. Tomei um banho e fui à sala junto com minha esposa, aproveitando para ler. Busquei pelo diário em minha maleta e ele não estava lá. Procurei uma, duas vezes. Depois indaguei:

- Kazuko, você viu o caderno? – chamamos assim para ninguém notar
- Não levou para o trabalho hoje? Eu não mexi, tem que estar aí.
- Não está. Já olhei três vezes.
- Será que não esqueceu na gaveta?
- Só o coloco aqui, leio e guardo.
- Pode ter caído, amor. Amanhã você pergunta por lá.
- Eu não posso perdê-lo. Sabe disso!
- Sei, Makoto. Fique calmo que logo acha.
- Assim espero.

Sem poder ler, fui assistir a um filme com minha esposa.

No dia seguinte, perguntei ao meu chefe se não vira, procurei nos achados e perdidos, procurei na minha mesa e nada. Já estava sem esperança, provavelmente caiu na rua e alguém está lendo cenas eróticas entre eu e minha esposa.

Estava aceitando a situação, quando sinto alguém cutucar em mim. Era um dos meus colegas de trabalho, o mesmo que me pegou lendo o diário e eu menti para ele dizendo que era um livro. Ele segurava algo na outra mão e disse:

- Está procurando isso? – e me mostrou o caderno
- Onde encontrou?
- Na verdade, caiu de sua maleta ontem. Você foi embora e ela ficou ao lado da sua cadeira, caído. Como vi que era aquele livro, levei para casa, ia te devolver hoje de qualquer forma. Mas acabei lendo também e, bem... Acho

que me entende!

– Obrigado! Não sabia o quanto estava louco atrás disso.

– E me perdoe ter lido coisas tão pessoais da sua escrava. Mas, como ela te deixou ler isto?

– É da minha esposa, que era minha escrava.

– Ah, sim. – riu – Vê se guarda direito da próxima vez.

– Claro!

– E fala com ela que daria um bom livro. – e voltou para sua mesa

Respirei aliviado, pelo menos não o perdi tão longe. Eu tinha muito trabalho naquele dia, então, coloquei o diário na minha bolsa e só fui ler mesmo em casa, antes de dormir. O trecho do dia era sobre o momento mais conturbado da relação (se é que podia se chamar assim) entre Kana e Kazuko.

“Querido diário,

É madrugada e só agora consegui me acalmar e conter o choro por conta do que aconteceu. Estou cheia de roxos e cortes feitos por vidro em meu corpo. O motivo? Eu e Kana tivemos uma briga, fisicamente falando. Ela quis tirar satisfação comigo, por razões de: Eu sei que você dormiu com o Makoto, sua puta.

Porém, vamos por ordem cronológica. Saí para almoçar com a Rin e a Namie de novo. E claro, elas me contaram como ia o bebê e o quanto estavam ansiosas com tudo. Eu contei-lhes sobre o ocorrido na festa de trabalho do Makoto. Rin comentou, por fim:

– Ele não te puniu pelo que fez?

– O que faria se estava bêbado? – retruquei

– E você, – era Namie – não ficou na vontade?

– Fiquei e muito, tanto que até usei o vibrador.

– É sério? – ambas indagaram curiosas – E como foi a experiência?

– Boa. – respondi com desânimo – Fantasiei com ele e quando gozei, me senti vazia, estranha. Faltava algo.

– Você está mesmo apaixonada por ele, não é? – questionou Rin, pegando em minha mão

– Queria muito dizer que não. – senti uma lágrima cair – Mas estou.

– E logo neste momento em que ele está comprometido. – Namie completou

– Sei que deve ter relutado muito contra este sentimento e percebeu o quanto lhe é ruim. E claro, falar para ele não é uma opção.

Neguei com a cabeça, concordando com ela.

– Fico imaginando se a Kana descobre, tanto disso quanto das duas noites. – desabafei

– Ela é mais perigosa que o Makoto agora. Pode manipulá-lo para fazer tudo contra você.

– Sei disso. Mesmo com a promessa dele de que isso não ocorreria.

– Só podemos lhe desejar forças, Kazuko. – Namie segurou minha outra mão

– Eu sei. Só de poder contar tudo para alguém, já me sinto melhor.

Após esta conversa, mudamos de assunto.

Fiquei a tarde inteira fora, só cheguei perto de escurecer, ela já estava lá, com todas as pedras na mão dela.

– Onde estava, queridinha?

– Passeando com umas amigas.

– Amigas é? Achei que fosse sozinha e pelo visto chegou fora do horário estipulado.

– Na verdade, não! Está escurecendo agora.

– Falarei com Makoto sobre isso. Não pode quebrar as regras. – levantou-se e me pegou pelo braço e continuou, em tom mais baixo – E eu sei que está descumprindo uma.

– E qual seria? – ironizei, louca para destilar o veneno

– Não se faça de sonsa, garota. Acha que não sei o que houve naquele “aniversário de escrava” e não deixarei isto barato.

– Tire satisfação com o Makoto e não comigo. E para sua informação, nós também transamos quando voltamos da festa do trabalho. – menti

– Como é que é? – ela apertou meu braço

– Isso que você ouviu. Não se faça de surda! Ele voltou completamente bêbado e acabou acontecendo.

– Sua puta maldita! – gritou

E ela fez algo que me assustou. Jogou-me para frente e eu cai em cima da mesa de centro, que é de vidro, e que acabou quebrando com o impacto. Eu senti os cacos cortarem algumas partes das minhas costas.

Não tive nem tempo de reagir, Kana veio para cima de mim, puxando meus cabelos e me dando diversos tapas. Não tinha como me defender. Keiko até tentou tirá-la, mas foi afastada e xingada:

– Não se meta, sua empregada de merda!

Tentou de novo e de novo, mas sem sucesso. Enquanto isso, não via

nada por entre meus cabelos, estava presa pela cintura e tomava tapas e mais tapas. Só uma pessoa poderia me salvar e nem sei se demoraria a chegar.

A porta abriu e Kana estagnou, apavorada com o som. Era ele entrando. Para tentar se safar, pegou um caco de vidro e cortou o próprio supercílio. E como ela deixou de prestar atenção em mim, foi a minha única chance. Minhas pequenas brigas ao decorrer dos meus dezoito anos me serviram para esse momento. Encaixei um soco na base do nariz dela, que reclamou de dor e afrouxou a prisão. Empurrei-a para a lado e me levantei, ajeitando os cabelos. Então, Makoto falou, se aproximando:

– O que está acontecendo?

– Ela me atirou na mesa de centro sem motivo aparente, por sorte só machuquei o supercílio e o nariz. – Kana foi mais rápida

– Keiko, pode me dizer o que houve?

– Só as ouvi conversando lá da cozinha. Ouvi o estrondo do vidro se partindo e corri para cá. Kana estava em cima da Kazuko, batendo nela. Tentei separar, mas acabei sendo ferida também.

Eu vi o olhar que ela lançou a Keiko, com um ódio tremendo por trás. Nem sei qual era o meu estado, mas Makoto me abordou:

– Você está bem? – limpando algo da minha boca

– Ei, claro que ela está bem. Olha só o meu nariz! – de novo, ela me atropelou

– Keiko, traz o kit de primeiros socorros e gelo, por favor. – disse sentando a Kana no sofá – Kana, qual foi a razão dessa briga?

– Não sei, querido. – respondeu chorando falsamente – Acho que ela tem inveja de mim ou talvez tenha ciúme de você. Até as duas coisas!

A falta de noção dela é impressionante. Eu era a vítima, mas ela fazia aquele teatro ridículo. Era a minha palavra contra a dela. E mesmo com minhas costas ardendo, ele quis ouvir a ela. E continuei acompanhando aquele monólogo de merda dela.

– Ela chegou toda esquentada e nervosa da rua, resolveu descontar em mim.

Keiko chegou com a maleta de socorros e o gelo.

– Cuida da Kazuko para mim, por favor. E pode deixar que eu arrumo isso. – ele pediu e me olhou – Depois conversamos sobre isso.

– Vamos, Keiko. Não quero ficar aqui. – falei

Fomos até o meu quarto. Tirei a minha blusa para ela poder limpar os

cortes com uma toalha molhada. E como ardeu quando passou o remédio. Enquanto isso, conversávamos:

- O que fez para ela te atirar na mesa?*
- Você viu?*
- Vi. Só não escutei a conversa.*
- Menti sobre uma coisa: que eu e Makoto transamos na noite da festa.*
- Por que fez isso?*
- Não sei! Eu queria ver a cara dela, acho.*
- Essa moça é perigosa, Kazuko. Não mexa com ela!*
- Não vou fazer como os outros e apenas aguentar calada. Se ficarmos quietas, ela continua rebaixando a mim e a você. Faço por nós duas.*
- Obrigada! – ela sorriu – Só não falo por medo de ser demitida.*
- Keiko, – me virei para ela – acha que Makoto faria isso?*
- Ele não, mas ela sim. E se eles casarem?*
- Não me fale sobre isso. Acho que iria sofrer mais ainda. Não suporto vê-la ao lado dele. Makoto ficou tão diferente perto dela.*
- Por que está falando isso? Sente algo por ele?*
- Está tão na cara assim?*
- Eu vejo como olha para ele todos os dias no café da manhã. Não lhe culpo, o Makoto é um ótimo rapaz. E vocês ficariam lindos juntos.*
- O Koishiro também pensa assim.*
- Então, por que convidou a Kana para o aniversário dele?*
- Foi a pedido dos pais dela.*
- Entendo. Mas precisa falar a ele o que sente.*
- Não, Keiko. Tenho medo do que pode acontecer se fizer isso.*
- Nunca vai saber se não tentar.*
- Não enquanto ele estiver com a Kana.*
- Fiquei em meu quarto e jantei ali mesmo. Dormi cedo e fui acordada com uma voz masculina me chamando. Era Makoto!*
- Desculpe te acordar agora. É que a Kana não desgrudou de mim até adormecer.*
- Tudo bem. – bocejei*
- O que aconteceu de verdade?*
- Achei que tivesse acreditado nela.*
- Você não a agrediria a não ser para se defender. Bem ou mal, você sabe dos limites.*
- Diferente dela. – ele pôs a mão em meu rosto e eu comecei – Eu*

cheguei e ela já estava aqui, achando que estava atrasada. Falou comigo sobre as regras e me pressionou sobre a regra de não dormimos juntos. Sabia que a descumpri.

– Espera! Ela comentou algo sobre o dia da festa do trabalho. Você mentiu para mim sobre?

– Não, menti para ela. Para descarregar essa raiva. Só não esperava que ela me jogasse na mesa. Subiu em mim e começou a me bater. Quando você chegou, ela ficou sem ação, se feriu com um dos pedaços de vidro e aproveitei a distração para acertar o nariz. Dai para frente, já sabe.

– O que faço com vocês duas? – ele soltou

– Desculpe tê-la provocado de propósito.

– Eu podia te punir por isso.

– Pode me punir, se quiser. Não me arrependo do que fiz.

– Vou tirar sua “liberdade diurna” por um mês.

– Tudo bem.

– E tem mais uma coisa: a noite do meu aniversário, você passará aqui.

Baixei a cabeça, segurando o choro.

– Ei! – falou levantando meu queixo – foi você quem pediu.

– Eu sei, mas, poxa, logo o seu aniversário?

– Eu passo o dia com você.

– A Kana vai deixar muito.

– A gente foge dela.

E rimos.

– Ela vai dar um jeito de nos encontrar.

– Eu juro que almoço com você no meu aniversário. Alias, vai ter tanta gente aqui que vai gostar de ficar no quarto.

– Se você diz...

– Preciso voltar. Senão ela acorda. – se levantou e antes de sair, questionou – Vai ficar bem? Eu não gosto de te ver triste.

– Vou sim. Me recupero!

– Boa noite!

Respondi e tentei pegar no sono em vão, por isso vim escrever-lhe.

Até!”

Fechei o diário e coloquei na mesinha.

E é claro que contei o caso da “perda do diário” a Kazuko. E é claro que ela riu de mim. Safada!

Apaguei o abajur e fui dormir.

Capítulo 39

Regras e promessas quebradas

Semanas e mais semanas se passaram, tanto no diário quanto para vida real.

Hoje é um sábado e acabei de voltar do chá de bebê do meu terceiro irmão, ou melhor, da minha irmãzinha. Esta foi a novidade contada no evento. Ainda bem que o presente que demos foi totalmente agênero.

Era final de noite e mesmo cansado queria ler o diário. Kazuko foi com Takumi para tomarem banho e depois dormir. Eu fiquei na sala.

Nas leituras anteriores, lembrei do meu 23º aniversário, que teve de interessante só meu almoço com Kazuko, onde até cantar parabéns para mim cantou. A festa em si foi bem ruim.

E o trecho ao qual cheguei hoje foi o 19º aniversário dela. O mês de punição já terminara havia umas semanas. Então, ela tinha voltado a sair.

“Ai diário,

Se no ano passado tive o melhor aniversário da minha vida, neste ano foi o pior.

Não tenho do que reclamar do dia que passei na casa de minha mãe. Foi uma festa com tudo de melhor que recordava minha infância. Com toda a família. E para aproveitar ao máximo, sai pouco após o café. E claro, Makoto e Kana me perguntaram:

– Aonde vai tão cedo? – ela, venenosa

– Vou à casa de minha mãe. E só voltarei no final da tarde.

– Por que vai lá? – ele dessa vez

– É uma data especial.

Ele só assentiu. Eu estava meio chateada por ele não ter lembrado.

– Divirta-se com a sua gente. – soltou Kana

Não respondi. Ia sair, mas Keiko me chamou, deu-me um pequeno presente e me abraçou:

– Feliz aniversário, Kazuko. Espero que aproveite seu dia. – continuou, segurando meus ombros – Se não for incômodo, posso fazer um bolo para

você?

– Pode! De chocolate.

Despedi-me dela e sai.

Peguei o transporte público e o trânsito estava tranquilo e logo cheguei.

– Filha, que bom que está aqui! – me apertou num abraço – Parabéns! Tudo de bom para você. Que seus sonhos se realizem.

– Obrigada, mãe. – sorri

– E como vão as coisas por lá?

– Na mesma. E bem, só a Keiko lembrou e me presentou. Nem abri ainda.

– Então foi até bom ter vindo para cá. Agora me ajude a terminar de arrumar.

O resto da manhã passei apenas com minha mãe. No início da tarde, os convidados começaram a aparecer. Foi um almoço e eu matei a saudade que estava da comida dela. Até Rin e Namie foram.

Comemos e depois todos resolveram perguntar sobre como estava minha vida de escrava, já que era a única pessoa que contava as experiências em tempo real. E claro, queriam saber onde estava meu “dono dos sonhos”.

– Trabalhando provavelmente. – respondi – E mais tarde estará com a namorada.

– Quê? Namorada? – gritaram todos, exceto mamãe, Rin e Namie

– Sim. Tem pouco mais de seis meses. Podemos não falar sobre ela? Não nos damos muito bem. – vi Rin fazer uma careta – E bem, acabamos até brigando.

– Brigar como, filha? – indagou minha mãe

– Fisicamente. Na verdade, eu apanhei mais do que qualquer outra coisa.

Apesar das facetas chocadas, acho que foi a coisa mais normal que me ocorreu nesta vida de escrava até então.

No final da tarde, cantamos parabéns, soprei as velas e cortamos o bolo. Estava perto da hora de partir, era próxima da hora do sol se pôr. Auxiliei minha mãe a organizar e limpar tudo. Peguei carona com Rin e Namie. Mas, não contava com uma coisa: engarrafamento. Era dia de semana e horário de pico. Uma viagem que levaria normalmente meia hora, estava durando um hora a mais.

– Será que o Makoto não reclamará de seu atraso? – Rin questionou

- Não! Acho que ele vai me dar um desconto por ser hoje.
- Melhor ligar para lá de qualquer forma. – Namie opinou
- Tem razão. Farei isso.

Peguei meu celular e liguei para a casa de Makoto, Keiko atendeu e disse que informaria imediatamente assim que ele chegasse.”

Ela só não contava com a Kana. Keiko tentou falar comigo assim que entrei, porém Kana interrompeu três vezes mandando trazer o jantar. Acabou que ela ficou ocupada depois disso, só pode falar quando eu mesmo perguntei, respondendo:

- Ela ligou, disse estar presa do trânsito, mas está de carona com a Rin. Apenas assenti e Kana esbravejou:
- Isso é um absurdo! Ela claramente descumpriu a regra. Vai ver quando chegar
- Pelo menos ela avisou, Kana. – argumentei
- Pare de ser conivente com o que ela faz. Eu disse que um dia ela ia abusar. Olha só!

“Cheguei uma hora depois. Agradei a carona e subi. Entrei e Kana me recebeu do pior jeito possível:

- Onde estava até essa hora, escrava? E ainda foi fazer compras. – pegou minha bolsa com os presentes e começou a tirar item por item – E que mal gosto, hein.

Parecia em câmera lenta. Uma puxada, uma cara de reprovação. O pior era Makoto assistindo a tudo e mastigando. Imagina o misto de tristeza e ódio que eu fiquei. Meu corpo e o fundo dos olhos arderam. Fechei-os e respirei forte. Não queria que aquilo continuasse a acontecer.

Tomei a bolsa dela e, antes de recolher os objetos que foram jogados no chão, falei com a voz mais fria que saiu de mim:

- Com licença, Kana, estes são meus presentes de aniversário e não quero me mexa neles.

Numa outra situação ela retrucaria, mas acho que ela ficou em choque com a frieza de minha fala. Dirigi-me a Makoto e peguei um pedaço de bolo e uns doces que levei para ele. Só que dessa vez não consegui mascarar as emoções.

- Trouxe isso para você, não sei nem o porquê. – uma lágrima solitária caiu – Obrigada por manter suas promessas. Agradeço por me dar o melhor

e o pior aniversário da minha vida.

E simplesmente me virei e caminhei até o meu quarto, desabando no choro mesmo antes de atravessar a porta. Bati-a, larguei tudo em qualquer lugar e me joguei na cama.”

Assim que Kazuko saiu, Kana falou se aproximando:

– Ela enlouqueceu? Quem ela pensa que é para “não querer que eu mexa”? Vou coloca-la no lugar dela agora mesmo.

Ameaçou sair, mas a peguei pelo pulso antes.

– Ela está com raiva porque esqueci o aniversário dela, Kana. Deixe-a sozinha um pouco.

– Foda-se que é o aniversário dela. Ela claramente desobedeceu a uma regra e temos que verificar as coisas que ela trouxe consigo.

– Você quer xeretar, não apenas verificar.

Keiko passou carregando o bolo de chocolate. E Kana se enfureceu ainda mais.

– Até bolo? Sinceramente, Makoto, eu não te entendo. – bufou

– Ele não me pediu para fazer. – Keiko comentou

– Ora, menos mal. – ela sorriu – Só que você não vai levar isto para ela.

– Por que não? – indagou Keiko

– Ela está merecendo?

– É aniversário dela! Ela merece! E não se preocupe que via sobrar um pedaço para ti.

– Makoto! – gritou – Faça algo quanto a isso.

– O que? Concordo com ela. Pode levar! – Keiko saiu e Kana bufou de novo – Que foi? É só um bolo.

– É só um bolo, Makoto. Sim! Imagine. Ela chegou fora do horário estipulado e nos desrespeitou assim que chegou.

– Kana, para! Qual é o seu problema com ela?

– Ela é o problema! Uma escrava muito abusada pro meu gosto. E você aceita e dá liberdade a tudo o que ela faz.

– Vou puni-la por isso, mas só amanhã.

“Uns minutos depois, alguém bateu a porta.

– Makoto, vai embora! – esbravejei

– É a Keiko, Kazuko.

– Pode entrar. – levantei-me e enxuguei meu rosto e sorri ao ver o que

ela trazia

– Espero que lhe anime um pouco.

– Caramba, Keiko, esqueci de abrir o presente. – corri e peguei-o na minha bolsa, sentei-me na frente dela e abri, era um colar com meu nome como pingente – Obrigada! – abracei-a

Então, ela me pediu para segurar o bolo, pegou um acendedor de velas. Cantamos juntas, eu assoprei e ela cortou dois pedaços e comemos nos pratos de sobremesa que ela trouxe. Claro que o primeiro pedaço foi a para a aniversariante.

– Se eu pudesse, te levaria para dormir lá em casa. – ela confessou – Pelo menos para ficar longe dela um pouco.

– Makoto não deixaria.

Conversamos sobre como foi meu dia e logo depois Keiko foi para casa.

Fiquei sozinha de novo e resolvi arrumar meu quarto para me distrair. Tomei um banho e vesti um pijama antes da sessão de arrumação. Fui tirando os presentes um a um e guardando-os. Maioria eram roupas.

De tão distraída até me assustei quando ouvi batidas na porta. Makoto entrou.

– Só vim falar com você antes de dormir. – cruzei os braços esperando ele continuar – Desculpe ter esquecido o seu aniversário. Tenho estado tão ocupado.

– Como a Kana, é claro.

– Também! E bem, vou ter que te punir por ter chegado fora do horário... – senti que tinha algo mais a dizer

– E o que mais? Vai me punir por tê-la “destratado”?

– É! Pela sua grosseria com ela.

– Onde? – soltei, indignada – Realmente, Makoto, ela te manipula mais do que pensei. Daqui para frente só tende a piorar. Mas, tudo bem. Sei bem qual o meu lugar, apesar dela achar que não. Suspensão de liberdade diurna de novo?

– Sim! – suspirou – Era só isso. Boa noite!

– Ei, não está esquecendo nada?

Ele sorriu e ao me abraçar, falou:

– Feliz aniversário, Kazuko! Ficarei devendo seu presente por enquanto. E peço desculpas outra vez.

– Eu te perdoo, mas não significa que deixarei de ficar chateada, Assim, ele se despediu e foi ao seu quarto.

Eu me senti péssima e culpada por estar loucamente apaixonada por ele. A culpa por perdoar, sendo que estava certa de agir da forma como agi.

E bem, usei o presente da Rin – o vibrador – de novo. Talvez para tentar controlar essa carência que estou. Contudo, o vazio ao fim foi o pior de todos. Chorei até cair no sono. Acordei com o travesseiro molhado e vim escrever aqui, precisava colocar para fora.

Voltarei a dormir agora.

Boa noite!”

Já estava tarde e terminei a leitura com um bocejo. Levantei e fui ao quarto e encontrei Kazuko colocando Takumi no berço. Ela sorriu quando me viu.

– Vou tomar banho para deitarmos.

– Tudo bem, te espero.

Apesar de ter quase apagado no banho, levei poucos minutos e sai. Desliguei a luz do quarto e somente o abajur do lado dela me guiou até a cama.

Ajeitei-me, dei um beijo de boa noite nela. Tudo ficou escuro e dormimos.

Capítulo 40

Rompimento

Despertei com o sol já incomodando. Olhei para o lado e Kazuko ainda dormia. Resolvi ir à cozinha para preparar o café da manhã. Talvez demorasse para ela acordar, então decidi que leria mais um trecho do diário após terminar de pôr a mesa.

O “capítulo” em questão era exatamente o do dia seguinte e também quando tudo mudou... De novo.

“Querido diário,

O dia de hoje está terminando bem mais leve. Sabe quando você arranca e se livra de algo que te fazia mal? Pois é!

Só que contarei na ordem que aconteceu.

Acordei como todos os outros dias e fui à sala para comer. Cumprimentei Makoto, já que só havia ele lá. Fui na cozinha para falar com Keiko.

– Ficou tudo bem ontem? – ela perguntou

– Sim. Só serei punida, é claro.

– Nada além do normal. Menos mal assim!

Retornei a sala e Kana estava lá, que soltou:

– Ora, ora! Bom dia, esquentada. Está mais calma?

Ela já acordou para tentar acabar com meu dia. Haja veneno para uma pessoa só. Respondi:

– Sim. Só raiva passageira.

– Alias, adorei o seu showzinho ontem. Gostou de se sentir importante?

Caralho, que filha da puta! Eu respirei fundo para não voar no pescoço dela em plena sete da manhã. Mas é claro que não ia deixar barato. Se me atacar, eu vou atacar.

– Gostei sim. Ainda mais da sua cara quando te mandei parar de mexer nas minhas coisas.

Ela bufou por dentro. Percebi por conta das narinas inflarem.

– Vocês se satisfazem com tão pouco. – ela retrucou – Está se sentindo

toda por ter tirado uma careta minha. Que forma mais ridícula de tentar me rebaixar!

– Como você faz o tempo todo comigo e com a Keiko.

– Ainda quer colocar a empregada na discussão? Apenas coloco vocês no seu devido lugar. – o tom de voz aumentou – A empregada e a escrava: é só isso que vocês são. E nunca serão nada melhor! Porque são duas pobres e fodidas!

Foi uma agressividade enorme, ao ponto de eu me sentir mal, enjoada e até com vontade de chorar. Não é agradável receber algo de forma tão gratuita assim. Ela fez uma careta, esperando uma réplica, só consegui dizer, me levantando:

– Com licença, vou pro meu quarto. Eu perdi a fome! – e olhei para Makoto, que só assistiu àquela cena”

Não fui capaz de ter uma reação sequer durante aquilo. Não esperava vê-las brigar assim na minha frente. E a cena me serviu para confirmar algo que me incomodava já tinha um tempo: Se devia ou não continuar meu namoro com Kana.

Já havia um tempo que não estava mais tão feliz assim. Sentia-me esquisito perto dela, ainda mais quando notava que ela fazia as mesmas coisas que sempre fez. Sem contar o fato de humilhar tanto a Keiko quanto a Kazuko.

Cheguei até a conversar com meu pai sobre o assunto e ele só me disse para eu pensar melhor e com cuidado para decidir o que fosse melhor para mim.

E a decisão se tornou clara naquele momento.

– Kana, a gente precisa conversar.

– Fale, querido.

– Quero terminar.

– Como é? Está louco, Makoto?

– Não. Tenho pensado muito nisso por um bom tempo. Não deu certo antes e não está dando agora. Não para mim!

– Não me diga que é por causa dela.

– E se for? Qual o problema?

– A coisa é de família então. – ela sussurrou, levantando e indo em direção ao quarto

– O que disse? – eu a segui

- Quer saber? Você é igual o seu pai! Um apaixonado por escravas.
- Não abra essa boca para falar da minha família. Minhas três madrastas são bem melhores do que você. Até a Kazuko é. A Keiko é. Você, Kana, é só uma pessoa fútil e preconceituosa. Não sei por que te dei uma segunda chance. Não mudou nada. – gritei com toda a minha energia
- Achei que pudesse erradicar essa sua “bondade”, mas a doença é incurável.
- A sua também! Pegue suas coisas e vá embora. Não quero te ver nunca mais!
- E enfia essa porra de anel no seu cu, Makoto. – e saiu batendo a porta da sala, jogando o anel em mim, só não caiu no chão porque segurei
- Sentei-me no sofá e senti meu corpo quente e meu coração acelerado. Observava o anel em minha mão. Keiko me trouxe um copo de água.
- Obrigado, Keiko. E me desculpe por tê-la feito escutar tudo.
- Teve alguém que ouviu bem melhor do que eu.

“Mal entrei no quarto e ouvi gritos vindos do corredor. Makoto e Kana pareciam estar numa discussão daquelas. Eu não consegui entender nada. Da mesma forma que o barulho surgiu, ele sumiu. Fiquei aflita e receosa de sair dali. Então, a maçaneta virou e ele quem entrou, com a gravata afrouxada.

- Não vai trabalhar? – indaguei
- Daqui a pouco. Vim falar primeiro com você.
- E a Kana? Não reclamou?
- Podemos esquecê-la?
- Como assim? – fiz careta
- O que é passado deve ficar no passado. Acabei de terminar com ela.
- Até que enfim. – desabafei
- É verdade! – sorriu e olhou para o lado, vendo algo que deixei na mesa de cabeceira na noite anterior – O que é isso?
- Um vibrador, Makoto. – estava quase me escondendo
- Eu sei. Mas onde conseguiu?
- A Rin me deu de presente no ano passado.
- Então quer dizer que a senhorita está tendo prazer sem mim? – ironizou

Ao completar a fala, ele tirou a gravata e usou-a para amarrar minhas mãos na cama.

– Ei, Makoto, o que está fazendo?

– Eu vou te dar uma lição!

Ele me perguntou como se limpava aquilo. Respondi que simplesmente com água e sabão. E ele foi ao banheiro para tal.

Pensei: Ele vai mesmo usar isso em mim? A resposta foi sim.

Makoto tirou a minha calcinha e me mandou manter as pernas abertas. E sem problema algum, ele soube ligar e começou a usar o vibrador em mim. Estimulou um pouco a área externa, antes de colocar dentro.

Não era tão diferente de quando eu mesma uso, porém só por Makoto estar fazendo já me deixava gemendo e muito. Minhas pernas não paravam quietas e eu não queria que acabasse, tinha meses que eu não recordava dessa sensação. Parecia que a qualquer momento minha alma ia sair do meu corpo. Cada segundo ficava mais em êxtase. Houve um momento que senti um calor subir pela espinha, meu corpo se contorcer e depois veio um relaxamento completo. Makoto riu na sequência e eu nem liguei, até que ele retirou o vibrador de mim, colocou no criado-mudo e tirou suas roupas.

– Você me deixou numa situação tensa aqui. Não posso ir trabalhar nesse estado.

Sorri para ele enquanto subia na cama e depois me beijou. E sem enrolação nenhuma penetrou e começou o movimento de vai e vem. E eu mal tinha me recuperado do vibrador, então gemia talvez mais que antes. Contudo, senti algo me incomodar em meus pulsos.

– Makoto, será que pode me desamarrar?

Imediatamente ele esticou o braço e desfez o laço. Agora livre, abracei-o, deixando nossos corpos ainda mais próximos. Não demorou muito para ele gozar.

Jogando-se do outro lado da cama, Makoto respirou e disse:

– Droga, vou precisar de um banho.

Se virou para mim e já respondi, pois sabia o que ele ia perguntar.

– Sim. Ainda estou tomando o remédio. Não se preocupe.

– Tudo bem. Só não era isso que ia falar. É que tem tanto tempo que não me sinto satisfeito assim... E tão bem!

– Você tirou um peso.

– Verdade!

– Desculpa perguntar esse tipo de coisa, mas era mesmo tão ruim assim?

– No começo até era bom, mas como tempo foi ficando mais entediante

e repetitivo.

– Entendi. Lamento por isso.

– Não precisa. Eu que me enfiei nessa merda e eu mesmo sai. – ele levantou – Vem comigo?

Assenti e logo estávamos embaixo do chuveiro. Ele se banhou depressa ou se atrasaria. Despediu-se de mim dando-me um beijo na testa.

Fazia meses que me sinto bem assim. E estou animada de novo para Makoto chegar em casa. Até a Keiko notou.

Falando nela, vou ajuda-la a terminar o jantar.

Até!”

- Bom dia, Makoto. – ela falou me abraçando por trás – Sempre lendo o diário. Não vejo a hora de acabar.

- Já te disse que parece aquele tipo de livro impossível de parar de ler. Mesmo que eu já saiba a história.

Ela sorriu e completou:

- Vamos comer. Eu e Takumi estamos com fome!

Capítulo 41

Apenas Nós Dois

Leituras pré-sono... De novo!

Emendei dois “capítulos” e nas contas do diário, passaram-se dois dias.

A rotina voltou a ser a de antes, Kazuko passara as duas últimas noites no meu quarto. E também havia dois dias que uma coisa perturbava a minha mente. A fala de Kana sobre o “mal de família” me despertou uma reflexão sobre o que eu realmente sentia pela Kazuko. Amizade ou amor? A resposta veio mais rápido do que pensei. Não me senti confuso como ela, só aceitei porque já tinha visto acontecer e por que comigo também não?

A outra questão era como contar a ela o que sentia e havia o medo de não ser recíproco.

“Querido Diário,

Parece-me que uma história que Koishiro conhece bem está se repetindo.

Hoje já é segunda-feira, mas isto ocorreu num sábado. Era para ser um sábado qualquer, mas virou um dos mais marcantes.

O dia correu normalmente, até a hora que voltei do banho depois do jantar.

Estranhei a escuridão que havia após o corredor, assim que atravesssei a porta. Caminhei até a porta e o chamei:

– Makoto?

Mas era uma meia-luz do que qualquer outra coisa. E parte desta, além do corredor, vinha da luz das velas.

– O que é isso? – perguntei vendo só uma sombra

– Um jantar a luz de velas, Kazuko.

– E por quê?

– Não podemos fazer algo diferente?

– Podemos, mas... Acho isso um pouco demais.

– Deixa de bobeira e senta aí.

Fiz conforme ele pediu e foi até a cozinha e voltou com a comida.

– Servida de pizza de quatro queijos, senhorita?
– Claro, não tem outra coisa. – e ri – Só pelo cheiro achei que fosse algo mais elaborado.

– Não sou bom cozinheiro, convenhamos. Isso é o melhor que eu posso fazer e com uma massa pré-pronta.

E nós rimos. Ele serviu duas fatias, uma para mim e outra para ele.

– Parabéns, Makoto. Até que ficou bom.

– Obrigado. Só pus uns queijos aí! – sorriu

– Pode deixar que um dia eu faço, com a massa também.

– Vai ficar melhor que a minha, com certeza.

Continuamos comendo em silêncio por uns minutos, até que ele começou:

– Kazuko, quero lhe falar uma coisa importante. – quase me engasguei com a massa na boca – É que uma pessoa me disse uma coisa que me deixou pensativo nesses últimos dias. – pronto, o coração batia forte e a cabeça doeu de tanto nervoso - E é em relação a você! Não refleti antes, mas tenho certeza que sinto há muito tempo – ele respirou fundo, se preparando tanto quanto eu – Eu estou completamente apaixonado por você, Kazuko. Eu te amo!

Não consegui falar, só comecei a chorar descontroladamente, de felicidade de ouvi-lo dizer aquilo.

– Ei o que foi? – indagou, preocupado

Em meio a soluços, respondi:

– Não sabe o quanto esperei para escutar você falar isso.

Ele entendeu perfeitamente, só pegou na minha mão e sorriu.

Consegui me conter um pouco e terminei a fatia. Levantamo-nos e fomos assistir alguma coisa, mais abraçados do que de costume. Depois de um tempo, nem estávamos prestando mais atenção, era só amasso, mão aqui, mão ali no sofá. Nós dois ainda não tínhamos matado as saudades um do outro, tanto emocionalmente quanto fisicamente. Esse final de semana foi perfeito para isso.

E sabíamos bem no que aquilo terminaria. Makoto me pegou no colo e me levou até o meu quarto. Ele estava gostando da minha cama por esses dias. Porém, algo foi diferente naquela noite. Talvez por conta de termos revelado nossos sentimentos um pelo outro.

Recordo-me de como era transar com Makoto antes. Um pouco de pressa, poucos beijos e poucas carícias. Poder-se-ia dizer que ele só se

preocupava com a satisfação dele. Isto era mais do que óbvio! Agora, cada toque é um toque, cada carícia é uma carícia, cada beijo é um beijo. Aproveitamos cada segundo disso. Conhecendo-nos e nos reconhecendo. Minha mente ficou completamente vazia, era só eu e ele. Apenas a luz fraca do abajur permitia que nos víssemos.

As preliminares foram longas, mas deram um sabor a mais quando os finais chegaram. Também foi mais longo do que o normal. Quando ele acabou, saiu de dentro de mim e deitou-se do outro lado da cama. Receosa, abracei-o e fui aceita, sendo correspondida, já que ele me colocou sob seu peitoral.

– Ainda bem que o ar condicionado está ligado, porque estou com muito calor. – comentou ele

– Por que será, não é mesmo?

E ambos rimos. Uma coisa rara aconteceu em seguida. Ao fim das risadas, um silêncio se formou, mas não um tipo ruim, se é que se pode chamar assim. Não era constrangedor, porém reconfortante. O silêncio em que mais nada precisava ser dito. Ele só foi quebrado pelo desejo de boa noite.

Peguei no sono depressa, mal respondi a Makoto e apaguei. Só a luz entrando na janela do quarto me incomodou no dia seguinte. Despertei no mesmo local que adormecera e primeiro que ele.

Não era a primeira vez que me pegava olhando-o dormir. Também tenho certeza que ele também já o fez.”

Casais são assim. Acordam primeiro e observam o parceiro dormir. Mais um momento apenas para admirar a pessoa amada. E sim, já o fiz e muito.

“Admito ter prendido minha vontade de ir ao banheiro por uns cinco minutos só para admirá-lo um pouco. E como ele tinha mudado nos últimos meses. Como dissera no “dia do primeiro aniversário de escrava”, seus músculos estavam mais definidos, tinha até emagrecido. Seu cabelo crescera se comparado com a última vez que o olhei dormir. A barba ainda por fazer, com aqueles pequenos fios aparentes.

Decidi fazer a pizza dormida para o café da manhã. Vingança pelo jantar romântico? Talvez! Sai do quarto e fui à cozinha, peguei duas fatias de pizza, coloquei em pratos. Passei um café, peguei as xícaras. Pus tudo

numa bandeja e retornei ao quarto.

Com muito dó, chamei-o. Após um bocejo, ele respondeu meu bom dia.

– Trouxe café da manhã para nós.

– Oba! O que? – ele se animou

– Pizza dormida.

– Porra, Kazuko. – desabafou, rindo

– Minha vingança por ontem à noite.

– Como você é suja.

– Achou que eu ia perder o meu tempo cozinhando para você? Ainda mais essa hora?

– Achei que tivesse mais consideração por mim.

– Eu tenho! Só não estou disposta mesmo. Passar o café já foi muito.

– Vamos comer logo que eu tô morrendo de fome. Mas antes...

Makoto me agarrou e me roubou um beijo, me jogando na cama. Sorte que eu deixei a bandeja na escrivaninha, senão seria café e pizza direto nos lençóis. Pobre Keiko para lavar isso depois.

Comemos e conversamos no mesmo clima descontraído.

Aproveitamos o resto do dia para assistir um filme e também acabar com o resto da pizza. À noite, nós fizemos outra, que inclusive, foi comida no café da manhã de hoje.

Assim, um certo peitoral não dura um mês.

Agora deixa eu ir lá ajudar a Keiko.

Até!”

Dei um beijo de boa noite na minha esposa já adormecida, apaguei o abajur, coloquei o diário no criado mudo e fui dormir.

Capítulo 42

Tudo em família

A semana passou mais depressa do que pude perceber, foi uma semana bem agitada, nem tive como ler o diário. O tempo transcorrido em ambos foi o mesmo.

Acordei cedo demais no sábado, por conta da falta de sono. Fui à sala, peguei o diário e me sentei para ler no sofá. A anotação era do dia em que fomos à casa do meu pai fazer uma visita e claro que contei a ele tudo o que aconteceu comigo e com a Kana.

Comecei a leitura.

“Olá diário,

Faz pouco tempo que voltamos da casa de Koishiro e ele me chamou para uma conversa séria, depois de falar com Makoto. Até fiquei com medo, mas não era nada demais. Porém, vamos por partes... Fomos lá para almoçar e passar à tarde, algo bem em família mesmo. Qual não foi a surpresa de ver que Kana não estava.

– Ué, cadê a Kana, filho? – Koishiro indagou

– Que Kana, pai? Terminei com ela tem uma semana.

– Isso sim é uma boa notícia. – Shiori soltou

E este assunto acabou aqui. Cumprimentamo-nos e sentamos a mesa para comer. Não ocorreram muitas conversas durante, a comida estava muito boa para tal. Depois nos dirigimos para o lado de fora da casa, onde inclusive fica a piscina e o jardim, pena que era um dia um pouco frio para um mergulho. Foi nesse momento em que os dois foram conversar a sós do lado de dentro. Enquanto isso, eram as madrastras que falavam comigo:

– Sabe por que ele terminou com ela? – Minami perguntou

– Não faço ideia. Só sei que foi depois do evento do meu aniversário.

– Alias, parabéns por enfrentá-la e pelo seu aniversário. Makoto nem falou nada. – Minami completou

– Ele também esqueceu, só lembrou porque eu disse.

– Vamos ficar te devendo o presente. – Minami novamente

- Agora fiquei curiosa. Conta com detalhes. – Minori pediu
Contei tudo e elas ficaram chocadas.
- Gente, a Kana era assim tão agressiva? – indagou Shiori
- Antes disso tínhamos brigado, no sentido físico da coisa.
- Vocês “caíram na porrada”? – Shiori soltou e todas rimos
- Tá mais para ela me bateu muito e eu dei um soco certeiro nela.
- Uau, arrasou! – Minami entrou na brincadeira

A conversa transcorreu comigo contando como estavam as coisas depois da saída da Kana. E minha relação com Makoto pode até parecer “normal” para quem olha de fora, mas para nós está confuso. Revelamos nossos sentimentos um ao outro e ficou por isso. Nem sei se daremos o próximo passo, se é que realmente há um.

– Ele realmente terminou com ela por sua causa. Seus relatos só reafirmam. – Minori comentou

Eu, no meio de um interrogatório e completamente aflita com o que diabos Makoto e o pai dele estavam conversando.”

Não era nada muito além do que acontecia do lado de fora. Meu pai estava me sondando e muito. Quase completando um dossiê. Perguntou o que houve e pediu detalhes, mas apenas lhe contei os fatos. Só que é claro que ele ia mais a fundo, sabia que havia algo diferente. Ele tinha conversado sobre isso comigo antes.

- Então, terminou com a Kana por estar apaixonado pela Kazuko?
- Sim!
- Era só questão de tempo mesmo para você perceber.
- Peraí, sabia antes de mim?
- Sim, Makoto, você é teimoso igual a mim. Fiquei por muito fingindo que não sentia nada por suas madrastas. Escondi meus sentimentos por medo de estar fazendo algo errado ou do que iriam fazer. Mas, me sentia pior ao me lembrar de como as maltratei. Tenho vergonha de tudo o que fiz a elas no começo, só que logo notei meus erros e parei de fazê-lo. Porém, esse peso se mantinha sob meus ombros, junto com a dor da perda da sua mãe. Feri outros para tentar me curar, mas só fiz mais ferimentos. – uma lágrima correu – Desculpa, filho. – enxugou com a mão
- Não precisa ter vergonha de mim. – falei a ele, segurando a sua mão livre e me permitindo chorar também
- Ele prosseguiu:

– Mesmo com tudo isso, com todos os meus defeitos e ações, elas aprenderam a me amar. E eu aprendi a amar de novo com elas. Nós quatro temos nossos traumas e apoiamos uns aos outros. Só assim que nos mantemos firmes. E foi escolha delas ficarem comigo, eu lhes dei a liberdade, porque não suportava vê-las presas a mim como escravas, mas elas voltaram para mim. Quando era jovem não entendia tanto assim o amor, aprendi com sua mãe e me fechei quando ela se foi, nunca achei ser capaz novamente. Agora percebo o quanto o amor é inusitado. Não tem critério para amar, não se escolhe classe ou passado e nem como vai acontecer. Só acontece! Tenho certeza que foi assim entre você e a Kazuko, não é?

– Sim. Revelamos nossos sentimentos um ao outro, porém, só eu o fiz diretamente.

– Mas ela o ama, não precisa dizer. Tem meses que ela demonstra. Como você acha que ela suportou a Kana?

– Não tinha pensado por esse lado.

– Com a liberdade que ela tem, com certeza teria fugido. Mas, dirá em seu tempo. E estão, sei lá, namorando?

– Não. Eu nem tive coragem para pedir.

– Você tem medo?

– Claro que tenho. Vai que...

– Que nada, Makoto! Porra! Acha mesmo que ela vai rejeitá-lo?

– Sempre existe esta dúvida.

– Tira ela da sua cabeça agora. Faz esse pedido ser especial, vai passar um fim de semana na casa de praia e a peça lá.

– É uma boa ideia, pai. Obrigado!

– Espero que seja a última vez. Tô cansado de ser seu cupido.

– Para de bobeira. – e ri

Após isso, quase todos voltaram para dentro para fazer companhia.

“E carreguei isso até a “entrevista” acabar. Precisei ficar um pouco sozinha lá fora quando elas retornaram para o lado de dentro.

E quem me aparece uns minutos depois? Koishiro!

Minha cabeça começou a doer de nervoso, se é que é possível. Ele se sentou na cadeira ao meu lado e começou:

– Kazuko, posso falar com você?

– Pode. – saiu um sussurro

– Bem, perguntei ao Makoto exatamente o que houve, entre ele e a Kana

e entre vocês.

– E o que ele disse?

– Nada além do que eu já esperava.

– Por que será que eu tenho tanto medo? Estou tão nervosa. – desabafei

– É algo novo para vocês dois. Ainda mais você, que escondeu seus sentimentos por mais tempo. Não precisa ter medo. Vai dar tudo certo!

– Assim espero!

– Lembra o que lhe falei na minha festa de aniversário? Da pessoa perfeita para meu filho estar diante dele? Ele está começando a perceber isso.

– Ele já percebeu.

– Ainda não. Makoto ainda não lhe deu o valor que merece, só meteu vocês em histórias estranhas e fantasias malucas.

– Tipo a do casamento?

– Esse é o maior exemplo. Ainda acho que era a vontade secreta dele de namorar você.

– Tem mais uma, que é mais maluca.

– Qual? – arregalou os olhos, curioso

– Ele comemorou meu primeiro aniversário de escravidão?

– Quê? Ele não estava com a Kana na época e disse não querer traí-la?

– Despistou-a. E quem foi o escravo naquela noite foi ele. Uma inversão de papéis.

– Agora eu me pergunto o porquê dele ter feito isso.

– Segundo argumentos dele, para que me sentisse melhor. Mas acho que foi a forma dele mentir a si mesmo que sentia algo por mim. Nossa relação era só dono e escrava e só seria isso.

– Ele mentiu para si enquanto estava com a Kana.

– Koishiro, acho melhor pararmos essa análise do Makoto que logo ele nos escuta.

Ele riu.

– Tem razão. Acabamos o assunto aqui. – se levantou e se ajoelhou na minha frente, pegando minha mão – Eu espero, sinceramente, que meu filho me escute. Que dê certo entre vocês. Que ele não caia nos mesmos erros que eu.

– Ele não vai. E se fizer, dou um tapa na cabeça dele. – respondi sorrindo, Koishiro correspondeu

Assim, voltamos para o lado de dentro. E Makoto nem perguntou nada

ao nos ver. Com certeza, o pai já o havia avisado.

Não tardou para irmos embora. Koishiro deu a chave da casa de praia para viajarmos no próximo final de semana e deu uma piscadinha para o filho. Isso está me cheirando a planinho dos dois.

Juntar-me-ei a Makoto agora.

Até depois!”

Fechei o diário e a barriga roncou alto. E uma voz veio do corredor:

– Eita fome! O vício é tanto que esquece até de comer. – era a Kazuko – Bom dia!

– Estava te esperando para comer.

– Toma conta do Takumi enquanto arrumo a mesa. – colocou-o sentado ao meu lado no sofá e me deu um beijo

Fiquei brincando com ele, comemos e aproveitamos o resto do dia juntos.

Capítulo 43

Viagem Especial

Mais uma semana se passou, muito ocupada e ainda teve um outro evento: o nascimento da minha irmã Umi.

Eu não pude assistir ao parto porque estava em reunião com um cliente que apareceu de repente. Só pude sair após ouvi-lo por horas a fio. Mentalmente estava pedindo socorro!

Ainda busquei Kazuko e Takumi em casa e fomos ao hospital. Chegamos ao quarto e estavam meu pai, Minami, Minori, Kyouzuke, Akira e claro, Shiori. Minha irmãzinha estava num berço ao lado da cama.

– Caramba, filho, vocês demoraram. – meu pai falou

– Desculpe. Um cliente chato ficou horas conversando comigo.

– E ainda foi nos pegar em casa. – Kazuko completou

– Que bom que vieram, de qualquer forma, mesmo sendo um tanto tarde. – Shiori falou

– Tinha que ver minha irmãzinha.

Cumprimentei os outros e passamos um tempo lá conversando. Minha irmã é a coisa mais fofa que já vi. É raro nascer meninas em minha família.

Claro que comentaram sobre o parto, com detalhes que muita gente detesta ouvir. Parece-me que correu tudo bem.

– Ele fala isso porque não é ele quem sente a dor. – Shiori ironizou

Foi uma gargalhada de todos dentro do quarto. Então, Rin, a médica da família e amiga, entrou.

– Ora, vejo que estão todos aqui finalmente.

Rin só perguntou a Shiori como ela estava se sentindo e verificou sua recuperação. Ela estava preocupada com sua paciente estar com visitas no quarto, assim não ficaria quieta para descansar. Porém, só o marido ficaria para dormir, o resto retornaria. E foi o que aconteceu em seguida. Levei minhas madrastras e meus irmãos para casa e voltei com Kazuko depois.

Chegamos e Kazuko pôs a mesa enquanto eu esquentava a comida que Keiko deixara pronta para nós. Ela colocou Takumi na cadeira dele, que é própria para bebês e arrumou o prato dele e eu levava as travessas com a

comida, pratos e talheres para a mesa. Logo minha esposa se juntou a mim. Aproveitamos a comida e Takumi não parecia ter fome, mas Kazuko empurrava a comida na boca do menino. Até que ele fez barulho com a boca e foi sujeira na Kazuko, na toalha de mesa e até em mim.

– Takumi, olha os modos. – Kazuko gritou

– Ele não tá com fome, amor.

– Eu sei, mas se não comer agora, na hora de dormir não vai largar meu peito.

– Vai ver é isso que ele quer.

E o moleque fez de novo. Ela colocou o prato de comida dele na mesa e pôs a mão na testa, desistindo. Levantei e fui tentar, mas ele continuava na mesma. Então resolvi usar minha experiência em argumentação com ele.

– Ei, cara, vai mesmo rejeitar essa comida gostosa que a mamãe fez para você? – ele me olhou sério – Tem tudo o que você gosta, tem arroz, cenoura, carne. Vai dizer que não gosta de carne? – tentei dar comida e nada – Já deixo avisado que a mamãe é minha hoje. Se não comer vai ficar com fome. – fui eu com a colher na boca dele e ele abriu o máximo que pode – Muito bem! – sorri e garoto comeu até o final

Kazuko me olhou em choque.

– Que foi? – perguntei

– Nada, só não esperava isso.

– A gente precisa negociar algumas vezes.

Continuamos a refeição e conversamos:

– A Umi é tão fofinha, parece com a Shiori. – Kazuko comentou

– Verdade.

– Só de vê-la me dá vontade de ter outro. Quero dar uma netinha pro seu pai.

– Vamos com calma, Kazuko. Deixe Takumi crescer um pouco.

– Claro. Não quero ter dois bebês para cuidar. Um já dá trabalho, imagina dois.

Depois ela me perguntou do trabalho e o assunto seguiu daí. Arrumamos tudo depois e nos preparamos para dormir. Tomei banho primeiro e ela foi com Takumi depois. Decidi matar o tempo até ela sair para ler mais um trecho do diário, que era de mais uma viagem à casa de praia, quando a pedi finalmente em namoro.

“Diário amado,

Estou muito feliz, por isso lhe chamei assim.

Lembra que falei que Makoto e eu iríamos para a casa de praia nesse fim de semana? Saímos naquela noite mesmo, horas dentro do carro.

Chegamos de madrugada e cansados, só nos jogamos na cama e apagamos. Só acordamos no quando o Sol atravessou os vidros da janela e nos incomodou. Levantamos ao mesmo tempo e descemos para comer, usando o que trouxemos de casa. Depois trocamos de roupa e fomos direto à praia para aproveitar o Sol e brisa matinais. Demos um tempo antes de mergulhar e a água estava maravilhosamente gelada.

Almoçamos em casa mesmo e passeamos pela cidade, especialmente a área comercial. E eu praticamente obriguei Makoto a comprar algumas roupas mais leves, para usar nas férias. Ele só tem roupa de trabalho ou pijama. Que nervoso! Renovamos o guarda-roupa dele, graças a mim: Kazuko consultora de moda. E também uma ou outra coisa para mim.

A tarde de compras passou muito rápido, quando vimos já tinha escurecido e a fome veio junto. Procuramos um restaurante para jantar e encontramos um que ficava de frente para a orla (e perto da casa, para o retorno ser mais rápido). Nosso pedido foi a coisa mais clichê possível: Peixe.

Comemos, pagamos e no caminho de volta, conversávamos:

– Divertiu-se hoje? – ele perguntou

– Claro! Quem não gosta de fazer compras, não é mesmo?

– Eu nem tanto assim. – levou a mão da sacola de roupas – Mas ganhei uma parte nova no armário.

– Você só tem terno e gravata. Que agonia!

– Eu não saia tanto assim antes. Você que me faz ficar mais tempo fora de casa.

– Me culpando então?

– Exatamente!

Xinguei-o e dei-lhe um tapa no ombro, rindo junto com ele. Logo chegamos, entramos e ele disse, se espreguiçando:

– Quero só um banho e cama. Foi um dia longo.

– De fato!

Obviamente, não eram só essas duas coisas que ele queria. Tinha uma entre elas, chamada sexo. Vou ser sincera que eu queria também. Após isso, pegamos no sono.

Acordei no dia seguinte com um cheiro bom vindo do andar de baixo.

Nem tive preguiça, em cinco minutos tinha descido.

– Bom dia, Kazuko. Estava terminando e ia te chamar. – Makoto disse sorrindo

– Foi esse aroma que me acordou.

– Imaginei. Aconteceria a mesma coisa comigo. – trouxe um prato e se sentou a mesa – Pronto agora podemos comer.

Era um café da manhã em estilo americano, com direito a ovos, bacon e torradas.

– Gostoso! – falei com a boca cheia – Nunca comi nada assim, não no café.

– Eu sei. Por isso que eu fiz.

Apenas sorri. Aproveitamos o resto da refeição conversando sobre outras coisas. Quando terminamos, ele disse:

– Coloque seu biquíni. Vamos naquela praia atrás da colina. Preparei umas coisas para fazermos um piquenique lá.

Fiz conforme ele disse. Acho que essa foi a razão do café reforçado, a caminhada até a “praia secreta” era longa. Chegamos lá quase meio-dia, já que tínhamos acordado um pouco mais tarde. E claro, o percurso deu fome. Esticamos a toalha e nem arrumamos bonitinho para comer, o estômago não deixou. Abrimos a cesta e pegamos dali mesmo. Demos um tempinho e fomos mergulhar. A água estava deliciosa e bem calma, sem muitas ondas. O melhor de tudo isso é que estávamos apenas nós dois ali.

As horas passaram depressa. O Sol estava se pondo e eu fiquei preocupada com a nossa volta, pois o local da trilha tinha a mata bem densa. Transpareci isso falando:

– Makoto, logo vai escurecer. É melhor irmos. – levantei-me

– Kazuko, calma. – ele segurou meu pulso – Trouxe uma lanterna boa e que vai ajudar no caminho.”

Eu só pensava: por favor, Kazuko, não estraga o clima. Eu quero te perguntar algo importante.

“Bufei e sentei novamente.

– Aproveita a vista. A gente não precisa ter pressa para nada aqui. É uma viagem para relaxarmos. – acariciou meus cabelos

E assistimos a grande estrela ir desaparecendo na linha do horizonte, até se misturar com a água. Foi quando Makoto me pegou desprevenida,

completamente desprevenida.

– Kazuko, lembra que eu revelei meus sentimentos por você aquele dia?

– Por que não me lembraria?

– Ainda não me deu uma resposta.

– Resposta? – engoli a seco, um pouco nervosa

– Se corresponde a esses meus sentimentos ou não. O que sente por mim, Kazuko?

Eu sabia perfeitamente o que dizer, mas não como. Havia um medo secreto em mim, por conta de todas as histórias de ex-escravas que se apaixonaram por seus donos que chegaram aos meus ouvidos. Um silêncio se formou entre nós, só se escutavam as ondas chocando-se com a areia. Makoto disse:

– É só falar se sim ou não. – olhou para mim

A boca travou. A língua imóvel e os lábios pareciam unidos por cola. Esforcei-me muito para finalmente emitir algum som. E foi de uma vez, para ser o menos indolor possível, usando todos os culhões que nunca usei na vida inteira:

– Sim! Eu amo você, Makoto.

E ele deu o sorriso mais sincero que já vi e falou:

– Eu também amo você, Kazuko!

E o mais natural aconteceu: um beijo.

Ficamos por lá mais um pouco antes de voltarmos, pela trilha mesmo, a maré estava alta para contornar a colina por fora nessa época. Passávamos pela outra praia antes de chegar a casa, quando ele me pegou de novo de surpresa:

– Kazuko, o que acha de namorarmos? – de uma maneira não-tão-romântica, confesso – Sem fantasias, de verdade?”

Tratei de explicar, pois já fingimos ser um casal antes. Provavelmente ela pensou ser outra fantasia minha.

“– Você está brincando né, Makoto? – indaguei, incrédula

Então ele parou e falou, virando para mim:

– Acha mesmo que é brincadeira? Eu terminei com a Kana porque percebi que sinto algo por você. E, eu não quero mais que me veja como seu dono. Quero ser algo além e melhor do que isso: um homem que te ama.

– Então, eu aceito. – sorri – Como a mulher que te ama. Não como sua

escrava.

E, de uma forma diferente, com um abraço, nos tornamos namorados.

– Mas vai ser nosso segredo por enquanto. – ele completou

Assenti apenas.

Terminamos o caminho e de tão cansados, só tomamos banho e dormimos. Retornamos hoje de manhã. Makoto está trabalhando em casa e eu estou aqui.

Era só isso que queria lhe contar. Não consigo conter minha felicidade.”

E o trecho acabava aqui, sincronizando com a saída do banho. Takumi foi colocado no berço quase dormindo e Kazuko deitou ao meu lado e perguntou:

– Já leu seu capítulo?

– Sim!

– E o que aconteceu nele?

– Te pedi em namoro.

– Eu lembro. Do jeito mais anti-romântico possível.

– Estava nervoso, me dá um desconto.

– Tudo bem, tava na mesma naquele dia. – e riu – Boa noite, amor.

– Boa noite, querida.

Apagamos as luzes dos abajures e fomos dormir.

Capítulo 44

Pequenos detalhes

Era o dia seguinte, sábado, durante a tarde, pós-almoço. Kazuko, Takumi e eu assistimos a um filme, longo o suficiente para termos fome ao final dele.

– Vou fazer um lanche para a gente. – ela disse, indo pra cozinha

Takumi ficou brincando no tapete e eu deixei, estrategicamente, o diário por perto. Pai camaleão: Um olho na leitura e outro no filho.

O trecho era um pouco distante de data em relação ao anterior. Acho que alguém estava muito ocupada com o namorado para escrever.

“Querido diário,

Perdoe-me não ter aparecido por estes dias. Fiquei muito ocupada.

Visitei minha mãe, Rin e a esposa dela. Aliás, o bebê delas está perto de nascer. Sem contar que eu e Makoto não desgrudamos desde o retorno da viagem. Estamos num momento de casal apaixonado. E acho que não estamos mantendo nosso segredo muito escondido. Tem como esconder felicidade? Eu acho que não!

As pessoas ao nosso redor estão notando algo diferente. Primeiro foi a Keiko, que tentou me sondar depois que Makoto saiu para o trabalho.

– Kazuko, está acontecendo algo entre você e o Makoto?

– Algo tipo? – escapando da pergunta com outra

– Namorando? – fez careta

– Claro que não! Não tem nada além de amizade, Keiko. – despistei

– Tudo bem. – pelo tom sei que ela só aceitou a minha resposta, mas não estava convencida

Depois disso, ela não tocou mais no assunto.

No dia seguinte foi a Rin e a Namie. E ela foram mais incisivas que a Keiko.

– Você está com uma atitude diferente, Kazuko. Não tem novidade para contar?

– Não. Nenhuma!

– *Nem da tal viagem?* – *Namie jogou*
– *Foi uma viagem normal à praia. Nada demais!*
– *Kazuko, como escrava você é péssima atriz. Tem que haver alguma explicação para essa sua alegria.* – *Rin dessa vez*
– *Não tenho o direito de estar feliz? Acordei de bom humor.*
– *Ela não está dizendo isso,* – *Namie começou* – *mas tem mesmo uma razão.*
– *Não tem nada, já disse.* – *ratifiquei*
– *Quantas vezes reclamou do Makoto para a gente hoje?* – *Rin perguntou* – *Você sempre fala algo dele para nós. Até evitou tocar nesse assunto hoje.*
Rin me pegou. Que droga! Namie questionou:
– *Então vocês estão namorando?*
– *Informação confidencial.* – *engoli seco*
Elas riram.
– *Acho que isso foi um sim.* – *em uníssono”*

Deve ficar muito na cara para os outros quando estamos apaixonados.
Naquela semana, referindo-me ao diário, é claro, muitos comentaram comigo que perceberam uma energia diferente vinda de mim. Até meu chefe, que me chamou para conversar com a sós, me perguntou o que havia ocorrido. E falou que não adiantava usar sexo como argumento, porque sabia bem que não era isso. Como Kazuko fez, eu neguei.

“E pronto, já não é mais segredo. Acabei contando. Parabéns, Kazuko!
Aliás, amanhã almoçaremos na casa do pai de Makoto. Meu sogro, melhor dizendo. E lá, com certeza, ainda mais após a viagem, eu e Makoto seremos interrogados. E bem, temos, supostamente, um segredo acerca disso. A não ser que a gente queira contar logo de uma vez.
Enfim, lhe informo sobre apenas amanhã.”

Terminei o trecho e Kazuko veio da cozinha trazendo a comida que exalava um cheiro maravilhoso. E claro, estava uma delícia. Comemos assistindo outra coisa.

– *Amor, lava a louça para mim?* – *ela perguntou*
– *Lavo sim.*
– *Então, vou dar um banho no Takumi* – *sorriu e se aproximou dele,*

fazendo voz fina – Vamos tomar banho, vamos?! Para o neném ficar cheiroso. – pegou-o no colo e saiu

Aproveitei logo para realizar a tarefa e continuar a leitura que, bem, a Kazuko do passado deixou claro do que se trata. Acomodei-me no sofá e abri o diário.

“Olá diário,

Acabei de voltar da casa de Koishiro. E até que não foi tão ruim assim. Mas, como sempre, vamos por ordem cronológica.

Uma bela manhã de sábado. Makoto e eu acordamos e tomamos café, depois só ficamos sentados no sofá mesmo, vendo alguma coisa. Perto da hora de saírmos, tomamos banho e nos arrumamos. Descemos, entramos no carro e saímos.

Koishiro estava tão ansioso que já ficara na porta nos esperando.

– Que bom que chegaram. – falou nos cumprimentando – A comida já está pronta, estávamos só esperando vocês.

E não fui devidamente informada de que era um almoço com todo mundo mesmo, incluindo Keiko e sua família. Era literalmente uma casa entupida. Fomos recebidos com um coro de alegria.

A mesa de jantar era pequena para todos, então a mesa do lado de fora foi colocada para dentro, montando uma onde coubesse tudo. Apertado, mas coubesse.

Sentamos para a refeição. Makoto e eu estávamos lado a lado. Ele cochichou no meu ouvido uma pergunta:

– O que acha de anunciarmos nosso namoro hoje?

– Uma boa ideia. – assenti e sorri

– Atenção! – Makoto falou mais alto – Kazuko e eu temos algo importante a dizer. – um silêncio e olhares curiosos, Makoto segurou a minha mão – Estamos namorando!

Foi uma comemoração, digna de quando você está torcendo num jogo e seu time pontua. Makoto e eu só conseguimos rir da reação e demos um beijo só para pôr mais lenha na fogueira.

– Eu já sabia. – Keiko declarou – Tava na cara de vocês.

– Eles são ruins de esconder as coisas. – Koishiro falou – Percebi logo de entrarem de mãos dadas. Aliás, isso já era esperado após a viagem da semana passada.

– Pai... – Makoto reclamou – Por favor!

– Estou tão feliz por vocês. – Minori sorriu

Recebemos felicitações de todos os presentes, exceto Kyosuke e Akira, que ainda não tem compreensão disso direito. O assunto mudou e seguimos conversando e comendo. Depois sentamo-nos na sala e outros temas foram comentados.

As primeiras pessoas a irem embora foram Keiko, sua mãe e o resto da família delas, já que tinham outros compromissos. E claro, teve o interrogatório para saberem como foi a viagem e o pedido de namoro. Foi constrangedor na hora em que eu e ele descrevíamos os detalhes. É algo íntimo e pessoal nosso. Tudo bem que eles são a família dele, mas mesmo assim. Faltava apenas escrever um dossiê de tantas perguntas que fizeram.

Logo após isso, nos despedimos e no caminho de volta conversamos:

– Parece que nosso segredo não durou muito tempo. – ele começou

– Talvez seja difícil esconder felicidade. Os outros notam. Eu não contei, mas Keiko perguntou e Rin e Namie também. Disfarcei muito mal com elas.

– Meu chefe também percebeu. Somos péssimos atores, Kazuko.

Rimos e lembrei de uma coisa.

– Ainda tem alguém que não sabe.

– Quem?

– Minha mãe.

Um solavanco na sequência, era Makoto virando o volante bruscamente para pegar a saída para o outro lado da cidade.

– Pra que isso? – reclamei – Me assustei.

– Vamos contar para ela. – ele sorriu – E quase perdi a saída. Desculpe!

– Só tenho medo dela estar com visita.

– E qual o problema disso?

– As histórias se espalham rápido. Antes de pisarmos em casa, a vizinhança toda estará sabendo. E as pessoas julgam, ainda mais lá.

– Aguentarei essas críticas com você. – pegou em minha mão

Seguimos na via por uns minutos e logo chegamos. Bati a porta de minha mãe e ela atendeu:

– Filha, que saudade. Como foi de viagem? – me abraçou

– Foi bem. Na verdade, eu tenho uma novidade.

– Me deixou curiosa. – virou-se para Makoto, cumprimentando-o – Entrem, só não reparem a bagunça, estou costurando umas roupas.

Por sorte, ela estava sozinha. Entramos e vimos a mesa com a máquina de costura e alguns tecidos. Ela pegou um bolo de chocolate e suco, colocou na mesinha de centro e nos serviu. Puxou uma cadeira da mesa para perto do sofá e indagou:

– Então, o que tem para me contar?

Já havíamos combinado que eu falaria, era minha mãe afinal.

– Bem, mãe, nem sei muito bem como lhe falar isso. – apesar da intimidade havia vergonha, mas aqui tem coragem e soltei de uma vez – Makoto e eu estamos namorando.

– Sério? – ela abriu um enorme sorriso

– Sim!

– Finalmente. – ela comemorou – Estou tão feliz por vocês! Não tem ideia do tempo que esperei para ouvir isto.

E ela discursou sobre o quanto o que tinha para ser a pior coisa da minha vida estava sendo uma das melhores coisas. Apesar das dificuldades e problemas, eu estava feliz!

Ficamos lá por mais um tempo e voltamos para casa. Makoto comentou assim que entramos:

– Parece que tirei um peso das costas hoje.

– Por que será, não é mesmo? – ironizei – Mas estou feliz por isso.

Falei que ia tomar um banho e vim lhe escrever primeiro. Eu e Makoto combinamos de assistir a um filme. É a minha deixa!

Até!”

Kazuko retornou com Takumi e colocou no meu colo, fazendo a voz dele:

– Estou cheiroso, papai?

Dei uma fungada na bochecha dele, que riu por conta das cócegas. Peguei-o e continuei brincando, que era só risos e nem peguei mais no diário neste dia.

Capítulo 45

Um filho?

Uma semana de folga, por conta do feriado estendido. Decidimos aproveitar em casa mesmo, porque algumas vezes uma viagem é mais cansativa do que se espera. Porém, não significa que ficamos em confinamento. Saímos para passear e fazer compras, visitamos os parentes, coisas assim. Os momentos de tédio em casa eram quebrados pelas sessões de leitura do diário.

Estou apenas no quarto dia de folga e passei de doze “capítulos” lidos no diário e esta é mais uma das leituras pré-sono, só que na sala, Kazuko e Takumi já estão dormindo. Eu fiquei para ver um filme e já acabou, contudo, estou sem sono. Então, por que não? Acomodei-me e abri o diário, com auxílio do marcador que uso para saber onde parei e comecei.

“Querido diário,

Hoje irei dormir com um pensamento e possível vontade na minha cabeça.

Teria sido um dia normal se não fosse visitar a Rin e a Namie. Fui ver o bebê delas que nasceu na semana passada. Não gosto de ir visitar recém-nascido, mas elas me convidaram. Neste caso, é diferente!

Nunca fui à casa delas, passaram-me o endereço e nem foi difícil de achar. Era uma casa relativamente grande e a única de cor amarela naquela rua. Toquei a campainha e Rin atendeu, dando um abraço receptivo e apertado.

– Aproveitando a folga? - indaguei

– Sim. Tanto ela quanto a Shoko. – sorriu – Venha! Elas estão na sala, só não faça muito barulho.

Caminhamos normalmente passando pelo portão, a entrada, a varanda e só então a porta da sala. E lá estava Namie com a bebezinha no colo, amamentando-a.

*– Oi, Kazuko. – cochichou e fez um gesto para me aproximar
Minha reação foi espontânea.*

– Oh, ela é tão linda! Tão pequenina.
– Quer segurar depois?
– Não, não. – respondi , com medo – Ela parece tão frágil.
– Tem medo de machucá-la? – Rin perguntou, eu assenti – Não precisa se preocupar. A gente te ensina a segurar direitinho.

Ficamos conversando um pouco, elas me contaram, com um pouco de detalhes demais, como foi o nascimento e notei o quanto estavam felizes. Admito que finalmente as enxerguei como uma família. Sim, eu já as via assim antes, só que agora tem algo mais: um novo membro. E não pude evitar de recordar da minha família, que também eram de três mulheres: eu, mamãe e vovó. Como eram tempos mais simples!

Foi uma tarde descontraída na casa de amigas. Conversamos, rimos, nos divertimos.

E bem, claro que teve o momento em que peguei a Shoko no colo. Não foi a primeira vez que segurei um bebê, afinal, tenho primos e primas mais novas que eu. Contudo, tive uma sensação diferente, totalmente atípica e desconhecida até então. Surgiu uma vontade de ter um bebê, simultaneamente com um medo. Sinceramente, era esquisito. Decidi não falar nada sobre isso, não com elas e nem por enquanto.

Cumprindo regras, cheguei antes do Sol do pôr. Keiko questionou assim que me viu:

– Então, como é a bebezinha?
– Linda, Keiko. E por falar nisso, preciso comprar um presente depois. Mas o que darei?

– Pode deixar que lhe ajudo a escolher. – voluntariou-se
– Oba! – me animei – Tanto tempo que não vamos às compras.

E ela riu.

Fui tomar banho e logo Makoto chegou. Não tardou muito e estávamos jantando. Claro que ele também me perguntou sobre a visita do dia e respondi a mesma coisa.

– Elas devem estar tão felizes. – comentou
– Estão sim. Tinha que ver o sorriso nos rostos delas.

E o assunto cessou ali. Nada demais aconteceu depois. Só vim trocar de roupa para dormir e aproveitei para escrever rapidinho. Makoto está me esperando para dormir.

Até!”

Estou com insônia hoje. Segui a leitura para a página seguinte.

“Diário precioso,

Sabe os pensamentos que lhe confessei ontem? Pois é, estão me afligindo. Continuo com eles apenas em mim. Acho que o passeio com Keiko hoje só os tornou ainda mais fortes.

A tarde, pouco após o almoço, saímos a fim de comprar um presente para a filhinha de Rin e Namie.

Passamos por diversas lojas com roupas, acessórios, tudo de coisas para bebês. Ambas determinadas a encontrar algum macacão para dar de presente. Keiko comentou comigo durante:

– Isso me dá tantas saudades de quando estava grávida e os meus filhos eram bebês. Adorava entrar em lojas assim e sempre saía com algo. Não resistia!

– Só fiz isso para dar de presente mesmo. – ri

– Um dia fará pensando em seus filhos, Kazuko. Se é que quer ter.

– Claro que sim, só não queria que eles fossem vendidos como eu fui.

– Te entendo perfeitamente. Foi por isso que minha mãe trabalhou e eu também trabalho: pelo bem deles.

– Vai dizer que é ruim trabalhar para o Makoto?

– Vai dizer que é ruim ser escrava do Makoto? – rebateu

Ambas gargalhamos e completou.

– Ainda existe gente de bem nesse mundo.

– Mesmo que não sejam perfeitas. – completei

Tudo isso ocorreu enquanto olhávamos as araras de roupa. Eis que Keiko encontrou algo.

– Que tal este, Kazuko? – disse mostrando um macacão amarelo, com alguns bichinhos estampados – Lindo né?

Assenti, concordando. Era aquele que iríamos levar. Seguimos para o caixa e Keiko parou no meio do caminho e pegou uns sapatinhos.

– Para que isso? – soltei

– Você.

– Eu? Por que?

– Presente adiantado para seu futuro filho.

– Obrigada. – respondi, um pouco sem graça

Era um sapatinho vermelho, que parecia até uma meia. Pagamos e voltamos. Deixei as bolsas no sofá e fui com ela fazer o jantar. Ficamos tão

distraídas que a hora passou voando e Makoto abriu a porta da sala. Fui cumprimentá-lo com um beijo, como sempre. Ao deixar a maleta no sofá, vi a sacola e indagou:

- Compraram o presente hoje?*
- Sim. – falei, indo em direção à cozinha*
- Um macacão e sapatos?*
- Só o macacão. Os sapatos são para mim.*

Makoto andou igual a um foguete e me puxou pelo braço, me assustando.

- Você está grávida, Kazuko?*
- Não, Makoto. Eu tomo remédio esqueceu?*
- Ele também falha.*
- Sei disso. – percebi uma certa apreensão em seu olhar – Mas não estou. Perdoe-me não ter explicado antes.*
- Tudo bem. – sorriu amarelo – Vou tomar um banho e volto pro jantar. Então, me soltou.”*

Admito ter sido um susto. Não que eu não quisesse um filho, mas não me sentia preparado.

E outra notícia de gravidez repentina? Acho que os mesmos traumas do filho perdido também estavam em mim.

- “Voltei à cozinha e Keiko, que ouvira tudo, comentou:*
- Eita, que o clima ficou pesado agora.*
 - Verdade. – concordei – Se eu tomo remédio é porque Makoto não quer filhos. É normal ele agir dessa forma.*
 - Mas você quer um.*
 - Não necessariamente com o Makoto, porém ficaria feliz se fosse com ele.*
 - Eu sabia.*
 - Ai, Keiko, - confessei – eu ainda tenho medo por conta do que aconteceu antes. Só que quando segurei o bebê ontem, veio algo em mim que não sei explicar.*
 - Por que não conversa com Makoto sobre isso?*
 - Farei isso.*
 - Qualquer coisa, só falar comigo.*
 - Obrigada!*

Logo jantamos e Keiko voltou para casa. Aproveitei que Makoto se distraiu com um programa e vim me banhar e lhe escrever. Pretendo conversar com ele como a Keiko aconselhou. Espero que corra tudo bem.

Eu sinceramente estou com medo, muito medo!”

Dei um bocejo, era o sono dando as caras, porém o pequeno tamanho do trecho seguinte me fez continuar. Só mais esse. Prometo!

“Diário,

Conversei com Makoto, pouco antes de dormimos. Estou um pouco mais aliviada agora.

Estávamos deitados, apenas com a luz dos abajures acesas. E por pouco minha voz não sai:

– Makoto, posso falar uma coisa?

– Claro, Kazuko!

– Depois que visitei a Rin e segurei a filha dela no colo, sabe, eu estou sentindo algo estranho.

– Estranho como?

– Não sei ao certo, talvez seja a vontade de ter filho também.

– Só porque elas tiveram?

– Não. Eu me pego pensando naquele bebê que perdi diversas vezes. Fica meio difícil não lembrar, ainda mais por ter acompanhando a gravidez da Namie todinha.

– Depois daquele susto que me deu quando cheguei, você me diz isso agora. – ele se sentou na cama, irritado

– Makoto...

– Olha, Kazuko, eu também penso em tudo o que passamos daquela vez. E não sei se seria bom para nós termos um filho agora. Bem, nos conhecemos tem mais de um ano, mas temos pouco tempo de relacionamento, como namorados. E, eu não me sinto pronto para isso ainda.

– Nem eu mesma sei se estou pronta também, mas eu sinto que esta vontade brotou em mim essa semana. – sorri, pensando em algo e falei – Imagina só um Makotinho ou Kazukozinha correndo pela casa.

– Ia querer que nosso fosse mais parecido com você. – disse olhando para mim – Olha, a gente pode pensar sobre isso melhor, conversar, amadurecer a ideia.

– Sim. – concordei – É que isto estava me afligindo, tinha que pôr para

fora. Mas, sendo sincera, queria ter muito um filho com você, Makoto.

– Eu também, Kazuko. – e sorrimos, um para o outro – Agora vamos dormir, porque eu tenho que acordar cedo. – soltou, me dando um beijo de boa noite

Ele foi para o trabalho há pouco e estava ansiosa para dividir o que aconteceu. Agora tenho meus afazeres diários.

Até!”

E eu tenho que ir dormir.

Coloquei o diário na mesa de centro e fui ao quarto.

Capítulo 46

Planejamento

Semanas se passaram e eu e Kazuko estamos nos preparativos do primeiro aniversário do Takumi. Parece que foi ontem que ele estava nascendo.

Estávamos no escritório, Kazuko no telefone, conversando com um Buffet, para ter uma ideia dos valores. Talvez façamos a festa na casa do meu pai mesmo, tem mais espaço do que a minha cobertura. Não queremos chamar muita gente também, queremos algo mais simples, mas especial. É só para não passar em branco. Afinal, é o primeiro neto do meu pai.

Distraído, acabei olhando para uma das fotos que ficam na mesa, que é minha e de Takumi, quando o segurei pela primeira vez. Kazuko tirou a foto com o seu celular sem que eu percebesse e acabou saindo algo natural. Bem, dá para ver minha ver minha lágrima escorrendo pelo rosto na foto. Eu me lembro do quanto esse filho não planejado trouxe felicidade para a minha vida. Mudou-a completamente!

O que é exatamente o contrário lá no passado, na minha leitura do diário. Kazuko e eu conversamos muito sobre ter um filho. Percebemos tanto o medo, quanto a vontade dentro de nós. Mas admito que era mais por parte dela do que minha. Levamos um tempo para decidir que íamos começar o tratamento para ela engravidar. Como já estava no período dela fazer os exames de rotina, iria com ela na consulta com a Rin para conversar sobre isso.

De volta ao presente, estou com Takumi no colo batendo as pequenas mãozinhas na mesa e Kazuko me pedindo para segurá-lo, pois o barulho não a deixava ouvir. Sai do escritório e fui até o quarto, onde ficam seus brinquedos. Ainda vamos transformar o antigo quarto de hóspedes, que era o de Kazuko, no quarto dele.

Coloquei-o no chão e logo se entreteve com algo. Peguei o diário na mesa de cabeceira e aproveitei para ler.

“Olá Diário,

Tem pouco tempo que eu e Makoto voltamos da consulta com a Rin. Apesar de ser minha consulta de rotina, aproveitamos para conversar sobre minha possível futura gravidez.

Era até que um dia vazio no consultório, fui atendida na hora marcada.

– Como vai, Kazuko? – me cumprimentou

– Bem. – sorri

– Ah, que bom lhe ver, Makoto. – ela disse – Não sabia que viriam juntos.

– Temos algo importante. – soltei

Ela nos mandou sentar, o fizemos nas duas cadeiras de um lado da mesa e Rin ficou na do outro lado.

– Então, podem falar. Sou toda ouvidos!

– Bem, – Makoto começou – estamos pensando em ter um filho.

– Entendi. – foi profissional – Olha, não posso avaliar se será o momento certo para vocês. Mas, Kazuko está completamente saudável e apta a engravidar. Só suspendermos o tratamento anticoncepcional e iniciarmos outro que a ajuda a engravidar. Enfim, é algo que vocês podem conversar sobre – deu uma leve pausa, nos olhamos – Kazuko, pode ir se trocar.

Então, fiz conforme ela falou.”

Quando Kazuko saiu, Rin comentou para eu pensar nisso com muito cuidado. Porque ela percebia no meu olhar que aquilo não era tanto a minha vontade, que sabia que eu era uma pessoa boa e que não fizesse a Kazuko sofrer.

– Ela não é só sua namorada, mas ainda é sua escrava também. Esse detalhe muda muita coisa entre vocês.

E saiu, me deixando com meus pensamentos.

“Fui até a sala ao lado, tirei minhas roupas e vesti o avental. Sai por outra porta atrás de mim, onde fica aquela cama onde sempre faço meus exames periódicos, semestralmente. Enquanto me examinava, Rin questionou:

– O que aconteceu para vocês tomarem uma decisão dessas?

– Estamos pensando ainda, Rin. Conversamos bastante sobre isso.

– Não se esqueça que você ainda é escrava dele, Kazuko.

– Eu sei. Mas acho que será um passo importante para nós.

– Sei que sim, porém deve ser tomado com cautela. Relaxe! – disse

quando abri as pernas – Mas, você se sente mesmo pronta para ter um filho? É uma responsabilidade enorme. – longos minutos de silêncio – Terminamos!

– Ainda lembro daquele bebê que perdi. – sentei novamente – Tenho um pouco de medo ainda.

– Medo é totalmente normal. – olhou para mim – Serei sincera. Acho que vocês podiam sim ter um filho, só que eu sinto que ele tem medo de te machucar com isso.

– Percebi isso. Ele está receoso.

– Ele tem mais medo que você. Ele não quer que sofra daquela forma de novo.

– Talvez com o tempo...

– Talvez ele precise aceitar a ideia. – me interrompeu

– E minha saúde? – mudei um pouco de assunto

– Pelo que vi, tudo normal. Só vou mandar para análise mesmo. Vá se trocar, temos que conversar sobre seu tratamento para engravidar.

Rin saiu e eu me vesti novamente, voltando à companhia de Makoto e Rin.

– Tudo certo com a Kazuko.

– Então, quando podemos começar o tratamento? – ele perguntou

– Imediatamente, se assim quiserem. Por enquanto, é melhor apenas deixar esse ciclo passar. Kazuko então pode parar de tomar o anticoncepcional. Também vou pedir os exames de sempre e se tiver algo alterado, trataremos disso também. – falou enquanto preenchia os papéis

Assim nos despedimos e saímos. No caminho de volta, conversamos:

– Você tem certeza disso, Kazuko?

– Tenho. – já havia pensado muito sobre isso – Por que pergunta de novo?

– Sendo super protetor talvez. Perdoe-me. Eu só não quero que acabe se machucando.

– Não se preocupe, Makoto. Estamos juntos nisso, lembra?

Ele sorriu, assentindo.

Realmente ainda percebo um pouco de medo da parte dele. E ele não desmentiu nada quanto a isso. Acho que ele só precisa absorver e acostumar com a ideia.”

Tive que correr porque senão o Takumi ia enfiar o dedo na tomada. Peguei-o e falei, olhando para ele:

– Já falei que ali não pode.

Acabou que fui brincar com ele e perdi a noção do tempo. Até que Kazuko entrou e reclamou:

– Como é chata essa coisa de ficar pedindo orçamento. E nunca tem o que quero.

– Conseguiu escolher algum?

– Não. Terei que ligar para outros amanhã. – ela sentou ao meu lado, no chão – Essa coisa de festa de criança...

– Você que quis ter filho! – brinquei com ela

– Você não né, Makoto? – me deu um tapa – Ridículo!

E rimos. Mudou de assunto em seguida:

– Até que enfim depois de muito tempo, não te vejo lendo o diário.

– Quis ficar com Takumi um pouco.

Ela sorriu e me abraçou em seguida. Juntou-se a mim e a Takumi na brincadeira. Aproveitamos o resto do dia para dar um passeio, comprar algumas coisas da festa, jantar fora. Voltamos um pouco tarde. Kazuko e Takumi foram dormir e eu fui fazer a minha leitura pré-sono.

– Só não demore viu, amor? – ela disse, me dando um beijo de boa noite e virando para o outro lado, ficando de costas para mim na cama.

Abri o diário e prossegui do trecho seguinte:

”Bom dia diário,

Pela primeira vez em muito tempo dormi sozinha em meu quarto. Admito que dormi mal, porque fui pro quarto completamente chateada e até com raiva. Makoto e eu tivemos uma conversa séria, que resultou numa briga feia.

Depois do jantar, quando Keiko já tinha saído, nós sentamos para assistir a um filme. Ao fim, resolvemos retornar ao assunto de uma possível gravidez minha, num futuro próximo. Ele reforçou, novamente, o mesmo questionamento:

– Tem certeza disso, Kazuko? Mesmo?

– Eu tenho. É o que eu quero!

– Sendo sincero, não acho que dará certo.

– Por que diz isto?

– É muito cedo para tal. Como disse no outro dia. E ainda tem que... – ele parou

– Tem o que? – indaguei, pressentindo o que diria

– Ainda existe a hierarquia de dono e escrava entre nós. – falou sinceramente

– Sei disso também, mas acho que na atual circunstância não passa de um contrato.

– Não digo com relação a nós apenas, Kazuko, e sim com os de fora.

– Sempre isso do que eles vão achar, o que eles vão pensar. Não diz respeito a eles! Do que você tem tanto medo, Makoto?!

– Eu não sei! – respondeu

– E você acha que eu também não estou? – aumentei o tom – Eu quem devia ficar receosa, nervosa e pensar bem sobre tudo isso. Porque eu quem vai carregar esta criança, ouvir todas as críticas, sofrer se um dia você simplesmente decidir, como meu dono, que não posso mais vê-lo. Tudo isso corrói a minha mente de uma forma... Ser sua escrava faz isso comigo!

Makoto ia falar algo, mas só segurou a minha mão. Eu não queria consolo, então soltei e apenas sai, já que tinha falado aquilo que queria. Porém, ele veio atrás de mim, tentando argumentar:

– Kazuko, eu tenho medo por você. Porque te amo e não quero que passe por isso apenas por mim.

– Não é por você. – virei-me – Não entendeu? Depois de eu dizer várias vezes que é isso o que eu quero? Não importo mais com o que vai acontecer. É minha vontade e está duvidando dela.

– Ainda somos jovens, Kazuko.

– Makoto, posso ainda parecer adolescente, só que amadureci muito neste último ano, morando aqui. Não sou mais a Kazuko bobinha e inocente. Ser escrava me ensinou muito, a começar que tenho direito ao que eu quiser.

– Não enquanto estiver sob a escravidão.

– Eu entendi, advogado. Só que o Makoto, que tá em algum lugar por aí, me mostrou isso, que sou alguém e mereço respeito. – olhei para ele, segurando seu rosto – Sabe, nunca o vi tão cético, receoso, medroso. Não reconheço este seu lado, Makoto! Quero o de verdade de volta.

Entrei em meu quarto, bati a porta e me debulhei em lágrimas.

Agora estou lhe escrevendo e de verdade, eu não reconheço o Makoto, pelo menos não nessa situação. Ele, que sempre foi impulsivo, de não pensar muito, não se importar muito. Está cauteloso demais quanto a termos um filho, mesmo que lá no fundo eu sei bem que ele também quer.

Isso pode acabar fazendo mal ao nosso namoro. Estou ficando pensativa quanto a isso também.

Até, diário.”

Guardei o caderno, apaguei a luz do abajur, abracei a Kazuko e logo dormi.

Capítulo 47

Um tempo

No dia seguinte, Kazuko continuou com os preparativos, pedindo ajuda a Keiko, que tem anos e mais anos de bagagem e experiência em festas, por conta de seus filhos.

Arrumei-me e logo sai para o trabalho. Era um dia atarefado, cheio de processos para preencher, documentos para analisar. A hora do almoço demorou uma eternidade para chegar.

Comi e decidi usar o resto do tempo para ler o diário, mesmo com todo o barulho em volta do pessoal do escritório. A parte em questão é ainda sobre a decisão de Kazuko e eu termos ou não um bebê.

“Querido diário,

Estou de novo no meu quarto na minha antiga casa. Foi um dia deveras confuso.

Makoto e eu estávamos estranhos desde a manhã. Demos um bom dia seco, brigado. Obviamente, a Keiko percebeu. Ela veio conversar comigo assim que ele saiu:

– Aconteceu algo?

– Brigamos. – respondi

– Mas, você está bem? Não está machucada?

– Não, Keiko. Estou mais abalada psicologicamente.

– Foi por causa daquilo que me falou?

– Sim, foi por causa desse talvez futuro bebê. Queria mesmo era entender esse medo dele.

– Acho que nem ele sabe explicar.

– Imagina se ele descobre que te contei sobre isso.

– Só que não vai. Você precisa desabafar e eu sei guardar segredo. – e riu

– Fico com receio do que pode acontecer comigo.

– Fique calma, Kazuko. Logo vocês se resolvem.

– Assim espero.

Não aconteceu nada demais no meu dia, pelo menos até Makoto voltar para casa.”

Eu passei aquele dia inteiro pensando nisso, no que fazer, nas reais razões.

Sabia bem que Kazuko queria, só que eu precisava de um tempo para absorver tudo isso. Precisava de um tempo só para mim, para pensar.

“Assim que chegou, me chamou para o escritório. Sentou de um lado da mesa e pediu para eu sentar no outro. Mais frio e hierárquico impossível. Olhamo-nos por um instante, num silêncio distante. Até que começou:

*– Kazuko, estive pensando nisso o dia todo. Precisamos de um tempo.
– Por quê? – meus olhos arderam, segurei as lágrimas
– Eu preciso pensar em tudo: em nós, no futuro bebê, no meu trabalho, conciliar todas as mudanças. Tomar a decisão certa e melhor.*

Não consegui mais, aquelas palavras tocaram fundo em mim, acabei chorando. Eu sabia que isto ia nos abalar.

– Ei, – ele pegou minha mão, olhei-o – Não é o fim para nós, Kazuko. Isto não é com você, é comigo. Não se culpe!

*– Como que não é? Tudo isso está acontecendo por algo que eu quero.
– Eu sei. Mas, eu quero ter essa vontade com você, só não estou pronto ainda. Sei que preciso estar, porque te amo.*

*– Não te entendo, Makoto.
– Apenas aceite, assim como faço com você. Cada um tem seu tempo. Estou tirando o meu.*

*– Ficarei aqui então?
– Não. Arrume suas coisas, passe uma semana com sua mãe. Vai ser bom para você.*

*– Tem certeza? – solucei
– Sim. – ele passou a mão em meu rosto – Vai ficar com raiva de mim por isso?*

*– Não! Vou arrumar a mala.
– Eu te ajudo.*

Saímos do escritório e fomos para o meu quarto. Bem, Makoto não foi ajudar. Ele sentou na cama e ficou me olhando escolher, tirar e separar as roupas para levar.

– Achei que fosse me ajudar, Makoto.

– Estou dando apoio moral.

– Deixa de bobeira! – eu ri – Pega a mala em cima do armário, por favor.

Fez conforme pedi e foi colocando as mudas dentro, ajeitando no espaço.

– Não acha que é muita coisa?

– Não. É que minhas roupas antigas que estão lá não me servem mais.

Ele só continuou. Um silêncio ficou por alguns instantes. Então, perguntei:

– Vai me levar lá agora?

– Sim.

– Não pode ser de manhã?

– Você sabe que é o oposto do caminho para o trabalho. Acabaria chegando atrasado.

– Entendi. É que é ruim ir neste horário, ainda mais voltar.

– Não se preocupe com isso.

Apenas assenti.

Terminei de arrumar tudo, despedi-me da Keiko, explicando a situação e partimos.

A viagem seguiu silenciosa até chegarmos à casa de minha mãe. Ele auxiliou-me a carregar minhas coisas. Bati à porta e claro, recebi uma cara de surpresa ao ver minha mãe.

– Filha, veio me visitar assim tão tarde?

– Eu vou passar uns dias aqui com você.

– Como assim? Por quê? – então ela viu Makoto – Boa noite, Makoto. Como vai?

– Vou bem, Saiko. – sorriu

– Qual a razão da Kazuko ficar um tempo comigo?

– Eu tenho umas coisas para resolver e precisarei sair da cidade por uns dias. – falou deixando a mala no chão

– Entendo. Então, boa viagem.

– Obrigado!

Despediu-se, me dando um beijo na testa, voltou ao carro e saiu.

Eu sabia que ela sabia que não era isso. Alias, estava esboçado em mim que não era só uma viagem.

– O que houve? Sei bem que não é isso. – disse assim que fechou a porta da sala

– É complicado, mãe. Estamos dando um tempo.
– Por quê?
– Algumas desavenças sobre o nosso namoro. A gente acabou até brigando.

Ela só me abraçou, não tinha e nem precisava dizer nada.

Depois juntas, fizemos o jantar e vimos um filme. Agora que vim lhe escrever e logo irei dormir.

Nem sei como te coloquei na mala sem Makoto ver, porque ele não saiu do meu lado até me deixar aqui.

Eu sinceramente espero que este tempo seja bom para nós. Porque eu ainda estou preocupada.”

Durante este período um pouco solitário, aproveitei para colocar muitas coisas da minha cabeça no lugar. Tudo tinha mudado de maneira rápida. Tirei uns dias de folga para tal. Dei uma folga para a Keiko também.

Ainda havia tempo suficiente para a leitura de mais um trecho.

“Diário,

Sei que tem breve período que não lhe escrevo. Estou aproveitando de verdade essa semana em casa. Eu e minha mãe saímos para vários lugares, visitamos alguns parentes. Ela está fazendo de tudo para eu esquecer o Makoto, pelo menos um pouco. Até adianta, durante o dia não me pego pensando nele, só que antes de dormir ele é a primeira pessoa que vem a mente. Fico querendo saber se ele está bem e se está pensando em mim também. Ai vem a saudade!

Nesses momentos percebemos o quanto somos pessoas bobas e até um pouco carentes quando estamos apaixonados. Passei por diversos momentos tensos e muito complicados com Makoto e também por causa dele. Momentos em que faria total sentido me revoltar ou ficar triste, só que não fiquei. Apenas sorri e me mantive firme, mesmo com o peito ardendo.

Agora, apenas com poucos dias de distância e com uma pequena briga, eu estou assim. Tudo bem que eu sobrevivo, é uma semana só. Porém tudo que veio antes disso me deixa preocupada.

Mais uma decisão que não será minha, como tem sido a mais de um ano. Já não sei mais o que é ter controle da própria vida. Realmente, uma escravidão muda tudo. Se teremos um filho ou não, só Makoto poderá decidir.

Enquanto isso, só me resta mesmo aproveitar o tempo que ele me deu aqui com minha mãe. Tentando tirar ele um pouco da minha cabeça. Tudo bem que a única coisa que podia controlar – meu coração – ele tomou também. Não num ato de roubo, mas sim de conquista. De cada dia, gesto e atitude. Só o tempo nos deu um relacionamento. Só o tempo para fazer mudanças.

Resta apenas esperar.

Até!”

O trecho seguinte datava de uns dias depois e era curto. Ainda restava cinco minutos e sim, dava tempo para mais este.

“Querido diário,

Está é a última noite nas minhas, digamos, férias aqui na minha mãe.

Não tenho mesmo do que reclamar. Diverti-me muito. Revisitei diversos lugares que tinha uns bons anos que não ia. Senti-me criança novamente.

E agora estou ansiosa para amanhã. Finalmente Makoto virá me buscar e vou saber se o meu maior desejo agora se realizará.

Conto o que aconteceu depois.

Beijos!”

Logo os colegas que saíram para comer fora voltaram.

O que era antes apenas um barulho suportável se tornou quase uma algazarra. Ainda bem que não vou ler mais. Não dá para ouvir os próprios pensamentos aqui.

Fechei o diário e guardei-o em minha maleta.

Capítulo 48

Grande decisão

Voltei para casa depois da longa tarde de trabalho. Estava cansado e só queria me jogar no sofá, depois pensava em trocar de roupa ou tomar um banho. Mas, Kazuko, como a mãe que é – do Takumi, pelo menos –, mandou-me sair dali e ir logo pro chuveiro.

– Tira esse cheiro de escritório daqui. Vai logo!

Ela me mandou quase a pontapés para o banheiro. E foi até melhor, um pouco do desgaste foi embora com a água suja.

Retornei à sala e fiquei vendo um programa qualquer até o jantar. Só comi e cama. Apaguei em cinco segundos. Só que eu fui surpreendido por uma insônia por conta de um caso grande que peguei e passei a tarde analisando. Na esperança do sono dar as caras de novo foi prosseguir com a leitura do diário.

O trecho seguinte tratava-se da decisão que tomei acerca de ter um filho ou não com Kazuko.

“Querido diário,

Perdoe-me a demora. Estava muito animada para lhe contar tudo o que houve. Claro que é coisa boa!

Primeiro de tudo: logo de manhã, Makoto veio, tomou café comigo e com minha mãe e assim voltamos para casa.

Eu dei um abraço tão apertado quando ele chegou, ainda bem que correspondeu. Ainda tinha um medo de ele estar chateado comigo. (Pedido de tempo não é um bom sinal, convenhamos!) Mesmo com as conversas antes, sempre fica uma dúvida na gente. Ele disse que apenas conversaríamos em casa. Imagina o quanto isso não me deixou ainda mais aflita? Por pouco não tive um ataque! Tá, tô exagerando.

Chegamos e sentamos no sofá. Percebendo minha cara, ele nem se deu o trabalho de perguntar como foi a semana com mais detalhes, porque gosta de saber. Foi direto falando do que nos colocou nessa situação toda.

– Kazuko, sei bem do que quer saber: o que eu decidi sobre termos um

filho ou não. Nesta semana pensei muito nisso. Sobre como afetaria nossa relação, a nossa com outras pessoas, fosse sua família ou a minha. Até pensei se te alforriava ou não. Mas o que mais martelava na minha cabeça era: não quero que ela seja obrigada e não sofra. Bem, eu sei que esta é sua maior vontade agora, mas fiquei com medo por você, por isso fiquei com o pé atrás. Lembrei de todas as conversas que tivemos antes e notei, no fundo, que é isso que eu quero. Pouco importa o que vão pensar ou dizer. Eu quero ter um filho com você!

Sorri e o abracei, de tanta felicidade por finalmente ele ter aceitado e já era uma coisa nossa, não mais minha.”

Realmente têm momentos assim em relacionamentos. Um tem uma vontade e o outro não. Isso acaba causando conflito, pelo menos até um acordo ou reconciliação.

Como advogado, percebo que muitos aspectos de nossas vidas se parecem com um tribunal. Apontando provas e argumentos a fim de que seu lado vença.

Só depois é que conseguimos evitar que este tipo de coisa aconteça. Um aprende a ceder pelo outro algumas vezes, só para vê-lo feliz. Porque a felicidade dele é a nossa também e deixamos essas brigas bobas e desgastantes de lado.

São coisas que só o amor ensina!

“E nesse momento o que prevaleceu foi a saudade que estávamos um do outro. Começamos a nos beijar desesperadamente, tentando acabar com uma carência que demoraria dias para passar.

Cada minuto que passava era uma peça de roupa a menos em nossos corpos e mais uma jogada no chão. Por fim, nós mesmos estávamos lá. Meio suados, ofegantes e constrangidos pelo estado em que ficamos em meros quinze minutos. Rimos iguais crianças e Makoto comentou:

– Acho que precisamos de um banho.

– Pode ser de banheira? – indaguei

– Sim. Tô precisando relaxar também.

Ele me ajudou a levantar e apostamos uma corrida pelados até o quarto. Claro que eu perdi! Depois disso entramos no banho.

– Ficou trabalhando essa semana?

– Só metade! A outra tirei folga, ou melhor, umas férias.

- Seu safado!
- Calma! Depois de amanhã, iremos viajar. Aproveitar bastante, temos um bebê para fazer.
- Não me diga que é na casa de praia.
- Não! – ele riu – Vamos ficar numa pousada, num lugar de clima mais frio.
- Já pensou em tudo né?
- Se quiser, eu desmarco! – falou sarcástico
- Nojento! – lhe dei um tapa

E ficou um silêncio, que é raro entre nós, já que sempre conversamos bastante. Diferente de outras vezes, não foi um do tipo ruim. Foi o momento que não demandava mais palavras. Era só necessário aproveitar o momento.

Ficamos um tempo apenas abraçados, deixando os dedos enrugarem por causa da água. Saímos, nos secamos, nos vestimos e ficamos apenas assistindo algo descompromissados na sala. Momentos bobos simples e que senti falta nesse período de distância.

Passaram algumas horas e Makoto se levantou dizendo:

- Tem jantar na casa do meu pai hoje. Ele nos convidou.
- É algo especial? Aniversário?
- Não. Só reunião de família mesmo. – depois riu – Acho que meu pai ficou com saudades de você.
- Talvez seja. Vou me arrumar.

Não tardou muito e saímos.

A recepção como sempre fora maravilhosa. O pai e as madrastas de Makoto já me adotaram para a família. E logo Koishiro me perguntou:

- Então, se resolveram?
- Pai, nós não brigamos. – Makoto se meteu
- Para você pode parecer que não, mas pode ter certeza que para ela foi.
- Seu pai tem razão. – olhei para Makoto e retornei a olhar Koishiro – Mas já estamos bem!

– Fico feliz em saber disso. Entrem, entrem. A mesa já está posta, estávamos esperando só vocês.

E qual não foi a minha surpresa ao ver Keiko e toda sua família. A definição de família do Koishiro é bem extensa. Na verdade, o pai de Makoto é um bom exemplo do quanto as pessoas podem mudar. O próprio Makoto já me contou diversas coisas terríveis que ele fazia com Minami, Minori e

Shiori. Elas só não sofriam mais porque Makoto as defendia.

A própria relação deles era meio complicada uns anos atrás, porque o jovem Makoto tentava mudar a cabeça do pai, porém ele ainda mantinha seu pensamento retrógrado e arcaico.

Só que tudo isso mudou quando ele se viu apaixonado pelas três. Nem ele mesmo entendia aquilo direito. Pensou ser pena ou talvez o que Makoto tanto lhe dizia finalmente entrara em sua cabeça. O tratamento com elas mudou drasticamente e conseqüentemente as três ex-escravas conheceram o lado bom dele. Em poucos meses, ele as libertou, não sendo uma forma de se redimir, mas provavelmente de se perdoar por todas as atrocidades que fez àquelas três jovens.

Contudo, passado um tempo, foram retornando, uma a uma. E o Koishiro triste, ressentido, frustrado e solitário ficou apenas em algum lugar perdido e distante do passado.

Atualmente diria até que ele é um pai exemplar e ele já me disse, algumas vezes, que se pudesse voltar seria este tipo de pai para o Makoto.

Só que é claro que só se pode alterar o que está por vir. O futuro é sempre incerto, mas nada nos impede de fazer que ele seja bom. Outra coisa é que se deve ter a consciência de que tudo que fomos ou fizemos culmina no nosso agora. Mesmo que odiemos o passado, ele faz parte de quem somos.

E como eu sei essa história toda e com tantos detalhes? Ora, já fui a reuniões familiares o suficiente para ter um dossiê completo.

Foi um encontro muito divertido e onde eu e Makoto também contamos a nossa decisão.

– Quer dizer que futuramente serei avô?

– Sim, pai.

– Mas a Kazuko não toma remédio? – Minami questionou

– Sim. Só que a Rin já falou para eu parar. E bem, já o fiz.

– Nossa, então estão decididos mesmo. – Shiori comentou

– Nunca estive tão certo de algo em minha vida. – Makoto afirmou

Essa frase surpreendeu a mim e também a todos no recinto.

Após isto, o jantar seguiu normalmente, com as conversas, piadas e risadas. Tudo que uma reunião de família teria, acho eu. Nunca entendi muito dessas coisas.

Não tardou muito e logo voltamos para casa. No caminho, eu e Makoto conversávamos sobre os acontecimentos da noite. Especialmente as bobagens que Koishiro fez.

– Seu pai é um palhaço. – ri
– A idade que está deixando ele assim e ter filhos pequenos também.
– Será que vai ser assim quando tiver o seu?
– Não sei, só tem uma maneira de saber.
– Eu fiquei surpresa com aquilo que disse no jantar. – confessei
– Você é a maior certeza da minha vida, Kazuko. Um filho só será algo mais.

– E acreditar que passei longos meses reprimindo meus sentimentos por você. Por puro medo! – olhei para a janela

– Agora não precisa haver mais medo. Mas, compreendo seus motivos para tal.

– Bem, apesar de tudo ainda há um “contrato”.

– Você se importa tanto assim com ele?

– Antes até que sim. Agora não.

– Posso cancelar de qualquer forma, se assim quiser.

– Não é necessário.

– De verdade?

– Sim! Já sonhei com minha liberdade, mas já a tenho, com você! – sorri para ele – Agora é só um pedaço de papel.

– Que prende você a mim. – riu, maléfica e ironicamente

– Talvez. Mais pelo amor do que qualquer outra coisa. Só que eu acho que o amor não prende, e sim, liberta. Foi o que aconteceu comigo.

– Belas palavras! – ele frisou

– Estou falando sério, Makoto.

– Não estou debochando. Concordo com você! O amor não nos limita, nos completa.

– De fato. – ri – Vamos parar com esse papo blasé?

– Não é de nosso feitio né?

– É! – falei – Preciso de água para tirar esse melado da boca.

– Uma noite ouvindo piada do meu pai e olha só.

– Eu aprendo rápido!

– Sei bem disso...

– Ei – dei um tapa nele

– Eu tô dirigindo! – reclamou

– Isso não te impede de fazer gracinha, seu puto.

– Não disse que era algo ruim.

Nesse momento chegávamos ao prédio. Makoto estacionou o carro e

subimos.

– E precisamos marcar a consulta com a Rin. Eu já parei com o remédio. – comentei assim que entramos

– Já está marcado. Será daqui dois dias! E a viagem é no dia seguinte.

– Tudo realmente planejado minuciosamente né, Sr. Makoto?

– Quê que tem? – e riu

– Nada. Tô brincando com você só! – abracei e lhe dei um beijo

– Dorme comigo hoje? – perguntou com segundas intenções

– Sim, sempre. Mas, posso só desfazer a minha mala, tomar um banho e me arrumar?

– Está bem! Vou ficar vendo algo aqui. Quando estiver pronta, me chame.

– Pode deixar! – dei uma piscadinha

E cá estou, lhe escrevendo. Sempre usando essas desculpas assim.

Preciso fazer o que disse que ia fazer. Até!”

Eis que sinto duas mãos nos meus ombros e dou um pulo de susto.

– Porra, Kazuko. – bufei

– Eu não acredito, Makoto, que está lendo de madrugada.

– Tô sem sono. Vim para ver se ele aparecia, mas...

– Vem, volta pro quarto. Vou fazer carinho até dormir. – estendeu a mão

Deixei o diário na mesa de centro e segui com Kazuko e bem, eu dormi rapidinho.

Capítulo 49

Início do tratamento

O aniversário de Takumi estava cada dia mais próximo e claro que eu e Kazuko estávamos numa loucura em meio aos preparativos. Ainda não tínhamos certeza se faríamos a festa aqui em casa, na casa do meu pai ou se alugaríamos um lugar para tal.

Alias, qual será o cardápio? O tema? Quem chamar? Tanta coisa!

Eu fico pensando se não seria melhor fazer algo em família, entre a gente e deixar uma festa maior para quando ele estiver mais velho. Porque dessa festa ele nem deve se lembrar depois. Até argumentei sobre isso com minha esposa, mas ela disse que sempre teve vontade de fazer festa de criança assim. Nunca teve as próprias, então quer fazer para o filho. É uma boa justificativa!

Usamos parte desse sábado para estas coisas e durou praticamente o dia todo. Eu cheguei à casa cansado de tanto ter dirigido. Tomei um banho, fiquei brincando um pouco com Takumi, enquanto Kazuko também foi se banhar. Depois ela veio e ficamos um pouco ali juntos. Não tardou muito para comermos e irmos deitar. Aproveitei para ler o diário, já que havia dias que não li direito por conta do trabalho e preparativos para o aniversário.

O trecho em questão era a consulta com a Rin para começarmos o tratamento para Kazuko engravidar. Ela colocava Takumi para dormir enquanto começava a leitura.

“Querido diário,

Eu e Makoto acabamos de voltar da consulta com a Rin. Talvez esse bebê esteja mais perto de vir do que imaginei. Ou melhor, acho que estarei grávida em pouco tempo.

O consultório não estava tão cheio, logo fomos chamados.

– Que bom vocês aqui de novo. Estão decididos então?

– Sim! Podemos começar o tratamento imediatamente. – Makoto respondeu

– Kazuko... – olhou para mim – seu ciclo?

– Já passou e parei com o remédio.
– Ótimo! – levantou-se e pegou algumas coisas na prateleira atrás dela
– Estes aqui são para ajudar a engravidar mais rápido. Você ainda é totalmente fértil, mas com o longo período do anticoncepcional pode haver uma pequena dificuldade, demorar um pouco mais, mas é normal.
– O que quer dizer com isso? – eu indaguei
– Pode levar alguns meses para engravidar. Seu organismo está se acostumando ao não uso do remédio e assim ovulará novamente. Mas, já podem ir tentando.

Ela olhou minha ficha, na tela diante dela, olhou alguma coisa e comentou:

– Seus exames estão todos normais. Isso é outra coisa que ajuda.
– E quanto a mim? – perguntou ele – Posso fazer alguma coisa?
– Não, por enquanto. A depender do andar de tudo, talvez também precise. Mas fiquemos calmos, vai tudo correr em seu tempo. – sorriu
– E como estão a Namie e o bebê? – eu, curiosa
– Estão bem. Você tem que nos visitar mais.
– Eu sei. Esta última semana passei na casa da minha mãe.
– Entendo. Bem, acho que terminamos. – fomos até a porta – Quero ser informada do progresso hein?
– Pode deixar. – e ri

Assim, voltamos para casa. Keiko está terminando o jantar e eu estou animada para começar a tentar.

Também te mantereí informada. Ainda mais com essa viagem a sei lá onde chegando.

Até!”

Kazuko nesse momento já se aninhava do meu lado querendo algo mais.
– Já acabou de ler? Ou vai ler mais?
– Eu ia. Mas, você veio assim. O que houve?
– Só queria relaxar um pouco. Essa coisa do aniversário do Takumi tá me deixando ansiosa.
– Sei bem como é. E estou precisando também. – falei colocando o diário no criado-mudo e dando um beijo nela.

O que se sucedeu foi só a meia-luz.

Dormimos depois e só despertei quando o Sol resolveu ficar em cima do meu rosto. Acordei resmungando, bocejando, fui ao banheiro e me vesti, uma

cueca ao menos. Estava com muita preguiça para fazer qualquer coisa. Deitei novamente e cochilei. Só meia hora depois que estava mais disposto e Kazuko estava dormindo. Queria eu conseguir assim. Aproveitei e peguei o diário para ler mais enquanto ela ainda sonhava.

Havia um pequeno intervalo de data entre essa anotação e a anterior. Ela era sobre a nossa viagem a uma região montanhosa e mais fria.

Um local diferente para descansarmos e também produzir um bebê.

“Diário querido,

Perdoe-me a longa ausência, ou melhor, de apenas alguns dias.

No dia seguinte, no meio da tarde, saímos para a viagem e eu simplesmente esqueci de te levar. Desculpa!

O local que fomos era mais distante do que a casa de praia. Fizemos umas duas paradas até chegar. E eu acho que nunca fui para tão longe assim. Infelizmente, nós, os pobres, mal saímos da cidade. Nossas condições não permitem isso.

E realmente, foi bom eu ter levado o casaco. Lá era bem mais frio. Por pouco não fiquei batendo meus dentes.

Chegamos à pousada fizemos o check-in, deixamos as malas no quarto. Depois, saímos para dar uma volta na cidade. Era bem pequeno e tudo era perto. Talvez com uma ou duas ruas mais movimentadas. Quase um vilarejo. Tudo muito rústico e natural, que dava uma beleza a mais ao lugar.

A fome bateu e procuramos um lugar para jantar. Entramos num restaurante simples e que estava razoavelmente com gente. Sentamos e logo pedimos a comida. Uma diferente e leve.

– A cidade é tão bonitinha. – comentei

– Sim! Tinha uns anos que não vinha. Da última vez éramos eu e meu pai, quando decidi que faria direito na faculdade. Foi uma viagem para conversarmos.

– E como foi?

– Melhor do que eu esperava. Minha relação com meu pai melhorou bastante. Ele entendeu que era isso que eu queria para minha vida.

– Pelo que dá para perceber vocês não se davam tão bem assim antes.

– Não. Ainda bem que isto mudou. Agora ele me entende melhor que eu mesmo.

– Eu que sei. Ainda lembro quando ele disse que combinávamos.

– Sério?

– Sim. Parece que ele estava me dando permissão para namorarmos.

– Tem hora que o Koishiro...

E rimos. Logo a refeição chegou e continuamos com o assunto.

Depois voltamos à pousada, tomamos banho, ele na frente e eu em seguida e me preparei toda. Era uma viagem e bem... Você sabe!

– Nossa! Isso tudo é para mim? – ele comentou assim que sai

– Para nós! É para algo importante e especial.

– Então comecemos.

Dizendo isso, se levantou da cama e me beijou, já me jogando na cama.

Ficamos nisso por um tempo, com a mão de Makoto escorregando diversas vezes para o meio das minhas pernas. Logo ele tirou minha calcinha e foi com a boca lá em baixo. Logo pensei: Merda! Esqueci o vibrador em casa. A língua dele brincava nas minhas partes íntimas, o que levava a conter muito os meus gemidos por medo dos vizinhos da pousada ouvirem. Eu queria logo ele.

– Makoto... – chamei

Não precisei completar. Ele se despiu e logo penetrou e praticamente gritei de tão alto que o som saiu da minha boca.

Trocamos de posição algumas vezes. Makoto gozou quando eu estava por cima. Fui para o lado vazio da cama. Nós dois ofegantes. Tinha algo diferente das outras – e tantas – vezes que transamos. Estávamos juntos num mesmo momento e empenho. Estava perdida em meus devaneios quando ele pegou minha mão, olhei para ele, que disse:

– Eu te amo tanto!

– Também te amo tanto. – dei um beijo nele antes de responder, fazendo carinho no seu rosto e sorrindo

– Segundo round?

– Não. Estou cansada da viagem.

– Eu também.

Ajeitamo-nos nas cobertas e adormecemos.

No dia seguinte, tomamos café e fomos até uma cidade que ficava a meia hora de carro. Ela era um pouco maior que a outra, com um polo comercial pequeno, mas não menos rico. Visitamos alguns dos locais mais famosos e também um museu. O estilo da cidade é também todo rústico e antigo, o que nos dá a sensação de estar num outro lugar no tempo.

Poucos após o almoço, retornamos para a pousada e ficamos lá fazendo, bem... Não preciso nem dizer!

Aproveitamos o frio para ficar um pouco em baixo das cobertas. Acho que viagens são para descansar também. Nunca fiz muitas para saber direito.

À noite, como tinham nos recomendado uma festa na cidade, que tem sempre neste período. Decidimos ir! Era um festival na rua, com música, dança, várias tendas vendendo comidas e artesanatos. Um clima bem diferente do que na cidade. Foi nessa hora que ficou mais claro a distinção!

Divertimo-nos bastante, desfrutando de todas as atrações. Parecia até que o tempo tinha parado de tão bom que estava. É um daqueles momentos que queremos que dure para sempre. Eu, Makoto, aquelas luzes penduradas e a música. Bem, pelo menos na memória posso guardar.

Ficamos mais um pouco e fomos dormir.

Infelizmente, o outro dia era que voltaríamos. Realmente era só uma viagem de final de semana mesmo. Por outro lado, ainda tinha mais um dia para aproveitar. Passamos o dia conhecendo a cidade que ficamos, ela tinha alguns atrativos também.

No final da tarde, fizemos check-out da pousada, entramos no carro e saímos.

– Uma pena termos ficado tão pouco. Eu gostei daqui! – comentei assim que pegamos a estrada

– Sempre fico meio triste quando deixo esse lugar. Vim algumas vezes e volto revigorado. Acho que estávamos precisando disso depois de tantas DRs.

– Tenho que concordar. Eu passei a semana com minha mãe aflita pelo que ia acontecer.

– Perdoe-me por isso, Kazuko.

– Não... Acho que até acabei te pressionando um pouco.

– Você só me mostrou o que queria. Eu que estava com medo.

– Ainda bem que já resolvemos.

– Não foi uma briga, Kazuko.

– Sei que não. Mas não quer dizer que “estávamos bem”.

– De fato!

E mudamos de assunto, conversando sobre qualquer coisa. Tivemos até alguns momentos de cantoria no carro. Pelo menos, com isso, a viagem de retorno foi rápida. E bem, só chegamos, largamos as malas e eu vim lhe escrever porque Makoto capotou na sala.

Deixa eu ir lá acordar ele para tomar banho e comer.

Até!”

Já tinha passado muito tempo, então decidi chamá-la delicadamente.

– Bom dia, amor. – disse, se espreguiçando – Cansou da Kazuko do passado e me chamou? – e riu

– Talvez seja. Vamos tomar café junto. Você sabe que eu odeio comer sozinho.

– Sim! E olha só: ainda estou sem roupa. Posso me vestir?

– Pode! Eu espero. Só que ainda temos que preparar a comida.

– Melhor ainda. – sorriu – Acorde o Takumi para ele ficar conosco.

– Claro!

Fiz conforme ela disse e ele me recebeu até risonho para quem acabou de acordar.

Capítulo 50

Sonho de ser pais

Algumas semanas passaram, entre sessões de leitura do diário, longos julgamentos no tribunal, finais de semana e claro, preparativos para o aniversário do Takumi. E bem, era finalmente o grande dia. Decidimos alugar outro local para evitar ter que ficando arrumando alguma casa depois. Era uma festa grande e com uma boa quantidade de convidados, tanto da família de Kazuko quanto da minha e os nossos amigos. Devia ter umas cem pessoas.

Como o meu eu do passado, de pelo menos uns dois anos atrás, ia imaginar estar fazendo o 1º aniversário do filho, ou melhor, que ia ter um filho? Se bem que pelas minhas contas era mais ou menos essa época que eu e Kazuko começamos a tentar ter um filho. Só que não foi tão fácil, ainda mais no início.

Voltando a festa. Escolhemos um tema de um desenho que ele gosta, sempre fica fixado assistindo.

Takumi estava até feliz, animado abraçando as pessoas, pegando os presentes, rasgando os embrulhos, tirando foto. Nunca vi aniversariante mais animado. Todos estavam se divertindo, ainda mais com essa alegria dele. E a nossa casa vai ficar mais abarrotada de coisas, por causa desses presentes.

Kazuki me deixou com Takumi a festa toda, enquanto dava atenção aos convidados. Nem reclamo disso, ela passa todos os dias com ele e se empenhou muito para que o evento ocorresse. O mínimo era que ela aproveitasse.

Só que tem que ter disposição para seguir a energia do meu filho. Ele não parava um segundo. E que bom que tinha outras crianças para brincar com ele, incluindo meus meio-irmãos: Kyosuke e Akira.

Em certo momento, sentei a mesa com meu pai, enquanto ele olhava os filhos dele e eu, o meu. Ele comentou:

– Me lembro o quanto me fez ficar correndo atrás de você quando era do tamanho do Takumi.

– E minha mãe?

– Ela ficava rindo. Eu não tinha muito jeito naquela época. – suspirou –

Acho que ela ia gostar de estar aqui, curtindo o neto dela.

– Não a conheci direito, mas se diz...

– Sua mãe amava você. Ela dizia que era a melhor coisa da vida dela. Eu me pego pensando nela algumas vezes, dá saudade. – Kazuko passou perto de nós e sorriu – E a Kazuko me lembra muito dela, especialmente o jeito.

– Só não chora, pai. Hoje é um dia feliz! Se bem que... Podemos chorar!

– Já parei de chorar por isso há anos. Suas madrastas que finalmente fecharam minhas feridas.

– Eu sei. E Kazuko fechou as minhas.

Akira nos interrompeu chamando para entrarmos na brincadeira.

Aquela festa me recordava a minha própria infância, todos os meus aniversários. Talvez fosse diferente se Kazuko não me contasse da gravidez. Mas, isso é assunto mais para frente no diário, com certeza. Takumi veio bem depois daquilo tudo, ele foi quase surpresa. Enfim, o que importa é que ele está aqui e é a melhor coisa de nossas vidas. A gente se sente importante e até especial quando tem alguém tão pequeno e indefeso aos nossos cuidados.

Não tardou muito até cantarmos os parabéns, cortar o bolo e as pessoas começaram a ir embora. Sempre acontece isso! Kazuko, eu e Takumi (já apagado de tanto cansaço) fomos os últimos, obviamente. Chegamos com um carro lotado de coisas, decidi retirar apenas na manhã seguinte. Só tinha força para chegar ao quarto e dormir.

Nós três tomamos banho praticamente com os olhos fechados. Nem sei como encontramos a cama para deitar. Talvez seja pelo costume e por conhecermos a nossa própria casa. Nem sei como dormi, quando dormi, só dei por mim ao acordar mesmo. Um bocejo longo e uma espreguiçada de estalar as costas. Apesar disso, o corpo não quis levantar, mesmo com tantas horas dormidas e a disposição estava em zero.

O diário estava ao meu lado, na mesinha de cabeceira. Na vontade de permanecer deitado pelo menos mais alguns minutos, estiquei o braço e o peguei. Abri na parte em que parei e o trecho era mais ou menos um mês depois do começo do tratamento.

“Diário,

Acho que estou um pouco ansiosa porque alcancei um mês de tratamento e bem, estou com atraso na minha menstruação. Sei que não posso me precipitar tanto, mas há uma ponta de ansiedade de que o atraso seja por um bom motivo.

Nem vou comentar nada com Makoto ainda, porque ele está acho que até mais ansioso e animado que eu.

Melhor não alarmar ninguém com isso! Até porque Rin me falou que esses atrasos são totalmente normais, especialmente porque também tinha parado de tomar o remédio e que não era para me preocupar.

A minha ansiedade foi afetada pelo passeio que eu e Makoto fizemos hoje. Ele quis fazer uma surpresa quando fomos ao shopping hoje. Não era um passeio inocente. O safado resolveu ir à loja de bebês e que íamos sair de lá com alguma coisa.

– Precisa mesmo? – questionei – Acho que é um pouco cedo demais para isso, Makoto.

E você não faz ideia da vergonha que eu fiquei com as perguntas do vendedor para nós e ter que responder não a todas elas.

– Mas estamos querendo ter um. – Makoto completou por fim

– Ah, sim. Vieram pesquisar então?

– Isso também! – sorriu e eu querendo enfiar a minha cara embaixo da terra, igual avestruz

– Fiquem a vontade! Qualquer coisa só me procurar.

Só foi então que Makoto me percebeu quase escondida atrás dele.

– Que isso, Kazuko?

– Vergonha.

– Não estamos fazendo nada de errado.

– Eu sei, mas você já tá querendo comprar berço e nem tem nada nessa barriga ainda.

– Não vamos comprar um berço, só algumas roupinhas e brinquedos.

– Menos mal. – respirei aliviada – Tava assustava já!

– Mas vai me dizer que não está animada para quando formos fazer isso?

– Claro que estou!

Então, começamos a passar pelos corredores e nesse momento meus olhos brilharam, porque tinha tanta coisa fofinha e se bobeasse, levava todas. Porém, me controlei e escolhi só três.

– Viu? Até que não foi ruim. – ele falou quando saímos

– Avisa da próxima vez.

– Quis só fazer uma surpresa, Kazuko.

– E me matar do coração, né? – ri – Tudo bem! Só não preciso passar essa etapa do questionário.

– O vendedor não sabia.
– Que eu esteja grávida da próxima vez.
– Tá bom, Kazuko. Cheia de exigências e nem tem bebê nessa barriga ainda. – ironizou
– Respeite a futura mãe do seu filho.
– Respeito com o pai. – respondeu
E rimos dessa bobeira que só nós fazemos.
Após isso, continuamos andando pelo shopping, compramos mais algumas coisas – que não eram para bebês e nem crianças – e jantamos por lá mesmo. Comendo o tradicional sushi, que eu inclusive comi apenas uma vez na minha vida fora esta: na minha formatura do colégio.
Logo voltamos para casa e estou aqui lhe escrevendo.
Bem, ainda bem que o Makoto não percebeu meu atraso nas regras.
Vamos ver quanto tempo vai levar para tal.
Agora vou dormir.
Boa noite!”

A leitura me deixou mais disposto para continuar deitado e ler mais um trecho.

Kazuko ainda apagada ao meu lado, como certeza por estar com dobro de cansaço. Ela fez o possível e o impossível para que essa festa acontecesse. Ela merece dormir. Não vou incomodá-la. Talvez só olhar um pouco o quanto ela é linda até dormindo.

Segui para a anotação seguinte, que se tratava da primeira ansiedade de um possível bebê. A data era do dia posterior.

“Olá Diário,
Lembra que eu falei do meu pequeno atraso no ciclo?
Pois é, era só atraso mesmo. Já sabia disso e nem fiquei surpresa quando acordei de manhã e vi que minhas roupas sujaram um pouco de sangue. Porém, só porque eu comentei, Makoto notou que estava atrasada, ou melhor, suspeitava e resolveu perguntar:
– Kazuko, suas regras vieram? – acho engraçado que ele não diz o nome da coisa mesmo
– Ainda não.
– Será que? – sorriu, empolgado
– Acho que não. Rin já me alertou um possível atraso este mês por conta

da falta de usar o remédio por um tempo.

– Entendi. Mas ela disse haver possibilidade de ser por isso, ou seja...

– Eu sei, Makoto. Mas só podemos esperar para ver. Mas não vou mentir que também quero saber logo.

A chance de um tratamento do meu tipo dar certo em um mês é mínima. Não estou sendo pessimista, apenas realista. Só que partiu e muito meu coração ter que dizer ao Makoto que não tinha sido dessa vez. Ele fez uma cara como se seu sonho tivesse sido roubado. Foi só assim que eu notei que ele quer tanto isso quanto eu. Só não é algo dentro do nosso controle e ela levaria um tempo.

– Calma, Makoto. Vamos continuar tentando.

Só contei isto a ele quando voltou do trabalho. Não queria que isso o atrapalhasse por lá.

O dia correu normalmente fora isso. Keiko ficou um pouco decepcionada também.

– É assim mesmo, Kazuko. Vão levar uns meses até que tenha um bebezinho aí. Vou continuar na torcida! – ela me disse

– Obrigada, Keiko. Espero que tudo ocorra em seu devido tempo.

Eu e Makoto já estamos com nossos planos, pelo menos nesse próximo ano, feitos. Só falta eles acontecerem mesmo. Estamos com o sonho de ter um filho agora, só que ainda é algo que surgiu recentemente em nós. Ainda estamos numa euforia e empolgação que não condiz com a forma como as coisas acontecem e bem, acabamos nos frustrando um pouco. Contudo, vamos levando né?

Preciso ir jantar agora.

Até!”

Eis que Kazuko começou a se mexer parecendo que acordaria. Depressa, coloquei o diário de volta onde estava e me deitei. Sim, ia fingir que estava dormindo. Fechei os olhos e só senti ela se virar na cama, dizendo depois.

– Bom dia, amor.

– Bom dia. – respondi – Dormiu bem?

– Sim, o melhor sono que tive em meses. Ué, não está lendo hoje? Que milagre é esse?

– Fiquei olhando você dormir e me distraí. – ela fez careta, não acreditando e não consegui mentir – Tá bom! Eu li um pouco porque estava com preguiça de levantar.

– Viu? Você não me engana, Makoto.
– Podemos ir comer? – falei já sentindo o estômago roncar
– Claro. Deixa eu chamar o Takumi. – levantou-se e foi até o berço dele e para nossa surpresa, ele já estava até em pé segurando nas grades – Olha só, já acordou. Foi dormir cedo, né?

Ele riu esticando os braços para que ela o pegasse no colo. E após isso, fomos tomar café, como uma família feliz. Quer dizer, somos uma família feliz.

Capítulo 51

Perdida na solidão

Com a loucura do aniversário de Takumi finalmente ter passado, a vida voltou ao normal. Tá tudo mais tranquilo! É tão bom chegar em casa, depois do longo dia de trabalho e ser recebido por esposa e filho que estavam doidos para rever.

Lembro-me que antes da Kazuko eu não valorizava tanto a família assim. Tive relações ruins até minha idade adulta. Brigava mesmo com meu pai quando mais jovem, porém a coisa melhorou. E Kazuko me ensinou que devemos sim ser próximos da nossa família, sem eles não somos praticamente nada. Apenas um ser solitário e vagante no mundo!

Sei que alguns não a têm ou tem uma parte dela faltando. Só que família não é só parente consanguíneo, é quem a gente escolhe para fazer parte dela, como os amigos ou até o nosso grande amor. E Foi o que aconteceu comigo!

Alias, após descobrir sobre o diário que Kazuko manteve durante a época da escravidão, peguei-me pensando o quanto ela não se sentia sozinha em alguns momentos, como: quando a deixei trancada depois do incidente do meu aniversário – quando ela jogou suco na cabeça da Yoko –; quando perdeu o primeiro bebê; enquanto namorava a Kana; quando demos um tempo; e claro, quando ela via o insucesso em conseguir engravidar. Talvez seja por isso que ela manteve fielmente o hábito de escrever o diário e falava com ele como se fosse alguém, um confidente para os segredos mais profundos.

Nunca fui de ter diário, mas acho que é mais isto que serve.

Aproveitei o tempo em família e depois fui manter o meu hábito de ler o diário, que deixa sempre a Kazuko enciumada. Acabo dando mais atenção a ele.

O trecho em questão era de um dia em que ela saiu sozinha para dar uma volta, espairar, chamem como quiser. Ajeitei-me na cama e comecei.

“Olá Diário,

Estou me sentindo um pouco triste e cabisbaixa hoje.

Eu e Makoto tentamos ontem a noite novamente, como em todas as outras noites até então. Não que esteja ruim transar com ele. Não é isso! É que vejo tanto esforço por parte dele para que dê certo e eu, bem, só posso esperar. Eu tenho apenas uma chance ao mês.

Tentei esquecer um pouco sobre isso indo dar uma volta na parte central da cidade. Não havia outro lugar que me ajudava a melhorar meu humor que o shopping. Comprar algumas coisas para mim, mudar até o corte de cabelo, sei lá, qualquer motivo. Porém, meus olhos só batiam em mulheres grávidas, bebês e crianças. Nunca tinha notado haver tantas assim. Ou talvez seja que nunca tivesse prestado atenção nisso antes.”

Uma coisa é verdade: Quando estamos com o pensamento em algo, vamos apenas ver sobre isso, aí vem a impressão de que há muito mais daquilo que imaginávamos. Ficamos com um foco naquilo e por observamos mais essa coisa.

“E eu pensei se estaria igual a elas em alguns meses ou em quanto tempo mais. Na verdade, meu maior medo é não poder dar ao Makoto – e nem a mim mesma – o que mais queremos: um filho.

Pode parecer bobo, mas isso tem me dado longos momentos de reflexão. Sei que tem pouco mais de um mês que tentamos e não é razão para tal. Só que eu realmente gostaria de dividir estes sentimentos com Makoto, mas não sei se consigo, então, o faço com você, diário.

Descobri com a minha escravidão o quanto a gente acaba sofrendo sozinha e do quão horrível isso é. Deixar sentimentos guardados é uma péssima forma de passar os dias. Não nos sentimos realmente bem, não aproveitamos plenamente os momentos. Parece algo sempre preso na garganta, uma angústia interminável. Não gosto mesmo de me sentir assim!

Tentei o passeio, só que não adiantou, parece que fiquei até pior. Não tardou muito para que eu voltasse e a Keiko notou que havia algo estranho comigo:

- Kazuko, o que houve? Que cara é essa?*
- Não é nada.*
- Para com isso. Não minta para mim.*
- É só que.. – desabafei tudo o que sentia para ela e estava um pouco mais leve depois*
- Kazuko, não fique assim. Não se pressione. Você está fazendo o*

máximo que pode e logo o que você quer vai se realizar. Dê tempo ao tempo! – sorriu – Eu mesma demorei um pouco para engravidar do segundo filho. Quando achei que não ia mais... Surpresa!

Agradei. Sei que não falava só para me animar. Ela realmente sabia o que era estar no meu lugar. Diferente de Makoto. Sei que ele tem a melhor das intenções, mas ele nunca entenderia, a não que fosse mulher. E tem coisa que é assim mesmo, só sentindo na pele para saber.

De vez em quando recorro de tudo que passei na infância até hoje, especialmente por ser de uma classe mais baixa. E são esses detalhes que mudam nossas experiências e visão de mundo para melhor ou pior. São elas que nos colocam na nossa caixinha, no nosso lugar, nos categoriza como produto e nunca podemos deixar de ser este. Quando me pego pensando nisso, me sinto perdida e solitária em meio a tantos rótulos e nada mais.

Enfim, acho que estou divagando um pouco demais. Logo Makoto chega em casa do trabalho.

Até!

Olhei para o relógio e vi que dava tempo para mais um “capítulo” pelo menos. Era de uns dois dias depois, quando foi para mais um passeio de amigas com a Rin, Namie e a filha delas também.

“Diário precioso,

Acabei de retornar de mais um dos meus encontros rotineiros com Rin, Namie e agora a Shoko. A companhia dela deixa os passeios mais fofos. Agora ela já não é tão pequena e pode sair conosco.

E bem, bebê também era o assunto desse dia, o que a neném faz é tão bonitinho e mais algumas histórias divertidas sobre como a Rin e Namie estão aprendendo a serem mães. É claro que elas indagaram:

– E você e Makoto? Tentando?

– Todas as noites. Uma hora dá certo! E eu sei que período fértil ajuda, tô aprendendo a calculá-lo e percebê-lo ainda.

– O método natural leva mais tempo mesmo, com a maioria das minhas pacientes é assim – Rin comentou

– E quanto tempo vocês levaram para conseguir? – eu perguntei dessa vez

– Para nós foi rápido, menos de um mês, bem, no processo da Namie engravidar porque antes foram visitas e mais visitas ao médico, para exames,

colher nossos óvulos, fazer a junção genética e a fecundação e aí sim, inseminar.

– Nossa! Não sabia que era complicado assim.

– Pois é! A gente queria tanto e não desistiu e olha quem está aqui agora. – disse Rin

– Sabe, estou meio chateada com isso há dias e vocês me deram um pouco de ânimo. Obrigada! – desabafei

– Sempre bom compartilhar nossas experiências com você. – sorriu Namie

– E eu compartilhar as minhas com vocês. – completei – Especialmente a época em que Makoto namorou a Kana.

– Outra coisa, Kazuko. – Rin, dessa vez – Sua mãe sabe disso tudo? Do namoro, do bebê?

– Sabe sim. Falei com ela quando estava na minha antiga casa com ela, expliquei tudo, praticamente desabafando. Até perguntou se eu estava mesmo certa daquilo, se era o que eu queria, coisas de mãe. – sorri – Ela achou um pouco estranho, mas me apoiou.

– Isso é estranho para qualquer um que vê de fora. – Namie disparou – Se não te conhecesse e soubesse da sua relação com Makoto, diria que é uma ótima história inventada.

– É, eu sei. – concordei

– Mas se é o que querem... Façam! – ela completou

– Alias, eu e Namie queremos te pedir uma coisa. – Rin falou

– O que? – indaguei curiosa

– Que seja madrinha da Shoko. Aceita?

– Sério? – olhei para a pequena – Claro que aceito.

– Ai que bom! – Namie soltou – A gente nem ia saber o que fazer se não aceitasse. Não tinha outra pessoa em mente.

Rimos, porque nossos momentos sempre rendem boas gargalhadas. Era uma das formas que encontrei para esquecer um pouco das minhas preocupações e problemas. Acho que amigos servem para isso. Para ajudar nossa vida a ficar mais leve. Jogar conversa fora, desabafar, falar besteira, essas coisas. Para bons e maus momentos. E quem diria que minhas melhores amigas viriam depois de passar por um dos piores momentos da minha vida? A vida é muito irônica às vezes, vou entender um dia.

Deixa eu ir agora, porque está na hora do Makoto chegar.

Beijinhos!”

Meu horário já tinha até extrapolado, mas tudo pelo bem da nossa curiosidade de conhecer o outro lado de uma história, especialmente quando é a nossa. Nunca sabemos plenamente o que o outro está pensando e muito menos sentindo, aprendi isso muito bem com o diário. Eu não tinha ideia de mais da metade das coisas que a Kazuko do passado sentia. Em muitos acontecimentos achei que estava tudo bem, mas para ela estava tudo uma bosta.

Enfim, está na hora de eu ir dormir, porque o dia amanhã vai ser muito longo no trabalho. Tem dia que eu chego lá querendo só minha cama. Triste realidade!

Capítulo 52

Frustração

Alguns dias se passaram, nada de muito interessante aconteceu. Eu a cada dia mais pego um caso novo no trabalho, até porque consigo resolver pelo menos dois por dia, mas são uns que ficam meses comigo algumas vezes. Não reclamo porque é a profissão que escolhi. Sinto-me muito bem quando minha defesa dá um ganho de causa. Bem, vocês não querem saber do meu trabalho né? E sim do diário.

Não tinha nada demais naquela época. Kazuko passou a escrever menos no diário, talvez porque as folhas estavam acabando ou por não ter nada a contar. Os espaços de tempo entre as anotações aumentara, sendo de três dias até uma semana de diferença. Sendo assim, avancei uns três ou até quatro meses no tempo, em meio a leituras no trabalho e antes de dormir.

O meu eu do passado e Kazuko continuávamos tentando e não funcionava. E bem, já estávamos pensando em recorrer a um reforço no tratamento. Talvez comigo também tomando algum medicamento. Iríamos a Rin para verificar essa possibilidade.

E tem outra coisa daquela época que recordo bem: o quanto Kazuko ficava triste quando via a menstruação dar as caras. Ela sempre vinha me falar com lágrimas nos olhos que não fora daquela vez. Ver todo aquele sofrimento dela estava me matando por dentro. Não gostava de vê-la assim. Pensava ter boa parte da culpa nisso! Ambos não estávamos ficando bem em meio àquela situação!

O trecho de hoje, mais um de hora do almoço, é sobre nossa consulta com Rin para ver algo para ajudar.

“Diário,

Eu e Makoto acabamos de voltar de uma consulta com a Rin. Infelizmente, depois de meses num tratamento, vimos que ele não surtiu efeito. Seguindo as recomendações dela, marcamos o retorno antecipadamente. Ela nos recebeu com um sorriso no rosto e um pouco de preocupação.

– Estava esperando vocês chegarem. O tratamento não funcionou.
– Não. – não foi bem um pergunta, mas respondemos mesmo assim
– Já pensei numa solução alternativa. Reforçarei o seu remédio. E vou receitar um para você, Makoto. – ela olhou para ele – Tudo bem para você?
– Claro. – falou segurando em minha mão
– OK! É que tem alguns homens que acham um absurdo. Acham que só as mulheres que precisam.

– Complicado isso. – comentou Makoto – Parece um pensamento de muitos séculos atrás.

– E é! Nossa sociedade só o reforça ainda mais.
– Como advogado, sei bem disso. Se pudesse mudaria todas essas leis.
– Sempre soube que era alguém diferente, Makoto. Desde que trouxe suas madrastas aqui e enfrentou seu pai. – terminou de preencher a receita dele – Aqui. Tomar duas vezes ao dia. E você, senhorita, – levou um tempo para preencher os papéis e me entregar – tem uma dosagem maior do que está tomando e te passei umas vitaminas. Bem, já estamos em época de repetir os exames. Vamos lá!

Fiz o procedimento que já me era comum: fui ao banheiro, tirei a roupa, coloquei o avental e sai. É o que faço de seis em seis meses, em média, quando vou fazer meu preventivo para ver se está tudo bem. Na verdade, até ser escrava eu nunca tinha ido a uma ginecologista. Algumas especialidades são um pouco caras para quem é de classe baixa. Normalmente, ajudamos umas as outras por lá e bem, hospital para ter filho? Não existe! Acontece tudo em nossas próprias casas. Não que seja ruim. Acho que é um processo natural e que ir a um local só para isto é supérfluo. Quantos primos já vi nascer assim? São luxos que não podemos nos dar.

Depois de repetir os processos, Rin perguntou:

– Tem feito quantas vezes na semana?
– Todo dia praticamente.
– Tem calculado seu ciclo?
– Sim. Sempre sei quando a menstruação vem.
– Não só dela. E o seu período fértil?
– Não sei.
– É uma coisa importante de saber se quer engravidar. Achei que soubesse!
– Ninguém me ensinou.
– Imaginei. – sentei-me na mesa de exame, ela já tinha acabado – Posso

te dar umas dicas? Se não for te irritar, é claro.

– Rin, você é médica e minha amiga.

– Você precisa conhecer como seu corpo funciona. Saber, até mesmo por calendário, os dias que está mais propensa a engravidar. Costuma ser entre o 7º e o 14º dia, considerando seu ciclo de um mês ou menos, como o seu.

– Passarei a fazer isso, Rin.

– Tem mais uma coisa. Seu corpo dá sinais até quando vai menstruar, a TPM sabe. E outra, não precisa ser todo dia, uma vez a cada dois ou três pelo menos, assim o espermatozoide do Makoto pode ter uma qualidade melhor e isso aumenta as chances de sucesso.

– Não sabia que conhecia isso tudo, Rin.

– Olha que eu nem gosto da fruta. – e rimos – São os anos de profissão, da faculdade, da vida de ex-escrava. A vida ensina, só que você não teve tempo de aprender ainda.

– Por isso que passamos os conhecimentos uma para as outras né?

– Exatamente. Pode ir lá se trocar.

– Pode falar essas coisas que disse para mim para o Makoto também?

– Claro. Mas, só depois que estivermos todos juntos.

Assenti. Vesti-me novamente e retornei. Então, Rin repetiu tudo o que disse na outra sala e Makoto entendeu. Ao final, ela reforçou:

– O tratamento é só uma ajuda, ele não vai fazer milagre para vocês. Precisam fazer sua parte.

– Temos ciência disso! – ele respondeu

– Então, boa sorte. – Rin disse por fim – Mantenham-me informada.

Despedimo-nos e saímos. No caminho de volta para casa, conversávamos:

– Será que vai dar certo, Makoto?

– Vai sim. Acho que comigo tomando remédio também, teremos um reforço.

– Obrigada por isso. – sorri

– Por você, faça tudo. E pelo nosso filho também.

– Eu fico pensando se não tem algo errado com o meu corpo... Talvez.

– A Rin não disse que está tudo normal? Talvez o problema seja até comigo.

– Inférteis não somos. Já engravidei uma vez.

– Precisamos é ter paciência, Kazuko. Ou isso, ou a gente morre de

ansiedade todo mês. Todo mundo com quem conversei me aconselhou isso.

– Mas tem o detalhe de que nós queremos muito.

– Eu sei. E isso muda muito nossa percepção de tudo. Ficamos mais sensíveis e emotivos.

– Sim. Acho que precisamos ser racionais um pouquinho.

Ele concordou e mudou de assunto.

– Vamos jantar aonde hoje?

– Não sei, você escolhe. Sabe bem que não tenho problema com comida, só com a falta dela.

Fomos ao shopping e escolhemos um restaurante por ali mesmo.

Com toda essa agitação do tratamento e ansiedade por um bebê, tínhamos nos esquecidos das coisas simples de casal. Sair, conversar um pouco, passear. Porque nós dois já estamos aqui. Parece que viramos duas máquinas de sexo, com um único objetivo, não somos tanto um casal nessas situações. Esquecemos, pelo menos por aquelas poucas horas todos os nossos problemas, preocupações e frustrações. Era só eu e ele, com uma conversa boba e divertida. Relembramos muitas coisas pelas quais passamos e rimos de algumas dessas. Eu me senti mais leve e acho que ele também.

Após comer, pagamos a conta e voltamos para casa. Tomamos banho juntos e eu só vim aqui me trocar e lhe escrever. Acho que só vamos dormir mesmo hoje. Não estamos com vontade e não que seja mesmo necessário sempre. A vida e relacionamentos não giram em torno disso, não é o único aspecto.

Deixa eu ir lá, antes que Makoto bata na porta me chamando.

Até breve, diário!”

O sinal do final do almoço tocou. Engraçado que não toca sempre, tanto que até tomei um susto.

Eu tinha um monte de coisa dos meus clientes para resolver e não poderia continuar como faço em dias mais tranquilos.

Eu já estava pensando no quanto sentiria saudade de revisitar minha própria história e a de Kazuko através do diário. Nunca disse isso, mas é interessante ler o que outra pessoa escreveu sobre o próprio passado. Para muitos eventos, eu tinha outro modo de ver que o diário mudou. Alias, tem momentos em que tenho extrema vergonha do eu do passado. Como eu era trouxa! Perdoe-me Kazuko do passado. Outro detalhe: como a Kazuko se apaixonou por aquele cara?

Acho melhor parar de devanear antes que eu descubra um buraco no espaço-tempo.

Capítulo 53

Para quando é o bebê?

Fui ler novamente durante a noite. Dessa vez sentei-me na sala mesmo, enquanto Kazuko brincava com Takumi. Assim que ela me viu sentado com o diário nas mãos, falou:

– Olha filho, o papai vai ler o diário da mamãe de novo. Ele não vai largar até terminar. Papai fofoqueiro!

Eu tive que rir. Ela queria me provocar jogando essa indireta ridícula. Na verdade, eu sei que ela estava brincando comigo. Mas, eu respondi:

– Fofoqueiro da própria vida: nunca vi.

E rimos. Nunca deixei de ficar com eles por causa da leitura.

E por falar nela. O trecho agora é de uns dos poucos dias depois do último, quando mais um ciclo da Kazuko começou, trazendo toda a mesma carga que meu eu do passado não suportava mais ver. Vou lhes explicar no decorrer.

“Diário,

Mais um mês se passa e nada. Eu não sei mais o que estou sentindo. Frustração? Tristeza? A única coisa certa é a vontade enorme de chorar. Eu fico decepcionada comigo mesma... Sempre! Sem exceção!

E o Makoto? Bem, ele está sempre do meu lado, dizendo que está tudo bem e não é o fim do mundo. Ele me abraça e me deixa chorar, entende que eu preciso disso.

Parece que eu passo por um luto todos os meses. Sofrendo por um bebê que não veio. Mais um filho que perdi!”

Pior que era assim mesmo, Kazuko sofria muito e até cada vez mais a cada mês. É aquela coisa de querer tentar algo e sofrer sempre que não consegue.

E eu sofria junto dela e até por ela. Vê-la daquele jeito me matava por dentro. Sentia-me responsável e até culpado por fazê-la passar por aquilo. Por impô-la a passar por isso, de ter que engravidar a todo custo, por pressão

minha e dela. Se eu tivesse dito não, nada disso estaria acontecendo. Minha mente já estava com planos para livrar Kazuko deste sofrimento e era algo radical.

“Sei que houve a recente mudança do tratamento e não houve tempo hábil para funcionar.

Eu e Makoto estamos seguindo as outras recomendações de Rin. Porém, tudo isso não impede de ficar assim. Algo que quero tanto e parece que nunca será o dia que verei os dois tracinhos num exame de farmácia. Pego-me pensando em muitas coisas, especialmente sobre o que faremos se não conseguirmos. Makoto disse que podemos continuar tentando por quanto tempo for necessário. Eu não sei se aguento até lá.

E bem, hoje aconteceu algo que eu diria chato. Recebemos visitas hoje, o chefe e alguns colegas de trabalho. Eles levaram as esposas, só para eu ficar muito mais constrangida. Era um jantar só para fazer mesmo uma social, comemorar um grande caso resolvido no escritório.

Eles estavam sentados na sala, conversando e eu lá com a Keiko ajudando a terminar a comida. Não tenho assunto nenhum com eles. Só que é óbvio que Makoto queria que eu fosse lá. Ele me chamou na cozinha e me arrastou até a sala.

– Ah, olha ela aí. – falou Yuuki, chefe de Makoto – Quanto tempo não lhe vejo. Desde a confraternização do escritório.

Cumprimentei todos e me sentei ao lado de Makoto no sofá.

– Então, é verdade que estão juntos? – Yoko perguntou, debochada

Eu me livro de uma embuste e me aparece outra. O que eu fiz para merecer isso? Já não basta eu estar mal por tantas outras razões?

– Estamos sim! – respondi

– E querem ter um bebê? – indagou outra esposa

– Queremos.

– Isso é coisa demais para minha cabeça. – disse outra – Com a escrava que é namorada? – e sussurrou no ouvido do marido – Querido, vamos embora?

Eu simplesmente odeio o quanto as pessoas são preconceituosas na minha frente. Elas não fazem nem questão de disfarçar. Depois disso, minha língua queimava para retrucar. Makoto sabia disso e segurou a minha mão para me segurar e não falar nada.”

Se eu pudesse, teria a expulsado de lá, mas alguns momentos da vida simplesmente não permitem a gente ser grosso e mal-educado, só que dessa vez tive que dar uma resposta daquelas por nós dois.

“– Isso diz respeito apenas a mim e ela. – Makoto disse e se fosse possível, teria saído fogo da boca dele

– Nunca entendo esses pró-escravos. – ela esbravejou – Vocês atrasam nosso mundo sabia?

Dessa vez eu quem tive que apertar a mão dele porque senão ele ia dar muitos argumentos pró-escravos e aquela noite não terminaria bem. Alias, ela já estava indo tão bem assim.

– E tem quanto tempo que estão tentando? – dessa vez foi um dos colegas

– Alguns meses.

– Tudo isso? – Yoko de novo – E o poder da juventude, querida? Perdeu?

Respirei fundo e fui científica:

– O uso prolongado de remédio que está dificultando.

Então, elas, as esposas, resolveram fazer um interrogatório sobre o que eu tinha de errado para não ter engravidado ainda. Até porque escravas são conhecidas por conseguirem rápido.

Os homens trocaram de assunto, abrindo outra conversa, enquanto eu tinha que escutar especulações da minha vida por pessoas que não fazem diferença nela. E aquilo estava me irritando.

Eu poderia falar alguma coisa? Poderia! Mas, achei melhor não. Ficar quieta é melhor em algumas situações. Deixem-nas pensarem o que quiser de mim, já cheguei num ponto que não me importa mais. Pedi licença e voltei para ajudar a Keiko, que comentou sobre a conversa na sala.

– Elas sempre com a língua afiada, né?

– Pois é. Adoram falar mal de escravas. Nunca vi.

– Falta de amor, só pode. – Keiko e eu rimos – Mas, vamos esquecê-las. Prove! Veja se está bom.

Provei e estava uma delícia. Era hora de levar tudo para a mesa. Chegara a outra hora constrangedora: a do jantar.

Retornei a companhia de todos, maioria que nem que queria que estivesse. Se pudessem, elas mesmas me pegariam, me trancariam num quarto qualquer e jogariam a chave fora. Não é exagero!

E claro, elas notaram minha breve ausência e tiveram que comentar:

– Ora, não gostou do que falamos e foi ajudar a empregada?

– Ela foi ver como estava o jantar. – Makoto falou primeiro e eu agradei, pois teria sido grossa, porque a paciência já estava no limite, quase acabando

Sentei ao lado de Makoto, que ficou na cabeceira da mesa. Ainda bem que o assunto da refeição foi dominado pelos homens, assim, as esposas ficaram quietas e não me perturbaram e eu tive desculpa para não falar nada.

Na minha vida, sempre notei uma coisa engraçada: o quanto mulheres não se apoiam. Existe uma rivalidade invisível e inútil, que só atrapalha nossas vidas. E parece que com as de classe mais alta isso é ainda mais evidente. Eu saio bastante e me pego ouvindo as conversas delas e não são nada agradáveis. Não as reproduzirei.

Depois, quando acontecem situações como as de hoje, eu percebo a falta enorme de empatia. Se fazem com as que são iguais a elas, imaginem com quem é inferior. Já ouvi tantas vezes quando visitei casas de amigos do Makoto, andando sozinha na rua. Acho que já acostumei, mesmo que me irrite um pouco de vez em quando. Só que elas realmente estão tocando na minha ferida ao falar sobre eu não ter engravidado. Por muito pouco, não deixei me abalar. Foi por isso que me dirigi até a cozinha. Elas falaram mais sobre mim até o final da noite.

Logo as visitas e Keiko foram embora e ficamos apenas eu e Makoto.

– Desculpe te fazer passar por isso, Kazuko.

– Você sabe que estou acostumada.

– Mesmo assim. Não gosto que fiquem falando assim na sua frente.

– Quer dizer que eles podem falar mal de mim?

– Poder podem. Porque não controlamos o que as pessoas pensam de nós, mas pelo menos o ser em questão precisa estar presente.

E rimos.

– Lembro que a Kana fazia a mesma coisa, só que não era na sua frente. Talvez elas façam isso para sentirem superiores.

– Talvez seja.

– Só não podiam ter jogado uma coisa na minha cara.

– É, eu sei. – ele sorriu, tentando me animar – Já não basta a pressão que coloca em si.

Então, ele disse para eu tomar banho enquanto ele arrumava a mesa e

lavava a louça. Aproveitei para vir lhe escrever.

Vou dormir.

Até o mais breve possível!”

Fechei o diário e fui brincar com Takumi e Kazuko. Aproveitar o tempo em família, ao invés de ficar lendo interminavelmente um diário, de uma história que a gente já conhece, só para deixar a esposa com ciúmes e se divertir com isso.

Capítulo 54

Algo Estranho

E aqui estou, novamente, para ler o diário, como tenho feito por uns bons meses. Revistando tanta coisa que eu perdi a conta das memórias que me foram despertadas.

Hoje é um sábado, daqueles bem preguiçosos, por conta da chuva lá fora. Um tempo que pede cobertas e um bom filme, ou no caso, um “livro”.

Avancei um pouco na leitura nos últimos dias, chegando em outra parte crítica do passado, mas que foi só para mim. Kazuko não sabia e nem fazia ideia do dilema em que me encontrei.

Não suportava mais vê-la sofrer, especialmente depois daquela situação no jantar. Estava chegando a um ponto em que nós estávamos desgastados e nossa relação também estava, por consequência de todos os meses de tentar ter um filho e sem sucesso.

Então, sei lá por que pensei que eu tinha uma culpa nisso. Na verdade, já tinha um bom tempo que eu queria fazer isso. Eu queria dar a alforria a Kazuko. Eu já não a via mais como escrava e achava que isto a deixava muito presa a mim, de uma forma ruim. Resolvi aprontar os documentos e dar entrada no pedido, que demorava umas duas semanas até sair a carta de alforria. Mas, claro, Kazuko percebeu que algo de errado não estava certo. Eu sou péssimo em disfarçar.

Sentei-me no sofá da sala, enquanto os outros membros da família não acordavam.

“Querido diário,

Tem algo de estranho acontecendo com o Makoto. Ele chegou bem mais tarde que o habitual hoje. Tem mesmo uns dias em que ele chega atrasado, mas ele não é evasivo em suas respostas.

– Eu estava resolvendo umas papeladas. Apesar de ser esta era, ainda precisamos disso. Temos tanta coisa avançada, mas isso não. – foi o que ele disse

Sabe quando você nota que tem algo diferente acontecendo? Pois é!

Tava muito na cara dele. Mas, não quis perguntar, só para não irritá-lo, porque ele também parecia preocupado.”

Viu? Eu sou um péssimo mentiroso. Ainda fico impressionada que, mesmo assim, sou um bom advogado. Ou será que não sei contar as minhas mentiras?

“Ele foi tomar banho e se trocar para o jantar. Cheguei a comentar com Keiko sobre o que notei, mas ela disse que talvez fosse algo muito pessoal do cliente e ele não podia contar.

Resolvi não tocar no assunto para evitar mais atritos. Já estamos com muitas complicações, não precisamos de mais uma. Por causa desse bebê, que não vem, minha relação com Makoto está um pouco morna. Não sinto que somos o mesmo casal apaixonado do começo do namoro. Em certos momentos, a hierarquia escrava e dono ainda aparece, só para me lembrar do que realmente me mantém junto a ele além do coração.

Foi ele quem me deu a ordem para que tivéssemos um filho. E isso pesa nos meus pensamentos algumas vezes. Pode ter algum momento em que ele vai desistir e dizer para não tentarmos mais. Sinto que isso até está mais próximo de chegar. Ou será que ele está planejando outra coisa para mim, como me libertar? Espero que seja só ideia mesmo.

Jantamos conversando normalmente, mas suas ações estavam receosas, como se tivesse medo de escorregar na fala. Não resisti e perguntei:

– Makoto, aconteceu alguma coisa? Você está estranho desde que chegou.

– Estou aflito com um caso que peguei do escritório. Muitos documentos para pegar e coisa para pedir, por isso cheguei bem tarde hoje. É um caso complexo e extenso.

Dessa vez, eu vi que ele dizia a verdade, ou usou bem o poder de advogado para me convencer. Apenas demonstrei apoio.”

Bem, tecnicamente eu disse a verdade. Só não dei nome a alguns detalhes. Num caso desses de verdade velada, eu consigo falar sem levantar suspeita.

“Só aquela pulga atrás da orelha ainda ficou lá.

Prometo ficar de olho nisso!

Deixa eu ir lá, hora de dormir!”

Nem sinal ainda de que alguém levantou ainda. O que isso quer dizer? Bem, mais leitura. Um belo pulo de uma semana no tempo. Meu aniversário já se aproximava de novo no calendário.

“Diário,

O comportamento estranho do Makoto parou. Acho que era só coisa mesmo da minha cabeça, ele estava preocupado com o trabalho só.

E quanto as nossas tentativas? Bem, ainda estamos só nisso mesmo. Seguindo a risca o tratamento e recomendações da Rin, nossa média de transas semanais foi para três ou quatro. Acho que isso melhorou a qualidade. E é bom só dormir junto mesmo. Aprendemos a valorizar os momentos juntos, nem que seja só para ficar deitado ou ver um filme. Coisas simples, que tem horas que apenas esquecemos por conta da correria ou de outros problemas. E isso pode trazer dificuldades às relações.

Ultimamente, eu e Makoto também estamos brigando por coisas bobas. Uma palavra dita errada e pronto. Porém do mesmo jeito que ela surge, a gente se acerta.

Nunca namorei na vida, então não tenho experiência com isso. Talvez seja assim mesmo, altos e baixos, um dia de cada vez.

Percebi, nesse pouco tempo que o amor também é algo que se constrói e se alimenta também, porque ele pode sofrer e também morrer, acabar. Qualquer tipo de amor é assim, creio eu, especialmente o romântico, o de casais, essas coisas que a gente aprende nas aulas de literatura.

Então, quero fazer algo pela data que se aproxima: aniversário do Makoto. Ele não é fã do próprio aniversário, só que eu penso ser uma data importante, pois se trata do dia que chegamos aqui e começamos nossas trajetórias. Nesta data é mais um ano que se completa de missão cumprida. Sempre passamos por desafios dos mais diversos, então, só de estar aqui já é muito coisa.

No ano passado, tive o pior aniversário da minha vida. Só que ficou no passado, como as coisas ruins ficam. Já as boas eu guardo nas lembranças. Por isso, quero preparar uma surpresa mais que maravilhosa para ele.

Ainda tenho um tempo para planejar e quem sabe não vem com outro presente junto. Conversarei com a Keiko para ela me ajudar. Vou comprar presente, fazer bolo e decorar a casa. Chamar as pessoas mais próximas, mais família e os íntimos. Acho que ele prefere assim.

Agora deixe-me ir porque ele já deve estar chegando.

Beijos, Diário. Até breve!”

Fechei o diário e liguei a TV. Coloquei num filme que já vi várias vezes, mas nunca perco uma chance de revê-lo quando está passando.

Logo, Kazuko e Takumi apareceram, com mais fome que eu talvez.

– O café está pronto, amor? – ela indagou

– Não! Estava esperando vocês acordarem.

– Deixe-me adivinhar: lendo o diário?

– Não. Vendo filme.

– Finge que me engana, Makoto, que eu gosto.

E rimos. Bobeiras!

– Isso me lembra o que você do passado falava no diário. – comentei

– Sobre aproveitar as coisas mais simples?

– Isso mesmo!

– Eu sigo isso até hoje. Foi uma coisa que você me ensinou. – sorriu –
Agora, podemos comer?

Assenti e fomos nós três até a cozinha preparar a primeira refeição do dia.

Capítulo 55

É mesmo só um papel?

Hoje é domingo. Eu sempre reclamo dos finais de semana serem curtos e não sou só eu, tenho certeza.

É pouco depois do almoço agora. Kazuko foi colocar Takumi para tirar o cochilo da tarde dele. Eu estou esperando-a para continuar a assistir uma série. Vou aproveitar a espera e ler mais um trecho agora. Li um ou dois ontem a noite, então o próximo trata-se do meu 24º aniversário e onde eu e Kazuko tivemos outra mudança radical em nossas vidas. E não foi boa para nenhum de nós, mas só percebi isso um bom tempo após.

Comecei a leitura pelo trecho seguinte.

“Diário,

Acho que é oficialmente a última vez que lhe escrevo.

Estou definitivamente de volta a casa de minha mãe. A minha casa.

Pode parecer surreal, mas Makoto me alforriou na noite passada, no aniversário dele. Ele acabou de me deixar aqui, com todos os meus pertences.

Até agora não caiu a ficha do que aconteceu. Calma, eu vou recapitular o dia de ontem, para ver se me ajuda a entender.

Makoto saiu para trabalhar, como em todos os dias. Claro que dei os parabéns a ele, junto com o presente.

Passei o dia preparando as coisas para a festa surpresa que planejei. Chamei Koishiro, Minami, Minori, Shiori, Kyosuke, Akira e a família da Keiko. Uma coisa bem pessoal e fechada mesmo.

Perto do horário dele chegar do trabalho, já estavam todos aqui. Eles se esconderam quando recebi a ligação da pessoa que fica na entrada do prédio. Quando ele chegou todos gritaram: Surpresa! Foi maravilhoso ver a expressão dele! Ele abraçou todos, agradeceu o presente e depois veio comigo:

– Você quem armou isso, não foi?

– Exatamente.

– E eu nem desconfiei. Como?

– Só tratava disso quando você estava fora, então nem fazia ideia.

– Me enganou bem!

Ele me deu um beijo!

Era uma festa, aniversário, tudo correndo bem ou eu pensava assim, porque algumas horas depois tudo simplesmente virou do avesso.

Depois de cantar os parabéns, de comer o bolo que eu e Keiko fizemos, todos partiram. Ficamos apenas eu e Makoto em casa!

Infelizmente, eu não tinha o outro presente que queria dar a ele. Não deu certo de novo. Quanto tempo mais precisaria? Nem sei! E na verdade, acho que não me importa mais.

Makoto e eu fomos ao quarto, era o dia sim para a transa, seguindo as novas “regras”. Só que ele queria falar algo comigo antes, algo importante.

– O que é isso? – questionei, lendo depois – Carta de alforria? Makoto... – meus olhos marejaram – Você... Obrigada! – sorri

Lembro que disse ser só um pedaço de papel, mas o ato dele me libertar, isso tem grande significado.

– Tem outra coisa: quero que volte para a sua casa.

– Como assim? Eu quero ficar aqui, com você.

– Essa é minha última ordem, Kazuko. – ele disse com uma lágrima solitária caindo – Eu não quero mais que sofra por minha causa, por conta desse bebê que nunca vem. – já estava com o rosto molhado – Não quero que fique presa a mim dessa forma.

– Makoto, eu quero ficar. – chorando também

– Eu quero que seja livre e realize todos os seus sonhos. – ele respondeu

– Você sabe que meus sonhos mudaram.

– Mas tem um que nunca mudou: seu desejo de ser livre.

– Isso é verdade, mas eu quero ser livre ao seu lado. Não posso?

Ele não deu resposta, apenas sentou-se na cama, aos prantos. Abracei-o, mesmo sem entender muito bem os pensamentos dele.

– Amanhã arrume suas coisas. Te levarei de volta para casa.”

Recordando isso agora, eu noto o quão louco parece.

Meu eu do passado – de um passado nem tão distante, se for pensar direito – achava-se culpado por todo o sofrimento a Kazuko do passado.

A única forma que vi para me libertar dessa angústia era libertá-la. Deixá-la ir! Mesmo que meu coração quisesse que ela ficasse. Eu queria

mesmo era que ela seguisse a própria vida sem mim. Eu não me achava merecedor do amor que ela nutria por mim. Ela era muito e eu, só um cara rico, que levava um dia de cada vez. Comprá-la mudou e muito a minha vida.

Apesar do medo que sentia, em muitos momentos, ela se mantinha sempre otimista. Soube esconder muito bem o que sentia por mim por um bom tempo. Só soube quando ela própria me disse.

Por essas razões e, principalmente, por amá-la, queria vê-la livre.

“– Está falando sério, Makoto? – não acreditava

– Estou. – e me beijou, então fiquei ainda mais perdida – Será feliz, com certeza. – olhou para mim – Mas ainda tenho um pedido: passa essa última noite comigo?

Dei-lhe outro beijo e logo ele me jogou na cama. Tirando minhas roupas e acariciando meu corpo inteiro. Depois fiz a mesma coisa com ele.

Logo ele penetrou e eu gemia enquanto nossos corpos atritavam e nós suávamos. Não demorou para Makoto cair exausto em meu peito, voltando a chorar.

– Vou sentir tanto a sua falta. – disse

– Você pode me visitar e eu posso te visitar. Não é o fim, Makoto.

– É sim, amanhã acaba tudo entre nós.

– Por que está fazendo isso?

– Eu não quero mais ser seu dono, Kazuko?

– Mas você é meu namorado também.

– Não acho que mereço ser.

– Makoto, eu não te entendo.

– Não entenda. Só aceite.

Então comecei a chorar, ele estava terminando comigo, de uma forma que nunca imaginei que seria.

Pensando agora, ele fez isso porque me ama. Aprendi que o amor é estranho algumas vezes. Mesmo com tudo aparentemente bem entre nós, ele quis me ver livre e longe dele, porém feliz. Um amor ao ponto de se sacrificar e abdicar da própria felicidade em prol do seu amado.

Será que o Makoto não me merece mesmo? Eu voltaria agora para a casa dele e ficaria lá. É o que eu quero! Contudo, respeitarei a última ordem e desejo dele: de que seguir minha vida e ser feliz.

Só não poderei controlar se pensarei nele o tempo todo ou não.

Espero que ele fique bem, que encontre alguém e tenha sucesso na

carreira. Queria fazer parte disso, mas ele não deseja minha presença.

Então agora sou uma escrava liberta, ou seja, ex-escrava, não escreverei mais aqui. Deixarei guardadas aqui minhas experiências para relembrar, para parentes ou outras gerações. Estou triste, admito, eu perdi o homem que eu amava. Estou escrevendo isso e chorando.

Enfim, acho que este é o último adeus, diário.

Eu e Makoto seguiremos nossas vidas, separados. Obrigada por ter sido testemunha do amor diferente e conturbado. Obrigada por ser meu companheiro nos momentos bons e ruins. Preenchi-te com estas histórias. Proteja-as bem!

Obrigada e adeus!”

Parece até que esse é mesmo o último trecho do diário. Só que não!

Cerca de um mês depois ele foi revisitado pela Kazuko, porque ela cometeu uma loucura.

Mas, esta é uma leitura para outra hora. A Kazuko do presente voltou e vamos curtir um momento só nosso agora.

Bem simples, bobo, comum, mas nosso!

Capítulo 56

Loucura de aniversário

Só consegui pensar em continuar a leitura quando voltei do trabalho na segunda. A semana mal começou e já tá uma loucura no trabalho. Cheguei me arrastando e minha esposa logo perguntou:

– Tudo bem, querido?

– Sim. É só cansaço. Preciso de um bom banho e um pouco de tempo com você – respondi, dando um beijo nela

– Então vá lá e tira essa roupa suja e volte cheiroso para mim, afinal, ainda temos alguns episódios para assistir.

Assenti e pouco depois estava na sala. Todos nós, incluindo Keiko, ficamos em frente à televisão assistindo, vidrados.

Só fui pegar no diário antes de dormir, com Kazuko comemorando eu estar quase no final.

– Agora os dias estão bem mais aleatórios. – ela comentou – Eu escrevi só quando tinha algo muito “uau”!

– Já deu para perceber, Kazuko. A começar pelo seu 20º aniversário.

– Por que as coisas sempre acontecem nos aniversários?

E rimos. Foi uma observação interessante e muito verdadeira.

Takumi já estava dormindo. Ela se deitou ao meu lado e pegou um livro. Tinha muito tempo que não a via ler. Ela não costuma ler a noite como eu. Kazuko abriu seu livro e eu, o diário.

“Nem sei o porquê de escrever de novo aqui neste caderno. O objetivo desse diário já se cumpriu, mais eu preciso contar a alguém, ou melhor, registrar o que aconteceu.

Ontem, foi o meu 20º aniversário. A comemoração foi em minha casa mesmo, bem cedo, por causa de parentes que ainda vão aos centros de escravos.

Tem pouco mais de dois meses que eu voltei a morar no bairro em que vivi maior parte da minha vida. Nesse meio tempo procurei começar a faculdade novamente. Fiz a prova para uma bolsa na semana passada,

vamos ver qual será o resultado.

Bem, eu tenho pensado em Makoto todos os dias. Sempre tem algo que faz nossas memórias ficarem surgindo em minha mente. Ninguém nunca mais me perguntou dele desde que voltei, o que lhes interessa é que estou livre e não como meu ex-dono está. Mas minha relação com Makoto foi bem além de dono e escrava, fomos também amigos e namorados. Um amor recíproco e quase impossível se for levar em conta a diferença de classe entre nós.

Só que ontem, quando todos foram embora, veio uma saudade que não pude controlar. Eu queria vê-lo, saber como ele estava. Não pensei duas vezes. Falei com minha mãe que iria sair e não sabia a que horas voltava. Ela não falou nada, só pediu para que tomasse cuidado e não ficasse incomunicável. Afinal, sempre saía com o celular que Makoto me dera. Assenti e sai. Peguei o primeiro transporte que ia para lá, num misto de “estou louca fazendo isso” e “ainda tenho uma coisa a fazer neste aniversário”.

Apesar de não andar mais tanto por aqueles lados, ainda me lembro onde é o prédio de Makoto. Falei com o porteiro, que me deixou subir por me conhecer. Bati a porta, com meu coração quase na boca. Como será que ele estava? Como ele reagiria ao me ver?”

Eu estava em casa, sentado no sofá, sem camisa e sozinho, a Keiko já tinha voltado para casa.

Eu só vivia um dia de cada vez, sofrendo um pouco pela separação.

Estranhei batidas na porta sem terem anunciado ninguém, porém, fui abrir mesmo assim.

“Não demorou muito e o próprio Makoto atendeu. Ele ficou perplexo e soltou, quase se embolando nas palavras:

– Kazuko, o que está fazendo aqui?

Ele estava sem camisa, só com a calça social e descalço, a barba estava por fazer, os cabelos desarrumados. Mesmo assim, minha alma se iluminou ao vê-lo e eu não consegui tecer palavras para responder, só pulei no pescoço dele e o beijo, como tinha semanas que eu queria. Para minha surpresa, ele correspondeu, me puxando pela cintura. Quando nos desvencilhamos, ele fechou a porta e segurou a minha mão, sorrindo para mim. Senti naquele momento que fiz a coisa certa.

Sem falar nada, ele me levou até o quarto e continuamos de onde

paramos. Beijos atrás de beijos, peças de roupas espalhadas pelos cantos do cômodo. Nossos corpos atracados e unidos por um magnetismo que nada poderia separar. Gemidos e suspiros, além do suor. Tudo isso era eu e Makoto matando a saudade um do outro.

Todo esse fervor durou poucos minutos, quando nós dois estávamos estirados na cama, olhando para o teto, tentando recuperar o fôlego. E foi só aí que sentimos a necessidade – e tivemos energia – para conversar:

– Feliz aniversário, Kazuko! – ele falou primeiro – Se eu soubesse que vinha, tinha comprado um presente.

– Obrigada! – e ri em relação da segunda frase – E não precisa de presente.

– Afinal, por que veio aqui? – ele indagou tão curioso quanto eu para descobrir o motivo, já que nem tinha entendido direito

– Acho que... Queria ver você! – falei, virando-me para ele

– Sério? – colocou uma mecha de cabelo minha atrás da orelha – Eu também queria te ver. Penso em você todo dia!

Então por que deixamos tudo entre nós acabar da forma que acabou? Foi isso o que pensei.

Tanto tempo sem se ver, sem conversar e claro, sem compartilhar a mesma cama. Diferente de antes o silêncio era constrangedor, havia uma lacuna entre nós que meses atrás não havia. Era a distância, essa maldita.

– O que tem feito? – ele quebrou o gelo

– Reorganizando a vida. Procurando recomeçar a faculdade, ou melhor, entrar nela de novo. Na primeira vez... – não completei

– Eu sei disso e fico mal de ter atrapalhado seus estudos. Já fez alguma prova?

– Na última semana. Estou esperando o resultado para ver se consigo uma bolsa completa.

– E se não conseguir?

– Não tenho como pagar. Terei que tentar até pegar uma que cubra todos os custos.

– Eu pago para você. – ele soltou, me assustando

– Makoto, não precisa. De verdade!

– Eu faço questão!

Não sabia o que dizer. Onde enfiar a minha cara então? Como responder a isso? Só sorri e agradeci mesmo.

Depois disso veio a vergonha e a consciência da loucura que cometi

atravessando até o outro lado da cidade. Dei uma desculpa esfarrapada para sair dali.

– Eu preciso ir, tenho que voltar para casa. – levantei abruptamente, recolhendo minha calcinha e vestindo-a

– Está tarde para você voltar agora. – Makoto retrucou, me chamando atenção – Deixa que eu levo você.

Quantos favores ele queria me fazer? Foram dois em menos de cinco minutos. Eu já estava ficando encabulada com aquilo.

– Não precisa, Makoto. Posso voltar sozinha.

E assim como eu, ele percebeu que havia algo estranho ali. Saiu da cama e pegou em meu braço para perguntar:

– O que há com você? Está evasiva!

– Eu não devia ter vindo. – desabafei

– Mas você está aqui e tem um motivo para isso.

– Eu... Eu... – não consegui completar

– Fica aqui comigo, só essa noite. – suplicou – Amanhã te levo para casa.

Não era uma ordem, era um pedido. Seus olhos carregados de uma tristeza que só vira quando cheguei à primeira vez naquela casa, quando fui comprada. Ele tinha me deixado ir e eu voltara. Só que ele não conseguiu esconder a solidão que sentia. Lembrei-me de mim enquanto morava ali e em todas as noites que passei sozinha escrevendo um diário, por não ter com quem contar. Pode parecer que foi pena, mas estava diante da pessoa que povoou meus pensamentos nos últimos meses. Eu sinto algo por ele e por isso, decidi ficar.

– Tudo bem, eu fico!

O rosto dele se iluminou num sorriso, o mais sincero que podia receber. Beijamo-nos de novo e voltamos para a cama. E eu me recordei as razões para ter ido lá, o arrependimento e medo passaram. Ele me recebeu tão assustado quanto eu, mas mesmo assim do jeito que me lembrava: gentil. Entregamo-nos um ao outro novamente e ambos sabíamos que podíamos fazer aquilo praticamente a noite toda.

Porém, havia um problema, só anoitecera e eu não comera nada além do almoço e bolo. A fome já me batia no estômago e tem sido assim desde que voltei para casa. A alimentação não me dá a mesma força que antes.

Depois de estarmos, mais uma vez, ofegantes e deitados, minha barriga resolveu informar a Makoto sobre minha fome. Ele riu e indagou:

– Quer comer algo?

– Não precisa. – outro som estomacal – OK! Podemos comer, mas depois de um banho.

– Ia falar a mesma coisa. – ele levantou – Vamos? – estendeu a mão

Nem tivemos que tirar roupa alguma, porque né...

A água caiu sob nossas cabeças, retirando o calor da parte externa do corpo, mas a interna não ia apagar tão cedo. Demos banho um no outro, especialmente esfregar as costas, que virou quase uma massagem. Secamos e vestimos roupões.

Makoto foi até a cozinha e trouxe o jantar que Keiko deixou pronto antes de sair.

– Não é muito, mas deve dar para nós dois.

– Ainda é mais do que tem lá em casa.

– Eu imagino as condições precárias em que vivem. Lembro quando fiz a festa surpresa para você e observei como as pessoas não paravam de comer.

– Nunca se sabe quando se verá aquela quantidade de comida de novo.

– Você até emagreceu. – ele comentou

– Eu sei. Notei isso também. – então, mudei de assunto – E você, o que tem feito?

– Trabalhando apenas. Resolvi alguns casos grandes, outros pequenos.

– E amorosa? – quis ficar no lado mais amiga

– Nada. E nem quero. – pegou minha mão – Não enquanto estiver aqui.

– Achei que quisesse que fosse feliz.

– Quero. Mas ficaria mais feliz ainda se fosse ao meu lado.

– Podemos tentar de novo? Dessa vez sendo só eu e você, sem hierarquias?

– Mesmo? – ele sorriu – É o que mais quero. Eu me arrependo de ter te deixado ir.

– Você me mandou embora. Expulsou-me e terminou comigo. – permiti uma lágrima cair – Só sofri mais ainda.

– Eu sei. Eu sofri também. Será que podemos esquecer isso? Já passou!

– Tudo bem! Já te perdoei.

E ali estávamos nós, bobos e apaixonados de novo, oficialmente namorando de novo e fomos dormir. E conforme prometeu, ele me levou de volta para casa no dia seguinte. Tinha que ver a cara da minha mãe quando cheguei com ele. Cumprimentaram-se do jeito mais normal do mundo e

Makoto foi para casa.

– Filha, o que foi fazer lá?

– Fui vê-lo, mãe. Não sei o que deu em mim.

– Talvez amor né? Quero com detalhes, não todos, mas suficientes.

Contei a ela, que ficou feliz de termos nos reconciliado. Não podia ter ficado tudo do jeito que terminou antes.

Acho que será melhor agora, seremos um casal “normal”, se é que isso existe entre nós.

Até, sei lá, quando quiser!”

Fechei o diário e olhei para Kazuko que estava tão concentrada na leitura quanto eu. Um casal unido também lê unido.

No diário, cheguei na parte mais crucial e importante para que o presente exista. Foi aí que começamos nosso caminho como casal. Diferentes e renovados, sem um contrato a nos prender.

Desejei boa noite a ela, que me deu um beijo.

Ironicamente, meu abajur não foi o último a apagar hoje.

Capítulo 57

Surpresa?

Eu nem sei que horas Kazuko foi dormir na noite passada, acabei apagando tão rápido que nem vi quando ela desligou o abajur.

No trabalho foi tudo normal, acho que acontece só um pouco de coisas interessantes, ainda mais que eu cuido logo das tretas de famílias. Acontece mesmo drama e não algo muito... Vocês entenderam!

Infelizmente, eu tô no ponto do ano em que já estou pedindo férias, porque tem dia que eu simplesmente não aguento mais. Hoje mesmo fui falar com meu chefe para ele ver o calendário de férias dos funcionários e já marquei as minhas próximas.

Outra coisa é que o diário está acabando. Um dia, lendo do jeito que leio, ia acontecer né? Estou só apreensivo de chegar ao ponto de parar de ler só para não terminar. Ai que Kazuko me mata mesmo. E por falar nele, assim que cheguei em casa, tomei um banho e corri para a sofá. Kazuko brincava com Takumi no tapete da sala. Observei-os um tempo e abri o diário e ironicamente era sobre o dia que Takumi apareceu pela primeira vez em nossas vidas. Lendo o diário e relembrando nossa história, eu vejo o quanto a vida é irônica.

Comecei a leitura.

“Não sei por que voltei aqui.

Acho que esse diário se tornou algo para meus lapsos de “aconteceu algo grande”. Da última vez, eu fui que nem louca na casa de Makoto. Agora, bem, vamos aos primórdios da ordem cronológica levando em conta a última vez que escrevi aqui. Se eu só jogar assim de cara, eu mesma tomo um susto porque nem eu estou acreditando.

Eu e Makoto continuamos juntos desde aquela noite, mas parecemos até um casal de adolescentes. Todos os finais de semana, ele vem aqui em casa e ficamos aqui nas redondezas.

Claro que já rolam os boatos imagináveis e inimagináveis por toda a vizinhança. De que estou saindo com um cara rico. Que eu voltei a ser

escrava ou até que nunca deixei de ser. Mas, que falem e pensem o que quiser, o que importa somos eu e Makoto e bem... Tá! Vou contar!

Tem uns dias que estou me sentindo esquisita, inchada, enjoada e até sem fome. E eu já me senti uma vez assim antes, já passei por isso. Não havia a certeza, mas uma leve suspeita. Só tinha um jeito de confirmar: indo ao médico.

Eu e Makoto até transamos algumas vezes, mas em quantidade bem menor se comparar quando eu era escrava dele. Não quer dizer que a qualidade diminuiu. Meu coração palpitou só de ver todos os sintomas junto com as regras atrasadas. Comentei com minha mãe e ela disse:

– Só não deixe que isso atrapalhe seus estudos. Você ainda precisa passar na prova, filha.

Pois é, a tentativa de entrada na faculdade não deu certo. Tinha muito tempo que não estudava e não fui bem. Estava me dedicando para fazer novamente. Contudo, não era algo tão urgente assim. Já fora adiada uma vez.

Liguei para Rin e marquei um encaixe com ela naquele dia mesmo. Estava muito nervosa e ansiosa para esperar um dia sequer pelo resultado. E ela sabia bem que eu e Makoto estávamos juntos.

Fui até lá no horário e demorou bastante, na verdade, eu fui a última a ser atendida. Logo, ela me chamou e eu entrei:

– Olá, Kazuko! Então, me diga o que houve para vir nessa urgência toda.

– Bem, meu ciclo está atrasado e estou cansada, enjoada, se fome.

– Fez um teste de farmácia pelo menos?

– Não!

– E de sangue? – ela colocou a mão a testa – Esquece. Vá se trocar que vou lhe examinar.

Fiz conforme ela disse e deitei na mesa de exame. Parecia até com um dos exames de rotina, mas ela foi descrevendo coisas diferentes que percebia no meu corpo. Seios bem inchados e sensíveis, barriga a mesma coisa.

Então, ela pediu para que abrisse as pernas e pegou o aparelho de transvaginal e comentou:

– Esse é o único jeito de saber se tem um bebê aí.

Ela pegou aquele longo e fino tubo com uma câmera na ponta e introduziu. Não demorou muito, ela teve a confirmação e falou:

– Meus parabéns, Kazuko. Você está grávida!

– Sério? – disse me levantando – O que eu faço, Rin? – um desespero e despreparo me pegaram – Eu mal voltei com o Makoto, eu não queria...

– Você tem duas opções: ou conta para ele ou não conta e faz um aborto.

Comecei a chorar e ela disse:

– Nem acredito que é a mesma pessoa que queria tanto um filho uns meses atrás.

– Eram outras circunstâncias. – respondi entre leves fungadas – Eu tenho outros planos agora.

– Eu sei. – ela me abraçou – Mas pense bem no que vai fazer. Pelo que vi aqui, o embrião deve ter umas seis ou sete semanas. E um conselho: melhor contar ao Makoto.

– Nem tenho como ir lá hoje, gastei o que tinha para vir aqui hoje. Só tenho como voltar. Nada mais!

– Eu te dou uma carona até lá. Pode ser?

Assenti, agradecendo.

– Deixa eu só imprimir isso aqui, para você mostrar para ele. Além de um parecer meu.

– E a consulta, Rin? – pois é, eu mal tinha dinheiro para o transporte e fui em médico de gente rica

– Somos amigas e você é madrinha da minha filha, não vou te cobrar!

Rin arrumou o consultório e saímos juntas. A casa de Makoto era na metade do caminho dela. Ela me deixou e desejou boa sorte e pediu que a mantivesse informada.

Admito que eu fiquei nervosa, com frio na barriga, tudo o que se possa imaginar. Subi e ele nem tinha chegado ainda. Keiko ficou sem entender o que fazia ali num dia de semana. Eu só disse que queria falar com Makoto. Ainda bem que ela é alguém que respeita quando alguém diz que é algo particular. Makoto também estranhou, mas ele fez uma cara de preocupado quando disse que queria falar com ele a sós.”

Eu já disse outra vez que isso é suficiente para o cagaço aparecer. Eu achei que ela queria terminar comigo ou algo assim.

“Ele pediu para irmos ao escritório para conversar melhor. Sentei-me numa cadeira e ele no outro lado da mesa. Então, me questionou:

– O que é tão urgente e sério, Kazuko?

Peguei o envelope com os exames que a Rin me deu e entreguei a ele, que leu e soltou:

- O que é isso?*
- Um exame de gravidez.*
- Não me diga que você...*
- Sim! Estou!*

Ele saiu de onde estava e se ajoelhou diante de mim, pegou em minhas mãos:

- Essa é a melhor notícia que eu podia receber. Eu vou ser pai!*

Eu não sabia o que dizer, só comecei a chorar e ele me abraçou. Qualquer medo que restou, simplesmente sumiu. Ironicamente, o que nós mais queríamos veio apenas depois de praticamente ter desistido. Estávamos voltando devagar e a vida vem e apronta uma dessas. Ou melhor, não fomos nós meio irresponsáveis? Não é hora de pensar nisso. O que importa é que ele está aqui e faremos de tudo para que nasça saudável.

Makoto não me deixou voltar para casa, disse que me levaria de manhã. Eu avisei a minha mãe que ficaria por lá e bem, ela ficou bem feliz de saber que vai ser avó. Contamos a novidade a Keiko também, que até se lembrou do quanto eu e Makoto tentamos antes. Ela até fez uma sobremesa para comemorarmos. Koishiro, Minami, Minori e Shiori também receberam a notícia através do telefone.

Passei a noite com Makoto, que não parava um segundo com a mão na minha barriga. Eu já estava ficando nervosa com aquilo, mas não falei nada para não estragar a felicidade dele.

Hoje de manhã, ele me trouxe de volta falando no caminho que pagaria todo o pré-natal e nem precisaria me preocupar com isso. Recomendou que começasse a me cuidar por meu bem e do bebê também.

Acho que eu estar grávida agora não é uma grande surpresa, visto que estávamos tentando antes da separação. Mas, por outro lado, também foi uma surpresa, porque bem... Não era algo que achei que fosse acontecer rápido. Realmente tem momentos em que não controlamos nada.

Porém uma outra coisa me veio aos pensamentos agora: comentários vindos da vizinhança e da família. Mesmo que eu não liguei de forma geral, não acho legal ficar ouvindo outros tecendo comentários acerca da sua vida, que só diz respeito a você próprio.

Não quero nem imaginar o que falarão de mim. Que eu quero dar o golpe em rico e etc.

Então, caso haja algum acontecimento, eu venho aqui.”

Kazuko continua rindo e brincando com Takumi.

E ao término de mais uma leitura, eu passei a entender ainda mais o lado de lá, os de classe mais baixa. O que para eles é algo comum, para nós é surreal e vice-versa. Por um bom tempo não compreendi algumas atitudes dela, porém, o diário me faz ter mais clareza em relação a essa época.

Recordo do meu colega de trabalho que leu o diário sem querer e disse que dava um bom livro. E a leitura é isso mesmo, é algo para nos fazer pensar, ao mesmo tempo em que entretém.

Falarei sobre isso com Kazuko, ver se ela aceita a ideia.

Agora vou me juntar a brincadeira.

Capítulo 58

Comprometidos

Hoje é sexta-feira e acho que já neste final de semana, eu termino a leitura do diário. Restam, com a que lerei hoje, apenas três passagens. De quando e o porquê elas foram escritas que terei que descobrir.

Terminei umas coisas do trabalho depois que cheguei em casa. Pois é, também odeio levar serviço para casa, mas eram coisas simples e rápidas. Logo que terminei, peguei o diário e comecei a leitura.

“Mais uma vez me sinto com vontade de escrever aqui.

Alguns meses se passaram desde a última vez, ainda estou com Makoto e nosso bebê cresce dentro de mim. Os últimos meses foram repletos de alegria, visitas a médicos, compras e planejamento.

Makoto está me dando além do que preciso. Ele ajuda com a dieta, para que o bebê tenha os nutrientes necessários para seu desenvolvimento. Vai as consultas comigo e pergunta tanto quanto eu. E, em alguns momentos, até me dá uns leves esporros por tem horas em que até esqueço da minha barriga. Ele já está cumprindo bem seu papel de pai.

Uma coisa chata que tem acontecido, é claro, os comentários dos vizinhos. Todo mundo aqui já sabe que estou “grávida de um rico” e me chamam de tudo que eu possa ou não imaginar. E, apesar de tudo entre mim e Makoto, algumas inseguranças ainda me contaminam. Talvez por culpa dos conselhos de parentes, que dizem:

- Melhor tomar cuidado. Ele pode tomar o bebê quando nascer.*
- Ele está com você só por causa deste bebê. E se você perder ele?*

Eu tento apenas ignorar e passar por cima disso, mas lá no fundo, eles me afetam e me afligem, reforçando meus medos. Nem toquei neste assunto com Makoto, não queria preocupá-lo com essas, digamos, besteiras. Eu confio nele, mas sempre há a pulga atrás da orelha.

Minha mãe me ajuda tanto Makoto. São os olhos dele quando ele não está aqui. Ela quem me mantém certa na dieta, fazendo a comida.

Makoto e eu não tínhamos pensado ainda em como faríamos quando o

bebê nascesse. Só levamos um dia de cada vez.

Por que disse isso no passado? É que, antes de ontem, tomamos um grande susto.

Makoto veio dormir aqui em casa comigo, como passou a fazer depois que engravidei. Durante a noite, senti um incômodo e me mexia na cama e nada fazia passar. Levantei para ir ao banheiro e vi sangue saindo. Eu já tinha passado por aquilo antes e me desesperei e logo comecei a chorar.

Deixei a porta do quarto aberta, pois a do banheiro é logo em frente. Logo Makoto veio ver o que estava acontecendo.”

Eu senti a falta dela na cama. Abri os olhos e vi a luz que vinha de fora. Tinham umas manchas no caminho, pelo que deu para perceber. Prestei atenção e pude ouvir o choro baixo dela. Senti que havia algo errado e fui lá verificar.

“– O que houve? – ele arregalou os olhos quando viu o sangue, não era tanto, mas o suficiente para nos alarmar

– Makoto... – foi só o que conseguir dizer

– Calma, Kazuko! – ele se abaixou para me olhar – Troca de roupa que iremos ao hospital agora mesmo. Eu vou avisar sua mãe.

Assenti e voltei ao quarto. Minha mãe se prontificou a ir conosco.

Entramos no carro e por ser madrugada não demoramos muito a chegar. Passei rápido pela triagem e por estar com um dos maiores níveis de emergência, logo me consultaram. O médico de plantão passou aquele gel gelado na minha barriga e começou com algumas perguntas: o que aconteceu, de quantas semanas estava.

Eu, Makoto e minha mãe estávamos aflitos. Conseguíamos ver perfeitamente o bebê, mas não fazíamos ideia de como estava, até que finalmente o médico ouviu o coração, que batia forte. Nos três respiramos e sorrimos aliviados. Então, o médico concluiu:

– Está tudo bem. A placenta só saiu um pouco do lugar e com isso é normal sangrar, mas fez bem em vir. Vamos te manter internada em observação até amanhã, por precaução.

– Obrigada! – sorri

– Outra coisa: Vocês querem saber o sexo? – perguntou o plantonista

– Dá para ver? – Makoto se empolgou

– Sim.

- Menino ou menina? – minha mãe dessa vez
- É um menino, com o coração bem forte.

E nós três gritamos de alegria e nos abraçamos. Agradecemos ao médico novamente, que sorriu comovido com nossa felicidade. Não demorou muito para eu ser levada até o quarto.

Eu fiquei sozinha um tempo, matutando meus pensamentos, sentindo todos os comentários escutados reverberarem no meu ser. Permiti-me chorar! Até que Makoto entrou e eu depressa tentei secar as lágrimas para esconder o que fazia. Ele me chamou:

– Kazuko... – se aproximou e sentou na poltrona ao lado da cama – Eu queria falar uma coisa importante com você.”

Saiko acabou me contando sobre todas as coisas que os vizinhos comentavam e sobre como ela via, nitidamente, que aquilo afetava a filha. Afirmando também que as coisas do jeito que estavam aumentavam o medo que ela tinha que eu levasse o bebê, porque até isso enfiaram na cabeça dela.

– Eu jamais faria isso. Você sabe, Saiko!

– Sei bem, Makoto. Mas o futuro de vocês está meio indefinido, especialmente com uma responsabilidade dessas. – Ia falar, porém ela prosseguiu – Sei também que estão juntos nisso, só acho que... Podem dar o próximo passo!

Peguei a aliança que estava carregando naqueles últimos dias, a mesma do dia do “casamento de mentira”.

– Só queria escolher o momento certo para isso. Só não o encontro!

– Uma boa hora é justamente agora! – e sorriu – Vai lá!

“– E o que seria?

– É um pedido. – ele olhou para sua mão e eu vi o anel que já conhecia – Têm dias que procuro a hora perfeita e ensaio isso, só me faltava a coragem para lhe perguntar. – estendeu o braço e mostrando o anel – Você quer se casar comigo, Kazuko?

Eu sorri e ri depois, olhando para ele. Quanto tempo não esperei para ouvi-lo perguntar isso?

– É claro que sim, Makoto.

Então ele colocou o anel no dedo anelar da minha mão direita.

– Desculpe, não tive tempo de comprar uma diferente.

– Tudo bem, eu gosto dessa.

E nos beijamos e justo nessa hora o bebê resolveu se mexer, pela primeira vez. Sorri novamente e puxei a mão de Makoto e pus em cima da barriga.

– Olha só quem finalmente resolveu se mexer.

Os olhos dele se iluminaram, ele fez carinho e conversou um pouco com o bebê. Depois, me indagou:

– Talvez seja cedo, mas tem alguma ideia de nome?

– Na verdade, já escolhi.

– E nem me pediu opinião.

– Já tivemos essa conversa, Makoto. O nome do próximo seria Takumi, então este é o Takumi – pus minha mão sob a dele

Ele sorriu sem mostrar os dentes e deixou uma lágrima cair.

– Você se lembra disso?

– Claro! Tem como esquecer?

Assim, a minha mãe entrou no quarto e quis saber das novidades. Ou seja, ela sabia do pedido do Makoto.

– Eu aceitei.

Só faltou ela dançar de alegria.

– E tem outra: decidimos o nome do bebê. – Makoto disse

– Rápido assim? E qual é?

– Takumi. – respondi

– Que nome mais lindo. Boa escolha!

Fiquei em observação até hoje e como não aconteceu mais nada, recebi alta. Makoto ficou de folga ontem e só me trouxe em casa, tomou banho e saiu para o trabalho hoje.

Eu ainda estou sem acreditar que vamos nos casar.

Bem, até qualquer dia.”

Eis que Kazuko apareceu, carregando Takumi.

– Hora do jantar, amor. – e riu – Ainda bem que o diário está acabando, assim volta a me dar atenção.

– Estou dando atenção ao seu eu do passado, oras.

– Não seja ridículo. Venha logo!

Capítulo 59

Casamento

Passei o resto da noite com Kazuko e Takumi, ficamos brincando e bem, o garoto já está praticamente correndo, então eu e Kazuko apagamos assim que ele dormiu.

Acordei tarde para meu horário habitual de sábado e claro, além da fome, veio a vontade de prosseguir com a leitura do diário. Como deixara no meu escritório, peguei e coloquei na mesa de centro da sala. A barriga tava roncando e tive que atender logo ao chamado dela.

Enquanto preparava o café da manhã na cozinha, Kazuko apareceu.

– Bom dia, amor. – me deu um beijo – Precisa de ajuda?

– Não! Tô acabando já. Pode arrumar a mesa para comermos.

– Claro. – sorriu

Cinco minutos depois, estávamos sentados juntos comendo. Ela me perguntou:

– E o diário? Tá terminando?

– Sim! Só tem mais dois dias que você escreveu.

– A penúltima é sobre nosso casamento.

– E a última?

– Obviamente, quando Takumi nasceu. Ou melhor, uns meses depois.

– Que ansiedade para ir ler logo.

– Não sei qual a graça de ler sobre algo que já sabe como vai acabar.

– A questão aqui é que estou vendo sob outro ponto de vista. Eu não tinha ideia de metade das coisas que pensava.

– E comigo era a mesma coisa em relação a você. Mas, você não fez um diário para eu saber o seu lado. E bem, nem comentou muito dele.

– Estava preso na leitura, quando terminar, escolho algumas partes para a gente discutir.

– Pode deixar. – ela riu e depois de uma breve pausa, completou – Vai lá logo, eu sei que quer. Eu arrumo aqui.

Sorri. Acho engraçado algumas vezes a maneira que a gente se entende. Não é muito convencional aos olhos de fora, suponho.

Num pulo levantei e com outro me sentei no sofá e peguei o caderno. Passei todas as folhas que lera até então e secretamente senti uma vontade de começar do início. Quão irônico é você não querer chegar ao final de uma etapa da sua vida, mesmo que recontada? Nostalgia é uma praga! É o que sinto, todas as vezes que leio as páginas deixadas pela Kazuko do passado. Parei onde seria o trecho do dia, ou melhor, de agora. Com certeza termino na hora de dormir.

“Mais um salto no tempo e eu volto aqui. Acho que deve ser porque encontro este diário entre minhas coisas e lembro do hábito que tive de escrever nele todo santo dia praticamente. Secretamente ou até no fundo mais profundo – com o perdão do pleonasma – devo sentir falta de preencher as páginas, não das muitas vezes que estava mal ou aos prantos com a caneta na mão. Acho que, como uma promessa a minha mesma, eu vou completar as páginas.

Deve ter pouco mais de um mês desde a última vez que recordei de contar algo aqui. Minha barriga está um pouco maior e Takumi – sim, ficou mesmo este nome – se desenvolve bem. Atualmente as madrastas de Makoto estão organizando um chá de bebê. Só não correram tanto porque teve um casamento. Sim, eu e Makoto finalmente nos casamos. Admito que achei que este dia nunca chegaria. Fizemos uma coisa bem simples, porque queríamos antes do bebê nascer.

Toda a família ajudou nos preparativos. Minha mãe com o vestido, que tinha que acomodar esta barriga. Koishiro cedeu a casa dele para realizarmos a cerimônia e a recepção. Encomendamos um buffet, bolo, flores, pagamos juiz de paz e tudo mais.

Foi um dos melhores dias da minha vida! Era felicidade e ansiedade juntas! Mamãe me ajudou a me arrumar, a fazer um penteado e a me maquiar. A gente não parava de sorrir de alegria e várias vezes tivemos que segurar o choro, senão era adeus maquiagem.

Não chamamos muitas pessoas, além de nossas famílias, também Rin, Namie, Shoko, Keiko, Daisuke, Mio, Daiki, Aiko. Não devia ter nem cinquenta pessoas.

E claro, todas elas estavam me esperando lá fora, eu estava me tremendo toda. Ainda bem que minha mãe entrou comigo ou eu ia ter o primeiro desmaio da gravidez. E não acho que aquela ansiedade faça bem para o bebê. Respirei fundo e sai. De braço dado com minha mãe, fomos até

o jardim do lado de fora. Lá estavam as cadeiras enfileiradas, fazendo um corredor no meio. Makoto me esperava no final, com um arco florido de fundo e o juiz de paz. Não teve música, fiz a caminhada ao altar ao som dos comentários, sorrisos e até lágrimas dos convidados. A Sra. Saiko – mais conhecida como mamãe – fez a simbólica entrega da noiva ao noivo e sentou numa das cadeiras vagas na primeira fila. Makoto sorriu e pegou na minha mão e a cerimônia começou:

– A todos aqui presentes, vamos unir em casamento Miyasaki Makoto e Hirasawa Kazuko.

O juiz discursou um pouco sobre a importância do casamento e foi logo para o bendito sim e claro que nós o dissemos. Depois assinamos os papéis e depois o famoso beijo, acompanhados dos aplausos de todos. E bem, a festa então começara.

As mesas para os convidados estavam do lado oposto da área externa da casa. Fomos todos para lá e nós mesmos nos servimos.

Eu mal tinha falado com Makoto, ele veio direito do trabalho (e junto com o chefe praticamente) e só o vi no altar. Como se fosse possível que a gente conversasse, cada hora um convidado diferente nos arrastava para outro lado distante. Tudo isso para nos felicitar e obviamente, da minha parte de convidados fui obrigada a escutar abrobrinhas:

– Nossa, prima, quem diria que você ia conquistar um cara rico assim. Conta o seu segredo?

– Segredo? – bufei – Não tem nenhum.

– Deixa de ser misteriosa. Conta logo!

– Talvez ser você mesma, prima.

– E para estar esperando um filho dele? Pelo que me lembro, ele te libertou.

– Cometi a loucura de ir a uma noite na dele, só isso.

– Quem diria. Logo você, Kazuko.”

Eu ouvi menos gracinhas, até porque escolhi as pessoas a dedo. Recordo-me da Yoko, esposa do meu chefe, falando que achava esquisito eu estar agora casado com a minha ex-escrava, mas ela aceitava.

Isso nada mais é, ao meu ver, do que preconceito velado. E tanto eu como Kazuko odíamos isso.

“– Não entendi. – cruzei os braços

– Você que era toda “anti-ricos” e casa com um.

– Para sua informação, as pessoas podem mudar de opinião e o Makoto é diferente do que se costuma ver dos ricos.

Nem quis ouvir a resposta, só sai, respirando fundo. Por que eu respondo essas perguntas imbecis? Haja paciência.

E por sorte, era hora dos brindes, ou seja, eu poderia ficar um pouco sentada em paz e do lado de Makoto. Quem abriu os brindes foi Koishiro. Até aquela altura, já havia escurecido e as luzes do quintal iluminavam a festa.

– Bem, boa noite, convidados. Estamos aqui hoje para celebrar a união deste casal que é fora dos padrões da nossa sociedade, mas não tão fora dos padrões, assim digamos, nesta família. – e todos riram, ele continuou – Eu me lembro bem do dia que recomendei a meu filho comprar uma escrava. Só para dar uma relaxada, já que só se preocupava com o trabalho. Eu já disse para a Kazuko e digo a vocês agora: acho que foi o melhor conselho que dei a ele. Modéstia a parte, é claro. – mais risos – Nunca sequer imaginei que fosse ser alguém como a Kazuko. Eu sei que você sofreu muito, mas de alguma forma, também trouxe alegria de volta ao meu filho. Você já faz parte da família e agora é mãe do meu neto. Eu não poderia estar mais feliz por vocês. Aos noivos!

Todos brindaram e foi a vez da minha mãe.

– Bem, boa noite. Eu não sou lá tão boa com discursos, mas vamos tentar. Eu passei pela dificuldade de ter que criar uma criança sozinha. Antes até tinha a minha mãe, porém, quando ela faleceu, ficamos apenas nós duas. Tive medo de minha filha ter o mesmo destino que eu e acabar virando escrava. Meu medo foi sendo adiado e adiado, até que, numa das tantas noites em que ela foi para o centro de escravos, chegou chorando e dizendo: “Eu fui comprada, mãe. Com 17 anos e fui comprada.” Chorei junto dela, não sabíamos o que ia acontecer. No dia seguinte, ela foi para a casa do dono e eu me vi sem chão. A única coisa que sempre protegi e houve o momento em que me tornei incapaz e a perdi. – pausa por conta do choro – Achei que fosse assim por um tempo. Só que uns meses depois, minha filha me ligava, vinha me visitar. Ela só estava morando em outra casa! Mesmo com todo mundo me falando: “Ele é um dono estranho. Nunca vi isso.” Eu não estranhei. Não quando ele quis fazer uma festa surpresa para ele. Eu percebi aí que pode ter sido a melhor coisa que aconteceu com ela. Mesmo que de uma forma esquisita. – e riu – Agora eles estão aqui, se casando e eu

sou a vovó boba com o futuro netinho. Um brinde a nova família!

Alguns brindes na sequência, até que finalmente cortamos o bolo e todos começaram a ir embora. Eu e Makoto iríamos para um hotel passar a noite e de manhã seguiríamos viagem para outro país.

Assim que chegamos no quarto, finalmente pudemos conversar a sós e com calma.

– Enfim casados. – soltei

– E sozinhos. – ele completou se jogando na cama

Ficou um segundo de silêncio e eu disse:

– Makoto, sei que é nossa noite de núpcias, mas será que a gente pode só dormir? Estou cansada.

– Claro! – ele riu – Acho que não tem problema. Já fizemos o que se espera tantas vezes. Alias, agora a gente tem todo tempo do mundo para isso. – bocejou – E eu trabalhei o dia todo também.

– Só me ajuda a tirar o vestido.

Ele se levantou e desfez o laço do vestido. Era bem folgado e confortável, eu só estava querendo tirar mesmo. Ajudou-me a puxar por cima e jogou em algum canto.

Makoto já me vira várias vezes sem roupa, mas não quando grávida. Não estou lá tão bem com meu corpo assim. Corri e peguei logo um roupão assim que vi que ele me olhava.

– Ei, Kazuko, pode ficar assim, não precisa vestir nada.

– Não me sinto confortável assim!

– Por quê? Sempre te vi pelada, só que sem a barriga. – sorriu e se aproximou

– Não é isso. É que...

– Tudo bem. Não precisa explicar. Mas sabe, é a primeira vez que vejo assim, pelo menos com nosso filho aqui. – passou a mão na minha barriga – E está ainda mais linda do que antes e tenho certeza que ficará ainda mais depois.

Sei que ele falou só para me animar e foi fofo, admito. Ele me deu um beijo depois disso. Tomamos banho – separados – e fomos dormir.

De manhã, fomos ao aeroporto para pegar nosso voo. Eu estava meio apreensiva, pois nunca viajei de avião. Makoto viajou dessa forma algumas vezes e ele me tranquilizou, dizendo ser seguro. Só o medo deixa-nos sem ação até encararmos a situação em si. Quase sujamos a calça, mas a gente supera. Admito que a maior parte é realmente sem problema, só que o pouso

e a decolagem, só lembrar do solavanco já tremo.

Foi muito diferente e interessante visitar outro país e ver os costumes e as pessoas de lá, todos são acolhedores. Lembro também de ter passado muito calor, não dava para ficar sem ar-condicionado para dormir.

Eu e Makoto aproveitamos muito. Uma pena que durou poucos dias, podia ficar fácil um mês.

Agora estou aqui no meu quarto – e de Makoto também – arrumando as minhas coisas agora que me mudei para cá. Foi assim que encontrei o diário e vim escrever.

Até quando encontrá-lo novamente.”

Confesso que fiquei com vontade de pular para a leitura da última anotação de uma vez, mas Takumi se aproximou e bateu na minha perna, me olhando e pedindo atenção. Eu não tenho como recusar algo para alguém com essa carinha para mim. Quem sabe quando crescer mais um pouco mais, aí aprendo a lhe dizer um não. Mas, uma brincadeira a gente não recusa.

Deixei o diário na mesa de centro e fui brincar com Takumi.

Capítulo 60

O último “capítulo”

Acordei na manhã seguinte com o meu corpo coçando e se doendo todo, como uma forma de pedido para que eu fosse ler o diário e ignorasse até mesmo as minhas necessidades fisiológicas. Mas, não pude mesmo ignorar o “chamado da natureza”. Depois disso, sai de fininho do quarto, deixando Kazuko e Takumi dormindo igual a dois anjinhos.

Peguei o diário, sentei no sofá e abri para ler as últimas páginas que restavam.

“Não sei nem o porquê, mas reencontrei este antigo diário dentre minhas coisas. Eu devo ter deixado no fundo de uma gaveta e hoje, ao mexer no armário, ele caiu de algum lugar. Acho que nunca vou saber de onde! Só lembro que queria escondê-lo de Makoto.

Deve ter bem mais seis meses que eu escrevi pela última vez.

Confesso que parei a arrumação do armário e estou aqui, relendo algumas partes e rindo do meu eu do passado. Admito que não foi uma época nada fácil da minha vida. A vida que eu conhecia me foi tirada da noite para o dia, com o aviso prévio de menos de um dia em que mal tive tempo de me preparar psicologicamente, arrumar minhas coisas – e que nem pude levar muitas – e me despedir da minha família. Achei que nunca mais os veria por um bom tempo e num último suspiro de liberdade fui numa loja perto de casa e comprei um caderno, do mais simples que achei, mas ainda assim com bastantes folhas. Dai para frente tudo o que aconteceu está registrado.

E só me pego pensando em como aquela menina não fazia ideia de como a vida dela ia mudar, no bom sentido. Não vou dizer que foi tudo uma maravilha, que foi um conto de fada. Senti-me subjulgada e menosprezada inúmeras vezes enquanto fui escrava. Até pelo próprio Makoto. Só que no fundo eu sabia que ele não era assim, ele fazia o que fazia por achar que este era o papel dele. A mesma sociedade que me botou no papel de escrava o colocou no papel de dono e nenhum de nós quis segui-los em dado momento. Claro que no começo nos estranhamos, mas o tempo construiu e moldou a

nossa relação.

Agora estou aqui, sentada na escrivaninha do quarto em que durmo com Makoto todos os dias, porém como esposa dele e não escrava como antes. Descobrimos o amor na situação menos propensa para isso. Mas, isto é detalhe!

Bem, da última vez que escrevi foi quando eu e Makoto finalmente nos casamos e me mudei definitivamente para cá. Depois que terminei a escrita que eu guardei o caderno e me esqueci dele, já que não precisava mais dele.

Ironicamente, é a época que mais teria coisa para contar num diário. Só que aprendi uma coisa: felicidade se aproveita. Contudo, senti uma vontade de contar os acontecimentos dos últimos meses, de uma forma resumida e isso seria uma forma de encerrar este diário. Só não sei como se faz, nunca mantive um por tanto tempo a ponto de terminar. Acredito que vai ser mais como encerrar um ciclo para poder viver feliz depois de tudo o que nós passamos.

Não vai ser felicidade plena, até porque isso é impossível, só existe nos livros que li. Mesmo assim, livros têm ciclos, assim como a vida. Talvez seja por isso por isso que ela inspira tanto. E quero encerrar essa etapa contando como ela terminou, ou melhor, como a seguinte está começando.

Minha gravidez seguiu bem até o final. Makoto me fez continuar comendo tudo certinho para que Takumi recebesse todas as vitaminas necessárias para crescer na barriga e nascer forte e saudável. Sempre ia as consultas acompanhada, fosse da Keiko, da minha mãe ou de Makoto. Rin também era super atenciosa e prometeu que estaria comigo no dia do meu parto.

Também fizeram um chá de bebê. Isso foi ideia das minhas três sogras – é tão estranho chamá-las assim. Elas também tiveram isso com seus filhos e me disseram que nunca viram ninguém do “nosso antigo lado” fazer esse tipo de festa.

Para os ricos, um filho é uma coisa boa. Para os pobres, é mais um que quando crescer um pouco vai para o centro de escravos e pode ser tirado de você a qualquer momento. Ainda fico sem acreditar que meu filho sempre será livre, diferente de mim, da minha mãe, da minha avó. Takumi terá o futuro dele para ele. Queria muito que outras mães pudessem dormir tranquilas como eu posso. Eu só queria mesmo que essa escravidão acabasse e que mais nenhuma criança fosse vendida como brinquedo de ricos.

O dia que Takumi nasceu foi com certeza um dos mais felizes da minha

vida. Ele está com uns três meses agora e ainda consigo quase sentir o peso da barriga em alguns dias. Só que aí eu olho o bebezinho dormindo no berço e me pego pensando se tudo isso é real mesmo.

Lembro que fiquei uns dias sentindo uns desconfortos aqui e ali, a Rin tinha me alertado sobre isso. Até que na madrugada do dia em que ele nasceu, acordei com a sensação de que os ossos do meu corpo se quebravam e latejavam. Era uma dor que vinha da lombar para a parte da frente. Tentei ficar deitada um pouco mais, só que eu não conseguia parar de me mexer, procurando uma posição minimamente confortável. Decidi me levantar, talvez para tomar um banho quente para relaxar. Só que ao me sentar veio uma pontada. Segurei o gemido que quis soltar, não queria acordar o Makoto, já que ele tinha trabalhado o dia todo.

Sai da cama e fui caminhando a passos bem lentos, como se tivessem facas nos meus calcanhares. Cheguei ao banheiro e sentei no vaso e vi uma gosma ou líquido, ou um tipo dela, sair do meu canal vaginal. Com as minhas pesquisas, eu sabia o que isso significava.

Aí eu não tive como não acordar o Makoto. Limpei-me e no mesmo passo lento me dirigi ao lado de Makoto na cama. Cutuquei-o, chamando-o.

– Oi, Kazuko. – respondeu resmungando

– A minha bolsa estorou. Precisamos ir ao hospital.

– Ah, tudo bem. – ainda com a voz sonolenta – Já vou me trocar. – levantou-se

– Eu vou precisar de ajuda. – disse sentindo mais uma fígada

– Tudo bem? – preocupou-se

– Sim. – respirei fundo – É uma contração, eu acho.

– Tá contando o tempo entre elas?

– Talvez de 10 em 10. Não contei exatamente. – inspirei novamente

– Senta aqui. – me ajudou

Depressa, ele pegou a primeira roupa que viu na gaveta e vestiu. Na sequência, ele procurou uma para mim. Por sorte, a contração parou e pude colocar com o mínimo de ajuda.

Confesso que achei fofinho o Makoto tremendo todo, preocupado e nervoso comigo. Eu queria mesmo era sorrir e dizer que é assim mesmo e que eu ia sobreviver. Só que eu tinha que me concentrar para aguentar a dor e se eu emitisse algum gemido, ele ia ficar desesperado.”

A gente sempre acha que vai estar preparado para este momento. Estuda,

pede conselho de amigos, mas quando chega a hora mesmo, trememos e nos desesperamos porque é algo novo e sempre existe o medo do desconhecido.

E também fiquei muito sentido ao ver Kazuko com dor. Eu não faço ideia, até hoje – e olha que eu já que já vi os partos dos meus irmãos mais novos – como é essa dor. Minhas madrastas descreveram como se fossem uma cólica bem forte. Kazuko me disse o que descreveu no diário: como se os ossos de todo corpo se quebrassem.

Eu já quebrei um braço e foi a pior coisa que me aconteceu. E olha que eu era criança e lembro como se tivesse acontecido hoje.

Mesmo que não fosse suportar essa dor, gostaria muito de poder dividi-la ou sentir por ela.

“Sem muita pressa, até porque as contrações estavam bem espaçadas. Eu as contei enquanto Makoto arrumava as coisas. Saímos de casa. Claro que com algumas paradas no caminho porque tinha a dor e o detalhe de já estar andando devagar. Com um bocado de esforço chegamos ao carro. Enquanto estava em direção ao hospital, liguei para Rin e a avisei. Apesar da voz de quem acabou de acordar, ela disse que sairia o mais rápido possível.

Cerca de quinze minutos dirigindo chegamos ao hospital. Dei entrada e fui levada a maternidade. Logo me colocaram no quarto. Uma enfermeira veio me examinar e disse que estava com poucos centímetros de dilatação e que ia demorar um pouco ainda. Perguntou sobre o intervalo entre as contrações e sobre a minha obstetra. Respondi calmamente. Makoto tratou de informar sua família e a minha também. Logo Rin chegou, falou comigo e verificou como estávamos eu e o bebê. Algumas horas depois, os outros chegaram.

Passei por longas horas de dor, entre me contorcer na cama, ficar em pé, andar pelo quarto ou pelo andar do hospital. E a parte de empurrar foi ainda pior. Mas ainda bem que quando Takumi saiu, toda a dor cessou e eu finalmente pude ver o rostinho dele e foi a coisinha mais linda que eu já vi. Makoto achou a mesma coisa, pois foi o que ele falou. Koishiro estava com uma câmera a postos e conseguiu capturar este exato momento e o registro está bem na minha frente.

Ainda me pegou algumas vezes apenas olhando para ele e só admirando. É um tipo de sentimento que nunca tive por ninguém, nem pela minha mãe e nem pelo Makoto.

Minha vida não poderia estar melhor. Quando Takumi crescer um pouco quero retornar aos meus estudos, porque quero fazer faculdade.

A única coisa que penso é em felicidade mesmo que não a tenha todos os dias, ela está presente na maioria deles. Mas, uma coisa que o lugar onde nasci me ensinou foi é que nunca devemos esquecer ou ignorar o passado. Não podemos nos perder da nossa própria história. É uma das poucas coisas que não nos é tomada. São experiências e vivências que ninguém nos tira. E são as mesmas que podemos dividir com outros ao recontarmos.

Esse foi outro pensamento que tive quando decidi escrever o diário. Desabafar, colocar pra fora e poder registrar. Por isso fazia questão de vir escrever o mais cedo que podia, para poder dar o maior nível de detalhes. Em alguns dias, eu me sentia atropelando as folhas do caderno ao colocar tanta coisa. A mão doía. Perdi a conta de quantas vezes parei de escrever por raiva ou porque minha visão embaçava de tanto chorar.

Por muito tempo eu escondi esse diário de todo mundo, até do meu marido. Acho que chegou a hora de mostrar ele a alguém. E quem melhor do que Makoto? Ele viveu tudo isso comigo.

Lembro já ter me despedido dele uma vez, mas agora é definitivo. Agradeço ao objeto que personifiquei, só para sentir que estava falando com alguém e isso me ajudou em muitos momentos.

Sou grata a tudo isso!

Agora, a minha vida continua e parte dela ficará para sempre registrada aqui.”

Então, ela colocou a data e assinou.

É irônico que ela tratou esse final como uma dedicatória de livro talvez.

Terminei a leitura, debulhado em lágrimas. E foi aí que senti algo se aproximar por trás de mim, me abraçando.

– Bom dia, amor. – e percebeu meu estado – O que houve?

– Terminei de ler o diário. – falei – E ainda não faço ideia do porquê chorei lendo essa parte especificamente.

– Tudo bem. Não precisa me explicar. – sorriu, tentando me animar – Fica aí que eu preparo o café. Aproveita e acorda o Takumi para ele comer conosco.

Fiz conforme ela pediu com meu rosto todo molhado. Sentamos a mesa e uns minutos depois, ela trouxe a comida. Puxei assunto durante a refeição:

– Você quis que eu lesse o diário?

– Sim. Afinal, toda história tem dois lados. Eu queria que soubesse o meu.

– E se eu te dissesse que mais pessoas deveriam ler?

– Eu não sei. Podemos conversar sobre isso.

– Acho que se fizermos, vai ser algo importante.

Espero conseguir convencê-la a colocar esta história no mundo.

– Alias, tenho uma sugestão de nome, somando o que você botou na capa: O Diário da Escrava Amada.

Epílogo

5 Anos Depois

Hoje é o grande dia!

Depois que Makoto terminou de ler o diário, ele insistiu que devia ser publicado em livro.

O movimento pró-escravos tomou força nos últimos anos. Ele sempre existiu, mas nunca foi levado muito a sério. Muitos pensavam que era só “mimimi” do ex-escravos. Porém, pessoas de outros locais evidenciaram os abusos que os escravos sofrem e os mostraram para todo o mundo.

Isso foi um dos pontos a favor para que eu publicasse o antigo diário como livro. Quero mostrar o nosso lado da história mais uma vez. Eu fui mais uma que viveu isso na pele e eu tenho um relato importante.

Entrei em contato com o grupo pró-escravos e a princípio, até me estranharam. Uma mulher rica ia querer ajudar nessa causa? Foi aí que eu me expliquei e eles aceitaram a ideia.

Com ajuda de Makoto, transcrevemos os meus manuscritos para o formato digital e claro revisando o texto e cortando alguns nomes, já que a gente queria evitar processos. As pessoas próximas, como a Rin, Keiko, Koishiro não viram problema e deixaram que seus nomes ficassem.

Levou dois anos para Makoto me convencer, mais um ano e meio para arrumar tudo e mais um e meio para chegar aqui. Makoto e eu trabalhamos e muito para que este dia chegasse.

Admito que eu queria que ficasse apenas entre eu e meu marido, mas ele enxergou um potencial que nem sequer pensei. Eu fiquei com medo talvez, por conta do passado que vivi ou das possíveis críticas que receberia. Contudo, a todo mundo que comentei sobre o diário adorou a ideia e ficaram surpresos de eu ter feito isso.

E o meu Takumi? Só me dá orgulho! Ele completou seis anos tem poucos meses e claro, já está na escola e se mostra muito inteligente. É um grude comigo! Ficou todo entusiasmo quando disse que ia publicar um livro.

Makoto e eu bancamos tudo da publicação, pagando o serviço de uma gráfica. E tudo do lançamento também. Como a ajuda do movimento

conseguimos chamar pessoas importantes e a imprensa. O local está cheio e que bom que tem espaço para todas. É o hall do Midas Plaza, onde eu e Makoto sempre passamos nossos aniversários de casamento.

E finalmente fiz a minha tão sonhada faculdade. Eu estudei línguas, que era o curso que eu sempre quis fazer. Na verdade, acabei de me formar. E já me chamaram para um trabalho como tradutora. Acho que finalmente vou me sentir útil nessa sociedade, já que sempre me taxaram pela minha posição social.

Cá estou, no camarim, me tremendo de nervoso e ao mesmo tempo pensando em tudo o que passei para chegar até aqui. E não foi mesmo nada fácil! Fiz tudo isso para que mais pessoas não sejam obrigadas a passar pelo quê passei.

Logo o evento de lançamento de O Diário da Escrava Amada – sugestão do Makoto e que todos aprovaram – vai começar. Tem um monte de gente lá fora esperando só para me ver e receber meu autógrafo. Estou nervosa!

Eu respirei fundo, tentando controlar a ansiedade. Makoto entrou, me perguntando:

– Tudo bem, amor? Ansiosa?

– Tremendo nas bases. – ri de nervoso

– Vai dar tudo certo. Estarei ao seu lado quando falar.

– Promete?

– Prometo. – estendeu-me a mão – Agora vamos. Tá todo mundo te esperando.

Ele me levou para o lugar e todos se alegraram a me ver. Cumprimentando-me e aplaudindo. Vi meus amigos, a minha família, os membros do movimento. Takumi também se juntou, me dando a sua pequena mãozinha. Ele está tão lindo com roupa formal. Era o momento que todos esperavam. Os livros em mãos, uma fila enorme, mas sem antes de eu fazer um pequeno discurso:

– Olá, pessoal. Boa noite e sejam bem-vindos ao lançamento de O Diário da Escrava Amada. – Makoto percebeu meu nervosismo e segurou a minha mão – Bem, eu só quero agradecer a presença de todos. Eu espero que gostem de conhecer a minha história mais a fundo. Saibam que tudo aí escrito realmente aconteceu. Eu espero que o relato da minha experiência como escrava seja de grande importância para a luta dos que foram, são ou até que serão iguais a mim. E que num tempo não muito distante, a escravidão não exista mais.

Todos vibraram e aplaudiram. Agradei novamente. Imediatamente sentei-me a mesa para distribuir os autógrafos. Takumi e Makoto se afastaram e foram conversar com outros convidados.

A primeira pessoa da fila era minha mãe: Saiko.

– Sua vó estaria muito orgulhosa de você, filha.

– Eu sei, mãe. Estou aqui agora por nós três. – disse enquanto escrevia a dedicatória – É uma honra ter uma inspiração como você. – entreguei o livro

Ela agradeceu e sorriu, emocionada ao ler o que escrevi.

Os próximos eram Koishiro, Minami, Minori e Shiori, junto com as crianças. Cada um carregava seu exemplar.

– Quem diria que minha nora é escritora? – comentou ele – Nunca imaginei que escreveria um diário.

– Nunca se pode duvidar das pessoas, né?

– Exatamente. – e riu

Assinei todos os livros. E vieram os próximos: Keiko com a família.

– Estou tão feliz por você. Imagino o quanto não foi difícil na época.

– Foi e muito. O diário era meu único confidente algumas vezes.

Autografei e todos desejaram sucesso. Depois vieram Rin, Namie e a filha Shoko, que já está bem crescida.

– Achou mesmo que não ia comprar seu livro, amiga?

– Não mesmo. Eu já esperava te ver hoje.

– Eu tenho uma amiga famosa agora. – Namie disse

– Não é para tanto. – ri sem graça

– É sim. Você e Makoto estão fazendo algo importante aqui.

Agradei, entregando o livro.

O próximo era Yuuki – ex-chefe de Makoto –, já que meu cônjuge abriu o próprio escritório no ano passado.

– Quanto tempo, Kazuko. Vim prestigiar seu trabalho.

– Obrigada. E sua esposa e filho? Como estão?

– Estão bem. Ficaram em casa. Sabe como a Yoko é.

– Sim. – terminei de escrever e devolvi o livro – Espero que a leitura lhe seja proveitosa.

A pessoa seguinte me surpreendeu. Era Kana, acompanhada de um homem e ostentando uma pequena barriga de grávida. Ainda bem que eu troquei o nome dela nas passagens em que aparece no diário.

– Kazuko, querida. Uma honra comprar seu livro, só espero que não tenha nada sobre mim aí. – sorriu, fazendo a egípcia

– Fico feliz que tenha casado. E parabéns pelo bebê.

– Obrigada! Parabéns pelo livro também.

E finalmente veio alguém desconhecido que comprou o livro. Eram dois homens. Um loiro. Um mestiço. Eles estavam de mãos dadas e o loiro disse:

– Muito inspiradora sua história. Lembra a minha e do meu marido.

– Foi algo bem parecido até. Não que tenha lido o livro todo ainda. Mas, eu pulei para umas partes mais a frente. – falou o mestiço

– Que coisa feia, amor. – disse o outro

– Ora, eu fiquei curioso!

Admito que achei muito fofo o jeito que um olhou pro outro. Os dois me inspiraram de uma forma. Eu agradei e lhes desejei tudo de melhor e que a leitura fosse proveitosa.

E dali para frente, conheci tanta gente e que veio ali porque soube por notícias ou por convite de amigos. Pessoas que queriam saber da minha história e da causa que ela apoia. Acho que nunca me senti tão importante como hoje.

Foram longas conversando e autografando livros para estas pessoas. Eram as sementes de esperança que eu senti que espalhava. A minha pequena contribuição para mudar essa sociedade doente em que estou inserida.

Ao final, levantei mais tranquila e com a barriga roncando, já que eu fiquei sem comer por causa da ansiedade. Então, vi uma pessoa vir desesperada. Era Makoto, trazendo um exemplar nas mãos.

– Ei, moça. Esqueceu eu autografar o meu.

Eu tive que rir. Ele sempre faz essas bobagens.

– Tá bom, moço. – entrei na brincadeira, pegando a caneta – Qual o seu nome?

Ele respondeu e eu coloquei na dedicatória:

“Para Makoto,

A primeira pessoa que leu o meu diário.

A primeira pessoa que eu realmente amei e continuo amando.

A pessoa que faz me sentir amada todos os dias.

A pessoa que me completa, mesmo sendo tão diferente.

Obrigada por todo o apoio!

Com amor,

Kazuko”

Devolvi o livro.

Makoto leu e até chorou, depois sorriu. Abraçamo-nos e ele disse baixinho no meu ouvido.

– Eu te amo!

E eu respondi:

– Eu também te amo!

FIM